

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Felipe Costa Lima

**A FEDERAÇÃO CONTRA-ATACA? A guerra civil ucraniana como palco do conflito
hegemônico entre Ocidente e Federação Russa**

Belo Horizonte

2017

Felipe Costa Lima

**A FEDERAÇÃO CONTRA-ATACA? A guerra civil ucraniana como palco do conflito
hegemônico entre Ocidente e Federação Russa**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Orientador: Javier Alberto Vadell

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L732f	<p>Lima, Felipe Costa A federação contra-ataca?: guerra civil ucraniana como palco do conflito hegemônico entre Ocidente e Federação Russa / Felipe Costa Lima. Belo Horizonte, 2017. 276 f. : il.</p> <p>Orientador: Javier Alberto Vadell Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais.</p> <p>1. Sociedade civil - Ucrânia. 2. Rússia (Federação) - Relações exteriores. 3. Política internacional. 4. Teoria crítica. 5. Neoliberalismo. 6. Hegemonia - Ocidente I. Vadell, Javier Alberto. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. III. Título.</p>
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

SIB PUC MINAS

CDU: 323

Felipe Costa Lima

**A FEDERAÇÃO CONTRA-ATACA? A guerra civil ucraniana como palco do conflito
hegemônico entre Ocidente e Federação Russa**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Prof. Dr. Javier Alberto Vadell – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Otávio Soares Dulci – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Fabiano Pellin Mielniczuk – ESPM-Sul (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 03 de março de 2017

AGRADECIMENTOS

Àqueles que contribuíram de alguma maneira para a confecção deste trabalho, expresso a minha mais profunda gratidão.

Aos meus pais, pelo constante apoio aos meus estudos e pela liberdade que propiciaram às minhas escolhas pessoais, acadêmicas e profissionais.

Aos meus tios e avós, pelos momentos de enormes alegrias que me proporcionam constantemente. É sempre bom sentir o carinho de vocês.

Ao meu irmão Clayton, pelos constantes e inumeráveis auxílios para arrumar as formalidades metodológicas desta dissertação.

Ao meu irmão de outra mãe, Raphael, o qual comemora minhas conquistas com uma alegria que me contagia e me emociona constantemente. Sem sua amizade, eu não seria tão feliz como sou hoje. Sem dúvida, você é a melhor pessoa que conheço na vida.

Aos meus fiéis amigos, Carlos, Adriano e Jefferson, pelos tempos de faculdade e pelo sentimento de amizade que se perpetuou. Nossas formações e objetivos nos separaram em determinado sentido, mas isso nunca foi obstáculo para estarmos juntos em qualquer momento.

Aos meus amigos de infância, Daniel, Lucas, Gustavo, Marco Aurélio, Samir, André, Vinícius, Ivan, Thiago e Álvaro, por compartilharem alegrias e derrotas ao meu lado há tanto tempo. Entretanto, gostaria de agradecer mais especificamente a esse guerreiro chamado Marco Aurélio, que sempre me fez acreditar que posso alcançar coisas grandiosas na vida por meio dos estudos. Sinto muita sua falta.

Ao meu grande amigo Diego, que foi a pessoa que me levou, diretamente e indiretamente, a buscar “novos ares” e novos desafios. Se não fossem seus conselhos, eu jamais teria iniciado o Mestrado. Muito obrigado.

A minha amiga Marina, por amenizar os dias de aula, por meio das constantes discussões acadêmicas e conversas cotidianas.

À minha namorada e amiga Silvia, pelo incrível apoio as minhas escolhas de vida. Você é sem dúvida uma das pessoas mais fortes que já conheci na minha vida. Nada te derruba, absolutamente nada. Nosso tempo juntos está eternizado na minha mente e no meu

coração, uma vez que devo grande parte do homem que sou a você. *Tu eres mi persona favorita.*

Agradeço também ao professor e orientador Javier Vadell pela dedicação e “buena onda” que lhe é peculiar. Por último, agradeço aos demais professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC Minas, principalmente àqueles que me proporcionaram um profundo amor pela nova área de estudos que escolhi.

Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo.

Karl Marx

O desafio da modernidade é viver sem ilusões, sem se tornar desiludido.

Antônio Gramsci

RESUMO

A presente dissertação propõe uma análise a respeito do conflito civil existente na Ucrânia, desde 2014, a fim de compreender se esse embate se configura num conflito isolado ou numa luta hegemônica entre a Federação Russa e o Ocidente. O estudo é realizado com base em conceitos vinculados à teoria crítica em Relações Internacionais e à Economia Política Internacional. Primeiramente é realizada uma análise das mudanças ocorridas na Federação Russa e na Ucrânia, após a desintegração da ex-URSS, no início dos anos 1990, primordialmente as novas relações sociais e os novos tipos de Estados que emergiram. Em seguida, proceder-se-á uma comparação entre as capacidades materiais, as ideias e hábitos e a institucionalização ocidental e russa, e suas consequências para o Estado ucraniano e para a Ordem Mundial. Por fim, análises a respeito das relações da elite ucraniana com as classes capitalistas transnacionais russas e ocidentais serão realizadas, para explicitar os interesses dessas frações da burguesia na guerra civil da Ucrânia. As seguintes conclusões são propostas: 1 – a queda da ex-URSS provocou uma enorme crise nas relações sociais da Federação Russa e da Ucrânia, primordialmente por meio de uma Revolução Passiva Neoliberal, o que possibilitou a formação de Estados controlados por elites oligárquicas. Além disso, a perda nas capacidades materiais, ideias e hábitos e institucionalização da Federação Russa propiciou a expansão do Ocidente para as antigas áreas de influência russa, inclusive a Ucrânia. 2 – A ascensão de Vladimir Putin ao poder proporcionou uma melhora nos indicadores socioeconômicos e na estabilidade política da Rússia, assim, esse país passa a resistir com maior veemência ao avanço do Ocidente, tendo essa resistência bases históricas e geopolíticas. 3 – O contraste das estruturas históricas do Ocidente e da Federação Russa demonstrará que ambos os atores influenciam diretamente na guerra civil ucraniana, na medida em que cada um tem proeminência numa determinada parte do território da Ucrânia (Oeste e leste, respectivamente). 4 – As classes transnacionais capitalistas do Ocidente e da Rússia têm inúmeros interesses na Ucrânia, portanto sua atuação é fundamental para o entendimento do embate existente na Ucrânia. 5 – A guerra civil ucraniana tem como base um conflito hegemônico entre o Ocidente e a Federação

Russa.

Palavras-chave: Ucrânia. Federação Russa. Ocidente. Teoria Crítica. Neoliberalismo. Oligarquias. Acumulação por Despossessão. Classes Capitalistas Transnacionais. Hegemonia.

ABSTRACT

This study proposes an analysis regarding the Ukrainian Civil War, which started in 2014, to comprehend if it is an isolated conflict or a hegemonic clash between the Russian Federation and the West. This study is based on International Relations' Critical Theory and International Political Economy concepts. First of all, an analysis concerning the changes that occurred in Russia and Ukraine will be made, since the disintegration of the former USSR, in the early 1990s, established new social relations and new forms of States. Subsequently, we will carry out a comparison between Russian and Western material capabilities, ideas and institutionalisation, and their consequences for the Ukrainian State and International Order. Finally, analyses regarding the relations among Ukrainian elites and Russian and Western transnational capitalist classes will be carried out, so as demonstrate the interests these bourgeois fractions in the civil war of Ukraine. The following conclusions are proposed: 1 – The fall of the former USSR provoked an infamous crisis in Russian and Ukrainian social relations, mainly owing to a Neoliberal Passive Revolution, perpetrating the formation of States controlled by oligarchic elites. Furthermore, the decreasing of Russian material capabilities, ideas, and institutionalisation has allowed the expansion of the West to the former Russia's areas of influence, including Ukraine. 2 – Vladimir Putin's rise to power made possible improvements in social economic indicators and political stability in Russia; therefore, this country starts to resist more vehemently to the advance of the West, given that this resistance has historical and geopolitical bases. 3 – The contrast between Western and Russian's historical structures will demonstrate that these actors have direct influence in the Ukrainian Civil War, since each one has prominence in a particular area (West and East Ukraine, respectively). 4 - Western and Russian's Capitalist Transnational Classes have various interests in Ukraine; hence, their actions are fundamental in order to comprehend the currently clash in Ukraine. 5 – The Ukrainian Civil War is based on a hegemonic conflict between the Russian Federation and the West.

Keywords: *Ukraine, Russian Federation, West, Critical Theory, Neoliberalism, Oligarchies, Accumulation by Dispossession, Capitalist Transnational Classes, Hegemony*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição dos elementos da estrutura histórica 1	14
Figura 2 - Distribuição dos elementos da estrutura histórica 2	14
Figura 3 – Estrutura hierárquica classista de Estados Lockeanos (à esquerda) e Estados Hobbesianos/Contender States (à direita).....	20
Figura 4 - A Construção Nacional da Ucrânia	167
Figura 5 – Evolução territorial ucraniana	169
Figura 6 – PIB per capita por regiões ucranianas em 2012.....	171
Figura 7 – Mapa da Ucrânia e a região de Donbass	172
Figura 8 – Peso da Crimeia, Sevastopol e Donbass no PIB (2012) e nas exportações (2013) da Ucrânia.....	173
Figura 9 – Principais destinos do gás natural russo na Europa	181
Figura 10 – A estrutura de importações de gás natural russo pela Ucrânia	182
Figura 11 – Os 20 maiores parceiros comerciais da Ucrânia (2003-2013)	184
Figura 12 - Porcentagem de exportações para a UE e Rússia, do total da exportação Ucraniana, 2003-2013	185
Figura 13 - As 15 indústrias mais competitivas da Ucrânia, 2013.....	186
Figura 14 - PIB per capita, PIB regional e participações setoriais de valor agregado em 2012, em%	188
Figura 15 – Especialização setorial relativa das regiões ucranianas, 2012	189
Figura 16 – Composição regional das exportações ucranianas, por destinação, 2012.....	190
Figura 17 – Estoque de IED por país investidor, 2012	191
Figura 18 – Estoque de IED por atividade econômica, total e por setor manufatureiro, 2009 (%)	193
Figura 19 - Dívida externa bruta entre 2013 e 2015, o valor em US\$ bilhões e porcentagem do PIB no fim do período	194
Figura 20 - Dívida do setor público ucraniano por fonte, 2014	195
Figura 21 - O mapa étnico-linguístico da Ucrânia	204

Figura 22 - Porcentagem de russófonos no censo de 2001	205
Figura 23 – A divisão eleitoral ucraniana nas eleições de 2010.....	210
Figura 24 – Reino Unido mantém o urso russo afastado da Índia.....	212
Figura 25 – Expansão da União Europeia, 1989-2014.....	233

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Taxa de Câmbio do Rublo (Agosto de 1998-Fevereiro de 1999), Federação Russa.....	94
GRÁFICO 2 - Exportações e Importações de bens e serviços; balança comercial e de serviços (em US\$ corrente), Federação Russa	97
GRÁFICO 3 - Total de reservas (incluindo ouro e dólar, valores correntes), Federação Russa	98
GRÁFICO 4 - Desemprego de longo-prazo (% total de desempregados), Federação Russa	99
GRÁFICO 5 - Desemprego total (% da mão-de-obra) , Federação Russa	99
GRÁFICO 6 - Investimentos Estrangeiros Diretos (em US\$ corrente), Federação Russa ...	100
GRÁFICO 7 - Índice de incidência de pobreza de US\$ 1,90 por dia, Federação Russa	101
GRÁFICO 8 - Inflação pelo preço ao consumidor (% anual), Federação Russa.....	102
GRÁFICO 9 - PIB per capita (US\$ valores atuais), Federação Russa	103
GRÁFICO 10 - Crescimento do PIB (% anual), Federação Russa.....	103
GRÁFICO 11 - Exportação e importação de combustíveis (% das mercadorias), Federação Russa.....	120
GRÁFICO 12 - Produção de Petróleo Bruto (barris/dia), Federação Russa.....	121
GRÁFICO 13 - Variação do preço do petróleo Brent bruto (US\$ atual).....	122
GRÁFICO 14 - Variação do preço do gás natural (US\$ atual).....	123
GRÁFICO 15 - Exportações e Importações de bens e serviços; balança comercial e de serviços (em US\$ corrente), Ucrânia.....	157
GRÁFICO 16 - Crescimento populacional (% anual), Ucrânia.....	158
GRÁFICO 17 - Desemprego total (% total da mão-de-obra), Ucrânia.....	159
GRÁFICO 18 - Exportação de alta tecnologia (US\$ corrente), Ucrânia.....	160
GRÁFICO 19 - Investimento Estrangeiro Direto (US\$ corrente), Ucrânia.....	161
GRÁFICO 20 - PIB per capita (US\$ corrente), Ucrânia.....	163
GRÁFICO 21 - Incidência de índice da pobreza, de US\$ 1,90 por dia, Ucrânia.....	164

GRÁFICO 22 - Crescimento do PIB (% anual), Ucrânia	165
GRÁFICO 23 - Total de reservas (incluindo ouro e dólar), Ucrânia.....	166
GRÁFICO 24 - Importância econômica versus gastos com a CEI, 2008	239

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Balanços Orçamentários consolidados dos países da CEI, 1992-1997 (% do PIB).....	81
TABELA 2 - Reservas de ouro e de divisas estrangeiras do Banco Central da Federação Russa (Agosto de 1998-Fevereiro de 1999)	92
TABELA 3 - Inflação por preço ao consumidor na Ucrânia (% anual)	162
TABELA 4 - Capacidades União Europeia x Rússia	197
TABELA 5 - Armamento Nuclear Mundial, 2014	198
TABELA 6 - Maiores Exportadores Mundiais de Armas	198
TABELA 7 - Gastos Militares da Federação Russa (1988-2014)	226

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BM - Banco Mundial

CEI - Comunidade dos Estados Independentes

DTEK - *Donbass Fuel-Energy Company* – Companhia de Combustível-Energia de Donbass

EBRD - *European Bank of Reconstruction and Development* – Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento

ELK - Exército de Libertação do Kosovo

EPI - Economia Política Internacional

UE - União Europeia

EUA – Estados Unidos da América

EZLN - *Ejército Zapatista de Libertación Nacional* – Exército Zapatista de Libertação Nacional

FIG - *Financial Industrial Groups* – Grupos Financeiros Industriais

FMI - Fundo Monetário Internacional

FMN - Frota do Mar Negro

FSB - *Federal Security Service* – Serviço Federal de Segurança

IED – Investimento Externo Direto

IER - *Institute of Economic Researches* – Instituto de Pesquisas Econômicas

IFES - Fundação Internacional para Sistemas Eleitorais

IUD - *Industrial Union of Donbass* – União Industrial de Donbass

KGB - *Komitet gosudarstvennoy bezopasnosti* - Comitê de Segurança do Estado

ONG - Organizações Não Governamentais

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

SCM - *System Capital Management* – Sistema de Gestão do Capital

TNP - Tratado de Não Proliferação

UEE - União Econômica Euroasiática

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 O Materialismo histórico e a Estrutura Histórica	11
2.2 A Formação dos Estados e a Estruturação das Classes Sociais	17
2.3 Classes Transnacionais	22
2.4 Revolução Passiva, Acumulação por Desapossamento, Poliarquias, Oligarquias e Desenvolvimento Desigual	26
2.5 Sociedade civil e Sociedade ativa.....	34
2.6 Expansão do mercado e o duplo movimento.....	37
2.7 Os Intelectuais, hegemonia, contra-hegemonia e Cesarismo/Bonapartismo	45
2.8 Bloco Histórico, Centralismo Burocrático e Supremacia	51
3. Ordem Mundial neoliberal e Revolução Passiva russa.....	55
3.1. Dialética entre o caos soviético e a supremacia do capital internacional	55
3.2 A revolução passiva russa: Formação de um Estado poliárquico	62
<i>3.2.1 A ascensão oligárquica</i>	<i>63</i>
<i>3.2.2 Novas relações de produção e debilidade da sociedade civil russa</i>	<i>68</i>
<i>3.2.3. A degradação econômica russa da década de 1990</i>	<i>73</i>
<i>3.2.3.1 O caos de 1991</i>	<i>78</i>
<i>3.2.3.2 Caos análogo nas ex-repúblicas soviéticas.....</i>	<i>79</i>
<i>3.2.3.3 O Plano Gaidar: intensificação do neoliberalismo e continuidade dos problemas</i>	<i>82</i>
<i>3.2.3.4 A crise financeira de 1998 e suas consequências.....</i>	<i>88</i>
<i>3.2.3.5 Espalhamento da crise para as ex-repúblicas soviéticas</i>	<i>90</i>
<i>3.2.3.6 O ano de 1999: Recuperação à vista.....</i>	<i>92</i>
<i>3.2.3.7 Síntese da evolução da economia pós-soviética (1990-1999).....</i>	<i>96</i>
<i>3.2.4 Instabilidade Política perene.....</i>	<i>105</i>
3.3 A ascensão de Vladimir Putin e a recuperação russa	111
<i>3.3.1 Segunda Guerra da Chechênia e consolidação do poder de Putin.....</i>	<i>111</i>
<i>3.3.2 A reconstituição da autonomia do Estado Nacional russo</i>	<i>114</i>
<i>3.3.3 A ascensão econômica russa na era Putin</i>	<i>120</i>
<i>3.3.4 O turning point da Guerra russo-georgiana</i>	<i>124</i>
4. A REVOLUÇÃO PASSIVA UCRANIANA: FORMAÇÃO DE UM ESTADO OLIGÁRQUICO	129
4.1. A ascensão do sistema de clãs e fraqueza da sociedade civil ucraniana	130
<i>4.1.1 O clã Kiev.....</i>	<i>133</i>
<i>4.1.2 O clã Dnipropetrovsk.....</i>	<i>133</i>

4.1.3 O clã Donetsk	135
4.2 A fraqueza da sociedade civil ucraniana	143
4.3. Instabilidade política perene	144
4.3.1.O Mandato de Kravchuv.....	145
4.3.2 Primeiro e Segundo Mandato Kuchma	147
4.3.3 Crise do sistema de balanço e Revolução Laranja	151
4.4 A degradação econômica ucraniana	155
4.5 As diferenças entre o leste e o oeste ucraniano	167
5. O EMBATE HEGEMÔNICO ENTRE OCIDENTE E FEDERAÇÃO RUSSA.....	178
5.1. As capacidades materiais UE x Federação Russa	179
5.1.1 A supremacia energética russa.....	179
5.1.2 Importância comercial UE x Federação Russa	184
5.1.3 Importância do IED, das finanças e da dívida externa ucraniana: UE x Federação Russa.....	191
5.1.4 Capacidades materiais acumuladas e estoque de equipamentos armamentistas UE x Federação Russa	197
5.2 Ideias e hábitos Ocidente x Federação Russa	200
5.2.1 As divisões étnicas e linguísticas	202
5.2.2 As especificidades de Donbass	207
5.3. A institucionalização Ocidente x Federação Russa	211
5.3.1 A influência da geopolítica.....	211
5.3.1.1 O Grande jogo: Baleia x Urso	212
5.3.1.2 A doutrina de contenção.....	215
5.3.1.2 O Novo Grande Jogo?	216
5.3.2 O fim da URSS e a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)	217
5.3.3 O avanço da UE	231
5.3.4 A tentativa de manutenção institucional de Moscou	235
5.3.4.1 A Comunidade dos Estados Independentes	235
5.3.4.2 A União Econômica Eurasiática (UEE): Instrumento para manutenção hegemônica	241
5.4 A queda de Yanukovich e o fim da Diplomacia Pendular	242
6. CONGLOMERADOS E SUAS CONEXÕES TRANSNACIONAIS	245
6.1 Conglomerados de Donbass e conexões transnacionais	247
6.2 Outros conglomerados e suas conexões	252
7. CONCLUSÃO.....	261

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	270
--------------------------------------------	------------

1. Introdução

O conflito russo-ucraniano estabelece-se como um dos grandes embates do século XXI, em decorrência de sua extrema complexidade. Conquanto, a partir de um entendimento superficial, esse contencioso pareça um conflito regional e periférico, os atores envolvidos e suas consequências para as Relações Internacionais hodiernas propiciam um embate geopolítico digno do período da Guerra Fria.

A Rússia nasceu geograficamente no século IX, a partir da dominação normanda da rota comercial entre a Escandinávia e Constantinopla às margens do Rio Dnieper, onde hoje se situa a Ucrânia. Por ser um centro político-cultural e nascedouro do Império Russo, a cidade de Kiev e a Ucrânia possuem grande importância para os russos. A partir disso, o solo *Kieva-Rus* deu origem à etnia principal e à religião russas, tendo sido também palco de grandes batalhas político-militares ao longo da história. Percebe-se, assim, que a identidade histórica russa está intrinsecamente conectada àquela da Ucrânia, desde os primórdios do nascimento do Império Russo.

Durante o período soviético, a Ucrânia e a Rússia faziam parte de um mesmo Estado institucionalizado, a URSS. Desse modo, compartilharam, no contexto doméstico, a mesma burocracia política, processos econômicos e relações sociais semelhantes. A influência recíproca entre esses territórios, portanto, foi notável ao longo da história. A queda da URSS, entretanto, provocou uma ruptura profunda entre eles, na medida em que a Ucrânia e a Federação Russa se tornaram entidades estatais independentes, o que provocou uma desvinculação política nunca antes imaginada entre eles.

Em decorrência desse acontecimento e da profunda crise da Federação Russa, o Ocidente começou a preencher o relativo vácuo deixado pelo fim da URSS, passando a influenciar mais intensamente a Ucrânia. Enquanto Moscou esteve fragilizado nos contextos político, econômico e social, essa expansão do Ocidente parece ter proporcionado menores problemas na ordem mundial. A ascensão de Vladimir Putin e a recuperação da Federação Russa, contudo, parece ter colocado o Kremlin novamente em condições de sustentar uma

posição mais assertiva de política externa, a fim de impedir a perda hegemônica sobre o território ucraniano.

Em vista desse problema mencionado, a presente dissertação tem como tema central analisar o desenvolvimento histórico desse embate entre o Ocidente e a Rússia para influenciarem mais diretamente a Ucrânia, a fim de explicitar quais os principais meios de tentativa de manutenção da ascendência russa sobre esse território, em oposição aos meios ocidentais que buscam aprofundar e expandir sua própria influência nele.

Primeiramente, esse embate será analisado por meio da utilização da pesquisa histórica e da experiência humana, a fim de demonstrar que as ações individuais não são livres e que a realidade é fluida. Além disso, a instrumentalização da Economia Política Internacional será fundamental para o enriquecimento do objeto deste estudo, no âmbito das Relações Internacionais.

Embora o próximo capítulo a respeito do referencial teórico explicita profundamente a metodologia utilizada, cabe afirmar neste primeiro momento que todo o corpo desta dissertação se baseará primordialmente no método de estrutura histórica de Robert Cox. Decorrente das relações entre capacidades materiais, ideias e hábitos, e instituições, a partir da aplicação a três níveis - forças sociais, forma de Estado e ordem mundial -, esse método possibilita a análise das mudanças estruturais e o estabelecimento ou quebra de hegemonias. As relações recíprocas entre poder material – não apenas estatal -, imagem coletiva da ordem mundial e instituições possibilitam a dominação hegemônica de um ou mais atores internacionais.

Visto que os contextos das forças sociais são primordiais, as mudanças estruturais serão possibilitadas pela transformação das relações de produção, que não são restritas aos Estados, portanto as forças sociais globais e locais devem ser levadas em consideração. O poder que emerge desses processos sociais proporcionam acumulação de capacidades, que, eventualmente, são expandidas, por intermédio da política externa dos Estados. Tendo como base o método e o problema supracitados, indaga-se se existe no território ucraniano uma verdadeira luta hegemônica entre o Ocidente e a Federação Russa, materializada empiricamente no conflito civil que ocorre no leste da Ucrânia, na região de Donbass, desde

2014. Tem-se, como hipótese inicial, que há um conflito hegemônico entre o Ocidente e a Federação Russa pela Ucrânia, e a guerra civil em Donbass seria o auge desse embate.

A fim de demonstrar a relevância desse objeto de estudo, buscar-se-á, num primeiro momento, analisar diacronicamente as mudanças ocorridas nas relações sociais e nos tipos de Estados na Ucrânia e na Federação Russa, no período pós-independência até o ano de 2014. Trata-se do estudo de caso a respeito de duas unidades simples (Rússia e Ucrânia) em um único período histórico (período pós-URSS); em suma, um estudo de caso duplo, com N=1. Primeiramente, a análise do processo da queda da URSS será explicitada, na medida em que ela é essencial para a compreensão a respeito das consequências posteriores para ambos os Estados. A partir disso, as mudanças nas relações sociais e dos tipos de Estado desses países serão estudadas, por meio das modificações dos contextos político, econômico, social e cultural.

No que concerne à Rússia, a análise das mudanças desses âmbitos, dialeticamente, explicitará as modificações nas capacidades materiais, ideias e hábitos e institucionalização da Federação Russa perante a Ucrânia. Com relação à Ucrânia, as diferenças entre as regiões do país também serão explicadas, uma vez que o fim da burocracia da URSS proporcionou o aprofundamento e explicitação das diferenças já existentes durante o período soviético, o que se torna extremamente importante para a análise da guerra civil existente no território ucraniano.

Num segundo momento, a partir da explicação a respeito das mudanças nas relações sociais e nos tipos de Estado na Ucrânia e na Rússia, o âmbito ordem mundial será explicitado, a fim de determinar as capacidades materiais, as ideias e hábitos e as institucionalizações dos dois atores em contenda (Ocidente e Federação Russa), por intermédio de uma análise comparativa. Esse estudo comparativo é instrumentalizado de maneira diacrônica (explicar o desenvolvimento histórico desse embate), para possibilitar a comparação da influência dos atores no contexto atual de guerra civil ucraniana. Por último, analisar-se-ão os possíveis vínculos entre as classes transnacionais do Ocidente e da Rússia e as classes dominantes internas da Ucrânia, para demonstrar qual a influência delas no conflito civil do pós-2014.

Em resumo, o segundo capítulo tratará a respeito do referencial teórico que será utilizado por toda dissertação; o terceiro e o quarto capítulos explicitarão as mudanças nas relações sociais e nos tipos de Estados da Federação Russa e da Ucrânia, respectivamente, após a desintegração soviética; o quinto capítulo promoverá uma análise comparativa diacrônica entre as capacidades materiais, as ideias e hábitos e as institucionalizações do Ocidente e da Federação Russa; e o sexto capítulo irá expor as conexões existentes entre as classes transnacionais e as elites ucranianas. Por fim, as conclusões retiradas das relações entre as teorias e o objeto escolhido serão apresentadas, a fim de corroborar ou não com a hipótese desta dissertação.

Torna-se fundamental destacar que o trabalho tem como base pesquisas teóricas, sendo utilizadas como fontes recursos de livros, publicações e materiais bibliográficos obtidos por meios eletrônicos, com o objetivo de solucionar o problema de pesquisa. Somado a isso, notícias, e documentos oficiais disponibilizados por instituições internacionais e pelas burocracias nacionais ucranianas e russas serão indispensáveis para a obtenção de dados objetivos que enriqueçam a pesquisa.

2. Referencial Teórico

O primeiro capítulo tratará dos alicerces teóricos indispensáveis para o bom desenvolvimento do trabalho, na medida em que o referencial teórico utilizado não faz parte do chamado *mainstream* positivista das Relações Internacionais.

Duas preocupações de inspiração marxista são essenciais a fim de demonstrar sua grande importância para as análises das Relações Internacionais contemporâneas. De acordo com Vigevani et al. (2011, p. 128), elas seriam “a incorporação da dimensão histórica no estudo dos fenômenos e a percepção da impossibilidade de uma ciência neutra, de outro, o imperativo da necessidade de considerar a economia política como variável fundamental para o entendimento das relações internacionais”. Esses elementos, assim, questionam o alcance das explicações das teorias dominantes das RIs, principalmente as racionalistas, demonstrando que o “marxismo tem contribuição ao debate a respeito do sistema internacional” (VIGEVANI et al., 2011, p. 128).

Com relação ao elemento histórico, Marx e Engels (1999) esclareceram que não se podem abstrair as relações sociais do curso da história, na medida em que a realidade é construída pelo próprio homem, portanto não há como o desvincular do contexto no qual está inserido. De acordo com o marxismo clássico:

[...] para compreender como se processam as relações entre as unidades políticas num determinado período histórico, é necessário olhar primeiramente para o estado de evolução das forças produtivas, a saber, para o prevalecente modo de produção, bem como para as relações sociais de produção. Como é por intermédio do conhecimento destas últimas que se adquirem subsídios para o entendimento da natureza e do próprio ser humano, faz-se necessário o estudo das forças produtivas para o entendimento das relações e do sistema internacional (VIGEVANI et al., 2011, p. 129)

De maneira análoga, Gramsci (1971) afirmava que as relações internacionais sucedem as relações sociais. A partir disso, marxistas e gramscianos promovem “a negação da postura positivista adotada pelas escolas realista e liberal, que resulta na reificação e universalização dos objetos de estudo e é considerada pelos marxistas ahistórica. O resultado da crítica e consequente negação dessa postura positivista levam a uma interpretação mais refinada do

sistema internacional, de suas crises e contribui para a explicação da emergência e decadência de hegemonias” (VIGEVANI et al., 2011, p. 130). Em decorrência disso, pode-se afirmar que:

A abordagem historicista para a ciência social não prevê qualquer lei geral ou universalmente válida que possa ser explicada a partir do desenvolvimento de teorias de aplicação generalista. Para o historicismo, tanto a natureza humana quanto as estruturas de interação humana mudam, mesmo que muito lentamente. A história consiste nesses processos de mudança. Não se pode falar, portanto, de “leis” de validade generalista que transcendam eras históricas, nem de estruturas exógenas ou anteriores à história (COX, 1986, p. 243-244).

A obra *Social forces, States and world order: beyond international relations theory*, de Robert Cox (1981), foi fundamental para que essas análises marxistas e gramscianas se tornassem uma corrente de pensamento de reconhecido valor para as relações internacionais, por meio da construção metodológica da teoria crítica.

As *problem-solving theories* compreendem as relações sociais e as instituições como previamente concebidas, o que as configuram como verdadeiras teorias ahistóricas (COX, 1981). De acordo com Cox (1981), ainda que a esse modelo possam ser atribuídas características extremamente importantes, como a fixação de limites e de parâmetros, ele não é tão eficaz e preciso para explicar circunstâncias fluidas e mudanças nas RIs. A partir disso, a *Critical Theory* (Teoria Crítica) parece ser um modelo mais adequado para a análise do objeto desta dissertação.

A Teoria Crítica é caracterizada pela complexidade, uma vez que se relaciona diretamente com o tempo e o espaço, a fim de transcender as características da ordem existente e problematizar processos de mudanças em diversos âmbitos, como nas relações sociais e de poder, e nas instituições (COX, 1981). O complexo político-social, desse modo, é analisado como um todo, a partir de um diálogo entre a teoria e o mundo real, problematizando a origem histórica dos acontecimentos presentes e transcendendo posteriormente os particularismos, a fim de alcançar proposições gerais ou leis (COX, 1981).

No que concerne às premissas, essa teoria afirma que as ações não são livres, por isso a pesquisa histórica é tão importante para entender a experiência humana prévia e analisar as vicissitudes do presente. Somado a isso, ainda que a relativização de uma realidade seja possível, as teorias podem e devem atingir perspectivas temporais grandes para a explicitação

de um problema. Por último, as estruturas não determinam ações, porém pressionam, constringem e instituem hábitos e expectativas variadas; a possibilidade de transformação da ordem, assim, é possibilitada por intermédio do pensamento e do estudo a respeito da estrutura (COX, 1981).

A falsa premissa de permanência da realidade, embora auxilie na obtenção de leis e regularidades, é confrontada pela existência de uma realidade mutável e que é passível de ser alterada, a partir da clarificação de possibilidades para isso. Embora para muitos as constantes mudanças na realidade prejudiquem a Teoria Crítica, na verdade elas contribuem para a própria força e evolução desse arcabouço teórico, visto que as mudanças são processos constantes nas diversas relações e nos diversos contextos (COX, 1981).

Não existe, além disso, uma produção teórica desvinculada de um universo de interesses, já que a “teoria é sempre para alguém e para algum propósito. [...] não há, portanto, tal coisa como teoria em si, divorciada de um ponto de partida no tempo e espaço.” (COX, 1981, p.128, tradução nossa)¹. Assim, teorias do *status quo* instituem uma permanência quase utópica à realidade, podendo servir a interesses ideológicos e conservadores.

Nesse âmbito, Cox afirma que “uma posição ‘crítica’ examinaria como Estados dominantes são configurados e como eles transportam ideias e constroem estruturas institucionais que penetram e complementam tais ideias. Assim, os conceitos de Gramsci de hegemonia e blocos históricos são empregados para possibilitar uma alternativa crítica a leituras ortodoxas do poder estatocêntricas nas Relações Internacionais” (COX apud WORTH, 2010, p. 3, tradução nossa).²

Percebe-se que a teoria crítica tem como seu propósito a emancipação humana e a transformação da realidade (SILVA, 2005; COX, 1981). Além disso, ela busca as origens profundas dos fatos e acontecimentos, a fim de demonstrar toda a complexidade desta, principalmente por meio da análise do espectro social e político como um todo. A teoria

¹ Theory is always for someone and for some purpose. (...) There is, accordingly, no such thing as theory in itself, divorced from a standpoint in time and space.

² Cox suggests that a ‘critical’ position would examine how dominant states are configured and how they transport ideas and construct institutional structures that embed and complement such ideas. Thus, Gramsci’s concepts of hegemony and historic blocs are employed to provide a critical alternative to orthodox readings of state-centric power in International Relations.

crítica também significou a impossibilidade de analisar Estado e sociedade civil/ativa (GRAMSCI, 1982; POLANYI, 2000) como estruturas completamente separadas, em decorrência da interpenetração profunda existente entre esses dois âmbitos.

A fim de instrumentalizar a aplicação teórica neste trabalho, os trabalhos de Polanyi e de Gramsci serão essenciais também. No que concerne a este, de acordo com Cox (1981), os conceitos gramscianos são elásticos, na medida em que podem ser aplicados e resignificados em inúmeras situações. Além disso, a sua precisão para explicar situações particulares contribui intensamente para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Desse modo, de acordo com Morton (2007), historicizar Gramsci torna-se profundamente importante para situar suas ideias além do seu contexto histórico, reconstruindo assim as ideias gramscianas de acordo com a expressão concreta de mundo.

Morton ainda afirma que condições e ideias históricas prévias moldam ideias e relações sociais subsequentes, por meio de questionamentos de problemas do passado, do presente e do futuro. A partir disso, a compreensão das práticas políticas e das ideias do passado auxilia no entendimento da realidade contemporânea em determinadas situações, sendo esse método de “historicismo absoluto” essencial para alcançar esse fim. Esse autor também esclarece que os escritos de Gramsci podem ser considerados um importante ponto de partida para situações similares do presente, ainda que isso não seja suficiente, uma vez que as condições políticas contemporâneas impõem a necessidade de ir além das ideias desse autor. Portanto, não se deve aplicar Gramsci de maneira pura, mas sim pensar de maneira gramsciana a respeito de distintas condições sociais e contemporâneas históricas.

De maneira análoga à Gramsci, as análises e conceitos de Karl Polanyi também podem ser utilizadas para análises contemporâneas, por meio da contextualização histórica de sua obra e a consequente utilização da sua teoria em situações atuais. O seu foco na capacidade histórica da humanidade em subordinar a economia de mercado às relações sociais, durante o período de hegemonia liberal britânica e posteriormente a ele, pode ser utilizado contemporaneamente para a hegemonia neoliberal estadunidense, por intermédio da compreensão das características comuns e as singularidades de cada período histórico. Portanto, da mesma forma que em Gramsci, a atualidade teórica de Polanyi será essencial

para as análises que serão realizadas nesta dissertação. Após a contextualização da Teoria Crítica, poderemos especificar melhor a importância da Economia Política Internacional para fins de análises contemporâneas nas Relações internacionais.

No que concerne à conexão entre as dimensões econômica e política, de acordo com Vigevani et al. (2011, p. 133), “um tema central dos autores de inspiração marxista que estudam as relações internacionais é a superação da cisão entre economia e política. Para eles, sendo essenciais as questões da dominação e da hegemonia, não há como compreendê-las sem recorrer às suas expressões nacionais e internacionais”. Ainda de acordo com esse autor, os autores clássicos, como Smith e Locke, contribuem para essa visão de separação entre economia e política, a qual visaria estabelecer que o exercício da extração do excedente não seria responsabilidade do Estado, mas sim de competência das forças de mercado. Com relação a esse contexto, Rupert (2007, p. 136) afirma que:

A reprodução das relações sociais capitalistas e o processo de exploração pressupõem, portanto, a separação formal entre política e economia, de forma tal que as duas esferas parecem estar relacionadas apenas externamente, e suas relações internas estão submersas e não podem ser percebidas.

O neoliberalismo e o seu esforço de desregulamentação dos mercados, além da retórica de perda da margem de atuação do Estado estabeleceram novo impulso a essa separação entre o político e o econômico, principalmente pelas teorias *mainstreams* das RIs. Nesse âmbito, “o marxismo e a teoria crítica dão uma contribuição significativa às análises das relações internacionais, já que incidem diretamente procurando desvendar os significados da desregulamentação e da alegada diminuição do papel do Estado” (VIGEVANI et al., 2011, p. 135). De acordo com Marx, essa separação esconderia a interdependência que existiria entre os contextos econômicos e privados, o que seria uma abstração necessária para consolidar e perpetuar o sistema capitalista.

Em oposição a essas teorias dominantes, para Vigevani et al (2011, p. 137), a contribuição do marxismo “está na introdução da questão econômica como fator explicativo não apenas das relações de poder, mas das formas como se desenvolvem as relações entre os Estados, buscando compreender sua estrutura e dinâmica. Há uma relação de interação entre

as esferas econômica e política e somente uma reflexão que não exclua a variável econômica para o estudo da política, e vice-versa, é capaz de compreender o sistema internacional em sua totalidade”. Portanto, política e economia se constituem mutuamente, não devendo ser consideradas de modo isolado, o que demonstra a eficiência da economia política para analisar o sistema capitalista e a ordem política mundial.

De acordo com Cox e Schechter (2002), a Economia Política Internacional tornou-se extremamente importante, principalmente em decorrência de algumas mudanças intensas ocorridas nas Relações Internacionais contemporâneas: o colapso da URSS e o chamado *Hyper-Power* dos EUA; preocupações com a biosfera, biotecnologia e organismos geneticamente modificados; a reafirmação das identidades étnicas, nacionais, religiosas e culturais; aumento de atividades extraleais; e ceticismo com relação às autoridades mundiais.

Essa expansão de contextos da Economia Política não foi uma inspiração vinda da própria teoria. Ela foi impulsionada pela mudança do mundo real (COX, 2002, p. 307, tradução nossa³).

Além disso, ainda de acordo com esse autor, a EPI, a fim de superar o positivismo realista nas Relações Internacionais, possui um campo mais aberto para a influência de disciplinas que se preocupam com as dinâmicas das sociedades (como a sociologia) e para a absorção de diferentes perspectivas (como ecologia, gênero, culturas e civilizações). Desse modo, as forças relevantes tradicionalmente concebidas, como a força militar e a coerção econômica, ainda que continuem sendo importantes, são permeadas por outras forças nessa concepção.

³ This expansion of the scope of political economy was not an inspiration coming from theory itself. It was impelled forward by change in the real world

2.1 O Materialismo histórico e a Estrutura Histórica

Primeiramente, torna-se importante explicitar o que seria o conceito de materialismo histórico, a fim de uma melhor compreensão a respeito da definição de estrutura histórica. De acordo com Cox (1981), o materialismo histórico contribuiu para quatro dimensões da teoria crítica, que são a dialética marxiana, a dimensão vertical do poder, a relação entre sociedade civil e Estado e o foco no processo produtivo.

A dialética marxiana pressupõe uma visão totalizante do real, a fim de explicitar distintos elementos sociais como interligados a uma mesma realidade. Esse método torna possível a revolução do *status quo*, na medida em que possibilita o entendimento de que o mundo é sempre resultado da *praxis* humana, seja ela intensamente influenciada por relações de dominação que reificam e fetichizam as práticas sociais, ou marcadas por relações que humanizam e desmitificam. Importante aduzir, portanto, que as relações particulares de um todo auxiliam na compreensão do real, a partir da utilização de conceitos abstratos (MARX, 2011).

Essa constante troca relacional entre mundo das ideias e mundo real é a essência para romper com a naturalização de determinadas práticas sociais, principalmente aquelas exploratórias (MARX, 2011). O real nada mais é que uma totalidade composta por totalidades em lógicas dialéticas próprias que se interagem entre si, formando o todo. A fim de compreender isso, parte-se do concreto para o abstrato; volta-se ao concreto, posteriormente, para instrumentalizar os conceitos e ideias. A história não tem caminho definido, pois o que a move são os conflitos (MARX, 2013).

No que concerne à dimensão vertical de poder, Cox (1981, p. 134) afirma:

"materialismo histórico acrescenta uma dimensão vertical de poder à dimensão horizontal de rivalidade entre os Estados mais poderosos [...]. Essa dimensão é a dominação e subordinação do [...] centro sobre periferia, numa economia política mundial." (COX, 1981, p. 134. Tradução nossa)⁴

⁴ historical materialism adds a vertical dimension of power to the horizontal dimension of rivalry among the most powerful states [...]. This dimension is the dominance and subordination of [...] centre over periphery, in a world political economy

Esse aspecto é de extrema importância, na medida em que o constrangimento se traduz recorrentemente em subordinação e reforço do processo de periferização sobre os países subalternos.

Além disso, a respeito da relação entre sociedade civil e Estado, Gramsci (1982) afirma que, primeiramente, processos de produção não são isolados da realidade, uma vez que eles são historicamente construídos e socialmente determinados. Conseqüentemente, o desenvolvimento da estrutura e da superestrutura ocorre reciprocamente, por meio da relação dialética de fatores econômicos e socioculturais respectivamente. A partir disso, “O conjunto complexo, contraditório e discordante da superestrutura é o reflexo das relações sociais de produção” (MORTON, 2007, p. 96, tradução nossa⁵).

A passagem de uma estrutura para uma superestrutura realiza-se a partir do momento que determinada ideologia particular se torna universal e hegemônica. Mesmo que atinja a hegemonia, contudo, as relações dialéticas nunca cessam, assim forças pró e contra-hegemônicas influenciam continuamente na conformação da estrutura e da superestrutura, numa constante construção social (GRAMSCI, 1982). A superestrutura possui certa autonomia com relação à estrutura, já que é no nível ideológico que os homens tornam-se conscientes do mundo econômico (MORTON, 2007).

É possível compreender teoricamente como relações sociais de produção regressivas e exploratórias continuam a persistir por causa de ideologias de apoio (MORTON, 2007, p. 96, tradução nossa⁶)

A partir disso, Cox (1981, p. 134) conclui esse âmbito afirmando que:

[a] noção de uma relação recíproca entre estrutura (relações econômicas) e superestrutura (a esfera ético-política) no pensamento de Gramsci contém o potencial para considerar os complexos Estado/sociedade como as entidades

⁵ The complex, contradictory and discordant ensemble of the superstructure is the reflection of the social relations of production.

⁶ Possible to theoretically understand how regressive or exploitative social relations of production may still persist because of supportive ideologies

constituintes de uma ordem mundial e para explorar as formas históricas particulares tomadas por estes complexos⁷

Por último, esse autor diz que o processo produtivo é um elemento essencial para explicitação da forma histórica particular tomada por um complexo Estado-Sociedade Civil, na medida em que “a produção de bens e serviços que cria tanto a riqueza de uma sociedade como a base para uma habilidade estatal em mobilizar poder por trás de sua política externa, ocorre por meio de uma relação de poder entre aqueles que controlam e aqueles que executam as tarefas de produção. [...] O materialismo histórico examina as conexões entre poder na produção, poder no Estado, e poder nas relações internacionais (COX, 1981, p. 134-135. tradução nossa).⁸

Em decorrência disso, o processo de internacionalização de um determinado modelo de produção torna-se fundamental para a formação da ordem mundial, influenciando na forma como determinadas classes sociais transcendem os limites estatais, possibilitando que o centro marginalize partes da produção menos qualificadas:

(...) [O] centro descentraliza a real produção física de bens para localidades periféricas nas quais uma oferta abundante de mão de obra não estabelecida relativamente barata é encontrada, e para reter o controle do processo, da pesquisa e do desenvolvimento, dos quais seu futuro é dependente (COX, 1981, p. 148. Tradução nossa).⁹

Esse processo de expansão de um modelo de produção nacional para a ordem mundial será melhor explicado nas próximas seções deste capítulo. Portanto, a partir disso, a explicação sobre a estrutura histórica torna-se o próximo passo essencial, na medida em que esse é o conceito que permeia praticamente toda esta dissertação.

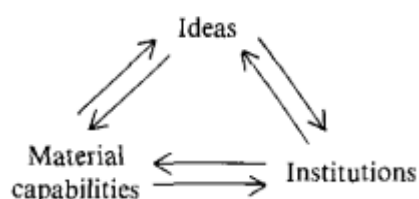
⁷ The sense of a reciprocal relationship between structure (economic relations) and superstructure (the ethico-political sphere) in Gramsci's thinking contains the potential for considering state/society complexes as the constituent entities of a world order and for exploring the particular historical forms taken by these complexes

⁸ The production of goods and services which creates both the wealth of a society and the basis for a state's ability to mobilise power behind its foreign policy, takes place through a power relationship between those who control and those who execute the tasks of production. [...] Historical materialism examines the connections between power in production, power in the state, and power in international relations.

⁹ [...] centre to decentralize the actual physical production of goods to peripheral locations in which an abundant supply of relatively cheap non-established labour is to be found, and to retain control of the process and of the research and development upon which its future depends

A estrutura histórica é caracterizada por um conjunto de forças que se interagem reciprocamente e, conseqüentemente, propicia a aplicação dessas interações a três níveis diferentes (COX, 1981).

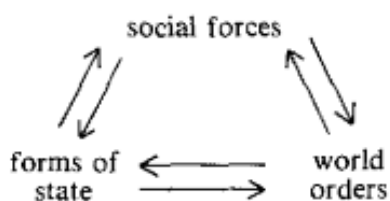
Figura 1. Distribuição dos elementos da estrutura histórica 1



Fonte: COX, 1981

A partir disso, as capacidades, as ideias e hábitos, e as instituições interagem-se em três diferentes esferas, quais seja, as relações sociais de produção, as formas de Estado e as ordens mundiais (COX, 1981).

Figura 2. Distribuição dos elementos da estrutura histórica 2



Fonte: COX, 1981

Além disso, importante salientar que mudanças no padrão de produção e, conseqüentemente, nas relações sociais de produção, podem impulsionar mudanças diretas

nas Formas de Estado, o que também influencia diretamente na Ordem Mundial vigente, numa relação dialética de desenvolvimentos recíprocos (MORTON, 2007).

A estrutura histórica decorre de três categorias de forças que interagem reciprocamente: as capacidades materiais, as ideias e a institucionalização (COX, 1981). A capacidade material demonstra o poder potencial produtivo e destrutivo de determinado ator, na sua forma dinâmica – capacidades organizacionais e tecnológicas – e formas acumuladas – transformação de recursos naturais em tecnologia, e o estoque de equipamentos industriais e armamentos, por exemplo (COX, 1981).

As ideias e hábitos, no que concerne ao sentido intersubjetivo, são condicionados historicamente, podendo-se identificar suas origens e seus desdobramentos futuros. Nessa categoria, ainda, no que tange à natureza social das relações, percebe-se a tendência de perpetuação da mesma, o que proporciona a legitimidade das relações de poder existentes naquele dado momento, conquanto imagens coletivas possam variar e até mesmo se oporem, o que possibilitaria desenvolvimentos alternativos ao *status quo* defendido (COX, 1981).

Por fim, a categoria da institucionalização promove uma ordem particular, a qual propõe a estabilização, perpetuação e prevalência de determinadas relações, em decorrência do encorajamento para formações de imagens coletivas que conservem a estrutura. Na medida em que as instituições proporcionam a legitimação da dominação, sem o uso da força, elas podem ser consideradas fatores intrínsecos para uma determinada estratégia de hegemonia - hegemonia do grupo dominante, por meio dos intelectuais comissários da hegemonia, os quais estabelecem um consenso espontâneo das grandes massas e a disciplina legal do aparato coercitivo estatal-, embora não seja o único âmbito explicativo para esta (COX, 1981).

Institucionalização significa estabilidade e perpetuação de uma ordem particular. Instituições refletem as relações de poder prevalecentes no seu ponto de origem e tendem, ao menos inicialmente, a encorajar imagens coletivas consistentes com essas relações de poder. Em algum momento, instituições tomam vida própria; elas podem tornar-se um campo de batalha para tendências opostas ou estimular a criação de instituições que refletem tendências distintas. Instituições são meios de amalgamar as ideias e o poder material, o que influencia o desenvolvimento das próprias ideias e capacidades materiais. Existe uma conexão estreita entre institucionalização e o que Gramsci chamava hegemonia. Instituições possibilitam formas de lidar com conflitos internos, a fim de minimizar o uso da força (...)o fraco concordará com a liderança se esse líder puder expressar-se em termos universais ou de interesse geral, mas não se isso apenas servir aos interesses particulares desse

dominante. Instituições devem se tornar a âncora para essa estratégia hegemônica desde que elas levem à representação de diversos interesses e à políticas universais para o fraco e o hegemona (COX, 1981, pg. 136-137, tradução nossa).

As relações sociais de produção tem como ponto inicial o padrão de produção, o que não significa uma redução à economia apenas, na medida em que relações sociais de produção encapsulam forças de classe engajadas na própria produção. Desse modo, não apenas o contexto material torna-se indispensável para a análise dessas relações, mas também o institucional e as formas discursivas inerentes nesse processo (MORTON, 2007).

A mudança de poder nas relações sociais determina o aparecimento de novos relacionamentos intraclasses e interclasses e de novas instituições, além de impulsionar a formação ou a manutenção de diferentes códigos culturais e compelir a produção em um determinado sentido (MORTON, 2007). Assim, “Ao discernir diferentes modos de relações sociais de produção, é possível perceber como mudanças nas relações de produção proporcionam a ascensão de forças de classes sociais particulares, as quais se tornam as bases do poder numa ordem mundial específica” (MORTON 2007, p. 117, tradução nossa)¹⁰.

Novas configurações de forças sociais, portanto são bases intrínsecas para a configuração do Poder Estatal e conseqüentemente na existência de diferentes Formas de Estado, uma vez que “uma configuração de forças sociais particular define, na prática, os limites dos parâmetros dos propósitos do Estado e o *modus operandi* das ações estatais; define, em outras palavras, a *raison d'état* para um Estado particular” (MORTON, 2007, p. 117, tradução nossa)¹¹.

O complexo Estado-Sociedade Civil não é uma categoria pré-constituída, mas uma construção histórica de várias formas de Estado e um contexto social das lutas políticas deles. A importância desse âmbito é intensa, na medida em que “[...]o contexto nacional é o único lugar no qual um bloco histórico pode ser encontrado e onde o objetivo de construir novos

¹⁰ By discerning different modes of social relations of production, it is possible to consider how changing production relations give rise to particular social-class forces that become the bases of power within and across states and within a specific world order

¹¹ A particular configuration of social forces defines in practice the limits or parameters of state purposes, and the *modus operandi* of state action, defines, in other words, the *raison d'état* for a particular state

blocos históricos, como base para a contra-hegemonia, a fim de mudar o mundo, deve começar” (COX, 1987 apud MORTON, 2007, p. 132, tradução nossa)¹².

A partir disso, percebe-se que a relação poder-produção proporciona a possibilidade de captura das relações recíprocas entre agentes e estruturas efetivamente. Importante salientar, ainda, que problemas não relacionados a classes sociais – paz, ecologia e feminismo, por exemplo – possuem base firme e consciente nas realidades sociais e também são formadas e constituídas por intermédio do processo de produção.

No que tange à ordem mundial, a construção de um bloco histórico e a coesão nacional possibilitam que uma hegemonia consolidada domesticamente se expanda para a ordem mundial, por meio da expansão de um modo de produção para outros Estados e regiões. As conexões de classes sociais em diferentes países e os mecanismos internacionais auxiliam profundamente nessa expansão, o que proporciona uma projeção de poder intensa, por meio da aplicação de interesses particulares de uma Forma de Estado em outros Estados, como se fossem universais.

“[...]uma Ordem Mundial representa uma era específica ou bloco histórico que foi determinada por intermédio de forças sociais, organizado por meio de uma combinação de produção, ideologia e institucionalismo”. (WORTH, 2010, p. 4, tradução nossa).¹³

2.2 A Formação dos Estados e a Estruturação das Classes Sociais

O método da analogia histórica é essencial para a compreensão dos tipos de Estados existentes, já que seu poder explicativo reside nas bases de comparação entre diferentes processos históricos e configurações particulares das formas estatais – social, cultural, política (MORTON, 2007)

O sistema interestatal teve origem no período absolutista e foi determinante para a constituição das relações sociais capitalistas que passaram a mediar e a reforçar esse sistema

¹²[...] the ‘national’ context is the only place where a historical bloc can be founded and where the task of building new historical blocs, as the basis for ‘counter’hegemony to change world order, must begin.

¹³[...] a World Order represents a specific era, or[...]*historic bloc*, that was determined through social forces, organised through a combination of production, ideology and institutionalism.

de Estados. O desenvolvimento do Estado não pode ser confundido diretamente com o desenvolvimento do capitalismo, porém eles evoluíram dialeticamente com relação ao outro. Durante o Feudalismo, a aristocracia feudal concentrava poderes políticos e sociais, extraindo excedentes dos servos por intermédio de coerção extraeconômica (proporcionada pela proteção militar e pela servidão jurídica do campesinato) (MORTON, 2007).

Na Inglaterra, a formação estatal e o desenvolvimento capitalista evoluíram de maneira conjunta, na medida em que a aristocracia continuou a monopolizar a terra, mas não mais por meio de coerções extraeconômicas, mas sim por uma hierarquia capitalista tripartite (senhorios comerciais, arrendatários capitalistas e trabalhadores assalariados). Assim, de acordo com Morton (2007), os modos de apropriação do excedente passaram a ser baseados puramente na economia, por intermédio da competição intracapitalista e da existência de trabalhadores livremente assalariados. Portanto, ocorreu o fim da fusão entre economia e política, o que levou à separação entre o Estado e a sociedade civil de direitos individuais e interesses privados.

De acordo com Pijl (2005), a estabilização desse Estado sob a hegemonia burguesa, entretanto, necessitou de um extenso processo revolucionário. Após o período Cromwell¹⁴, percebeu-se que eram necessárias medidas de política externa mais agressivas contra grandes rivais comerciais da Inglaterra (Espanha e Holanda, por exemplo), porém a centralização do poder nas mãos da monarquia passou a deixar a burguesia descontente, na medida em que os privilégios das grandes companhias mercantes passaram a prejudicar os negócios.

Desse modo, a aristocracia comercial e os setores protestantes enfrentaram o poder real, a fim de acabar com seus privilégios e instituir um autogoverno burguês/aristocrático, além de uma economia de mercado. O golpe final ao antigo regime inglês ocorreu com a Revolução Gloriosa de 1668, a qual estabilizou o Estado, garantindo a propriedade privada, a vigência dos contratos, os investimentos em infraestrutura importantes para a expansão do capital inglês e a autonomia das classes proprietárias com relação ao Estado

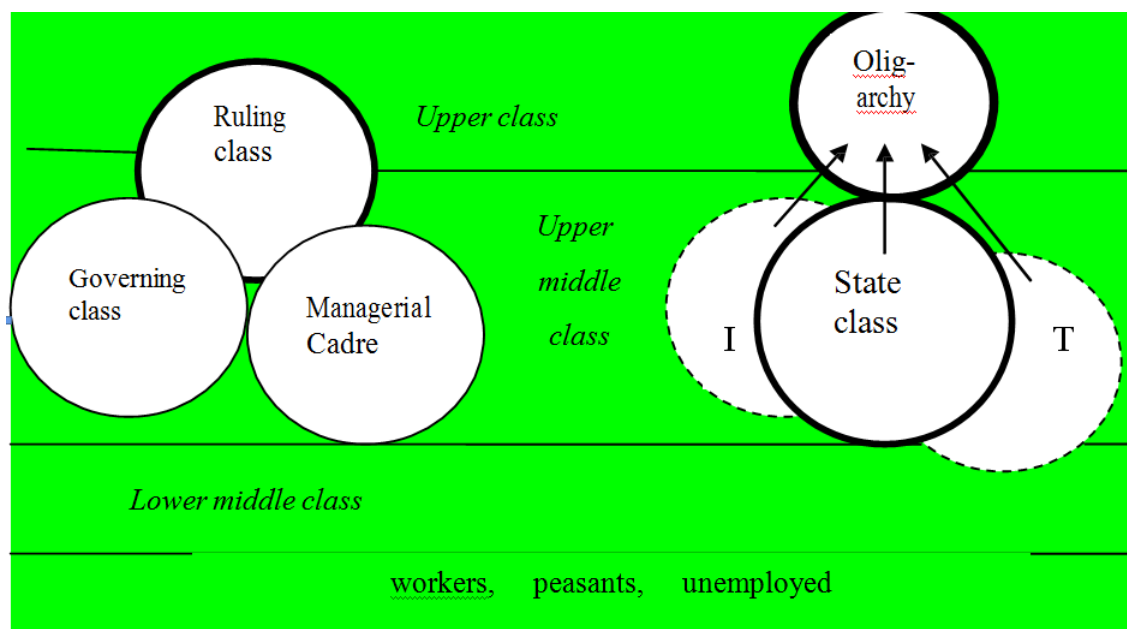
¹⁴ O período Cromwell é reconhecido como um dos períodos mais estáveis da Revolução Inglesa, principalmente por causa da profunda centralização de poderes que Oliver Cromwell conseguiu implementar na Inglaterra. Durante esse período, a Inglaterra experimentou uma grande ascensão econômica, em decorrência dos chamados Atos de Navegação, os quais impulsionaram a marinha inglesa a se tornar a mais importante do mundo.

De maneira distinta ao caso inglês, por exemplo, o Estado russo desenvolveu-se bem antes do que qualquer relação capitalista, uma vez que relações de propriedades pré-capitalistas, baseadas principalmente em privilégios reais, foram dominantes (MORTON, 2007). A expansão da hegemonia britânica e da importância desse país impulsionou processos de *catch-up* na Rússia, que foram, de acordo com Pijl (2005), prejudicados até a Revolução Bolchevique de 1917, uma vez que as classes aristocráticas dominantes desse país possuíam uma lógica de acumulação não condizente com o desenvolvimento capitalista.

Ainda de acordo com esse autor, a partir disso, uma crise no poder da aristocracia desenvolveu-se e uma revolução socialista instaurou-se. Esse Estado possui historicamente grande dificuldade *catch-up*, já que enfrentava o desafio do desenvolvimento combinado e desigual, em decorrência principalmente das intensas pressões por periferização.

O modelo Estado-sociedade civil liberal ocidental (Estado lockeano), o qual foi fundado no Reino Unido pós-Revolução Gloriosa, tornou-se basilar para a estabilização do capitalismo e da hegemonia burguesa, principalmente em decorrência da estrutura hierárquica classista que ela proporciona. Diferentemente disso, a estrutura hierárquica classista de Estados Hobbesianos, como a Rússia, proporciona inúmeras dificuldades de estabilização hegemônica (PIJL, 2016).

Figura 3 – Estrutura hierárquica classista de Estados Lockeanos (à esquerda) e Estados Hobbesianos/Contender States (à direita).



Fonte: PIJL, 2016

De acordo com a figura anterior, no Estado Lockeano, a classe dominante tem perfis socioeconômicos sobrepostos, mas distintos das outras classes. Somado a isso, possuem enorme influência política e econômica. Contudo, essa classe dominante delega a uma classe governante profissional a representação política e a uma estrutura gerencial a administração da economia. Num terceiro nível hierárquico, fazem parte a classe média e os trabalhadores autônomos e, no último nível, proletariados, camponeses e desempregados (PIJL, 2016).

Diferentemente disso, ainda de acordo com Pijl, num Estado Hobbesiano, a classe estatal concentra e absorve a economia e o poder estatal sob seu poder (oligarcas), embora não possa, mesmo em vista dessa acumulação, ser comparada à classe dominante ocidental. Num segundo nível, intelectuais e tecnocratas são considerados um tipo de classe especial, os quais fazem o papel de sombras gerenciais nas franjas do Estado. O grande problema desse tipo de Estado é a inexistência de hegemonia, o que provoca crises de sucessão política frequentes, em decorrência de potenciais mudanças eleitorais. Portanto, além de enfrentarem

intensas pressões por periferização do contexto internacional, a classe estatal ainda tem que se preocupar com profundos conflitos internos pelo poder econômico e político, por intermédio da luta pelo controle do Estado:

A classe dominante no Ocidente, por definição, é superior à classe administrativa e à classe governante; eles têm perfis sócio-culturais diferentes, sobrepostos, mas distintos. Em um *contender state* como a URSS, toda a direção social e do Estado é centralizada na classe estatal.[...]No ocidente existe uma hierarquia entre a classe dominante hereditária e, abaixo dela, uma classe governante política e uma classe administrativa econômica (e abaixo delas, uma classe média mais baixa de administradores de menor importância, uma parcela jovem, e profissionais liberais); num *contender state* como a antiga URSS, em contrapartida, todos são absorvidos por uma classe estatal única, apesar de que as “sombras” de uma parcela ideológica e intelectual podem ser encontradas na periferia do sistema. Em termos sociológicos e de estilo de vida, entretanto, não existia uma classe mais alta comparada ao estabelecimento da classe dominante no Ocidente, e a posição da classe média baixa, como os intelectuais, na antiga hierarquia soviética, era mais abastada. Como resultado, em um país como a Ucrânia [...], uma elite da classe dominante (*nomenklatura* ou de uma parcela intelectual ou tecnocrata) conseguiu se tornar uma oligarquia de possessões tanto de poder político como de bens econômicos (PIJL, 2016, p. 07-09, tradução nossa¹⁵).

Em decorrência desse processo distinto de formação estatal, poderemos compreender melhor como se deu a formação das classes burguesas transnacionais, a qual teve origem no Reino Unido.

¹⁵ The ruling class in the West by definition is superior to the managerial cadre and governing class; they have different socio-cultural profiles, overlapping but distinct. In a contender state like the USSR all state and social direction is centred in the state class [...]Although compartments are not as watertight as depicted here it is important to retain that in the liberal West there is a hierarchy between a hereditary ruling class and below it, a political governing class and an economic managerial cadre (and below them, a lower middle class of lesser administrators, junior cadre and self-employed); in a contender state like the former USSR on the other hand, all are absorbed into a single state class, although the ‘shades’ of an ideological (I) and technocratic (T) cadre can be discerned on its fringes. In sociological/lifestyle terms, however, there was no upper class comparable to the established ruling class of the West, and lower middle class positions like intellectuals, in the former Soviet hierarchy were relatively well off. As a result, in a country like Ukraine (or Russia, for that matter), an elite from the state class (*nomenklatura* or from the ideological or technocratic cadre) was able to constitute itself as an oligarchy in possession of *both* the levers of political power and important economic assets.

2.3 Classes Transnacionais

O processo de transnacionalização da classe capitalista, por meio das ligações de classes capitalistas de diversos Estados, criou interesses mútuos e consolidou divisões de classes específicas. Isso se deu por intermédio das intensas relações entre os grupos de negócios e bancários anglo-americanos na virada do século XX, pluralizando suas visões Lockeanas de Estado (PIJL, 2005), as quais estabelecem a separação entre Estado e Sociedade Civil. Já no início do século XX, o modelo de Estado Lockeano abrangia a Commonwealth britânica, e os EUA, estabelecendo uma verdadeira combinação de circuitos capital-migração em massa e transformando essas economias em apenas uma economia quase Atlântica. Esse modelo, posteriormente, se espalha pela Europa Continental e Japão, configurando o *heartland* da burguesia transnacional (PIJL, 2005).

Embora esse *heartland* lockeano possua preeminência histórica, ele foi desafiado diversas vezes por Estados Contestadores da ordem (Hobbesianos), os quais tem dificuldade de autonomia no desenvolvimento *catch-up*, na medida em que sofrem intensas pressões por periferização. As classes estatais Hobbesianas sofrem uma exposição maior a lutas de classe, já que devem não apenas competir entre elas, mas também com a classe burguesa transnacional, a fim de estabelecer uma autarquia econômica e cultural própria:

Exploração capitalista exacerba conflitos sociais em qualquer Estado, mas a rigidez inerente à confiscação Hobbesiana da sociedade e sua forte demarcação com relação ao *heartland*, impulsionando autarquias econômicas e culturais, contribui para a qualidade particularmente explosiva dessa exploração (PIJL, 2005, p. 86, tradução nossa)¹⁶.

Em decorrência disso, o papel do Estado como mediador entre essas diversas forças, principalmente as pressões de modernização provenientes do *heartland* lockeano, é extremamente importante nesses Estados Contestadores. A fim de estabelecer uma modernização de cima e manter as estruturas de poder intactas, o Estado é o ator indispensável da Revolução Passiva.

¹⁶ Capitalist exploitation exacerbates social conflict in any state, but the rigidities inherent in the Hobbesian confiscation of society and its sharp demarcation from the heartland, fostering economic and cultural autarky, lend it a particularly explosive quality.

Os grupos de planejamento privados concentrados no *heartland*, desde sua origem na Maçonaria inglesa, agiam informalmente influenciando as políticas adotadas por seus Estados (PIJL, 2005). A partir desses laços transnacionais, desenvolveram estratégias comuns para impulsionar e estabilizar a hegemonia internacional da burguesia internacional.

Isso sublinha o comentário de Robert Cox de que ‘não existe estrutura política ou autoridade explícita para a economia global; existe, entretanto, alguma coisa que continua precisando ser decifrada, algo que poderia ser descrito pela palavra francesa *nébuleuse* (nebulosa, tradução nossa) ou pela noção de “governança sem governo” (PIJL, 2005, p. 78, tradução nossa)¹⁷.

Ainda que o capital pareça uma força autônoma, ele historicamente tem servido aos interesses daqueles que o controlam, por meio de regimes históricos impositores de regras de comportamento. Na medida em que projeta universalidades de entendimentos, o capital parece possuir uma racionalidade econômica consumada, num processo de ilusão e idealização, apesar de sua origem histórica decorrente de processos de violenta apropriação/expropriação (PIJL, 2005).

Nessa ilusão do capital, o mercado mundial torna-se seu disciplinador indiscutível, no qual a acumulação de capital torna-se mais importante do que qualquer necessidade das sociedades. Nesse processo de subordinação da sociedade ao capital, o Estado aparece como mediador, uma vez que necessita assegurar a viabilidade das commodities fictícias (trabalho, dinheiro e terra) e articular as lutas de classes (PIJL, 2005).

O conceito monolítico de capital, contudo, não condiz com a realidade histórica, visto que existiram diversas tendências da burguesia que conseguiram transformar seus interesses singulares em interesse geral.

Frações da burguesia, configuradas ao redor de combinações específicas de capitais e frações de capital, buscam aproximar-se a um interesse geral (PIJL, 2005, p. 4, tradução nossa)¹⁸.

¹⁷ This underscores Robert Cox's comment that while "There is no explicit political or authority structure for the global economy, there is, nevertheless, something there that remains to be deciphered, something that could be described by the French word *nébuleuse* or by the notion of "governance without government

¹⁸ Fractions of the bourgeoisie, configured around specific combinations of capitals and fractions of capital, continuously seek to approximate a general interest.

Desse modo, percebe-se que a burguesia constantemente cria coalizões, ou seja, a luta pela hegemonia nunca acaba.

[...] certa fração e a perspectiva histórica que essa fração desenvolveu nas relações capitalistas de produção como um todo guiam a ação do Estado e de outras instâncias de interesse capitalista geral (PIJL, 2005, p. 3, tradução nossa) ¹⁹.

Nas diversas fases de proeminência do capital internacional, durante os últimos três séculos aproximadamente, como o Internacionalismo Liberal²⁰, o Monopolismo Estatal²¹, o Liberalismo corporativo²² e o Neoliberalismo²³, diferentes frações do capital tornaram-se hegemônicas num determinado período histórico:

[...] uma função operativa de capital no processo de circulação é tornado autônomo em uma função especial de um capital especial totalizante e se cristaliza como uma função atribuída pela divisão do trabalho para um tipo particular de capitalismo (PIJL, 2005, p. 52, tradução nossa)²⁴.

¹⁹ [...] certain fraction, and the historical perspective this fraction has developed on capitalist relations of production in their entirety, guides the action of the state and other instances of the general capitalist interest.

²⁰ O Internacionalismo liberal configurava-se a partir de uma acumulação extensiva de capital, com baixa composição de capital e intensiva em trabalho, possuindo como indústrias predominantes aquelas do setor A (Têxteis e Alimentícias). Esse modelo baseou-se na *Pax Britannica*, principalmente por meio da força da City londrina em fornecer capital para o espalhamento do modelo Lockeano de Estados (PIJL, 2005)

²¹ O Monopolismo Estatal foi predominante no final do século XIX e início do século XX, no contexto das rivalidades imperialistas. Nesse âmbito, a acumulação intensiva torna-se tendência, por meio da forte composição do capital nas indústrias do setor B (Metais, petróleo, engenharia). O protecionismo torna-se proeminente nesse período, ainda que a Haute Finance continue atuando como uma força transnacional mediadora entre blocos industriais nacionais rivais (PIJL, 2005).

²² O Liberalismo Corporativo (Keynesianismo) caracterizou-se pela acumulação progressiva (combinação de trabalho e capital), por intermédio de um aparato estatal atuante, da organização do trabalho e do interesse pela produção em massa. Nesse contexto de *Pax Americana* e de Guerra Fria, as indústrias do setor C (automobilística, elétrica, química, etc.) tornam-se predominantes e o capital bancário fica a serviço dos governos nacionais. Caracterizou-se, por último, pelo intenso compromisso entre burguesia e proletariado, principalmente nos países do Norte (PIJL, 2005).

²³ A Pax Anglo-Americana a partir dos anos 1970 caracteriza-se pelo cosmopolitismo, por meio da tradição do direito internacional e das intervenções humanitárias. A fração do capital financeiro tornou-se preponderante, uma vez que o mercado tornou-se o único árbitro da vida social, a partir de uma intensa propagação de interesses financeiros específicos dessa fração. As indústrias do setor D tornaram-se predominantes (microeletrônicos, telecomunicações, biotecnologia, etc.). O capital multinacional passou a realocar produção para países com políticas trabalhistas mais favoráveis à acumulação. Além disso, ocorreu verdadeira hipertrofia do capital financeiro, a partir de uma acumulação virtual intensa dessa fração (PIJL, 2005).

²⁴ [...] a function of capital operative in the circulation process is autonomised into a special function of a special capital at all and crystallises as a function assigned by the division of labour to a particular kind of capitalist.

A articulação entre os interesses concretos de frações das classes transnacionais e o Estado busca o estabelecimento de uma determinada ordem mundial e a legitimação dos interesses delas, por intermédio da transformação de uma interpretação particular do capital em ortodoxa. Essas articulações ocorrem nos contextos da estrutura economia, da ação política e dos interesses de um determinado contexto histórico.

Apenas a existência simultânea de diferentes linhas de políticas imperialistas, Grossweiler argumenta, empresta-lhe (capital) a elasticidade que é necessária adaptar a novas situações e para trocar uma política comprometida sem saída por uma nova...Ao mesmo tempo, apenas essa pluralidade oferta a oportunidade para preparar uma base massiva pra uma política dessa a qualquer tempo (PIJL, 2005, p. 62, tradução nossa)²⁵.

Importante aduzir, por último, que as coalizões de interesses transnacionais ocorrem em diversos âmbitos, como por intermédio de diversas redes de diretores de corporações internacionais e bancos, grupos de planejamento e mídia internacional. Desse modo, essa transformação de interesses específicos em interesse universal ocorrer a partir do planejamento, de intelectuais orgânicos, de políticos profissionais e da força cultural e étnica. A burguesia não possui dogmas estritos, atuando de acordo com os obstáculos que cada situação histórica impõe (PIJL, 2005).

[...]hegemonia internacional refere-se a ‘uma forma de dominação de classe baseada no consentimento em vez da coerção, e na acomodação dos interesses subordinados do que na sua repressão. Classes transnacionais tem se movido recentemente para embarcar num projeto coordenado, baseado no modelo neoliberal de globalização, liderado pelas elites anglo-americanas nos anos 1980. Tal classe não estava meramente situada nos EUA/Reino Unido, mas emergiu historicamente em um numero de países industriais e se consolidaram por meio de organizações internaconais elitistas, variando dos mações para as Conferências Bildenberg e a Comissão Trilateral. Entretanto, o seu desenvolvimento e influência hegemônica tem sido mais notável desde que sua internacionalização se tornou mais proeminente por intermédio da emergência de economias neoliberais. [...] hegemonia é processada por meio da relação consensual forjada entre as elites transnacionais e as respectivas classes ‘nacionais subordinadas’. (WORTH, 2010, p. 6, tradução nossa).²⁶

²⁵ Only the simultaneous existence of different lines of imperialist policy, Grossweiler argues, lends it the elasticity that is necessary to adjust to new situations and to exchange a compromised and deadlocked policy for a "new" one...At the same time only this plurality offers the opportunity to prepare a mass basis for such a policy at any time.

²⁶[...] how a capitalist class in one particular state forges links with another, creating mutual interests and as such consolidate specific class divisions. Historically, much work is given to the Anglo-American business and

A hegemonia neoliberal e suas características tornam-se extremamente importantes a fim de compreender os processos ocorridos em diversos Contender States, principalmente no caso russo e ucraniano, que serão explicitados posteriormente. A partir do estudo a respeito das frações do capital proeminentes no território ucraniano e suas relações com o capital transnacional do heartland ou com capital nacional russo, será possível auferir ou não a existência de lutas de classes burguesas no conflito separatista do leste ucraniano, em decorrência de uma luta hegemônica entre Ocidente e Rússia.

2.4 Revolução Passiva, Acumulação por Despossessão, Oligarquias e Desenvolvimento Desigual

Em decorrência do processo de globalização, o conceito de Estado Transnacional tornou-se importante a fim de compreender o papel dos Estados nas mudanças provenientes da ordem mundial.

O Estado transnacional, assim, “é uma constelação de forças de classes e relações particulares ligadas ao capitalismo globalizado e à ascensão de uma classe capitalista transnacional corporificada num conjunto diversificado de instituições políticas” (MORTON, 2007, p. 141, tradução nossa)²⁷.

banking groups that emerged at the turn of the 20th century and pluralised their Lockean visions of the separation between state and civil society. Simply put therefore, international hegemony is referred to as ‘a form of class rule based on consent rather than coercion and on accommodation of subordinate interests rather than on their repression’. Transnational classes have in recent years moved towards embarking upon a coordinated project based upon the neoliberal model of globalisation, championed by ‘Anglo-American elites’ in the 1980s. Such a class was not merely situated in the US/UK, but has historically emerged within a number of industrial countries and cemented through elitist international organisations, ranging from the *masons* to the Bildenberg Conferences and the Trilateral Commission. However its development and hegemonic influence has been more notable since its internationalisation has become more prominent through the emergence of neoliberal economics. Thus, for those that subscribe to the logic of the transnational capitalist class, international hegemony is processed through the consensual relationship forged between the transnational elites and respective ‘national subordinate’ classes.

²⁷The transnational State, then, "is a particular constellation of classes forces and relations bound up with capitalist globalisation and the rise of a transnational capitalist class embodied in a diverse set of political institutions

De acordo com esse conceito de Estado Transnacional, os Estados seriam meros aparatos de transmissão para a difusão de aspectos do capitalismo global, uma vez que os espaços transnacionais globais suplantariam os espaços nacionais, num sistema global reduzido à luta entre Estados (MORTON, 2007). A partir disso, “[...] os Estados nacionais continuam importantes, mas eles se tornaram pontos de transmissão e executores locais do projeto da elite transnacional” (ROBINSON apud MORTON 2007, p. 142, tradução nossa).²⁸ Assim, “formas espaciais particulares de desenvolvimento desigual do capitalismo estão sendo superadas pela globalização dos mercados, do capital, e da gradual equalização das condições de acumulação que isso envolve” (ROBINSON apud MORTON 2007, p. 147, tradução nossa).²⁹

Entretanto, “[...] por trás dessa equalização gradual das condições de acumulação repousa a fraqueza principal no coração da tese do Estado transnacional” (MORTON, 2007, p. 147, tradução nossa)³⁰, na medida em que isso “negligencia as contradições do desenvolvimento desigual expressado por meio de variadas relações do capital em processos divergentes de formação estatal “(FOSTER-CARTER apud MORTON 2007, p. 147, tradução nossa)³¹.

Nesse contexto:

“[...]É também necessário levar em conta o fato de que as relações internacionais se entrelaçam com aquelas relações dos Estados nacionais, criando combinações novas, únicas e historicamente concretas[...]” (GRAMSCI apud JESSOP, p. 38, tradução nossa)³²

Além disso, a teoria do Estado transnacional afirma que a reestruturação das classes globais provocaria a proletarização das comunidades camponesas, o que significaria “a morte

²⁸National States remain important, but they become transmission belts and local executors of the transnational elite project”

²⁹Particular spatial form of the uneven development of capitalism is being overcome by the globalisation of capital and markets and the gradual equalisation of accumulation conditions this involves

³⁰Behind this view of the gradual equalisation of accumulation conditions lies the core weakness at the heart of the transnational state thesis.

³¹ [...]that overlooks the contradictions of uneven development expressed through the varied relations of capital in divergent state-formation processes.

³²[...]It is also necessary to take into account the fact that international relations intertwine with these internal relations of nation-states, creating new, unique and historically concrete combinations[...]

do campesinato” (HOBSBAWN apud MORTON, 2007). Por último, o modelo de desenvolvimento transnacional estaria, ainda, acabando com a acumulação primitiva do capital, na medida em que expropriações violentas da produção familiar, artesanal, camponesa e corporativa não ocorreriam mais, porquanto o capitalismo já teria atingido todas as partes do globo efetivamente.

Em decorrência do processo de supremacia, porém, embates entre forças sociais transnacionais e nacionais tornaram-se comuns. Uma vez que o capital nacional normalmente se opõe a uma economia global totalmente aberta, em decorrência da intensa competição internacional, ele utiliza sua influência para a instituição do protecionismo, seja ele nacional ou regional, a fim de impedir falências particulares ou até mesmo sistêmicas no contexto doméstico.

Esse embate, de maneira análoga, tem ocorrido entre trabalhadores de multinacionais – estáveis e defensores do neoliberalismo – e de companhias nacionais – não estáveis e a favor do protecionismo. Existe, atualmente, o “[...]fracionamento do capital e do trabalho em forças sociais transnacionais e nacionais díspares” (BIELER apud MORTON, 2007, p. 124, tradução nossa)³³.

Assim, padrões de acumulação distintos refletem diferenças na integração capitalista (ROBINSON apud MORTON, 2007), uma vez que essa articulação entre o internacional e os variados âmbitos nacionais estabelecem desenvolvimentos desiguais nos territórios atualmente afetados pelas forças neoliberais. A globalização e as forças transnacionais do capital e do trabalho não retraíram a importância do Estado, já que essas novas forças impulsionaram novas configurações de forças sociais e reestruturaram conseqüentemente diferentes formas de Estado (MORTON, 2007).

A dinâmica do capitalismo global, desse modo, não estabeleceu nem um Estatocentrismo nem a dominação total das estruturas transnacionais, pois as relações entre os territórios estatais, as estruturas econômicas e sociais amplas e a ordem geopolítica tornaram-se contextos indispensáveis a fim de compreender as singularidades das Revoluções Passivas.

³³ Fractionalisation of capital and labour into transnational and national social forces alike

“A teoria da Revolução Passiva captura essas dinâmicas e, ao mesmo tempo, destaca a relevância contínua do desenvolvimento desigual como uma concepção de divisões sociais na ordem mundial” (MORTON, 2007, p. 139, tradução nossa)³⁴.

Portanto, a teoria de Revolução Passiva aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, por intermédio da demonstração da importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON 2007).

Em decorrência disso, forças transnacionais modelam realmente o processo de formação dos Estados, entretanto a relevância das forças de classes nacionais não pode ser desprezada, uma vez que se deve analisar “[...] como o problema complexo aparece das relações das forças internas num país em questão, das relações de forças internacionais, e da posição geopolítica do país” (MORTON 2007, p. 149, tradução nossa).³⁵

Somado a isso, movimentos de contestação do campo existem em todo o mundo – por exemplo, o *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (EZLN), no México -, principalmente a fim de resistir às mudanças proporcionadas pelo capital transnacional. Por último, a acumulação primitiva de capital continua a existir nos países pós-coloniais e pós-soviéticos, com a substituição de propriedades construídas politicamente pela força econômica, a partir de conflitos de classes específicos e de um processo de desenvolvimento desigual e combinado: “muito dependeu, desse modo, em como o Estado foi constituído e por quem, e o que o Estado era e é capaz ou preparado para fazer em apoio do/ou em oposição ao processo de acumulação de capital (HARVEY apud MORTON, 2007, p. 152, tradução nossa)³⁶.

Nesse âmbito, o conceito de Acumulação por Despossessão (Acumulação por Desapossamento ou Espoliação também serão usados como sinônimos) (HARVEY, 2004) torna-se essencial para compreender os novos fenômenos que ocorrem globalmente, principalmente nos países pós-desintegração da URSS, como a Rússia e a Ucrânia. Esse

³⁴ The theory of passive revolution captures such dynamics whilst also highlighting the continued relevance of uneven development as a framing of social divisions in world order

³⁵ How the complex problem arises of the relation of internal forces in the country in question, of the relation of international forces, and of the country's geopolitical position

³⁶ Much has therefore depended on how the state has been constituted and by whom, and what the state was and is able or prepared to do in support of or in opposition to processes of capital accumulation

processo é um fenômeno que modificou de maneira profunda as relações de propriedade em diversos territórios, por intermédio de privatizações. Ele significou uma força pró-capitalista intensa, na medida em que houve a expansão da força de trabalho dispossada – proletarização da força de trabalho -, por meio da quebra das relações produtivas, tanto capitalistas - por exemplo, empresas estatais vendidas à iniciativa privada - ou não capitalistas – como a agricultura de subsistência, o que proporcionou uma verdadeira “criação destrutiva” (HARVEY, 2004).

Esse processo pode ser visto como uma exploração neocolonial da periferia do sistema mundial capitalista, que envolve o desapossamento do campesinato e a conversão deles em proletários sem terras, a privatização de serviços públicos e muitas outras atividades destrutivas. (HARVEY, 2004). Uma vez que lucros por alienação ou expropriação marcaram não apenas o alvorecer da era capitalista, mas toda sua história, Harvey chama esse processo de “*Accumulation by Dispossession*” ao invés de “Acumulação primitiva”. O desenvolvimento, a partir desse fenômeno, torna-se sinônimo de acumulação, somente.

Como consequência, a relação entre formação do Estado e Revolução Passiva fica patente, visto que, na Revolução Passiva do capital, o Estado torna-se central para o estabelecimento do capitalismo em um determinado território; quando a classe dominante, contudo, falha em perpetrar a hegemonia ou em criar um Estado Moderno, um Estado oligárquico é estabelecido como consequência:

“Isso significa que a regra universal do capital por intermédio de revoluções passivas – ou tentativas lideradas pelo Estado no desenvolvimento de *catch-up* – frequentemente resultaram em um “nascimento bastardo” de realizações notavelmente incompletas além da construção de um Estado moderno” (ANDERSON apud MORTON 2007, p. 152, tradução nossa)³⁷.

Não apenas Rússia e Ucrânia parecem ter instituído Estados Oligárquicos, mas quase todos os Estados pós-soviéticos, com exceção talvez às repúblicas bálticas.

³⁷ This means that the universal rule of capital through passive revolutions – or state-led attempts at developmental catch-up – often resulted in a ‘bastard birth’ of ‘strikingly incomplete’ achievements besides the construction of a modern state.

“Gramsci critica as especificidades de certos projetos de construção nacional, precisamente por causa das suas políticas não populares e não inclusivas. Em outros casos, ele é crítico da falta de tentativas de construções nacionais progressivas. E o ponto de sua análise é mostrar onde esse projeto é instrumentalizado em favor de um bloco histórico de uma minoria de grupos sociais dominantes que fomentam exploração e opressão, e quando mantém possibilidades para um maior movimento progressista capaz de desafiar tal exploração e opressão” (IVES e SHORT, p. 8, 2004, tradução nossa)³⁸.

A ascensão dessas minorias poderosas foi possível, contemporaneamente, por meio do processo de Acumulação por Desapossamento, principalmente no que concerne à ex-URSS, já nos primeiros anos de desintegração desse Estado. Com relação à Federação Russa e à Ucrânia, os novos grupos oligárquicos, que se configuram como uma burguesia não histórica, ligada principalmente aos recursos naturais, ascenderam nesses Estados, primordialmente na década de 1990. A partir disso, eles passaram a influenciar direta e indiretamente a política e a economia desses territórios, seja por métodos legais ou até mesmo por intermédio de atividades criminosas.

Na década de 1990, esses oligarcas passaram a controlar não apenas a economia e a política desses países, mas também o contexto ideológico, na medida em que adquiriram mídias em geral, como jornais e canais de televisão. Esses grupos tiveram primordialmente grande influência regional, prejudicando profundamente a autonomia das burocracias centralizadas em Moscou e em Kiev. Importante especificar que o termo oligarquia passou a especificar esses grupos dominantes, que obtiveram a posse das antigas empresas e dos grupos econômicos soviéticos, em ambos os países.

Entretanto, com relação à Ucrânia, um verdadeiro sistema de clãs foi formado, uma vez que o processo de Acumulação por Despossessão somente ganhou fôlego no fim da década de 1990, diferentemente do caso russo, no qual esse processo se deu no início dessa década. Portanto, durante a primeira década após a independência, as novas oligarquias ascendentes dependiam profundamente de suas bases territoriais e dos interesses setoriais

³⁸ Gramsci is critical of the specifics of certain ‘nation-building’ project precisely due to their non-popular and exclusionary policies. Elsewhere he is critical of the absence of attempts of progressive nation-building. And the point of his analysis is to show where this project is carried out in favour of a historical bloc of a minority of dominant social groups fostering exploitation and oppression, and when it hold possibilities for a more progressive movement capable of challenging such exploitation and oppression.

comuns nos quais operavam (por exemplo, o setor metalúrgico e de gás), na medida em que não possuíam individualmente força para operar completamente seus interesses. Desse modo, as relações entre essas oligarquias baseadas regionalmente e/ou setorialmente eram essenciais para a manutenção e expansão de suas influências locais para o contexto nacional. Porém, o impulso ao processo de Acumulação por Desapossamento nesse país modificou essa dinâmica:

No fim da presidência de Kuchma, a decomposição do sistema de clãs tornou-se mais e mais evidente. Em contrapartida, isso não significou que a influência oligárquica tenha diminuído. À medida que empresários, de maneira individual, ganhavam força, a necessidade de manter laços regionais foi diminuindo, ao mesmo tempo em que a necessidade de proteger os interesses individuais foi crescendo. O processo de desintegração dos clãs foi heterogêneo. O grupo Dnipropetrovsk rompeu-se mais rapidamente do que todos, enquanto o clã Donetsk continuou consolidado, embora desacordos também começaram a emergir dentro dele (MATUSZAK, 2012, p. 17, tradução nossa³⁹).

A partir disso, percebe-se que a ascensão oligárquica na Rússia e na Ucrânia possui algumas características singulares. Desse modo, para a nova classe burguesa não histórica da Rússia, o conceito de oligarquia será utilizado no desenvolvimento do trabalho; para a nova classe burguesa ucraniana, tanto o conceito de clãs como oligarquias serão utilizados para especificá-la, uma vez que, embora o sistema de clãs tenha perdido força na Ucrânia, ele ainda pode ser instrumentalizado em inúmeras situações. Por último, no que concerne a esse conceito de oligarquia, torna-se essencial aduzir que a influência oligárquica na Ucrânia é muito mais profunda do que na Rússia, o que será explicitado no desenvolvimento deste trabalho.

Em conclusão, a conexão entre o conceito de República Oligárquica e Revolução Passiva serão fundamentais para explicar os processos ocorridos nos países da ex-URSS, notavelmente Rússia e Ucrânia:

³⁹ At the end of Kuchma's presidency, the decomposition of the clan system was more and more evident. However, this did not mean that the oligarchs' influence had weakened. As individual businessmen were gaining strength, the need to maintain regional bonds was lessening, while the need to protect individual interests was growing. The process of the disintegration of the clans was uneven. The Dnipropetrovsk group broke up fastest of all, the Donetsk clan remained most consolidated, but disagreements also started to emerge inside it.

[A] revolução passiva torna-se o caminho histórico pelo qual um desenvolvimento nacional do capital pode ocorrer sem resolver ou superar aquelas contradições do capital. Ela representa não apenas o tipo de estratégia de classe empreendida para estabelecer e manter a expansão do Estado, mas também os caminhos pelos quais o capitalismo é forçado a se revolucionar, sempre quando a hegemonia é enfraquecida ou a formação social não pode lidar com a necessidade de expansão das forças de produção (PARTHA CHATTERJEE apud MORTON, 2007, p. 152, tradução nossa)⁴⁰

Desse modo, a fim de compreender o processo de Revolução Passiva, deve-se apreciar o processo de formação do Estado (Sistema hegemônico nas relações nacionais) e as condições geopolíticas (Sistemas hegemônicos na ordem mundial nas relações do Internacional e o desenvolvimento desigual no mundo).

“Uma teoria de Revolução Passiva é capaz de encapsular os processos de acumulação de capital moldando as formas estatais, que são incorporados na padronização geopolítica da ordem mundial” (ADAM apud MORTON, p. 150, tradução nossa)⁴¹.

Por último, torna-se importante discutir a respeito do conceito de desenvolvimento desigual, o qual está intrinsecamente conectado com o de Revolução Passiva. Padrões de acumulação distintos refletem diferenças na integração capitalista (MORTON, 2007), uma vez que essa articulação entre o internacional e os variados âmbitos nacionais estabelecem desenvolvimentos desiguais nos territórios, principalmente com a emergência do mercado autorregulável:

“A teoria da Revolução Passiva captura essas dinâmicas e, ao mesmo tempo, destaca a relevância contínua do desenvolvimento desigual como uma concepção de divisões sociais na ordem mundial” (MORTON, 2007, p. 139, tradução nossa)⁴².

O desenvolvimento desigual torna-se indispensável a fim de compreender como a Revolução Passiva tem impactos distintos dentro de um Estado plural, em decorrência de

⁴⁰Passive revolution becomes the historical path by which a “national” development of capital can occur without resolving or surmounting those contradictions’ of capital. It represents not only the type of class strategy undertaken in establishing and maintaining the expansion of the state but also the ways in which capitalism is forced to revolutionise itself whenever hegemony is weakened or a social formation cannot cope with the need to expand the forces of production

⁴¹ A theory of passive revolution is able to encapsulate the processes of capital accumulation shaping state forms that are embedded in the geopolitical patterning of world order

⁴² The theory of passive revolution captures such dynamics whilst also highlighting the continued relevance of uneven development as a framing of social divisions in world order

inúmeros processos díspares entre distintas regiões, como desenvolvimento histórico; configurações sociais, políticas e culturais; relações entre campo e cidade; e mentalidades e ideologias.

Portanto, a teoria de Revolução Passiva aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, por intermédio da demonstração da importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON 2007).

Em cada país o processo é diferente, ainda que o conteúdo seja o mesmo. E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dominante [...] (Assim) uma ‘crise de autoridade’ é falada: isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise geral do Estado (MORTON, 2007, p. 169, tradução nossa⁴³).

A partir desse conceito de Revolução Passiva e Desenvolvimento Desigual, poderemos compreender a especificidades da internalização do mercado autorregulável na Rússia e nas diferentes regiões da Ucrânia, uma vez que as singularidades desses países e dessas regiões influenciam diretamente no conflito atualmente existente no leste ucraniano

2.5 Sociedade civil e Sociedade ativa

Sociedade civil e Sociedade ativa são dois conceitos fundamentais estabelecidos respectivamente por Gramsci e Polanyi, que explicitam o espaço institucional específico no capitalismo entre a economia e o Estado, sendo um produto histórico do capitalismo europeu. Enquanto este autor se foca nas relações entre mercado e sociedade, aquele tem o foco nas relações entre o Estado e a sociedade. (BURAWOY, 2001)

A sociedade civil é o âmbito onde grupos de interesses buscam se articular, para obter determinados resultados políticos e estruturas institucionais que sejam capazes de impulsionar suas reivindicações. Ela pode ter características de fluidez, em decorrência da inexistência de grandes partidos políticos ideológicos, de grandes sindicatos (GRAMSCI, 1984) e de grandes

⁴³ In every country the process is different, although the content is the same. And the content is the crisis of the ruling class's hegemony [...] [Hence] a ‘crisis of authority’ is spoken of: this is precisely the crisis of hegemony, or general crisis of the state.

movimentos de massa coordenados. Desse modo, embora possam existir grupos sociais mobilizados, eles são subordinados, pouco autônomos e pouco organizados. Somada a essa fluidez, a falta de desenvolvimento de um aparelho estatal é propícia à forma jacobino-revolucionária de Guerra de Movimento, a qual não encontrará grande resistência da sociedade civil desmobilizada (GRAMSCI, 1984).

Em contrapartida, a expansão da hegemonia burguesa, nos Estados europeus, para inúmeros âmbitos da sociedade civil, como sindicatos, partidos políticos, mídia, educação, entre outros, tornou as associações civis mais complexas e com uma infraestrutura social de redes densas de relações que atravessam divisões sociais. A partir disso, a hegemonia burguesa fortificou-se de maneira mais intensa na sociedade civil (GRAMSCI, 1984). Esse poder capilar proporciona a difusão consensual de uma cultura e moral particular pela sociedade (organização da cultura) (MORTON, 2007), a fim de moldar formas intersubjetivas de consciência na sociedade civil.

A luta pela conquista hegemônica ocorre na sociedade civil, na medida em que um grupo político busca equilibrar interesses diversos presentes nessa sociedade, para entrelaçá-la à sociedade política (Estado), proporcionando a hegemonia desse grupo dominante (GRAMSCI, 1984).

A partir dessa nova complexidade da sociedade civil dos Estados europeus, a Guerra de Movimento torna-se dificultada no curto-prazo e principalmente no longo prazo, na medida em que a resistência a um projeto específico não hegemônico e ilegítimo será intensa na sociedade civil. A simbiose entre sociedade civil e a expansão do Estado interferiu na estratégia contra-hegemônica, a qual deveria se tornar uma Guerra de Posição nessas sociedades mais complexas, por meio, primeiramente, da conquista de partes da sociedade civil e, posteriormente, da tomada do aparato estatal (GRAMSCI, 1984).

A sociedade civil possui uma conexão contraditória com o Estado, uma vez que colabora com o Estado, impedindo movimentos de classe contestatórios, e tem autonomia para a promoção desses movimentos (BURAWOY, 2001). Assim, ainda que essa relação entre sociedade civil e Estado tenha proporcionado estabilidade ao capitalismo, contraditoriamente ela também possibilita a superação desse sistema.

De forma análoga, a sociedade ativa é o ambiente de tensão contraditória com o mercado, na medida em que este tende a penetrar e destruir a sociedade; esta, assim, reage para subordinar o mercado autorregulável, como reação à desumanização e aos efeitos devastadores provocados por ele (BURAWOY, 2001). O mercado autorregulável promove a subordinação da sociedade a esse mercado, sendo um projeto que promove uma grande intervenção do Estado para sua aplicação e manutenção:

De forma estrita, o liberalismo econômico é o princípio organizador de uma sociedade na qual a indústria se baseia na instituição de um mercado autorregulável. É verdade que, uma vez atingido um tal sistema, mesmo aproximadamente, é cada vez menos necessário um certo tipo de intervenção. Todavia, isto não quer dizer que sistema de mercado e intervenção são termos mutuamente exclusivos. Enquanto esse sistema não é estabelecido, os liberais econômicos apelarão, sem hesitar, para a intervenção do estado a fim de estabelecê-lo e, uma vez estabelecido, a fim de mantê-lo (POLANYI, 2000, p. 181).

A fim de estabelecer efetivamente uma sociedade de mercado, houve a commodificação do trabalho, da terra e do dinheiro. No que concerne ao trabalho, as formas orgânicas de existência foram substituídas por uma organização atomista e individualista, a partir da liquidação da sociedade orgânica primitiva, instaurando a necessidade do salário em decorrência da possibilidade de inanição. Assim, a empresa privada passou a controlar todo o âmbito trabalhista, inclusive com ameaças de desemprego em massa e criminalização das greves. Um dos contramovimentos importantes para humanizar este âmbito foi o aparecimento dos sindicatos (POLANYI, 2000).

Com relação à terra, Polanyi (2000) afirma que a transformação dela em mercadoria foi o empreendimento mais fantástico da história. A fim de obter esse resultado, minou-se o controle da terra por laços pré-capitalistas (Igreja, aristocracia), por meio da comercialização do solo (ex: Código Napoleônico tornou a terra um bem comercializável). No que concerne ao dinheiro, o padrão-ouro, que foi expandido juntamente com a hegemonia britânica, proporcionou a commodificação desse âmbito.

Nesse credo materialista, o lucro é o objetivo mais importante, portanto os fatores de produção devem estar à venda e disponíveis para quem quiser pagar. Os homens são transformados em massas pelo mercado, uma vez que, no entendimento economicista, as

consequências sociais não importam. Nessa verdadeira revolução dos ricos contra os pobres (POLANYI, 2000), a ordem social é perturbada, já que inúmeras conexões tradicionais da sociedade ativa são destruídas, como leis, costumes, culturas.

A maneira mais importante para que a sociedade ativa possa efetivamente resistir espontaneamente à pauperização proporcionada pelo mercado é a participação política da sociedade ativa.

2.6 Expansão do mercado e o duplo movimento

O mercado autorregulável teve origem na Inglaterra (origem local), a partir da Revolução Industrial e de sua evolução. Inicialmente, a produção industrial era apenas um acessório comercial, a fim de que fossem realizadas as compras e vendas de produtos; ao ganhar importância extrema para esse país, contudo, os riscos correspondentes às atividades deveriam ser evitados, na medida em que investimentos de longo prazo seriam necessários. Elementos industriais indispensáveis a essa produção deveriam estar disponíveis para a compra, portanto, o Reino Unido criou incentivos para transformar o trabalho (Poor Law, 1834⁴⁴), o dinheiro (Peel's Bank Law, 1844⁴⁵) e a terra (anti-corn Law, 1846⁴⁶) em mercadorias (SILVER e ARRIGHI, 2003).

A adoção de um livre comércio global tornou-se um cálculo importante para a hegemonia britânica (expansão global), uma vez que o Reino Unido, em decorrência de algumas características singulares, poderia internalizar ao máximo os benefícios e externalizar os custos. Primeiramente, esse Estado era o centro comercial do período, já que importava grande quantidade de produtos primários (1/3 das exportações do mundo tinham como destino

⁴⁴ As Poor Law foram leis instituídas na Inglaterra e em Gales para tratar do problema dos pobres. A Poor Law de 1834 transformou as leis anteriores, uma vez que passou a ser um sistema altamente centralizado, o que favoreceu a aplicação dessa lei.

⁴⁵ A Peel's Bank Law foi um ato que restringiu o poder dos bancos ingleses e proporcionou o aprofundamento da importância do Banco Central da Inglaterra, já que este passou a ter direitos exclusivos de emissão da libra esterlina.

⁴⁶ As Corn Laws protegiam os interesses dos grandes proprietários de terras, uma vez que houve o aumento dos impostos sobre o trigo importado foram estabelecidos para manter os preços altos, atendendo as demandas desses latifundiários.

o Reino Unido), o que criava condições para que os outros países tivessem métodos de pagamento para importar os manufaturados ingleses. Esse comércio, assim, tornou-se atrativo para outras partes do globo, impulsionando uma Divisão Internacional do Trabalho (o mundo exportava commodities para o Reino Unido e importava manufaturados) (SILVER e ARRIGHI, 2003).

Segundo, o Reino Unido era o principal centro financeiro do mundo. Por último, o império indiano sustentava o grande déficit na balança comercial inglesa, visto que as grandes reservas internacionais indianas, provenientes do grande superávit comercial com o resto do mundo, eram controladas pela Inglaterra. A partir disso, a hegemonia britânica espalhou-se por todo o globo, por intermédio da dominação efetivada pela supremacia britânica nos contextos militar, comercial e financeiro; e pela força ideológica da teoria de David Ricardo. As classes subalternas, durante o período de hegemonia britânica, tinham pouco poder para restringir o mercado, uma vez que não estavam efetivamente organizadas. Desse modo, enquanto o liberalismo foi imposto pelo Estado e, posteriormente, se expandiu pelo globo, os contramovimentos surgiram espontaneamente, embora, durante a *Pax Britannica*, eles não tivessem a possibilidade real de desafiar a hegemonia liberal britânica (SILVER e ARRIGHI, 2003). O credo liberal é contrário a essa lógica, na medida em que afirma que o *laissez-faire* surgiu espontaneamente, enquanto a legislação anti-*laissez faire* surgiu de maneira propositada (POLANYI, 2000).

Ainda que a *Haute Finance* tenha se intensificado durante a Grande Depressão de 1873-1896, em decorrência do aprofundamento da supremacia financeira inglesa e da expansão da *Pax Britannica*, circunstâncias geopolíticas e contradições profundas entre o livre-comércio e o padrão ouro (impossibilidade de aderir a ambos ao mesmo tempo), principalmente no período entre guerras, propiciaram o fim da hegemonia inglesa. O pós-Segunda Guerra Mundial proporcionou a *Belle Époque* da hegemonia norte-americana, que era baseada no desenvolvimentismo, na aliança capital-trabalho e no grande poder hegemônico. Esse processo mudaria, porém, nas décadas seguintes (SILVER e ARRIGHI, 2003).

A crise hegemônica dos EUA na década de 1970 e 1980 foi profunda. Primeiramente, o aumento da competitividade mundial, proporcionada pelo processo de *catch-up* de alguns Estados do centro capitalista (Alemanha e Japão, por exemplo), estabeleceu uma crise lucrativa nas indústrias estadunidenses. Somado a isso, as dificuldades de contenção do comunismo e dos nacionalismos (Revolução Iraniana de 1979, Guerra do Vietnã), o aumento do preço do petróleo e a invasão da URSS ao Afeganistão impulsionaram uma crise de legitimidade na liderança dos EUA (SILVER e ARRIGHI, 2003). A partir disso, mudanças drásticas ocorreram nas políticas desse país, principalmente no âmbito econômico, por meio da contração monetária, do aumento dos juros, da diminuição dos impostos para os mais ricos, da liberdade quase irrestrita para empresas capitalistas, da desvalorização do dólar, o que culminou na intensificação da competição por capitais (SILVER e ARRIGHI, 2003). Por meio dessas políticas, os EUA transformam-se num entreposto financeiro global, na medida em que se tornaram os maiores receptores de investimentos estrangeiros do mundo. Percebe-se que o movimento pró-mercado teve origem fundamentalmente nacional (EUA), o qual se expandiu posteriormente para o contexto global, a fim de beneficiar esse país (SILVER e ARRIGHI, 2003). Em decorrência das conseqüentes crises nas dívidas externas e nos balanços de pagamentos dos países do Terceiro Mundo, os EUA buscaram um consenso em torno da adoção por outros governos de políticas que facilitassem o fluxo financeiro global, com apoio do FMI e do Banco Mundial, o que beneficiaria profundamente o capital norte-americano.

A expansão desse mercado provocou mudanças em todas as partes do globo, num movimento universal sem paralelos na história da humanidade, já que essa expansão intensificou a transformação do homem e da natureza em puras mercadorias (POLANYI, 2000):

A disciplina do mercado tornou-se o regime econômico e político primordial sob o neoliberalismo nos anos 1980 e 1990, e aqui a tese de Polanyi sobre a grande transformação provou ser iluminadora (MUNCK, 2015, p. 02-03, tradução nossa⁴⁷).

⁴⁷ Market discipline became the primary economic and political regime under neoliberalism in the 1980s and 1990s, and here Polanyi's thesis of the great transformation has proven truly illuminating. [...] His analysis of the

Além disso, nesse mesmo contexto, de acordo com Rupert (2000, p. 132, tradução nossa), estabeleceu-se:

[...] um liberalismo de contornos duros, que se esforça para concentrar a violência das forças de mercado diretamente sobre os trabalhadores, por intermédio de políticas que enfatizam contração da política fiscal, contenção da inflação e flexibilização dos mercados de trabalho num contexto de rigorosa competição global.⁴⁸

Novamente, percebe-se que os EUA foram o principal articulador e beneficiário da imposição do neoliberalismo no mundo, assim como o Reino Unido também o foi durante a hegemonia liberal. De acordo com Cox (2004), o Império norte-americano tem como *modus operandi* a tentativa de controlar os Estados, por intermédio da estruturação do sistema econômico deles num vasto mercado de capitais, bens e serviços. Assim, por meio da generalização e universalização de uma ideologia de mercado, propagam-se os valores e justifica-se a expansão dele como benéfica para todo o mundo.

George Soros escreveu uma série de artigos e um livro, nos quais ele fez a afirmação notável de que mercados financeiros são intrinsecamente instáveis, e que o capitalismo do livre mercado constitui uma ameaça aos valores pluralistas e liberais. Soros atacou as premissas superficiais sobre a qual a teoria econômica é baseada, argumentando que mercados e especialmente mercados financeiros não operam com base em preferências individuais pré-concebidas, mas sim reflexivamente. Nesse contexto é que as preferências dos atores do Mercado são moldadas pelos próprios mercados nos quais eles participam, criando a possibilidade ciclos de autorreforço de altos e baixos. Soros denunciou o que ele chama de “ameaça capitalista”, que resulta da influência conjunta da instabilidade dos mercados mundiais, a erosão dos valores civis e a resistência para regular o interesse público, o que provem da ideologia do “fundamentalismo de Mercado” e da probabilidade de retrocesso político entre aqueles na “periferia”, mais dependentes e vulneráveis ao capital internacional. (RUPERT, 2000, p. 137, tradução nossa).⁴⁹

disastrous social impact of the unregulated market found full confirmation in the early adoption of neoliberalism under military regimes in Latin America from 1973 onward

⁴⁸[...]a hard-edged liberalism which strives to focus the violence of market forces directly upon working people through policies which emphasize public fiscal retrenchment, containment of inflation, and “flexible labor markets” in a context of rigorous global competition. It is in this context that a new populism is emerging to challenge the formerly hegemonic narratives of liberal peace and prosperity

⁴⁹ George Soros wrote a series of articles and a book in which he made the remarkable claim that financial markets are inherently unstable, and that free market capitalism constitutes a threat to liberal, pluralist values. Soros attacked the atomistic assumptions upon which economic theory is based, arguing that markets, and especially financial markets, operate not on the basis of pre-given individual preferences but rather “reflexively.” By this he meant that the preferences of market actors are shaped by the very markets in which

Diferentemente, contudo, dos fracos contramovimentos de resistência ao mercado da *Pax Britannica*, as forças de classes subordinadas vem constringindo o avanço neoliberal desde o início, ou seja, esses movimentos espontâneos desafiam efetivamente a *Pax Americana*.

O contramovimento social, no final do século XX, antecipou (ao invés de seguir, como no século XIX) o movimento em direção ao estabelecimento do mercado autorregulável, limitando assim sua ação e neutralizando com antecedência alguns dos seus aspectos mais potencialmente destrutivos (SILVER e ARRIGHI, 2003, p. 347, tradução nossa⁵⁰).

O contramovimento ao mercado (POLANYI, 2000) é estabelecido para a proteção de interesses locais e nacionais, uma vez que “trabalho, terra e dinheiro não são commodities obviamente [...] Trabalho é apenas outro nome para a atividade humana que ocorre com a própria vida [...] terra é apenas outro nome para natureza, a qual não é produzida pelo homem; o dinheiro, por fim, é apenas um símbolo de poder de compra” (MUNCK, 2015, p. 08, tradução nossa⁵¹).

Quando Polanyi distingue entre commodities reais e fictícias, ele está indo além do princípio moral pelo qual as pessoas e a natureza não deveriam ser tratadas como se pudessem ser compradas ou vendidas. O projeto de criação de uma economia totalmente autorregulável requer essa ficção, mas se ela é implementada completamente, então a sociedade e o meio-ambiente serão ambos destruídos (MUNCK, 2015, p. 08, tradução nossa⁵²).

they participate, creating the possibility of self-reinforcing cycles of boom and bust. Soros denounced what he calls “the capitalist threat” which results from conjoint influence of the instability of global markets, the erosion of civic values and resistance to regulation in the public interest which arise from the ideology of “market fundamentalism,” and the likelihood of political backlash among those in the “periphery” most dependent upon, and vulnerable to, international capital.

⁵⁰ The social countermovement in the late twentieth century anticipated (rather than followed, as in the nineteenth century) the movement toward self-regulating markets, thereby limiting its scope and neutralizing in advance some of its potentially most destructive aspects.

⁵¹ labor, land, and money are obviously not commodities... Labor is only another name for a human activity which goes with life itself... land is only another name for nature, which is not produced by man; actually money, finally, is merely a token of purchasing power.

⁵² When Polanyi distinguishes between real and fictitious commodities he is going beyond the moral principle that people or nature should not be treated as though they could be bought and sold. The project of creating a fully self-regulating market economy required this fiction, but if fully implemented then society and the environment would both be destroyed.

A partir disso, grupos/frações/classes subalternos locais e nacionais vêm constringindo desde o começo o avanço neoliberal, mais intensamente ou menos intensamente, o que se relaciona profundamente com o nível de reformas existentes (SILVER e ARRIGHI, 2003). A partir disso, esses contramovimentos locais e espontâneos podem atingir proporções nacionais e até mesmo mundiais.

Os contramovimentos de resistência existentes atualmente, contudo, possuem singularidades quando o comparamos com as forças tradicionais de mobilização contra o capitalismo. A industrialização e a expansão de indústrias de larga escala possibilitaram a criação de uma consciência de classe para o proletário (poder político), uma vez que a intensificação da concentração de trabalhadores explorados proporcionou o compartilhamento de identidades.

Além disso, essa expansão propiciou a organização do movimento (sindicatos) e a potencialidade constritiva por meio de ações grevistas (SILVA, 2012). A base para esse contramovimento, portanto, seria proveniente do contexto produtivo, condizendo com a teoria de Marx. Em decorrência disso, de acordo com Silva (2012), por quase um século as alianças entre proletário e partidos populistas e socialistas tiveram a capacidade de desafiar o capitalismo de livre-comércio, com diferentes graus de sucesso, já que existia força política subalterna para a implementação do contramovimento protetivo.

O neoliberalismo contemporâneo, entretanto, estabeleceu políticas intencionais para enfraquecer as organizações trabalhistas, como a desindustrialização, as privatizações, a desregulamentação e as reformas trabalhistas prejudiciais ao proletário:

[...] debilitou o local de trabalho como o foco no qual contramovimentos sociais efetivos se organizavam, conseqüentemente enfraquecendo um dos principais inimigos do capitalismo de livre-mercado (BURGESS e KURTZ apud SILVA, 2012, p. 01, tradução nossa⁵³).

A partir disso, o neoliberalismo proporcionou a fragmentação dos movimentos de resistência. As expectativas das classes dominantes, entretanto, não foram contempladas, na

⁵³ [...] debilitated the workplace as the locus from which to organize effective societal countermovement, thus drawing the teeth from one of free-market capitalism's principal historical enemies.

medida em que, embora tenha ocorrido o declínio do poder sindical, houve o aumento da força e da mobilização de outros movimentos contestatórios (SILVA, 2012).

Esse contramovimento torna-se possível a partir das intensas ameaças que o neoliberalismo propiciou às sociedades como um todo, em decorrência do aumento do desemprego, da deterioração das condições de trabalho, dos menores salários, da miséria, da alienação, do aumento dos custos de vida e das ameaças intensas à posse de terras camponesas. Desse modo, a commodificação do trabalho, da terra e do dinheiro é fonte poderosa a fim de impulsionar um contramovimento contra o mercado autorregulável (SILVA, 2012). É exatamente em decorrência dessa ameaça profunda que não apenas interesses de classes são atingidos pelo mercado autorregulável, mas sim o de toda sociedade:

Ainda que Polanyi reconheça a importância essencial dos interesses de classe nas mudanças sociais, ele recusa uma lógica de classe estrita: “Não existe mágica no interesse de classe que possa assegurar aos membros de uma classe o suporte dos membros de outras classes” [...] Isso é particularmente o caso em tempos de crise social – “aquelas fases críticas da história, quando a civilização se rompeu ou está passando por uma transformação” (MUNCK, 2015, p. 11, tradução nossa⁵⁴).

É em decorrência dessas características peculiares do contramovimento ao neoliberalismo que a teoria de Polanyi se torna ainda mais essencial para o entendimento a respeito da atual conjuntura local, nacional e global:

Polanyi não afirma que os trabalhadores e o contexto produtivo não são fontes relevantes de resistência à sociedade de mercado; pelo contrário, seu argumento aduz que talvez eles não sejam os mais significativos ou referências primárias, pois eles interagem com outras fontes. Desse modo, sua ênfase nas trocas propiciam um quadro mais flexível (SILVA, 2012, p. 06, tradução nossa)⁵⁵.

Percebe-se que Polanyi se foca na capacidade histórica da humanidade em subordinar a economia às relações sociais (circuitos de troca), a partir de um princípio alternativo de

⁵⁴ While Polanyi recognised the essential role played by class interests in social change, he refuses a narrow class logic: “There is no magic in class interest which would secure to members of one class the support of members of other classes [...] This is particularly the case in times of social crisis – “those critical phases of history, when a civilisation has broken down or is passing through a transformation”.

⁵⁵ Polanyi does not claim that workers and the point of production are not relevant sources of resistance to market society; instead, his argument implies that they may not be the most significant or primary referent as it interacts with other sources. Thus, his emphasis on exchange provides for a more flexible framework.

organização para as classes subalternas. As pessoas, assim, naturalmente resistem aos esforços reificantes, já que necessitam de estabilidade, reciprocidade, direitos, proteção, vida digna e cidadania. Portanto, o mercado, por ser instável, injusto e turbulento, estabelece uma potencial destruição da sociedade, o que tem, como consequência, movimentos de resistência locais, comunitários e territoriais.

A flexibilidade da teoria de Polanyi é determinante, a fim de perceber que o mercado autorregulável ameaça todos os grupos populares (fazendeiros, classe média, camponeses), e não apenas o proletário. A partir disso, existe menor ênfase nas identidades e nos interesses classistas, uma vez que conexões horizontais entre os movimentos de resistência tornam-se o foco. Essa flexibilização, contudo, impõe um grande desafio às articulações da esquerda que existe ao capitalismo, na medida em que a agenda torna-se extensa, o desafio de manter uma coalizão tão heterogênea aumenta, e a coordenação de ações se torna um desafio. Entre os novos movimentos sociais de resistência pelo mundo, destacam-se os étnicos (ex: indígenas), culturais, identitários, gênero, direitos humanos, cidadania e meio-ambiente (SILVA, 2012).

O contramovimento de resistência ao neoliberalismo busca reconciliar dois caminhos pretensamente opostos, que são a fragmentação dos movimentos sociais e as novas formas de resistência.

Declínio de formas de resistência associadas com um estágio de desenvolvimento capitalista e, conseqüentemente a (em algum nível defasada) emergência de outras associadas com o estágio mais recente do capitalismo (SILVA, 2012, p. 25, tradução nossa⁵⁶).

Essa ficção mercadológica neoliberal, portanto, introduziu intensas mazelas nas sociedades, aniquilando e mutilando modos de produção e de relações sociais historicamente construídas em diversos territórios, o que conseqüentemente proporcionou e proporciona contramovimentos de resistência a essa lógica de mercado (POLANYI, 2000).

A problemática de Polanyi propõe a possibilidade de que a história avança por meio de uma série de “duplos movimentos”. Desse modo, a expansão do mercado, por um lado, leva a um “grande mercado único”, que chamamos atualmente de globalização. Entretanto, assim como Polanyi afirmou no seu tempo e nós poderíamos concordar

⁵⁶ decline of forms of resistance associated with one stage of capitalist development and then the (somewhat lagged) emergence of others associated with the most recent stage of capitalism.

hoje, “simultaneamente um contramovimento estava em andamento”, o qual reagiu contra o deslocamento da sociedade e o ataque contra o próprio tecido da sociedade que o mercado autorregulável proporciona (MUNCK, 2015, p. 09, tradução nossa⁵⁷).

O direito de se proteger contra os males proporcionados pelo mercado deve ser garantido, desse modo, por meio do aumento das salvaguardas e do direito a não conformidade com o caos social e a destruição da essência humana (POLANYI, 2000).

2.7 Os Intelectuais, hegemonia, contra-hegemonia e Cesarismo/Bonapartismo

De acordo com Worth (2010), Gramsci afasta-se de concepções puramente Marxistas na sua teoria, uma vez que o economicismo determinista dá lugar a entendimentos mais abrangentes a respeito da construção hegemônica, porquanto ater-se somente à estrutura é perigoso nesse contexto analítico:

[...] “Hipóteses economicistas afirmam a existência de um elemento imediato de força.[...] Mas isso não é suficiente. Nesse caso, também, uma análise do balanço de forças – em todos os níveis – pode somente culminar na esfera da hegemonia e das relações étnico-políticas” (GRAMSCI apud WORTH, 2010, p. 20, tradução nossa).⁵⁸

Todos os indivíduos são intelectuais, uma vez que até mesmo em trabalhos totalmente mecânicos - “Gorila amestrado” (TAYLOR apud GRAMSCI, 1982) – existe algum tipo de atividade intelectual. Ainda que todos os homens sejam intelectuais, nem todos possuem a função de intelectual, visto que isso demanda um grande esforço - cerebral e muscular-nervoso (GRAMSCI, 1982). Os intelectuais estão conectados a classes particulares e atuam em diversos contextos – social, político e econômico – como verdadeiros organizadores de massas de homens e comissários da hegemonia, pois buscam o chamado consenso

⁵⁷ Polanyi’s problematic poses the possibility that history advances through a series of “double movements”. So market expansion, on the one hand, leads to the “one big market” we call globalisation today. Yet, as Polanyi argued in his day and we could argue today, “simultaneously a counter-movement was afoot” (Polanyi 2001, 136) that reacted against the dislocation of society and the attack on the very fabric of society that the self-regulating market led to.

⁵⁸ [...]The economist hypothesis asserts the existence of an immediate element of strength. [...]But this is not enough. In this case too, an analysis of the balance of forces – at all levels – can only culminate in the sphere of hegemony and ethico-political relations.

espontâneo, por intermédio da conquista ideológica das grandes massas e dos intelectuais tradicionais (GRAMSCI, 1982).

Primeiramente, os intelectuais tradicionais - eclesiásticos e filósofos idealistas, por exemplo – consideram-se classes autônomas, conquanto possuam intensa importância para as classes conservadoras, já que apoiam formas políticas prévias. Os intelectuais profissionais, por outro lado, possuem participação ativa nas diversas agendas e nos diversos âmbitos, uma vez que são persuadores permanentes que contestam hegemonias. Por fim, os intelectuais orgânicos têm funções variadas, com intensa conexão, por exemplo, com a formação da hegemonia, por meio da construção e manutenção da ordem; às vezes com conexão com alternativas contra-hegemônicas; outras vezes com função mediadora entre forças sociais, organizando consensos – por meio do prestígio de classe – e o aparato coercitivo estatal (GRAMSCI, 1984).

A configuração da hegemonia necessita da rápida conquista ideológica dos indivíduos e da criação de intelectuais orgânicos próprios, a fim de instituir o prestígio do grupo dominante, o que tem repercussões no mundo produtivo. A obtenção desse consenso espontâneo, juntamente com o alcance do aparato coercitivo estatal, constituem os dois âmbitos essenciais para a existência da hegemonia (BURAWOY, 2001).

A fim de se tornar hegemônico em sociedades complexas, as forças de classes devem primeiramente conquistar partes da sociedade civil, por meio da reorganização e expansão do Estado a partir de instituições específicas, que configuram o aparato estatal ideológico (associações, sindicatos, partidos, escolas, direito, educação, etc.). Num segundo momento, devem tomar o poder do Estado, instituindo a coerção potencial e a hegemonia política. Por último, a conquista da hegemonia social daria estabilidade e difundiria uma cultura e uma moral particular pela sociedade (GRAMSCI, 1984), numa verdadeira luta no contexto cultural da sociedade civil, penetrando e subvertendo mecanismos de difusão ideológica.

Dessa forma, “ninguém pode falar de poder estatal, mas apenas em camuflagem de poder, por meio da hegemonia na sociedade civil” (MORTON, 2007, p. 90, tradução nossa).⁵⁹ Além disso, “Hegemonia, no contexto da sociedade civil, é possibilitada quando os cidadãos

⁵⁹ One cannot speak of the power of the state but only of the camouflaging of power, through hegemony in civil society

passam a acreditar que a autoridade sobre suas vidas emana deles mesmos. Assim, a hegemonia é articulada por intermédio do poder capilar quando ele é transmitido organicamente por meio de várias pequenas conexões sociais” (MORTON 2007, p. 90, tradução nossa).⁶⁰

Devem-se evitar assim proposições puramente economicistas a respeito da hegemonia, na medida em que esse conceito é permeado por vastas questões culturais, econômicas e sociais, as quais influenciam diretamente a manutenção ou a contestação hegemônica:

Hall mantém o conceito Laclauiano de articulação e também reconhece que não existe relação ideológica fixa entre as classes vis-à-vis a produção. Apesar disso, ele rejeita a noção de que isso possa de alguma forma ser operacional sem uma estrutura de definição maior do materialismo econômico. Para Hall, a hegemonia é construída de uma forma mais frouxamente limitada, onde um conjunto múltiplo de agentes culturais, sociais e econômicos servem tanto para consolidar e contestar entendimentos de senso-comum sobre um terreno aberto, mas todos são, no entanto, configurados e influenciados, para usar a frase de Laclau, pelo "centro hegemônico. [...] Para Hall, relações hegemônicas e classes não são ordenadas ou estruturadas em direção a entendimentos que nem o Marxismo reducionista nem o o revisionismo Estrutural Francês ditam, mas são moldados apenas num primeiro momento pelo materialismo econômico. É num terreno mais aberto e complexo da sociedade civil e social que instituições, estruturas, culturas e ideologias são formadas e consolidadas. É também nesse esfera que a identidade é formada e a hegemonia é construída e consentida (HALL apud WORTH, 2010, p. 13, tradução nossa)⁶¹.

A contra-hegemonia ocorreria de duas maneiras distintas: a Guerra Frontal, por meio de uma luta de caráter revolucionário, principalmente por uma guerra civil; e a Guerra de

⁶⁰ Hegemony within the realm of civil society is then grasped when the citizenry come to believe that authority over their lives emanates from the self. Hegemony is therefore articulated through capillary power when it is transmitted organically through various "social infusoria", such as schools, street layout and names, architecture, the family, workplace, or church.

⁶¹ Hall maintains the Laclauian concept of articulation and also acknowledges that no fixed ideological relationship exists between classes *vis-à-vis* production. Despite this, he rejects the notion that these can in any way operate free of a larger defining structure of economic materialism. Instead for Hall, hegemony is constructed in a more loosely bounded manner where a multiple set of cultural, social and economic agents serve to both consolidate and contest avenues on common-sense upon an open terrain, but all are nevertheless shaped and influenced by, to use Laclau's phrase, the 'hegemonic centre'. [...] For Hall, hegemonic relationships and classes are not ordered or structured upon the lines that either reductionist Marxism or French Structural revisionism dictated, but are moulded only in the first instance by economic materialism. It is in the open and complex terrain of civil and social society which institutions, structures, cultures and ideologies are formed and consolidated. It is also within this sphere that identity is formed and hegemony is constructed and consented.

Posição, como já elucidada, seria a luta no contexto cultural da sociedade civil a fim de penetrar e subverter a difusão ideológica (GRAMSCI, 1982). No que concerne a esta, ela é prejudicada por tentativas de absorção e cooptação de elementos ativos opositoristas para remover divergências e estabelecer convergências entre forças sociais em contendas. A partir desses ajustes entre interesses de forças contra-hegemônicas, dá-se o que Gramsci denomina de Transformismo ou Revolução Passiva (MORTON, 2013).

Além disso, o entendimento de um processo contra-hegemônico passa pelas análises das “forças positivas” representadas pelas classes sociais subalternas, e não apenas se focando no grupo dominante (história negativa). Importante salientar, ainda, que a hegemonia e a contra-hegemonia podem se manifestar como um fenômeno internacional, por meio da expansão, em escala mundial, de um modo de produção particular.

Assim como, num certo sentido, a história de um Estado é a história de suas classes dominantes, então, numa escala mundial, a história é a história dos Estados hegemônicos. A história dos Estados subalternos é explicada pela história dos Estados hegemônicos (MORTON, 2007, p. 100, tradução nossa)⁶².

Somado a isso:

[...]hegemonia[...]ocorre não apenas em um Estado, entre as várias forças que a nação é composta, mas também no contexto internacional e em todo o mundo, entre complexas forças das civilizações nacionais e continentais (IVES e SHORT, p. 8, 2004, tradução nossa)⁶³.

O termo “bonapartismo” foi utilizado por Marx (1974), a fim de conceituar o tipo de regime instituído na França por meio do golpe de Estado dado por Luís Bonaparte, em 1851. Em termos gerais, o bonapartismo seria um tipo de regime no qual o Estado se eleva por cima dos conflitos entre as classes sociais, para que a paz e a ordem social sejam asseguradas, uma vez que nenhuma das classes em contenda tem força suficiente para tomar o poder estatal. A partir disso, normalmente a burocracia estatal e/ou as forças armadas assumem a direção

⁶² Just as, in a certain sense, in a given state history is the history of the ruling classes, so, on a world scale, history is the history of the hegemonic states. The history of the subaltern states is explained by the history of hegemonic states.

⁶³ [...]hegemony[...]occurs not only within a nation, between the various forces of which the nation is composed, but in the international and world-wide field, between complexes of national and continental civilisations.

direta da nação, enquanto a burguesia abdica dessa função, a fim de assegurar a propriedade dos meios de produção e os interesses dos grandes grupos capitalistas, muitas vezes cerceando as liberdades democráticas:

Logo que a luta entre dois campos sociais – os possuidores e os proletários, os exploradores e os explorados – atinge a mais alta tensão, estabelecem-se as condições para a dominação da burocracia, da polícia e dos militares. O governo torna-se “independente” da sociedade. Lembremo-nos mais uma vez o seguinte: se espetarmos, simetricamente, dois garfos numa rolha, esta pode ficar de pé, mesmo sobre uma cabeça de alfinete. É precisamente o esquema do bonapartismo. Naturalmente, um tal governo não deixa de ser, por isso, o caixeiro dos possuidores. Mas o caixeiro está sentado sobre as costas do patrão, machuca-lhe a nuca e não faz cerimônias para esfregar-lhe, se for necessário, a bota na cara (TROTSKY, 2011, p. 278).

Uma vez que muitas vezes o governo atua de maneira mais ou menos independente das classes dominantes burguesas, ele pode inclusive agir contra a vontade delas. Isso ocorre porque o regime bonapartista busca, em várias situações, manter sua base de apoio nos setores subalternos, assim, esses governos se mantêm no poder mesmo que a classe dominante burguesa se sinta contrariada por eles. Porém, a paz social prometida por esse tipo de regime tem como premissa a manutenção das condições de exploração, a fim de manter a burguesia no poder. Além disso, ainda que também proporcione políticas importantes para as classes subalternas, essas ações visam impedir que essas classes busquem projetos revolucionários autônomos.

De maneira análoga ao conceito de bonapartismo que Trotsky desenvolveu a partir de Marx, o conceito de “cesarismo” de Antônio Gramsci (1984) reflete a respeito do fenômeno da elevação do aparato estatal à função de árbitro das disputas entre classes sociais. As ocorrências históricas desse tipo de regime são possíveis em situações em que antagonistas estão em equilíbrio, o que pode levar à destruição mútua das classes em conflito e à desagregação da sociedade. Desenvolvendo, entretanto, o conceito trotskista, Gramsci diz que essa solução arbitral pode possuir algumas variações, já que podem se configurar como cesarismo reacionário ou progressista. No que concerne a este, a solução arbitral representa o triunfo das forças progressistas, embora compromissos com as forças conservadoras sejam

estabelecidos. Assim, existe a mudança do tipo de Estado e uma transformação completa na sociedade e na burocracia estatal (criador original).

Diferentemente disso, com relação à solução reacionária, existe um triunfo dos reacionários, mas com compromisso com as forças progressistas. Desse modo, não há a mudança do tipo de Estado, mas apenas a evolução do próprio Estado (não criador original). César e Napoleão I seriam exemplos de cesarismo progressista, enquanto Napoleão III e Bismarck de cesarismo reacionário. A fim de compreender se determinada solução arbitral é reacionária ou progressista, a relação dialética revolução-restauração torna-se primordial, já que no cesarismo reacionário o elemento revolução predomina, enquanto no cesarismo progressista o elemento restauração é primordial.

Por último, Gramsci (1984) ainda aduz que existe a possibilidade da existência do cesarismo sem César, ou seja, a solução arbitral não seria centralizada, mas difusa, por meio de governos de coalizão. Ainda de acordo com esse autor, isso se tornou possível graças à evolução do Estado moderno, os meios financeiros tornaram-se extremamente poderosos, o que possibilita o controle da situação por meio deles, e não necessariamente pelo elemento militar. Desse modo, alguns partidos políticos hegemônicos e outros organismos estabelecem um poder de polícia política, impulsionando o não uso de aparatos militares para os papéis de árbitros. Portanto, independentemente do tipo de cesarismo, a figura do árbitro conseguiria despertar e organizar a vontade coletiva de um determinado bloco histórico.

No que concerne ao uso de cesarismo e bonapartismo, Gramsci, em alguns momentos, utiliza esses conceitos como sinônimos. Entretanto, Marx anteriormente havia alertado para o uso indiscriminado do termo cesarismo, na medida em que ele não conseguiria abarcar os fenômenos políticos do Estado moderno capitalista.

Finalmente espero que o meu trabalho [O 18 brumário de Luís Bonaparte] possa contribuir para afastar o termo ora em voga, principalmente na Alemanha, do chamado cesarismo. Nesta analogia histórica superficial esquece-se o mais importante, ou seja, que na antiga Roma a luta de classes desenvolveu-se apenas no seio de uma minoria privilegiada entre os cidadãos livres e os pobres cidadãos livres, enquanto a grande massa produtora, os escravos, formava o pedestal puramente passivo para esses combatentes. Esquece-se a significativa frase de Sismondi: 'O proletariado romano vivia às expensas da sociedade, enquanto a sociedade moderna vive às expensas do proletariado'. Com uma diferença tão cabal entre as condições

materiais e econômicas das lutas de classe antigas e modernas, as formas políticas produzidas por elas não de ter tanta semelhança entre si como o Arcebispo de Canterbury e o Pontífice Samuel (MARX, 1974, p. 09).

Embora Marx seja assertivo ao afirmar esse equívoco na equiparação entre cesarismo e bonapartismo, para fins deste trabalho, os termos serão utilizados de maneira intercambiável, semelhantemente ao que fez Gramsci nas suas obras a respeito dessa temática.

Dialeticamente, a estabilização da estrutura e a emergência de uma força bonapartista possibilitariam reformas intelectuais e morais, expandindo a influência ideológica do Estado e auxiliando na estabilização da superestrutura, na medida em que isso seria necessário para colocar fim ao caos existente em determinados períodos históricos. Percebe-se que o conceito de Losurdo visa o entendimento de novos tipos e maneiras de manifestação da solução arbitral na atualidade, assim como fez Gramsci com relação ao conceito trotskista de bonapartismo. Portanto, conquanto possuam nuances que os diferenciam, a essência do cesarismo e do bonapartismo é semelhante, o que potencialmente permite o intercâmbio desses conceitos.

Com isso, cesarismo e bonapartismo serão utilizados como sinônimos nesta dissertação. Porém, quando especificidades nas análises requererem maior precisão, os termos complementares - reacionário, progressista - serão empregados em complemento àqueles conceitos.

2.8 Bloco Histórico, Centralismo Burocrático e Supremacia

O bloco histórico configura-se por meio de relações recíprocas dialéticas entre estrutura – fatores econômicos - e superestrutura – fatores socioculturais, no contexto nacional. (MORTON, 2007). Além disso, “o conjunto complexo, contraditório e discordante da superestrutura é o reflexo das relações sociais de produção”. (MORTON, 2007, p. 96, tradução nossa)⁶⁴. Torna-se fundamental afirmar que a superestrutura tem certa autonomia com relação à estrutura, já que é no nível ideológico que os homens tornam-se conscientes do mundo econômico; as ideias, assim, proporcionam uma sociedade intensamente compacta,

⁶⁴ The complex, contradictory and discordant ensemble of the superstructure is the reflection of the social relations of production.

fazendo com que “crenças populares” tenham a mesma energia que forças materiais. (MORTON, 2007):

É possível compreender teoricamente como relações sociais regressivas ou exploratórias de produção talvez persistam por causa de ideologias apoiadoras. (MORTON, 2007, p. 96, tradução nossa).⁶⁵

A hegemonia e o bloco histórico tem um relacionamento constantemente construído e contestado, na medida em que as alianças de forças entre as classes sociais não são estáticas. A partir do momento que a hegemonia é estabelecida por um grupo social na sociedade civil, pode-se aduzir que o bloco histórico desenvolveu-se por completo (MORTON, 2007).

Entretanto, a hegemonia e o bloco histórico de um partido hegemônico, por exemplo, podem ser desconstruídos por meio de um verdadeiro centralismo burocrático (GRAMSCI, 1984). Isso ocorre, basicamente, a partir da tentativa desse hegemônio de comprimir qualquer força progressista que surja e que possa propor a mudança do *status quo*. Nesse sentido, o partido passa a não permitir essas forças, a fim de evitar que privilégios individuais dos grupos tradicionais fossem atacados. A partir disso, na medida em que as mudanças fazem parte da história, o grupo dirigente torna-se cada vez mais saturado, com característica anti-histórica, se tornando, com o passar do tempo, apenas um órgão de polícia.

Com relação à ordem mundial pós-anos 1970, ela foi possível a partir da substituição do modelo de acumulação fordista (produção e consumo em massa) e do corporativismo tripartite (governo, negócios e trabalho), pelas chamadas Transnacionalização da Produção e Internacionalização do Estado (GILL apud MORTON, 2007) – este conceito será problematizado posteriormente -, as quais proporcionaram impulso à globalização. Com relação àquela, corporações transnacionais começaram a verdadeiramente espalhar a produção pelo globo, na tentativa de diminuir os custos dela.

Entretanto, [...] “somente correntes de produção intensivas em trabalho com baixos níveis de valor agregado foram movidas para o exterior; controle pelas companhias transnacionais do Ocidente sobre processos de alto valor agregado, enquanto isso, foi

⁶⁵ Possible to theoretically understand how regressive or exploitative social relations of production may still persist because of supportive ideologies.

intensificado. Entre os resultados incluem-se um aumento na exploração do trabalho nos contextos externos e domésticos”. (DZARASOV, 2014, p. 7, tradução nossa)⁶⁶. Com isso, verdadeiras classes administrativas transnacionais deram impulso à internacionalização da produção e das finanças, instituindo uma estrutura classista global – elite transnacional.

Houve uma ascensão na estrutura de poder do capital transnacional apoiado e promovido por diversas formas de interação entre elites que forjaram perspectivas comuns, ou uma “uniformidade servil” entre negócios, oficiais estatais e representantes das organizações internacionais, favorecendo a lógica das relações de mercado capitalistas (COX; GILL e LAW apud MORTON. p. 124, tradução nossa).⁶⁷

Essa síntese de interesses e identidades para além do território e das classes nacionais criou condições para a supremacia do capital internacional (GILL apud MORTON, 2007). A supremacia seria a possibilidade de coerção econômica e o uso potencial de violência organizada como meio de intimidação e fragmentação da oposição.

A supremacia prevalece quando uma situação de hegemonia não é aparente e quando dominação é exercida por meio de um bloco histórico sobre oposição dividida (GILL apud MORTON, 2007, p. 124, tradução nossa).⁶⁸

Na atual ordem mundial, a supremacia seria organizada por meio de um novo “constitucionalismo neoliberal disciplinador” (GILL apud MORTON 2007), que teria como objetivos principais diminuir a base social de participação popular e esvaziar a democracia. O neoliberalismo, desse modo, seria o único modelo de desenvolvimento para alcançar eficiência, disciplina, confiança e competitividade no mercado internacional.

“A supremacia de um grupo social se manifesta de duas formas: como “dominação” e como “liderança intelectual e moral”. Enquanto aquela envolve subjulgação pela força, esta envolve a liderança de grupos aliados. Mudanças ou variações em

⁶⁶ [...] it was only labour-intensive chains of production with low levels of value added that were moved abroad; control by western TNCs over high value-adding processes was meanwhile strengthened. The results have included an increase in the exploitation of labour in both foreign and domestic settings.

⁶⁷ There has been a rise in the structural power of transnational capital supported and promoted by forms of elite interaction that have forged common perspectives, or an "emulative uniformity", between business, state officials, and representatives of international organisations, favouring the logic of capitalist market relations

⁶⁸ Supremacy prevails when a situation of hegemony is not apparent and when dominance is exercised through a historical bloc over split opposition.

hegemonias, dessa forma, caracterizam condições de supremacia, a qual talvez revele os limites de organizar o balanço entre consentimento passivo e ativo relativos à coerção na ordem mundial” (GRAMSCI apud MORTON 2007, p. 127, tradução nossa)⁶⁹.

Esse espalhamento da civilização de mercado, além disso, seria a segunda base pela qual a supremacia seria estabelecida, por intermédio da ideologia do progresso capitalista e da imposição de padrões de hierarquia e de exclusão das relações sociais. (GILL apud MORTON, 2007).

⁶⁹ The supremacy of a social group manifests itself in two ways, as “domination” and as “intellectual and moral leadership”. Where the former strain of supremacy involves subjugation by force, the latter involves leading allied groups. Shifts or variations in hegemony therefore characterise conditions of supremacy, which may reveal the limits of organising the balance between passive and active consent relative to coercion within world order

3. Ordem Mundial neoliberal e Revolução Passiva russa

Neste capítulo procurarei estabelecer, primeiramente, as razões estruturais e conjunturais para o fim da hegemonia socialista soviética e sua conseqüente desintegração. Na medida em que, para compreensão do conflito russo-ucraniano, a análise histórica é indispensável, o lapso temporal que este trabalho aborda compreende o período pós-desintegração da URSS até aproximadamente o ano de 2016. A fim de compreender a ascensão de Vladimir Putin ao poder e a recuperação das capacidades materiais, das ideias e hábitos, e da institucionalização da Federação Russa, existe a necessidade intrínseca de entender a profunda perda desses três âmbitos russos após o fim da URSS e a influência dialética dessas mudanças nos níveis de relações sociais, tipo de Estado e ordem mundial.

Nesse sentido, faz-se importante demonstrar a influência da expansão do neoliberalismo e a adoção de suas premissas no contexto interno da Federação Russa, a fim de entender as singularidades da revolução passiva ocorrida nesse país, o que será fundamental para a compreensão da influência de Moscou na guerra civil ucraniana. O capítulo está organizado da seguinte forma: primeiramente, uma descrição das razões para a queda da URSS; segundo, um olhar mais minucioso a respeito da expansão do neoliberalismo na Rússia e suas causas e conseqüências singulares; por último, detalha-se a ascensão e consolidação de Vladimir Putin ao poder, além da recuperação das capacidades materiais de Moscou.

3.1. Dialética entre o caos soviético e a supremacia do capital internacional

A quebra do bloco histórico soviético foi um processo paulatino, que se intensificou primeiramente, a partir de problemas domésticos (estruturais e conjunturais). Deve-se elucidar, portanto, que a superestrutura soviética não começou a declinar somente no período do governo de Mikhail Gorbachev⁷⁰, mas apenas se intensificou profundamente. Um das mais importantes causas para essa amenização da força do consentimento da ideologia soviética foi

⁷⁰ Mikhail Gorbachev foi o último líder da URSS.

o profundo centralismo burocrático do Partido Comunista da URSS, na medida em que, desde o tempo de Stálin, houve a tentativa de comprimir qualquer força progressista que surgia nesse partido e que pudesse propor a mudança do *status quo*. Nesse sentido, o partido passou a não permitir essas forças, a fim de evitar que privilégios individuais dos grupos tradicionais acabassem. A partir disso, na medida em que as mudanças fazem parte da história, o grupo dirigente tornou-se cada vez mais saturado, com característica anti-histórica. Em decorrência disso, com o passar do tempo, o partido transformou-se num mero órgão de polícia. Portanto, o Partido Comunista da URSS perdia cada vez mais legitimidade perante às massas, o que provocou sua derrocada final durante o governo Gorbachev. Somado a isso, mudanças do contexto internacional, por meio da supremacia do capital internacional e a consequente ascensão do constitucionalismo neoliberal disciplinador desagregador de relações sociais também foram essenciais para a quebra da hegemonia soviética.

Assim, primeiramente, a intensificação do colapso da queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) pode ser compreendida a partir das reformas estabelecidas pela administração de Gorbachev, por intermédio da *Glasnost* e da *Perestroika*⁷¹, que ao tentar atribuir maior legitimidade ao regime político soviético, acabaram suprimindo os principais mecanismos de controle desse Estado, o que proporcionou a retirada da base de apoio restante desse governo. No que concerne à *Perestroika*:

O fracassado programa de Gorbachev (conhecido como *Perestroika*) previa a adoção gradual e controlada de mecanismos de mercado, visando à substituição dos métodos de regulação administrativos por mecanismos econômicos. O programa buscava a descentralização da tomada de decisão, a observância do princípio do autofinanciamento e a utilização crescente do mercado como mecanismo de alocação de recursos e de regulação das relações contratuais entre as empresas [...] as reformas de Gorbachev tiveram, contudo, o efeito de alterar o equilíbrio do sistema político-social. A posição política ocupada pelos indivíduos foi perdendo espaço enquanto mecanismo de acesso a vantagens materiais. Em sua substituição, as pessoas passaram a buscar, crescentemente, **apropriar-se privadamente dos bens coletivos** (ALVES, 2011, p. 191, grifo nosso).

Desse modo, percebe-se que, embora as reformas estabelecidas pela *Perestroika* não fossem neoliberais num sentido estrito, elas foram importantes para debilitar a estrutura e a

⁷¹*Perestroika* foi, em conjunto com a *Glasnost*, uma das políticas introduzidas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas por Mikhail Gorbachev, em 1985.

superestrutura socialista na URSS, o que teve importantes efeitos para sua posterior derrocada.

Com relação à *Glasnost*:

Em 1988, na Organização das Nações Unidas (ONU), Gorbachev anunciou uma redução unilateral das forças soviéticas e, simultaneamente, acelerou a abertura política de forma a ampliar os aliados ao seu processo de reforma, isolando os militares “conservadores”. Começava, a partir disto de fato, a *Glasnost*, uma estratégia política voltada a ampliar apoio na sociedade soviética, sobretudo entre os intelectuais, aos esforços do governo a favor da desmilitarização (redução das armas nucleares, redução das forças armadas e retirada das tropas da Europa) e **diminuição do peso econômico e da importância política do complexo industrial-militar** (MEDEIROS, 2011, p. 23, grifo nosso).

Essa revisão da doutrina militar, conseqüentemente, “[...] teve um imenso impacto sobre o ministério da Defesa e a elite do Exército Vermelho. Este último era o principal elemento de coesão das nacionalidades e dos grupos étnicos. O declínio do poder do Exército foi, assim, o estopim para o separatismo” (MEDEIROS, 2011, p. 23).

Ainda que a intenção desse líder soviético fosse apenas reformar a estrutura soviética sem destruir a superestrutura, as reformas pretendidas por ele atingiram pontos centrais do aparato estatal da URSS, principalmente no que concerne à coesão histórica das nacionalidades e a centralização econômica baseada no Estado. A *Glasnost* e a *Perestroika*, além disso, prejudicaram a própria ideologia dos intelectuais soviéticos, embora houvesse divergências dentro do próprio Partido Comunista da URSS a respeito da necessidade de mudanças, a fim de impulsionar a estabilização da estrutura.

Além disso, de acordo com Mau (2002b), o abandono dos rígidos controles de preços no atacado e a imposição de preços de varejo rígidos pelas reformas da *Perestroika* provocaram uma redução de impostos por volume e aumentaram os gastos com subsídios, prejudicando, assim, a arrecadação e o orçamento da já combalida economia soviética. Ainda de acordo com esse autor, o sistema tributário também prejudicava a manutenção do *status quo*, já que a grande vinculação entre receitas tributárias e PIB instituíam crises autorreforçáveis, porquanto crises econômicas que diminuíssem o PIB diminuiriam a arrecadação tributária, e vice-versa; a grande taxação das corporações, somado a isso, prejudicava os principais atores produtivos da URSS.

A queda nos preços das commodities – petróleo e gás natural – durante o período Gorbachev, a campanha antiálcool promovida por esse governo, a invasão do Afeganistão em 1979 e os cataclismas naturais (o acidente de Chernobyl⁷² e o terremoto de Spitak⁷³) prejudicaram ainda mais o já frágil orçamento soviético. Ainda de acordo com Mau (2002b), as políticas econômicas abortadas precocemente, como aquela de uma nova industrialização baseada em impulsos de altas tecnologias, e as reformas econômicas feitas apenas parcialmente aceleraram a dissolução do regime em agosto de 1991:

Medo, falha em compreender a escala dos desafios e a falta de habilidade para ver a necessidade de transformações sistêmicas por trás dos problemas concretos de excedentes monetários, escassez de bens e um orçamento desintegrando (MAU, 2002b, tradução nossa)⁷⁴.

Apesar da necessidade de algumas reformas, tendo em vista que o orçamento soviético estava extremamente debilitado, o governo Gorbachev destruiu o que restava da superestrutura e do consenso espontâneo das massas. A conquista ideológica das grandes massas ocorrida durante e após o processo da Revolução de 1917 desmoronava aos poucos, também pela intensa burocratização do aparato estatal soviético. Uma vez que não houve uma renovação ou até mesmo reafirmação ideológica profunda do aparato estatal soviético sobre as massas, o Estado perdeu sua base de sustentação com as reformas pró-mercado, mantendo-se até certo momento mais por intermédio da coerção potencial do que pelo consenso espontâneo.

A hegemonia social socialista enfraqueceu-se, em decorrência da debilidade da estrutura e da superestrutura soviética, o que propiciou posteriormente o colapso da hegemonia do Partido Comunista da União Soviética e a quebra do bloco histórico

⁷² O desastre de Chernobyl foi um acidente nuclear catastrófico que ocorreu em 26 de abril de 1986 na central elétrica da Usina Nuclear de Chernobyl (então na República Socialista Soviética Ucraniana), que estava sob a jurisdição direta das autoridades centrais da União Soviética. Uma explosão e um incêndio lançaram grandes quantidades de partículas radioativas na atmosfera, que se espalhou por boa parte da União Soviética e da Europa ocidental.

⁷³ O sismo de Spitak, foi um tremor com magnitude de 7.2, que ocorreu em 7 de dezembro de 1988, na região armênia de Spitak, então parte da União Soviética.

⁷⁴ Fear, Failure to comprehend the scale of the challenges and inability to see the need for systemic transformation behind the concrete problems of monetary overhang, goods shortages and a disintegrating budget-provided

revolucionário de 1917. Apesar da debilidade da sociedade civil russa, as reformas de Gorbachev e as debilidades da URSS propiciaram profunda mobilização dessa sociedade. Essa fraqueza, porém, reafirmou-se novamente, a partir da quebra do bloco histórico soviético, uma vez que houve rápida desmobilização posterior, o que foi um dos fatores que possibilitou a ascensão oligárquica e o controle dos acontecimentos russos por essa elite.

Além dessas dificuldades conjunturais e estruturais, a supremacia do capital internacional e sua expansão para a ex-URSS foram fatores de extrema relevância para a quebra do bloco histórico soviético, visto que proporcionava uma alternativa potencialmente viável tanto para o vácuo econômico da economia planificada (economia de mercado) como da ideologia socialista (constitucionalismo de mercado). Assim, o estabelecimento da revolução passiva do capital na Rússia e suas consequências, principalmente no período Boris Yeltsin (1991-1999), tornam-se os principais objetivos para o desenvolvimento deste capítulo a partir de agora.

A emergência do neoliberalismo, no sistema internacional, juntamente com todos os problemas durante a transição econômica e política influenciaram intensamente o período pós-Guerra Fria da Rússia. Além do caos político e socioeconômico, a Federação Russa viu-se prejudicada no contexto da hegemonia social, na medida em que “(...) não houve geração de filósofos russos liberais, preparando a mente das pessoas para o capitalismo e a livre iniciativa.” (GUSTAFSON, 2003, pg. 18, tradução nossa)⁷⁵, diferentemente do ocorrido na Revolução Russa, porquanto não houve uma base teórica e ideológica autônoma russa na proposição do processo a ser seguido com o fim da URSS, nem mesmo uma classe média forte para influenciar nos acontecimentos políticos.

A Rússia, após 85 anos da Revolução Bolchevique, esteve imersa, novamente, em uma profunda “revolução”, que teve características muito diversas daquela ocorrida em 1917. Essa revolução é parcialmente política e também, socioeconômica.

Portanto, a fraqueza da estrutura e da superestrutura soviética abriu um “vácuo” econômico e ideológico, que foi preenchido posteriormente, principalmente após a chegada de Boris Yeltsin ao poder, pela Revolução de Mercado.

⁷⁵ There had been no generation of Russian liberal *philosophers*, preparing people's minds for capitalism and free enterprise

[...] novas ideias proporcionaram uma oportunidade para as transferências das propriedades estatais para as mãos privadas, o que já estava acontecendo espontaneamente com o colapso do poder soviético. Os governos do Ocidente, as instituições financeiras internacionais e as empresas de notas internacionais estavam confiantes a respeito do que os russos necessitavam fazer[...] liberar os preços, estabilizar a moeda, criar um novo sistema de impostos, privatizar e reestruturas companhias, e proteger os contratos e direitos de propriedade (GUSTAFSON, 2003, pg. 13)

No que concerne ao contexto econômico, a mudança de uma economia centralizada para uma economia de mercado teve como base a nova economia global do pós-Guerra Fria (Consenso de Washington⁷⁶), que era entendida como o paradigma essencial para essa transição, por meio do qual se alcançaria o efetivo desenvolvimento da nova Federação Russa (GUSTAFSON, 2003).

Gustafson (2003) afirma que a elite russa pensava que a destruição da Velha Ordem – socialismo soviético, primazia política do Estado, alocação econômica ineficaz e distorção dos preços - seria o primeiro passo; os mercados, além disso, deveriam ser regidos pela lei da oferta e da demanda e pela diminuição da influência política na obtenção de produtos. A partir disso, esse autor diz que o governo da Federação Russa aplicou os preceitos neoliberais: primeiramente, a liberalização de preços, depois, as privatizações e, finalmente, a estabilização macroeconômica. Na primeira metade dos anos de 1990 foi desmantelado o que restou da economia planificada e, posteriormente, na segunda metade, a agenda mudou para a reconstrução do Estado na economia de mercado.

O desenvolvimento efetivo, contudo, não ocorreu em nenhum momento, na medida em que não houve aumento significativo dos investimentos nem tampouco crescimento; a economia de mercado proporcionou, na verdade, enorme corrupção, inequidade e sofrimento da população russa (GUSTAFSON, 2003).

No que concerne à superestrutura, a ortodoxia do mercado preencheria o vazio ideológico deixado pela queda do regime baseado no Marxismo-leninismo, a qual apontava

⁷⁶ Consenso de Washington é uma conjugação de grandes medidas - que se compõe de dez regras básicas - formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas num texto do economista John Williamson, do *International Institute for Economy*, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser "receitado" para promover o ajustamento macroeconômico dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades.

que o sucesso do Ocidente e a derrota da URSS deviam-se ao próprio mercado, visto que este ofereceria uma oportunidade para a Rússia se desenvolver e se reformar. Com relação às novas relações sociais, a antiga classe estatal soviética buscou manter intactos seus privilégios, principalmente durante o processo de transição de uma sociedade socialista para uma sociedade de mercado. Por intermédio do processo de acumulação por despossessão, a antiga burocracia soviética transformou-se em proprietária das antigas manufaturas soviéticas, o que possibilitou a manutenção e até mesmo a expansão de sua importância na nova sociedade de mercado, inclusive com relação ao novo quadro político russo.

Rompia-se, assim, com um bloco histórico soviético histórico, dando lugar a um bloco histórico oligárquico não consolidado, já que existe intensa contestação à hegemonia desse grupo dominante. Como resultado, a expansão do modelo neoliberal para a Federação Russa proporcionou as bases para um intenso processo de periferação da URSS. O capital, por intermédio do processo de ilusão e idealização dos seus benefícios, proporcionou um dos mais violentos processos de acumulação e expropriação da história da humanidade.

Como já aludido anteriormente, conquanto a queda do regime de partido único contasse inicialmente com o apoio das manifestações das classes sociais subalternas (forças positivas), elas se desmobilizaram posteriormente, o que possibilitou que a classe dominante soviética controlasse esse processo. A partir da percepção de caos social e sociopolítico, o apoio da sociedade russa às reformas foi gradativamente diminuindo, e seu principal defensor, o ex-presidente da Rússia Boris Yeltsin, perdia cada vez mais seu prestígio.

Embora a aplicação das teses e teorias neoliberais tenham obedecido estritamente à cartilha do Consenso de Washington, a realidade foi extremamente discrepante da teoria (GUSTAFSON, 2003). Conquanto o liberalismo tenha provocado intensos problemas para a humanidade, principalmente no início do século XX, a expansão do neoliberalismo demonstra novamente a força do capitalismo global, ao institucionalizar e legitimar, uma vez mais, um regime que provoca a pauperização e a commodificação do homem.

A partir disso, torna-se extremamente importante demonstrar especificamente as políticas neoliberais adotadas de 1991 a 1999 e suas consequências sociais, econômicas e políticas singulares, já que essas informações serão profundamente importantes na análise

posterior a respeito dos âmbitos das capacidades materiais, ideias e hábitos, e institucionalização da Federação Russa nos níveis de relações sociais, Estado e Ordem Mundial, antes e após a ascensão política de Vladimir Putin.

3.2 A revolução passiva russa: Formação de um Estado poliárquico

A supremacia do neoliberalismo influenciou diretamente diversos contextos dessa Federação, essencialmente as novas relações de poder, a economia e a política (interna e externa). Como resultado, “Os russos, os quais aceitaram obedientemente as reformas, foram testemunhas de um declínio sem precedentes na produção e da queda de seus padrões de vida, da criminalização da sociedade, do colapso dos sistemas de educação e de saúde, e da transformação da Rússia num Estado semidependente” (DZARASOV, 2014, p. 2, tradução nossa)⁷⁷.

A revolução passiva neoliberal russa proporcionou a criação de um efetivo Estado Oligárquico, no qual várias frações oligárquicas buscam não somente o poder econômico, mas também o político, a fim de promover seus interesses individuais. Além disso, a não existência de uma classe hegemônica burguesa demonstra o caráter de *Contender State* desse Estado. A fraqueza da sociedade civil russa também contribuiu para que o Estado fosse controlado por esses interesses privados. Portanto, a revolução passiva não proporcionou a criação de um efetivo complexo sociedade civil-Estado, mas sim de um Estado Oligárquico, na medida em que somente um pequeno grupo realmente controla o aparato estatal, enquanto às massas é reservada apenas a escolha das lideranças, por meio de eleições controladas pelas elites oligárquicas.

⁷⁷ Russians who had obediently accepted the reforms were to witness an unprecedented decline in production and fall in their living standards, the criminalisation of society, the collapse of the education and health care systems, and the transformation of Russia into a semi-dependent state

3.2.1 A ascensão oligárquica

A ascensão da classe oligárquica russa somente pode ser compreendida a partir das relações dialéticas entre três diferentes níveis, que são a ordem mundial (supremacia do capital), as relações sociais singulares e a formação de um novo tipo de Estado.

Esse processo ocorreu por intermédio de três ondas:

“A primeira, no começo de 1988, foi causado pelo colapso do Estado, que tinha o monopólio do comércio internacional; a segunda, a partir de 1990, foi proporcionada por meio da especulação financeira, catalisada pela inflação e pelo rublo desvalorizado. O terceiro, desde 1992, foi baseado na política de privatizações, a qual foi apressada...” (GUSTAFSON, 2003, pg. 26, tradução nossa⁷⁸).

Com relação ao colapso do Estado:

“No começo de 1986, Gorbachev começou a dismantelar o monopólio estatal sobre o comércio. A outros ministros foi dado o direito de fazer negócios no exterior e lidar com as moedas estrangeiras. Posteriormente, o mesmo direito foi dado para as empresas e, finalmente, aos indivíduos. De repente, a corrida tinha começado. Qualquer um com acessos começou a exportar praticamente qualquer coisa[...] A chave para todo essas negociações foi que a Rússia, entre 1988 e 1992, era uma terra de ninguém, que estava entre dois sistemas. Os controles estatais sobre o comércio e exportações foram desintegrados, mas os preços domésticos continuaram controlados, frequentemente a níveis baixos absurdos. Qualquer um que pudesse adquirir petróleo, diamantes, ou metais, por rublos, durante o controle dos preços domésticos, e, posteriormente, vende-los no exterior por dólares, estava rico da noite pro dia.” (GUSTAFSON, 2003, pg. 28, tradução nossa⁷⁹)

Posteriormente, no período da especulação financeira, o rublo estava em colapso, mas o crédito oferecido pelo Estado continuava disponível em taxas de juros nominais, assim, durante a inflação descontrolada de 1991-1993, era fácil pegar dinheiro emprestado, por um

⁷⁸ The first, beginning in 1988, was caused by the collapse of the State foreign trade monopoly. The second, beginning after 1990, was driven by financial speculation catalyzed by inflation and a weak ruble. The third, from 1992 on, was based on a privatization policy hurriedly put together [...]

⁷⁹ Beginning in 1986 Gorbachev began dismantling the state monopoly over foreign trade. Other ministries were given the right to make deals abroad and handle foreign currency. Then the same right was extended to enterprises, and finally to individuals. Suddenly, the race was on. Anyone with access began exporting practically anything [...] The key to the whole business was that Russia in 1988–1992 was in a no-man’s-land between two systems. State controls over trade and exports were disintegrating, but domestic prices remained controlled, frequently at absurdly low levels. Anyone who could acquire oil, diamonds, or metals for rubles at controlled domestic prices, and then sell them abroad for dollars, was rich overnight

mês, usar para o financiamento de exportações e, depois, pagar os empréstimos com o rublo depreciado, em decorrência das enormes taxas de inflação existente. Além disso, a evasão fiscal e as permutas intensificavam os problemas orçamentários (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002), o que beneficiou profundamente a oligarquia russa. Embora essas duas ondas sejam extremamente importantes para a nova configuração das relações sociais e do tipo de Estado russo, o processo de privatizações (terceira onda) pode ser compreendido como o mais importante para o novo capitalismo russo.

Anatoly Chubais⁸⁰ foi indicado como chefe da agência estatal criada para comandar as privatizações na Federação Russa, tida como essenciais para o estabelecimento de um Estado capitalista pujante. Oficialmente, o programa foi lançado em junho de 1992, a partir da divisão das empresas a serem privatizadas em três diferentes grupos: “[...] i) as pequenas, que deveriam ser vendidas em leilões competitivos ou então aos seus empregados e administradores; ii) as grandes, que deveriam ser convertidas em sociedades por ações e então passadas a mãos privadas por meio de privatização de massa; e iii) as médias, que poderiam usar ambos os métodos anteriores” (HARE e MURAVYEV apud ALVES, 2011, p. 193).

Esse processo obteve amplo apoio popular, já que prometia “transferir a maior parte da propriedade nacional para a população por meio de um esquema envolvendo a distribuição de *vouchers*” (ALVES, 2011, p. 193). Por intermédio dos benefícios concedidos aos administradores e aos empregados das empresas, que recebiam ações de maneira gratuita ou com grandes descontos, conseguiu-se o apoio da população e diminuiu-se a resistência da oposição comunista que dominava a Duma naquele momento.

Na primeira fase, que se estendeu de 1992 a 1994, as privatizações ocorreram de duas maneiras: “[...] a venda de ações para administradores e empregados das empresas e a privatização de massa propriamente dita. Foram distribuídos à população cerca de 150 milhões de *vouchers*, que poderiam ser usados como meio de pagamento por ações de empresas nos leilões de *vouchers*, investidos em fundos de investimento em *vouchers* ou então livremente vendidos” (HARE e MURAVYEV apud ALVES, 2011, p. 193).

⁸⁰ Anatoly Chubais foi um dos mais importantes responsáveis pelo processo de privatização na Rússia, tendo sido um membro extremamente influente da administração de Boris Yeltsin. Portanto, ele foi extremamente importante para a introdução da economia de mercado e da propriedade privada na Federação Russa.

Contudo, formaram-se, a partir disso, grandes grupos empresariais, uma vez que os vouchers acabaram concentrados nas mãos de poucos, principalmente dos dirigentes das empresas, porquanto “[...] apesar dos trabalhadores serem majoritários no capital da maioria das empresas, eram os administradores quem de fato detinham o poder”, já que “[...] tornou-se comum a prática de intimidação por parte dos administradores das empresas, que levavam os empregados a acreditar que poderiam ser demitidos se vendessem suas ações para outsiders ou se recusassem a vender suas ações para eles, o que levou a uma grande concentração do poder nas empresas privatizadas” (ALVES, 2012, p. 194). Isso permitiu que os diretores se tornassem donos das próprias empresas que dirigiam, por intermédio de um pequeno pagamento ao Estado.

Após as privatizações em massa de junho de 1994, houve o estabelecimento de uma segunda etapa, por meio do esquema *loans for shares*, tendo “[...] a adoção deste modelo (decorrido) de um processo de barganha envolvendo o governo e alguns banqueiros, enriquecidos por múltiplas atividades durante a *Perestroika* e a primeira fase da privatização. Na época, o presidente Boris Yeltsin estava ameaçado por uma grande crise fiscal e pela possibilidade de perder a eleição presidencial de 1996, para a qual o líder do Partido Comunista, Gennady Zyuganov, era o favorito” (SHLEIFER; TREISMAN apud ALVES, 2011, p. 194).

O esquema influenciou diretamente numa intensificação das transferências em massa de propriedades estatais para a mão de poucos:

O esquema envolvia a concessão de empréstimos ao governo russo tendo como garantia ações de empresas de petróleo e gás, de metalurgia e de telecomunicações ainda não privatizadas. O banco que oferecesse o maior empréstimo por um dado lote de ações seria o vencedor do leilão. Os empréstimos teriam como data de vencimento 1o de setembro de 1996. Caso não fossem honrados, os bancos poderiam vender as ações uma vez decorrido o prazo de dois anos, ficando com um terço dos ganhos de capital – o restante deveria ser devolvido ao Estado. Como o Estado não foi capaz de honrar suas obrigações [...] os bancos venderam as ações, em leilões suspeitos, nos quais os mesmos bancos (ou suas subsidiárias) as adquiriram por preços muito abaixo do valor “justo”. Tanto os leilões relativos aos empréstimos como aqueles de alienação das ações foram marcados por baixa competição, com diversos concorrentes que ofereceram lances maiores sendo desqualificados por critérios “técnicos” e os negócios sendo fechados por preços pouco acima dos mínimos [...] os vencedores dos leilões obtiveram um desconto de quase 50% em relação ao valor de mercado das ações à época – a maioria das

empresas já era negociada em bolsa de valores quando ocorreu o esquema (ALVES, 2011, p. 195).

Conseqüentemente, “a proposta de privatização sugerida pelos banqueiros em março de 1995 selou o pacto entre as duas partes, ambas interessadas na permanência de Yeltsin no poder, ao permitir a elevação das receitas de privatização (em relação à privatização de massa da etapa anterior), ao mesmo tempo em que permitia aos banqueiros assumir o controle de ativos valiosos por preços módicos” (ALVES, 2011, p. 194-95)

Os indivíduos beneficiados por esse esquema de privatizações, os oligarcas, provinham de 3 diferentes grupos: “i) diretores das grandes empresas estatais, que na desmontagem dos grandes órgãos de planejamento e no processo de privatização de massa assumiram o controle dessas empresas⁸¹; ii) banqueiros privados que serviram de intermediários dos grandes empréstimos internacionais dos anos 1990; e iii) *gangsters* que prosperaram com o colapso das instituições soviéticas” (ALVES, 2011, p. 198)

A partir das privatizações em massa, essa nova classe social burguesa não histórica obteve as empresas mais importantes da antiga URSS e se estabilizou como força política oligárquica efetiva na nova ordem, já que, num espaço de poucos anos, centenas de bilhões de dólares migraram das propriedades estatais para as propriedades privadas, por intermédio do processo de Acumulação por Desapossamento (HARVEY, 2004), o que possibilitou que uma classe hegemônica e conglomerados emergissem de uma hora para outra.

Nunca, na história da humanidade, ocorreu uma transferência tão dramática de bem-estar, a não ser por meio de conquistas militares. (GUSTAFSON, 2003). Portanto, “a privatização selvagem”, “um dos elementos centrais da “terapia de choque” (SCHUTTE apud ALVES, 2010), resultou naquilo que se concretizou como “uma das maiores transferências de riqueza já vistas” (MARSHALL apud ALVES, 2011, p. 194), dando origem a uma nova classe de proprietários, que ficou conhecida como oligarcas. Os oligarcas das três frações

⁸¹ *Nomenklatura* (GUSTAFSON, 2003) era como se designava a burocracia da União Soviética, que incluía altos funcionários do Partido Comunista da URSS e trabalhadores com cargos técnicos, artistas e outras pessoas que gozavam de inumeráveis privilégios e vantagens inacessíveis para o restante da população do país. A queda da URSS não proporcionou efetivamente a diminuição da influência dessa “casta dirigente” na Rússia neoliberal, na medida em que seus componentes adaptaram-se aos novos tempos.

citadas anteriormente (*Nomenklatura*, banqueiros e *gangsters*) tinham duas semelhanças, que eram “a sua dependência aos recursos do Estado russo (burguesia ligada aos recursos naturais) e a sua recusa em investir a nova riqueza na Rússia” (MEDEIROS, 2012, p. 24)⁸².

Sinteticamente, essa transferência maciça atingiu o cerne de um regime que pretendia ser um pujante Estado capitalista, porquanto os novos oligarcas conquistaram essas transferências, na maioria dos casos, por intermédio de manipulações e *lobbies* regionais e legislativos, desse modo, não tiveram uma evolução de classe burguesa histórica. Eles não se comportariam a partir da perspectiva da busca de capitais, mas sim como “sugadores” de renda (GUSTAFSON, 2003).

Essa nova classe oligárquica emergiu sem responsabilidades e direitos, visto que o Estado russo estava extremamente frágil pela divisão, corrupção e não confiabilidade para propiciar proteção legal e efetiva para os direitos de propriedade e os contratos. Em decorrência disso, “os novos proprietários buscaram proteção onde eles puderam achar – de políticos e da máfia” (GUSTAFSON, 2003, pg. 28, tradução nossa)⁸³.

Para Dazarasov (2014), a Rússia passou a viver um verdadeiro “capitalismo *gangster*”, uma vez que “sobre as condições do capitalismo emergente russo, era impossível sobreviver em grandes negócios sem um forte apoio político” (DAZARASOV, 2014, p. 3, tradução nossa)⁸⁴. Por exemplo, em 1996, oligarcas se juntaram “para ajudar Yeltsin a vencer o que se tornou conhecida como a campanha eleitoral presidencial mais corrupta na história da Rússia pós-soviética” (DAZARASOV, 2014, p. 4, tradução nossa)⁸⁵.

O processo de Acumulação por Desapossamento, portanto, significou uma força pró-capitalista intensa na Rússia, na medida em que ocorreu uma proletarização em massa da força de trabalho, em decorrência da transferência das empresas estatais para os entes privados (relações capitalistas) e da quebra da estrutura produtiva de agricultura de

⁸² As fronteiras entre o gangsterismo e as atividades legais tornaram-se de fato muito tênues. Como observa Gustafson (2003) uma das principais atividades dos gangsteres era a compra de petróleo bruto e refinado a um preço interno reduzido e a sua venda em Chipre e Nova Iorque por uma rede própria

⁸³ the new property owners looked for protection where they could find it – from politicians and from the mafia.

⁸⁴ [...] under the conditions of Russia’s emerging capitalism it was impossible to survive in big business without strong political support

⁸⁵ [...] help Yeltsin win what became acknowledged as the most corrupt presidential election campaign in post-Soviet Russian history

subsistência (relação não capitalista). Desse modo, percebe-se que a supremacia neoliberal e o espalhamento da civilização de mercado impuseram novas hierarquias sociais e diminuíram as bases de participação das massas na Federação Russa, principalmente durante a década de 1990.

Essa “criação destrutiva” (HARVEY, 2004) transformou a terra, os homens e o dinheiro em mercadorias, a partir de um movimento neoliberal imposto pela ordem internacional e adaptado especificamente pelo Estado russo. A partir disso, o movimento de expansão do neoliberalismo na Rússia, principalmente com base nos preceitos do Consenso de Washington, possibilitou a criação de relações únicas na integração desse país no capitalismo global. Processos recomendados pela supremacia norte-americana, como as privatizações, proporcionaram a base para a ascensão de uma burguesia não histórica de maneira quase instantânea.

Percebe-se que a Acumulação por Despossessão foi a principal base de construção do novo capitalismo russo e teve como consequência a criação de um Estado bastardo Poliárquico. Não apenas Rússia e Ucrânia parecem ter instituído esse tipo de Estado, mas quase todos os países da ex-URSS, com exceção talvez às repúblicas bálticas. Na próxima seção, explicitar-se-á as consequências do fim do socialismo e da revolução de mercado sobre o proletariado e a sociedade civil russa em geral.

3.2.2 – Novas relações de produção e debilidade da sociedade civil russa

Ainda que as mudanças proporcionadas pela Revolução Passiva na Rússia fossem intensas, torna-se fundamental afirmar que as relações sociais de produção nas fábricas russas permaneceram relativamente intocadas no período de transição, uma vez que mudanças ideológicas não ocorrem de maneira tão rápida (CLARKE, 1995). Apesar das estruturas formais terem sido superadas, como o Partido Comunista da URSS e o seu planejamento centralizado, as estruturas informais, contudo, mantiveram-se por algum tempo (CLARKE, 1995).

O regime socialista persistiu nas empresas, já que as restrições da oferta de produtos eram comuns, além dos materiais de baixa qualidade, do maquinário precário e de um mercado de trabalho inexistente. De acordo com Clarke (1995), o paternalismo proveniente do stalinismo possibilitou uma hierarquia forte, a equidade dos salários e as relações não monetárias entre os diversos âmbitos industriais, o que proporcionou um forte coletivismo na concepção sociológica dos trabalhadores.

Essa autonomia do chão da fábrica resistia, não apenas por inércia ideológica, mas por intermédio da manipulação dos empregadores e do próprio Estado. No que concerne àqueles, existia manipulação do trabalho coletivo pelas novas oligarquias, por meio da instigação de greves e da barganha hierárquica, para obter ajuda paternalista do Estado russo, pois o Estado, apesar das privatizações em massa, continuava a controlar a distribuição de crédito e a taxa de juros (CLARKE, 1995).

Ainda de acordo com Clarke (1995), houve uma adaptação reativa ao mercado, entretanto, a inovação proativa das indústrias ainda era escassa, em decorrência do próprio resquício paternalista do regime soviético e do modo como ocorreram as privatizações das empresas que eram pertencentes à URSS. Portanto, no que concerne à ideologia soviética, embora a estrutura tenha sido dizimada e a superestrutura completamente debilitada, inúmeras práticas permaneceram, principalmente porque a oligarquia não conseguiu efetivamente estabelecer um bloco histórico consolidado, já que sua superestrutura hegemônica sofria contestações, embora débeis.

Além disso, a sociedade civil russa permaneceu extremamente debilitada, embora tivesse se mobilizado intensamente no período Gorbachev (UHLIN, 2006). Portanto, quando o objetivo comum de derrubar o regime de partido único foi alcançado, essa sociedade não conseguiu manter essa mobilização do período anterior, principalmente em decorrência de sua fluidez histórica e a intensificação dessa característica com a revolução de mercado. Portanto, essas duas características são essenciais para compreender o aprofundamento na construção de um Estado Oligárquico na Federação Russa.

Outro aspecto importante a ser explicitado é que a sociedade civil russa é fraca e fragmentada, em decorrência da inexistência de grandes partidos políticos ideológicos e

grandes movimentos de massa coordenados. Embora existam grupos sociais mobilizados, como sindicatos e ONGs de Direitos Humanos, eles são subordinados, pouco autônomos e pouco organizados (UHLIN, 2006). Para que se possa compreender, porém, as características dessa sociedade nos anos 1990, torna-se importante, ainda que brevemente, explicitar o seu desenvolvimento histórico.

No que concerne à sociedade civil russa, durante o período imperial:

O Estado no Império russo era poderoso e tinha controle estrito sobre a maioria da sociedade [...] criada pelo Czar Alexandre II como um aparato burocrático para manejar o bem-estar local e as necessidades[...] emergência de uma sociedade civil no final do Império russo. (UHLIN, 2006, pg. 37, tradução nossa⁸⁶)

A respeito do período da Revolução Russa:

Os escritos de acadêmicos liberais russos, entre 1905 e 1917, refletem as ideias e os valores que nós, atualmente, conectamos com a noção de sociedade civil, mas ela não tinha qualquer sociedade civil desenvolvida na pré-revolução russa. (UHLIN, 2006, pg. 37, tradução nossa⁸⁷).

Ainda de acordo com Uhlin (2006), o regime comunista, principalmente no período stalinista, destruiu o que poderia ter restado de atividades sociais independentes. Até o período de Gorbachev, todas as atividades políticas não estatais foram banidas da URSS; algumas ordens independentes existiam, mas eram forçadas a funcionar na ilegalidade; algumas organizações independentes que surgiram nos períodos de Krushev e Brejnev foram, da mesma forma, muito fracas e isoladas do público em geral, o que não permitiu a formação de bases sociais pró-democráticas durante a *Glasnost* e a *Perestroika*. Esse autor afirma também que existiam três variedades de dissidências na URSS: primeiramente, uma tradicional, religiosa e de orientação nacionalista (Aleksander Solzhenitsyn⁸⁸). Segundo, uma

⁸⁶ The state in imperial Russia was indeed powerful and had strict control over most of Society [...] created by Tsar Alexander II as a bureaucratic apparatus for the management of local economic welfare and needs [...] emergence of a civil society in late imperial Russia

⁸⁷ The writings of liberal Russian academics between 1905 and 1914 reflect the ideas and values that we today link to the notion of civil society, but there was hardly any developed civil society in pre-revolution Russia.

⁸⁸ Alexander Issaiévich Solzhenitsyn foi um romancista, dramaturgo e historiador russo, o qual possuía uma postura profundamente crítica a respeito do Estado soviético, em decorrência do que acreditava ser o esmagamento das liberdades individuais.

liberal e com tendências civis libertárias (Andrei Sakharov⁸⁹). Terceiro, uma tendência leninista que pressionava por reformas internas (Roy Medvedev⁹⁰).

Para Uhlin (2006), o desenvolvimento de uma sociedade civil nos moldes ocidentais era impossível sob um regime totalitário. O menor controle do Estado no nível micro, contudo, não foi suficiente para o desenvolvimento de uma sociedade civil no período Gorbachev. Durante o período de colapso do Estado soviético, a sociedade civil russa, ainda que de maneira dependente, emergiu. Pode-se afirmar a existência de três fases do desenvolvimento de uma potencial sociedade civil russa:

“Na primeira fase – de Abril de 1985 a Janeiro de 1989 – ocorreu o nascimento dos grupos políticos independentes nas grandes cidades e ação coletiva na forma de manifestações. A segunda fase – da campanha eleitoral do Primeiro Congresso de Deputados da URSS até as eleições para os soviets da Rússia e os locais, em 1990 – foi o ápice do ciclo de protestos. A mobilização foi estimulada pelas oportunidades eleitorais. A terceira fase incluía a remoção do artigo sexto da Constituição, que afirmava o monopólio do Partido Comunista Soviético; em março de 1990, o referendo sobre a unidade da soberania da Rússia; em 1991, e as eleições presidenciais de maio de 1991. Durante esse tempo, houve uma institucionalização dos movimentos sociais democráticos e um declínio nas ações de protesto” (UHLIN, 2006, pg. 39)⁹¹.

Alguns grupos e frentes populares com agenda política surgiram em 1987 em muitas das ex-repúblicas soviéticas. Esses grupos, entretanto, não tinham ideologias liberais, mas sim lutavam contra um inimigo comum, o Partido Comunista, dizendo que a URSS deveria se transformar num Estado que proporcionasse liberdades civis e políticas para a população (UHLIN, 2006).

⁸⁹ Andrei Dmitrievich Sakharov foi um físico nuclear da União Soviética, o qual foi defensor das liberdades civis e de reformas na URSS. Ele foi um árduo crítico dos *gulags* (sistema de trabalhos forçados) e suas potenciais violações dos Direitos Humanos.

⁹⁰ Roy Aleksandrovich Medvedev foi um escritor político russo crítico ao stalinismo, tendo servido de consultor de Mikhail Gorbachev.

⁹¹ The first phase—from April 1985 to January 1989—saw the birth of independent political groups in large cities and collective action in the form of rallies and manifestations. The second phase—from the election campaign of the First Congress of People’s Deputies of the USSR until elections to the Russian and local Soviets in 1990—was the peak of the protest cycle. Mobilization was stimulated by electoral opportunities. The third phase included the removal of the sixth article of the Constitution ensuring the monopoly of the Soviet Communist Party in March 1990, the referenda on the Unity of the sovereignty of Russia in March 1991, and the presidential elections in May 1991. During this time there was an institutionalization of democratic social movements and a decline in protest actions

Nas eleições de 1989, as primeiras da URSS, o Partido Comunista obteve a maioria das cadeiras, porém houve a eleição de alguns democratas. O impacto mais importante dessas eleições foi o impulso à mobilização popular. O Partido Democrático da Rússia e a Rússia Democrática tiveram sucesso em aumentar suas representações, na medida em que focaram, exclusivamente, na oposição ao regime, rejeitando qualquer compromisso ideológico baseado nas demandas socioeconômicas, religiosas ou outras. Os grupos que focaram em estratos sociais específicos não tiveram um ganho intenso de membros (UHLIN, 2006).

Gorbachev, quando da instituição de suas políticas, realizou uma liberalização parcial e continuou com práticas autoritárias, o que possibilitou uma oportunidade política para a mobilização. As instituições estatais continuaram relativamente fechadas e não havia oportunidades para pactos de transição. O Estado soviético não conseguia participar de negociações construtivas com as forças sociais democráticas (UHLIN, 2006), uma vez que o consentimento passivo da sociedade civil estava profundamente debilitado, em decorrência da legitimidade fraca do Partido Comunista da URSS. Esse partido sofria de um Centralismo Burocrático, na medida em que o grupo dirigente estava saturado, buscando formas de ainda perpetuar seus privilégios individuais, ainda que para isso a dominação fosse predominante.

Portanto, o Partido Comunista da URSS transformou-se em um organismo sem bases sociais efetivas de apoio, tornando-se, metaforicamente, uma instituição “solta no ar”, já que sua legitimidade estava debilitada. Além disso, transformou-se num órgão de polícia que comprimia qualquer força progressista que aspirasse representação, sendo um verdadeiro anacronismo. O caminho para a superação desse problema foi a solução orgânica, por intermédio da unificação dos esforços das forças políticas em apenas uma direção: a derrubada do Partido Comunista.

A partir do momento da queda do Estado monopolizado pelo Partido Comunista, o movimento pró-democracia começou a se fragmentar, porquanto os conflitos nas estratégias de construção do Estado russo emergiram. Essa fragmentação, da mesma forma, ocorreu na política interna ucraniana, na qual os partidos políticos tampouco tinham base ideológica fundamentada nas aspirações de sua sociedade civil, senão no personalismo das figuras mais importantes destes (UHLIN, 2006).

A democracia russa nasceu a partir de uma revolução passiva liderada pelo Estado e pela oligarquia dominante, que se concentrou nas grandes cidades, visto que a participação popular das massas foi profundamente prejudicada pelo caos vivido nos anos 1990. Apesar da participação em massa na oposição ao governo de partido único, os novos partidos fracassaram em angariar uma massa de membros e a sociedade se desmobilizou, não configurando, desse modo, uma sociedade civil nos moldes ocidentais. Percebe-se, a partir disso, que o Estado russo não tem uma sociedade civil forte, ativa e efetiva, mas sim fraca e atomizada, assim como a sociedade ucraniana.

Além da fluidez histórica da sociedade civil russa, o neoliberalismo contemporâneo e a aplicação de seus preceitos na Federação Russa enfraqueceram profundamente potenciais contramovimentos, uma vez que debilitaram as organizações trabalhistas tradicionais, por intermédio da desindustrialização, das privatizações e da instituição de um mercado de trabalho.

Embora momentos de vicissitudes proporcionem oportunidades singulares para que a organização das classes realize um contramovimento – como no período Gorbachev -, essa mobilização necessita de recursos políticos, econômicos e culturais prévios para se efetivar, o que não foi possível na situação da Rússia.

Dialeticamente, a ascensão dessa classe social oligárquica e a fraqueza da sociedade civil russa proporcionaram a criação de um Estado oligárquico, o que demonstra a complexidade na relação entre as forças internas russas e internacionais na construção do capitalismo nesse país.

3.2.3. A degradação econômica russa da década de 1990

[...] o compromisso do liberalismo-social orientado para o crescimento tem sido abandonado em favor de políticas anti-inflacionárias que efetivamente suprimem o padrão real de vida do proletariado, enquanto mantém a lucratividade de longo-prazo dos investimentos (RUPERT, 2000, p. 133, tradução nossa)⁹².

⁹²[...] the growth-oriented “embedded liberalism” compromise has been abandoned in favor of anti-inflationary policies which effectively suppresses the real standard of living of working people while maintaining the long-term profitability of investments.

O caos econômico perpetrado pela queda da URSS perenizou problemas antigos e agregou novos problemas. Primeiramente, de acordo com Murylev e Trofimov (2002), essa dissolução pôs em questão a importância, as capacidades e os limites de permissividade do Estado russo para intervir na economia, uma vez que o equilíbrio federal da Federação Russa foi afetado, porquanto a diminuição dos investimentos da União minorou a influência desta sobre as regiões, o que, conseqüentemente, determinou a diminuição das transferências fiscais das regiões para o âmbito federal. Apesar dos governos regionais terem dificuldades em centralizar alguns tratamentos, como a disciplina fiscal e os pagamentos de salários e pensões, eles se tornaram mais autônomos, o que impunha sérios perigos de dissolução a um país tão diverso etnicamente e economicamente.

Somado a isso, a formação de uma burguesia monopolista ligada essencialmente aos recursos naturais e a centralização de poderio econômico na mão dela, na Rússia, a partir da ortodoxia do livre-mercado, da competição, da privatização e da desregulamentação (Estado mínimo), aprofundaram a inequidade social a níveis extraordinários, além de dizimar as indústrias nacionais, inclusive em âmbitos essenciais – petróleo, metalúrgicas -. Da mesma forma, a instabilidade política e social foram fatos marcantes nessa década histórica.

Torna-se importante analisarmos a Rússia pós-URSS a partir da perspectiva de um intelectual orgânico daquele período, componente dos chamados “Jovens Reformadores”, chamado Yegor Gaidar, o qual foi essencial para a implementação de uma economia de mercado russa, principalmente por meio das privatizações em massa:

Boris Yeltsin, eleito presidente da Rússia em junho de 1991, levou ao poder um grupo de reformadores radicais, como Yegor Gaidar (indicado para os postos de ministro da Economia e das Finanças e, posteriormente, para o de primeiro-ministro) e Anatoly Chubais (indicado como chefe da agência estatal criada para comandar as privatizações). Amparados por consultores ocidentais, estes reformadores acreditavam que uma “terapia de choque” seria capaz de quebrar os laços com o passado comunista e gerar espontaneamente mercados e as instituições necessárias para seu funcionamento. O principal argumento em favor da “terapia de choque” era o de que a estratégia gradualista não estava funcionando por causa da interferência dos burocratas (ALVES, 2011, p. 192).

Murylev e Uluykaev (2002) dizem que existia uma dificuldade de análise profunda da economia da Federação Russa durante o período de transição, uma vez que a falta de

informações do antigo regime comunista a respeito da temática econômica era notório. Além disso, a transição do socialismo para o capitalismo nunca foi considerada possível, portanto não existiam estudos prévios indicando quais seriam caminhos plausíveis para a superação das vicissitudes do processo. Por último, as flutuações de economias de mercado abrangiam uma infinidade de fatores desestabilizadores, o que intensificava as dificuldades analíticas.

Para Murylev e Trofimov (2002), torna-se essencial, ainda, compreender a balança de forças existente na Rússia pós-URSS durante toda a década de 1990, que era composta pelos conservadores de um lado e os reformistas do outro, ainda que estes se dividissem entre o gradualismo e a “terapia de choque”. Os conservadores defendiam que os fundamentos basilares do sistema econômico soviético deveriam ter sido preservados e estimulados para se modernizarem, a partir de uma reforma conjunta com as outras ex-repúblicas soviéticas.

Desse grupo faziam parte principalmente os tradicionais *lobbies* da agricultura, da indústria militar e os diretores de empresas comerciais, além dos novos exportadores e importadores. Apesar das reformas empreendidas no período de transição, os conservadores continuavam a ter grande influência no aparato estatal russo, recusando-se a se reestruturar e mantendo produções de baixa qualidade e ultrapassadas, principalmente nos primeiros anos das mudanças por meio do caos econômico russo (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

De maneira distinta, os gradualistas argumentavam que essa opção se configurava a melhor, já que existia uma enorme dificuldade de coordenação entre as variáveis necessárias para a transição, como liberalização de preços, privatizações, estabilização monetária, desregulamentação do comércio exterior e reformas estruturais. (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

Além disso, um menor sofrimento social seria possível por meio dessa estratégia gradual e segura. As estratégias dos gradualistas eram a maior participação do Estado na economia; o maior controle sobre a propriedade estatal; métodos protecionistas, a fim de proteger as indústrias russas; criação de grupos financeiros industriais; e a assistência às indústrias. Eles afirmavam, também, que em decorrência dos sérios obstáculos políticos existentes e das crises orçamentárias, essa seria a melhor forma de obter o consenso necessário para reformas mais profundas (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

A “Terapia de Choque”, a qual foi aplicada de fato durante a quase totalidade da década de 1990, defendida por Yegor Gaidar e os “Jovens Reformadores”, argumentava que as reformas deveriam ser realizadas de maneira rápida para serem eficazes e diminuíssem a possibilidade de reversibilidade. A sequência defendida primeiramente abrangeriam privatizações, desmonopolizações e formação de estruturas de mercado. Posteriormente, métodos de estabilização financeira e liberalização econômica seriam realizados (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

Os reformadores sabiam que teriam que se apressar para realizar as reformas o país, visto que enfrentariam oposição ferrenha dos comunistas eleitos para a Duma⁹³. Desse modo, tornaram-se obcecados com a velocidade das mudanças e as implementaram ainda mais rapidamente (MURYLEV e TROFIMOV, 2002). Embora essas políticas tenham sido aplicadas de acordo com a previsão dessa estratégia reformista, as deficiências socioeconômicas e políticas da Federação Russa, além da Terapia de Choque, dialeticamente, prejudicaram profundamente o efetivo desenvolvimento do capitalismo russo.

Primeiramente, em decorrência da falta de regulação Constitucional, as relações entre legislativo, executivo e judiciário não tinham delimitações objetivas, o que impulsionava arbitrariedades no relacionamento entre eles. Dentro do próprio executivo, ainda, existiam vários grupos de interesses, o que tornava a tomada de decisões inconsistentes e arbitrárias em algumas situações (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

A inflação também era um problema crônico, já que políticas monetárias inconsistentes, desequilíbrios na estrutura econômica, dificuldade de realocação de recursos, grande nível de monopólio, orçamentos não balanceados, inadequação das empresas à economia de mercado, não cumprimento dos contratos e falta de competitividade das empresas eram causas profundas que dificultavam a superação do movimento inflacionário. De acordo com Murylev e Trofimov (2002), no que concerne às políticas monetárias, a própria diversidade de possibilidades determinava a falta de constância delas, visto que, por exemplo, a ortodoxia foi aplicada na América Latina, enquanto a heterodoxia foi utilizada em Israel para a tentativa de superação da inflação.

⁹³ A Duma é a câmara baixa da Assembleia Federal da Federação Russa

Ainda para Murylev e Trofimov (2002), a falta de desenvolvimento institucional para a aplicação de uma economia de mercado também era notória, na medida em que instituições bancárias, instituições de seguros, mercados de ações, o sistema judiciário e o Tesouro Nacional eram precários. A existência de um grande débito orçamentário influenciava diretamente a fraqueza do PIB, a inflação e as taxas do rublo. Percebe-se o Estado russo buscava impor a disciplina de mercado, embora tivesse dificuldades no início do processo. Portanto, o neoliberalismo russo não surgiu espontaneamente, mas foi implementado por meio do estabelecimento de uma legislação voltada à sua aplicação, como a liberalização de preços, as privatizações e a livre-circulação de capitais, adaptando-se as características singulares do país (interesses oligárquicos).

Esses autores também dizem que, no que concerne ao rublo⁹⁴, ocorreu ainda um problema de ordem internacional, uma vez que centros de impressão do rublo continuaram existindo em todos os ex-Estados soviéticos, porquanto a desintegração completa da zona do rublo ocorreu apenas em 1993. Como consequência, a falta de controle completo da Federação Russa sobre sua política monetária foi uma característica marcante do início do período de transição (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

Por último, a crise tributária era enorme no pós-URSS, intensificada pela diminuição dos impostos (benefícios fiscais concedidos principalmente aos oligarcas) e pelas permutas (pagamentos mútuos não monetários que possibilitavam a evasão fiscal). Consequentemente, a crise orçamentária tornou-se um dos maiores problemas russos, pois as tensões sociais se agravaram profundamente, em decorrência da diminuição dos investimentos em pesquisas científicas, na cultura, na segurança social, na educação e nos cuidados médicos (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

Distorções econômicas, da mesma forma, prejudicaram a estratégia reformista. Durante muito tempo, por exemplo, as indústrias soviéticas, após 1990, foram impedidas pelo Estado de diminuir os preços dos produtos, na medida em que as leis vigentes, após a queda do regime soviético, continuavam proporcionando discrepâncias absurdas nesse país (GUSTAFSON, 2003).

⁹⁴ O rublo, oficialmente rublo russo, é o nome da moeda da Federação Russa e Bielorrússia (e antigamente da União Soviética e do Império Russo)

De acordo com Gustafson (2003), a produção industrial continuava somente por quatro razões: os produtores de energia forneciam esse produto ao mercado doméstico em decorrência de uma variedade de ameaças estatais; os trabalhadores, enquanto isso, eram incapazes de demandar seus salários, por causa de sua desorganização; o governo nacional era muito fraco para forçar a coleta de impostos das empresas dos governos locais e regionais; e, por último, os investidores internacionais involuntariamente ajudaram a sustentar essa economia virtual, que sobreviveu em decorrência de subsídios vários.

Enquanto isso, “o ‘mercado negro’ produzia serviços que possuíam demanda e eram pagos em dinheiro. Em agosto de 1998, o mercado negro correspondeu a, aproximadamente, 40% do PIB russo; a economia virtual [...] em torno de 25%” (GUSTAFSON, 2003, pg. 25, tradução nossa⁹⁵). É fundamental, a partir dessas características gerais, traçar uma perspectiva histórica, ao menos sintética, a respeito do desenvolvimento da economia de mercado na Federação Russa.

3.2.3.1 O caos de 1991

Existem inúmeras causas para explicar o caos socioeconômico vivenciado na Federação Russa, principalmente na primeira metade da década de 1990. Primeiramente, em decorrência do crescimento das restrições administrativas no comércio inter-regional, os Estados da ex-URSS começaram a substituir o dinheiro *facto* por cupons e cartões de compra, e mesmo adotando moedas próprias (Ucrânia, Letônia, Lituânia, Estônia). Além disso, políticas expansionistas aumentavam a quantidade de dinheiro na economia, impulsionando ainda mais a inflação. Ademais, a competição entre União e Autoridades regionais por influência intensificou a distribuição de benesses para agregar renda à população (compra de apoio) e aumentar o lucros das empresas, por meio do aumento do suprimento de dinheiro (expansionismo monetário). Por último, os problemas internacionais de transferências das ex-

⁹⁵ The shadow economy, until the crash of August 1998, accounted for perhaps 40% of Russian GDP; the virtual economy [...] barely 25%.

repúblicas soviéticas e de arrecadação tributária aprofundaram ainda mais a crise pós-soviética (MAU, 2012a).

O ano de 1991, principalmente, foi uma verdadeira catástrofe em todos os âmbitos da Federação Russa. Com relação aos aspectos econômicos: a Renda Nacional caiu -11%; o PIB -13%; a produção agrícola -4,5%; a produção industrial -2,8%; a extração de petróleo e carvão -11%; a fundição de ferro -17%; a produção de alimentos aproximadamente -10%; a produção de grãos -24%; as compras governamentais -34%; o volume de negócios com o exterior -37%; as exportações -35%; as importações -46%; o preço ao consumidor mais que dobrou; o débito externo em moeda conversível atingiu US\$76 bilhões; e as reservas internacionais caíram vertiginosamente, com as reservas de ouro atingindo patamares menores que 300 toneladas pela primeira vez na história russa (MAU, 2002c).

Ademais, a falta de bens era notável; o racionamento de comida foi intenso; a proporção de dinheiro na poupança das famílias para estoques de bens atingiu o mínimo histórico. Além disso, o déficit orçamentário atingiu o ápice histórico até então de 21% do PIB, seis vezes maior do que o esperado para o ano (dados do Banco Mundial afirmam que o déficit chegou verdadeiramente a 30,9% do PIB) (MAU, 2002c).

A degradação sociopolítica ocorrida nesse ano somente tem precedente com relação à crise do pão em Petrogrado, em 1917, que provocou a derrocada do Czarismo (MAU, 2002c). Ademais, o desapontamento político foi massivo, principalmente em decorrência da crença da população no movimento democrático que havia derrubado o regime comunista; a falta de programas realmente sérios, entretanto, impossibilitaram a efetivação das promessas feitas anteriormente pelo *500 Days Plan*⁹⁶.

3.2.3.2 Caos análogo nas ex-repúblicas soviéticas

As diferenças entre a Rússia e as outras ex-repúblicas soviéticas determinaram a permanência e, posteriormente, aprofundamento do poder de barganha daquela com relação a

⁹⁶ *500 Days Program* foi um programa ambicioso para superar a crise econômica na URSS, por meio de políticas que instaurariam uma economia de mercado moderna.

estas. Primeiramente, a Rússia comportava uma grande variedade de indústrias das ex-repúblicas no seu território, na medida em que possuía um enorme mercado doméstico, uma grande riqueza de produtos naturais, e o controle das mais importantes estruturas energéticas, de transportes e de comunicações da URSS. Somado a isso, por ser a continuação da URSS, a Rússia reivindicava as reservas internacionais, as propriedades e os débitos nas ex-repúblicas soviéticas. Os russos, desse modo, obtiveram grande poder de barganha com relação aos países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), no que concerne às negociações econômicas e políticas bilaterais e multilaterais (MAU, 2002c).

Com relação às ex-repúblicas, primeiramente, elas eram extremamente ligadas à Federação Russa, financeiramente e comercialmente, em decorrência do próprio legado soviético, já que a grande maioria dos corredores de transporte e de energia tinha início na Federação Russa. Além disso, esses países foram inábeis ao buscar outros mercados, os produtos eram de baixa qualidade, havia falta de produção tecnológica e a maioria deles eram monoculturas exportadoras de commodities e/ou bens intermediários de baixo valor (Azerbaijão, com o petróleo; Turcomenistão, com o Gás Natural, etc.) (MURYLEV e TROFIMOV, 2002). Importante afirmar que Uluykaev e Murylev (2002) entendiam que a permanência da União econômica entre Federação Russa e ex-repúblicas soviéticas seria um obstáculo às reformas necessárias naquela:

Para as outras repúblicas soviéticas, preservar os fluxos de recursos e as relações fiscais existentes – de fato, a discussão a respeito de um espaço econômico comum e as vantagens da integração econômica continuaram – poderia, entretanto, abrir a possibilidade de reconstrução de suas economias às custas da Rússia[...] união econômica com autonomia política imediata era de profundo interesse das outras repúblicas, pois isso significava acesso aos recursos econômicos e financeiros da Rússia, enquanto se libertavam da União política e do seu legado legal. (ULUYKAEV E MURYLEV, 2002, p. 56)⁹⁷

⁹⁷ For the other Soviet republics, preserving the existing resource flows and fiscal relations - and indeed, discussion of a single economic space and the advantages of economic integration continued - would, however, have opened up the possibility of reconstructing their economies at Russia's expense [...] economic union with immediate political autonomy was very much in the interest of the other republics because it meant access to Russia's financial and economic resources while freeing the Union's political and legal legacy.

Embora existissem inúmeras diferenças entre a Federação Russa e os outros países da CEI, principalmente no que concerne à Ucrânia, eles sofreram problemas semelhantes durante a transição, uma vez que a maioria desses países tinha os mesmos problemas estruturais da Rússia, como déficits orçamentários profundos. Esses governos financiavam-se predominantemente a partir da impressão de dinheiro, o que gerava inflação alta e às vezes hiperinflação (ULUYKAEV E MURYLEV, 2002).

Ainda que a ajuda de empréstimos externos do FMI e dos países desenvolvidos fossem importantes na tentativa de impedir o caos econômico e institucional, a fragilidade institucional dos sistemas bancários e a abertura dos mercados de títulos dos tesouros a não residentes estimularam ataques especulativos a essas economias, o que prejudicava ainda mais os serviços das dívidas.

O crescimento dos débitos governamentais na esfera externa foram consequências esperadas:

Tabela 1 – Balanços Orçamentários consolidados dos países da CEI, 1992-1997 (% do PIB)

País	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Armênia	-37,3	-54,3	-10,1	-11,1	-9,3	-6,7
Azerbaijão	-27,9	---	-11,4	-4,3	-2,6	-1,3
Belarus	0,0	-1,9	-2,5	-1,9	-1,6	-1,2
Georgia	-62,3	-26,1	-16,5	-4,5	-4,4	-3,7
Cazaquistão	-7,3	-1,2	-7,2	-2,0	-2,5	-3,6
Quirguistão	-14,8	-14,4	-11,6	-17,3	-9,5	-9,4
Moldávia	-23,9	-7,4	-9,1	-5,8	-6,-	-6,8
Rússia	-18,2	-7,3	-10,4	-5,8	-8,1	-7,5
Tajiquistão	-30,5	-23,4	-5,1	-11,2	-5,8	-3,3
Turcomenistão	13,3	-0,5	-1,4	-1,6	-0,8	-0,4
Ucrânia	-23,2	-9,7	-8,2	-5,0	-3,2	-5,1
Usbequistão	-18,4	-10,4	-6,1	-4,1	-7,3	-2,3

Fonte: FMI

De acordo com Mau (2002a), além do problema orçamentário, a baixa monetarização das economias era profunda, uma vez que as pessoas pouparam pouco. Além disso, existia grande quantidade de permutas na economia e mesmo a moeda tinha substitutos (dólar e commodities). Por último, de novo semelhantemente à Federação Russa, o progresso institucional e estrutural foi inadequado, pois problemas políticas prejudicavam a estabilidade necessária para a obtenção de consensos a respeito dessas reformas. A partir disso, sistemas econômicos intermediários foram estabelecidos, com economias não planificadas e parcialmente expostas às forças de mercado.

Mau afirma também que as regulações administrativas excessivas também prejudicaram a emergência espontânea de um novo setor privado burguês, já que a corrupção e as buscas rentistas superavam o interesse nacional; a acumulação por desapossamento, analogamente à Federação Russa, foi um processo primordial para entender a emergência de velhas e novas oligarquias aos poderes nacionais nas ex-repúblicas, principalmente na Ucrânia.

A partir desses argumentos, percebem-se os interesses díspares entre Rússia e as outras Repúblicas soviéticas, por causa das diferenças no tamanho das economias, no nível de desenvolvimento e do próprio peso político no Sistema Internacional. Essas diferenças, portanto, influenciarão intensamente a tentativa de hegemonia da Rússia sobre a Ucrânia.

3.2.3.3 O Plano Gaidar: intensificação do neoliberalismo e continuidade dos problemas

Primeiramente, torna-se importante destacar que o plano de reforma dos chamados “Jovens Reformadores”, que eram liderados por Yegor Gaidar, foi o escolhido por Boris Yeltsin para ser aplicado no período de transição da Federação Russa. O *Program 91*, confeccionado por Gaidar e seus apoiadores, tinha dois documentos principais, intitulados *The Strategy for Russia in the Transition Period* e *Russia's Immediate Economic Prospects* (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002). Esse programa tinha como premissas o estabelecimento

de um curso econômico independente da Rússia, a partir de reformas cruciais que estavam previstas no Consenso de Washington (mercado, liberalização, privatização e estabilização financeira), e uma união política fraca com as Repúblicas soviéticas (Estado russo soberano, moeda nacional, sistema tributário, orçamento e banco nacional) (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Primeiramente, o plano visava uma liberalização parcial dos preços, assim como na Polônia de Rakovsky, a fim de controlar a inflação. A partir do controle da inflação e da estabilização macroeconômica, a liberalização total deveria ser alcançada. Esses estágios, contudo, foram abandonados em novembro de 1991, em decorrência do intenso caos socioeconômico vivido na Federação Russa (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Desse modo, a liberalização dos preços foi antecipada por meio de um decreto presidencial, que estabeleceu, entre outras coisas, a definição dos preços pelas empresas; a abolição da alocação centralizada de recursos; o controle de preços monopolísticos; e a possibilidade da existência de empresas privadas. Esse decreto significou verdadeiramente o fim do Socialismo e o início da “Revolução neoliberal” na Federação Russa (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Inúmeros perigos eram inerentes a essa liberalização total forçada, já que a zona do rublo ainda estava em funcionamento, o que poderia infestar a economia russa com essa moeda, porquanto os preços se tornaram mais competitivos nesse país do que nas repúblicas soviéticas. Ademais, os próprios organismos internacionais (FMI e Comissão Europeia) e as forças internas da Rússia desejavam preservar a zona do Rublo, uma vez que compreendiam a importância dela para a estabilidade na região (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Por último, Murylev e Uluykaev (2002) esclarecem que nem mesmo as contas bancárias das repúblicas eram separadas ainda, o que atrasaria em demasia a autonomia do processo de estabilização na Federação Russa. Ainda que perigosa, a liberalização de preços atingiu, mesmo que no longo prazo, a tão pretendida mudança para uma economia de mercado nesse país; as consequências, porém, foram profundas.

Políticas contracionistas permearam a economia russa nesse período, uma vez que a diminuição dos déficits financeiros (redução de subsídios, aumento de impostos) e da

quantidade de moeda eram os objetivos primordiais. A partir disso, esses dois autores dizem que algumas consequências positivas emergiram, como a maior eficiência na distribuição de recursos, a introdução de elementos de competição, o desaparecimento da escassez de produtos (aumento das importações e redução da demanda), e o estabelecimento de uma taxa monetária única.

Apesar da liberalização de preços, a inflação continuou galopante entre 1992 e 1994, o que colocou em risco de falência uma infinidade de empresas públicas e privadas. Em decorrência disso e do lobby oligárquico, o governo começou novamente a introduzir massivamente dinheiro na economia, a fim de salvar essas empresas, fossem elas competitivas ou não.

Consequentemente, o orçamento poderia ser extremamente prejudicado, assim o governo decidiu realizar cortes em alguns âmbitos essenciais: fim do financiamento a países estrangeiros (exceto aqueles da CEI) e busca pelo aumento da arrecadação num ambiente inflacionário por meio de taxas indiretas (taxas de exportação de petróleo, corte de preços subsidiados) (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002)

Mau (2002a) aduz que o ano de 1994 proporcionou mudanças no contexto político da Federação Russa, uma vez que uma nova Constituição foi promulgada, mudando o sistema político russo, porquanto houve concentração de poderes na mão do presidente, o fim da dependência exacerbada do poder executivo com relação ao parlamento e regras estritas ao processo legislativo - isso significou a diminuição parcial dos lobbies no legislativo.

Além disso, o déficit fiscal passou a ser financiado diretamente por meio de empréstimos externos, e não mais pela impressão de dinheiro, o que se configurou na quarta tentativa de estabilização econômica, com foco na contenção do processo inflacionário. O FMI, durante 1994-1995, exerceu grande influência na disciplina econômica do governo e do Banco Central, e no desenvolvimento de políticas econômicas do país. A solução clássica anti-inflacionária (âncora cambial fixa) poderia auxiliar na estabilização de preços (importados e substitutos), no aumento no nível de confiança e na adaptação a expectativas inflacionárias (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

A taxa de câmbio, contudo, permaneceu sem âncora cambial nominal, em decorrência ainda das inúmeras vicissitudes já citadas; a tentativa de estabilização dos preços, desse modo, foi tentada por meio do controle sobre o suprimento de dinheiro (controle de créditos). Os déficits fiscais passaram a ser financiados por intermédio da venda de títulos governamentais em mercados seguros, não sendo mais financiados com crédito do BC, portanto (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Murylev e Uluykaev (2002) dizem que, embora essas políticas tenham melhorado as perspectivas econômicas, a inflação persistia, ataques especulativos eram perpetrados pela falta de confiança na economia russa (diminuição das reservas como consequência) e as incertezas políticas, por causa das eleições de 1996, determinaram a continuação da instabilidade. A partir disso, ainda de acordo com esses autores, o Banco Central da Federação Russa introduziu o chamado Corredor Monetário, estabelecendo bandas de flutuação da taxa de câmbio do rublo. Em decorrência disso, inúmeras consequências são elencadas por eles: aumento da confiança, remoção de incertezas e menor especulação dos investidores; aumento de fluxos de capitais (investimento estrangeiro e repatriação de recursos) e apreciação do rublo.

Essa última consequência foi extremamente problemática para a balança comercial russa, visto que aumentava a posição competitiva dos importadores e impunha profundos problemas aos exportadores. Embora o governo tenha, em decorrência disso, aumentado as taxas de importação e diminuído as taxas de exportação, isso não foi suficiente para diminuir os prejuízos da burguesia comercial russa, o que prejudicou a base sociopolítica do governo no que concerne a esses grupos (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

O período pós-eleitoral de agosto de 1996 estabeleceu uma oposição parlamentar majoritária na Duma, o que abriu uma verdadeira cisão entre executivo e legislativo. As políticas fiscais e monetárias tornaram-se menos rígidas e o descontrole dos gastos orçamentários tornou-se novamente comum. Por último, um sistema tributário permeado por acordos mútuos pela redução da quantidade de moeda e pela acumulação de atrasos de arrecadação determinou mais um ano de instabilidade (MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Murylev e Uluykaev concluem que o período 1995-1996 foi marcado pela pouca atenção a reformas amplas, por causa dos riscos políticos de fazê-las antes da campanha presidencial de 1996, pelas reformas fiscais fracassadas anteriormente e pela polarização das opiniões populares. Somado a isso, a insuficiência de esforços para mudar uma estrutura fiscal irracional de longo prazo, determinando níveis baixíssimos de gastos sociais e a continuação de políticas populistas descentralizadas, em decorrência dos inúmeros lobbies nos níveis regionais e na própria Duma, aprofundaram o problema.

Diferentemente do período pós-URSS, o ano de 1997 pode ser considerado como o primeiro ano pós-estabilização econômica, ainda que problemas políticos e econômicos estruturais persistissem. A diminuição da inflação (“apenas” 11% em 1997), a melhora nos indicadores sociais e a substituição de um gabinete de coalizão governamental por um tecnocrata possibilitaram esperanças de uma melhora de longo prazo na economia, já que parecia que o distanciamento entre interesse nacional e interesses privados estava sendo concretizado (ARKHIPOV et al., 2002a).

Para Arkhipov et al. (2002a), alguns progressos podem ser elencados, principalmente em decorrência da remonetarização da economia, proporcionando demanda, investimentos industriais, renovação dos setores reais e de créditos: o PIB cresceu 0,4%, sendo o primeiro ano de crescimento em quase oito anos de reformas; grandes indústrias orientaram-se para o mercado interno, em decorrência do aumento da demanda (estabilização macroeconômica) e pela adaptação das empresas ao ambiente de mercado; melhora na estabilização social, em decorrência do pagamento de salários e pensões atrasados, e a diminuição de greves; propostas por reformas realistas e efetivas – Código Tributário, Código Orçamentário, Reformas Sociais, Reforma de pensões, Reforma do sistema de saúde -; baixa inflação, por causa da estabilidade monetária e de crédito; e as entradas nos Clubes de Londres e Paris.

Problemas persistentes, contudo, continuavam a ameaçar esses avanços econômicos e institucionais. A rejeição pela Duma da maioria das reformas demonstrou que os embates entre legislativo e executivo continuavam a prejudicar as possibilidades de mudanças institucionais. Essa grande maioria opositora era consequência da própria divisão da economia em dois grandes segmentos: os orientados para a exportação (exportadores de

commodities) e os defensores da substituição das importações (grandes conglomerados industriais). Enquanto aqueles tinham interesse na estabilidade macroeconomia, numa economia aberta e numa regulação governamental mínima, aqueles desejavam o protecionismo, o acesso a crédito facilitado e os subsídios estatais (ARKHIPOV et al., 2002a).

Ainda de acordo com Arkhipov et al (2002a), apesar das companhias de substituição de importações serem prejudicadas por um rublo forte, elas vinham ganhando espaço político e econômico por causa do aumento da competitividade, da demanda e da adaptação das empresas ao ambiente de mercado. A partir disso, começam a ganhar grande proeminência na Duma e nos lobbies, retirando gradualmente os orientados para exportação da elite econômica oligárquica durante esse período. A articulação entre os interesses concretos de frações da burguesia russa tornaram-se problemáticas nesse período, principalmente por causa dos interesses conflitantes no que concerne às políticas econômicas adotadas pelo Estado.

Somado a isso, o orçamento continuava a ser prejudicado, primeiramente, pelas dificuldades de recolhimento de tributos, que atingiram, no fim de 1997, apenas 64% do projetado. Ademais, a dependência de empréstimos domésticos aprofundava-se (16% em 1997), principalmente para estruturar débitos de empresas estatais, o que aumentava os custos da dívida. Por último, os monopólios naturais continuavam a ser um grande problema (ARKHIPOV et al., 2002a).

Não bastassem os problemas persistentes, os novos conflitos entre governo e homens de negócios pioravam todos os contextos da Federação Russa. No que concerne a esse âmbito, o governo subestimou a disposição da maioria opositora em não deixar as reformas estruturais passarem pela Duma. Além disso, o governo estava enfraquecido por conflitos entre grupos de interesses pelo poder, o que diminuiu inclusive a influência direta do governo central sobre as regiões. A crise financeira global, assim, era o que faltava para aprofundar ainda mais o caos (ARKHIPOV et al., 2002a).

Em suma, o primeiro semestre permitiu um otimismo superestimado a respeito da estabilidade política e da possibilidade de reformas estruturais serem impulsionadas. O segundo semestre, porém, intensificou o pessimismo, visto que a Duma rejeitou um pacote de

reformas de leis sociais, a oposição dentro do governo intensificou-se e os escândalos de corrupção tornaram-se recorrentes; para piorar, ainda, o mercado financeiro mundial começou a demonstrar uma profunda piora de perspectiva (ARKHIPOV et al., 2002b).

3.2.3.4 A crise financeira de 1998 e suas consequências

O início da crise do mercado financeiro mundial iniciou-se com a desvalorização das moedas do Sudeste Asiático (outubro de 1997). Em decorrência disso, os Fundos de Investimentos começam a redistribuir suas quotas de investimentos por vários países, pois um efeito especulativo em cascata poderia desvalorizar outras moedas de outros países. A partir disso, a Federação Russa, a qual já possuía grande quantidade de fluxo de capitais, viu-se prejudicada por essa aversão ao risco dos investidores. Na medida em que a economia russa já era liberalizada, esse aumento da desconfiança dos investidores e dos consumidores com relação à manutenção da taxa do rublo provoca ataques especulativos e aumenta a demanda por dólares (ARKHIPOV et al, 2002b).

O Banco Central tentou proteger o rublo de qualquer maneira, visto que qualquer flutuação poderia ser catastrófica, desembocando num ataque especulativo de grandes proporções. Embora o BC tenha utilizada $\frac{1}{4}$ de suas reservas (Diminuição de \$22,9 para \$16,8 bilhões) a fim de impedir especulações, elas continuaram; o aumento dos juros, somado a isso, fizeram os encargos da dívida russa chegarem a aproximadamente 40% ao ano. Em janeiro de 1998, os títulos russos caem 30% e os investimentos em carteira fluíram para fora. (ARKHIPOV et al., 2002b).

De acordo com Arkhipov et al. (2002b), de fevereiro a abril de 1998, ações do governo Yeltsin acalmam relativamente o mercado, por meio de política fiscal contracionista, a fim de aumentar o superávit primário, e com a proposição de 20 medidas sociais e econômicas para estabilizar o país. O FMI, somado a isso, estendeu créditos prévios por mais um ano e liberou mais \$700 milhões para estabilizar as reservas russas. O novo gabinete de Sergei Kiriyenko seguiu com política fiscal contracionista e cortou gastos, ajudando a prevenir o agravamento da crise.

O período de maio a agosto de 1998 significou a intensificação e o espalhamento da crise mundial para a Rússia. A instabilidade política continuava a diminuir a credibilidade dos investidores na Federação Russa, o que significou êxodo de investimentos para outros países. As reservas internacionais continuavam baixando por causa das pressões sobre a taxa do rublo e uma crise bancária irrompia, já que os passivos em moeda estrangeira mais que dobraram nos primeiros seis meses do ano (de \$9,5 para \$20,5 bilhões), aumentando a crise financeira (ARKHIPOV et al., 2002b).

As dificuldades na adoção e execução de um orçamento real seguiam ameaçando a estabilidade russa, visto que as arrecadações eram incompatíveis com as necessidades de gastos. A demora para adotar políticas contra a crise novamente foi fator intrínseco para o desenrolar da crise. Finalmente, a não aprovação de um pacote de ajuda financeira do FMI, do BM e do Japão pela Duma, a queda brusca do mercado financeiro mundial e a crise bancária desaguaram na crise derradeira (ARKHIPOV et al., 2002b).

Sem apoio da Duma e sem ajuda suficiente do FMI, a desvalorização do rublo foi inevitável (2/3 de desvalorização), o que permitiu um crescimento exacerbado da inflação (de 3,7% em agosto para 38,4% em setembro); aumento do desemprego; crise no mercado de consumo; diminuição do salário em cerca de 42%; deterioração do ambiente de negócios; e um enorme descontentamento social pela piora dos níveis de vida (38,2% da população foi colocada abaixo da linha da pobreza) (ARKHIPOV et al., 2002b). Ademais, três meses de moratória sobre um débito de \$42,2 bilhões foi instaurado, principalmente por causa da anulação de um novo acordo com o FMI. O sentimento da necessidade de mudança crescia entre a população.

A intensificação da crise, somado a isso, provocou a queda de Kiriyenko como Primeiro-Ministro e uma maior debilidade de Yeltsin, visto que este havia insistido na aprovação daquele, levando a culpa assim pela crise financeira e orçamentária desse gabinete. O novo Primeiro-Ministro escolhido foi Yevgeny Primakov, o qual obteve grande apoio na Duma, principalmente com relação aos Comunistas e ao setor agrário (*establishment* econômico soviético), os quais obtiveram posições-chave no governo por isso (ARKHIPOV et al., 2002b).

Conquanto políticas monetárias mais expansionistas fossem esperadas do novo governo, principalmente em decorrência da sua base de apoio, ele adotou a cautela, impondo uma política monetária contracionista e buscando equilibrar o orçamento. Evitaram-se decisões críticas, sempre procurando compromisso com o *establishment* soviético; o complexo militar-industrial assim ganha proeminência ainda maior, enquanto os oligarcas do setor bancário e de energia foram extremamente prejudicados pela crise. (ARKHIPOV et al., 2002b).

3.2.3.5 Espalhamento da crise para as ex-repúblicas soviéticas

De acordo com Dabrowski (2002), embora a Europa Central e os países bálticos tenham sentido os efeitos da crise russa, eles ocorreram apenas no setor comercial (ex: queda de 25% do total de exportações da Lituânia para a Rússia), já que as reformas estruturais profundas pós-URSS nesses países possibilitaram a redução da dependência deles com relação ao financiamento de Moscou. Primeiramente, a Federação Russa passava por uma grande crise orçamentária, assim, não tinha condições de continuar sustentando seu poder financeiro nessa antiga área de influência. Somado a isso, o *heartland* da burguesia transnacional passa a financiar a transição dos países bálticos e da Europa Central para o capitalismo, englobando-os a suas áreas de influência, principalmente por intermédio da posterior adesão à OTAN e à UE por esses Estados. Entretanto, essa expansão da institucionalização ocidental com relação à ex-área de influência soviética será melhor detalhada posteriormente, no capítulo a respeito das diferenças entre as capacidades materiais do ocidente e da Rússia.

Os efeitos da crise sobre os países da CEI, em contraposição à Europa Central e aos Países Bálticos, foram concernentes tanto às finanças como ao comércio. Primeiramente, de acordo com Dabrowski (2002), a desvalorização do rublo russo aumentou a competitividade dos produtos russos dentro desses países; a competitividade dos produtos dos países da CEI no mercado russo diminuiu; os produtos russos tornaram-se mais competitivos em terceiros mercados; e os nacionais da CEI na Rússia diminuíram as transferências para seus países.

Além disso, houve diminuição das importações da Rússia, em decorrência da queda do PIB e da queda da demanda interna nesse país (ex: 27% das exportações ucranianas eram direcionadas à Rússia). Crises bancárias e de pagamentos, ademais, irromperam nos países da CEI, por causa da suspensão de pagamentos entre comerciantes e pelo aumento dos pagamentos por meio de permutas (DABROWSKI, 2002).

Essa intensa relação comercial/financeira entre os países da CEI e a Rússia são tributárias das mesmas causas elencadas anteriormente para explicar o poder de barganha russo: o legado soviético, a inabilidade dos países da CEI em encontrar outros mercados, os produtos de baixa qualidade e tecnologia, e a prevalência de países monocultores exportadores (DABROWSKI, 2002).

Além disso, analogamente à Federação Russa, esses países possuíam também problemas estruturais semelhantes: Déficits orçamentários profundos, grandes débitos governamentais, baixa monetarização da economia, sistemas bancários frágeis e progresso institucional e estrutural inadequado. Os problemas de confiança das populações e dos investidores, além disso, decorriam de bases macroeconomias e microeconomias da mesma forma parecidas com aquelas russas (DABROWSKI, 2002).

As consequências, portanto, não foram muito diferentes daquelas ocorridas na Rússia: desvalorização das moedas (ex: colapso da Hrivna ucraniana); inflação (ex: 20% na Ucrânia entre 1998 e 1999); diminuição do PIB (grande queda na Ucrânia entre 1998 e início de 1999); aumento dos serviços da dívida (a Ucrânia teve enormes débitos entre 2000 e 2001, em decorrência da queda do PIB, da diminuição de investimentos estrangeiros e da enorme dívida em moeda estrangeira); consequências sociais, como a diminuição dos salários, das pensões e dos benefícios sociais (DABROWSKI, 2002).

Houve profundo enfraquecimento do último defensor das reformas de mercado, Boris Yeltsin, como consequência dos inúmeros insucessos das reformas econômicas. Os partidos políticos não possuíam ideologias e se identificavam mais com personalidades singulares do que com projetos efetivos de Estado. A instabilidade econômica e política, desse modo, atingiu uma intensidade profunda durante esse período histórico. Os verdadeiros beneficiários

desse período de instabilidade foram as elites oligárquicas burguesas, que se enriqueceram e se tornaram profundamente poderosas na Federação Russa.

3.2.3.6 O ano de 1999: Recuperação à vista

No começo de 1999, a inflação continuava aumentando, na medida em que houve aumento na demanda por moedas fortes. O BC intervia para frear a desvalorização do rublo, o que proporcionava uma diminuição profunda das reservas internacionais (-12,3% no primeiro trimestre de 1999).

Tabela 2 - Reservas de ouro e de divisas estrangeiras do Banco Central da Federação Russa (Agosto de 1998-Fevereiro de 1999)

Datas (dia/mês/ano)	Valores aproximados de reservas de ouro e de divisas estrangeiras (Bilhões de dólares)
07/08/98	17,0
21/08/98	13,5
04/09/98	12,4
18/09/98	12,0
02/10/98	12,8
16/10/98	13,2
30/10/98	13,6
13/11/98	13,3
27/11/98	12,9
11/12/98	12,1
25/12/98	12,3
08/01/99	12,0
22/01/99	11,5

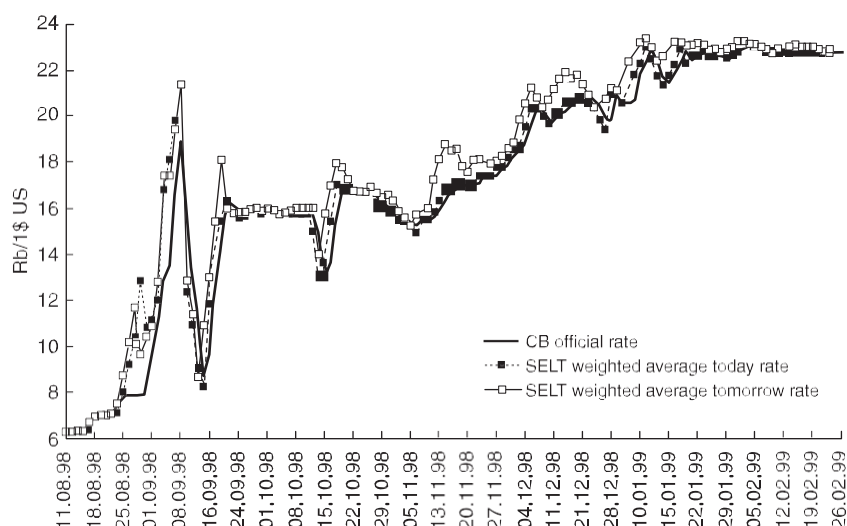
05/02/99	11,5
19/02/99	11,2

Fonte: Banco Central da Federação Russa (modificada pelo autor)

A partir dos dados acima, percebe-se a intensa perda de reservas internacionais da Federação Russa num lapso temporal extremamente curto, uma vez que, no mês de agosto de 1998, esse país tinha aproximadamente 17 bilhões de dólares em reservas, e apenas 6 meses depois, esse valor atingiu 11,2 bilhões de dólares, ou seja, diminuição de cerca de 35%.

O débito governamental atingia 28% do PIB e os débitos externos aumentavam intensamente. Embora esses problemas persistissem, houve melhora no quadro econômico russo posteriormente. O BC conseguiu impedir um ataque especulativo ainda mais intenso ao rublo, buscou reestruturar os débitos internacionais e o mercado financeiro internacional mostrava sinais de recuperação (ARKHIPOV et al., 2002c).

Gráfico 1 - Taxa de Câmbio do Rublo (Agosto de 1998-Fevereiro de 1999)



Fonte : Banco Central da Federação Russa

A partir do gráfico, percebe-se que a taxa de câmbio passou de cerca de 6 rublos por dólar, no mês de agosto de 1998, para quase 24 rublos por dólar, em fevereiro, ou seja, em cerca de 6 meses, a moeda russa desvalorizou-se com relação ao dólar em quase 300%. Isso influenciou diretamente o setor real da economia, principalmente a partir do primeiro trimestre de 1999, uma vez que o balanço comercial da Federação Russa sofre uma melhora expressiva, impulsionada também pelo aumento no índice de preço do petróleo.

De 1992 a 1997, o rublo era artificialmente valorizado com relação ao dólar, o que determinava elevação das importações e diminuição dos ganhos de empresas exportadoras; a balança comercial, conseqüentemente, apresentava nesse período déficits recorrentes. Diferentemente, a partir da profunda desvalorização do rublo em 1998, os produtos nacionais da Federação Russa tornaram-se extremamente competitivos, incrementando assim não apenas as exportações, mas também diminuindo a necessidade de produtos importados no mercado interno, uma vez que se instaurou um verdadeiro processo de substituição de importação (ARKHIPOV et al., 2002c).

Ainda que esse processo não fosse tão intenso em 1998, no ano seguinte os seus efeitos seriam sentidos mais intensamente, na medida em que a balança comercial no quarto

trimestre de 1999 atingiu um valor superavitário de 12,7 bilhões de dólares (cerca de \$23,5 bilhões em exportações e \$10,8 bilhões de importações (ARKHIPOV et al., 2002c).

A Conta Capital e Financeira, em contraposição, apresentou um grande déficit no ano de 1999, em decorrência da própria crise do mercado financeiro mundial e as intensas desconfianças dos investidores a respeito da sustentabilidade política e econômica na Rússia (ARKHIPOV et al., 2002c). O rombo dessa conta, contudo, foi coberto por intermédio do superávit da BC e de Empréstimos externos, apesar destes terem voltado a acontecer somente no final de 1999, pelo FMI. Em decorrência desse processo de substituição de importações, a eficiência dos produtores nacionais aumentou, assim como a porcentagem de pagamentos em dinheiro e de impostos para a federação (aumento da arrecadação tributária para 11% do PIB total em 1999) (ARKHIPOV et al., 2002c).

Arkihipov et al. (2002c) afirma também que houve o controle de preços de setores monopolistas, principalmente no que se refere aos âmbitos alimentícios e de transporte ferroviário. O orçamento também foi um contexto positivo, uma vez que poucos empréstimos foram necessários para equilibrá-lo. Embora a instabilidade política fosse intensa em 1999, por causa das trocas de governo seguidas (Primakov, Stepashin e Putin), a política monetária deles mostrou-se contracionista, o que permitiu a diminuição da inflação e a estabilização do rublo. Após abril de 1999, a política monetária tornou-se um pouco mais expansionista, permitindo o aumento das reservas e o pagamento dos débitos.

Em síntese, o ano de 1999 demonstrou sinais de recuperação na economia, por causa do rublo desvalorizado (indústrias de substituição de importações beneficiadas), a melhora no mercado de commodities (indústrias de exportação beneficiadas), culminando com um crescimento de 3% do PIB. No que concerne à esfera social, o ano de 1999 também demonstrou melhoras nos índices, já que as dívidas foram reduzidas (pagamento de salários e pensões); houve o aumento dos salários, os quais foram pagos em dinheiro para compensar a queda anterior dos rendimentos das famílias, aumentando assim a confiança pública; ocorreu a diminuição de greves.

De acordo com Dabrowski (2012), a crise teve repercussões no equilíbrio entre setores e forças sociais na Federação Russa, visto que os setores bancários e energéticos começaram a

perder importância nesse período pós-crise; os setores defensores da substituição de importações, por outro lado, tiveram o poder aumentado por inúmeros fatores: diminuição do nível de desemprego para os níveis pré-crise (aumento de 1,3 milhões de empregos); protecionismo do governo em certas áreas (ex: aço); suporte governamental para certas indústrias (ex: indústria armamentista nacional); aumento do IED, principalmente nas indústrias petrolífera e de alimentos; aumento da arrecadação, o que incrementou a posição financeira das empresas e as negociações em dinheiro vivo; diminuição dos déficits orçamentários (em 1997, 6% do PIB; em 1998, 3,2%; e em 1999, 1,2%).

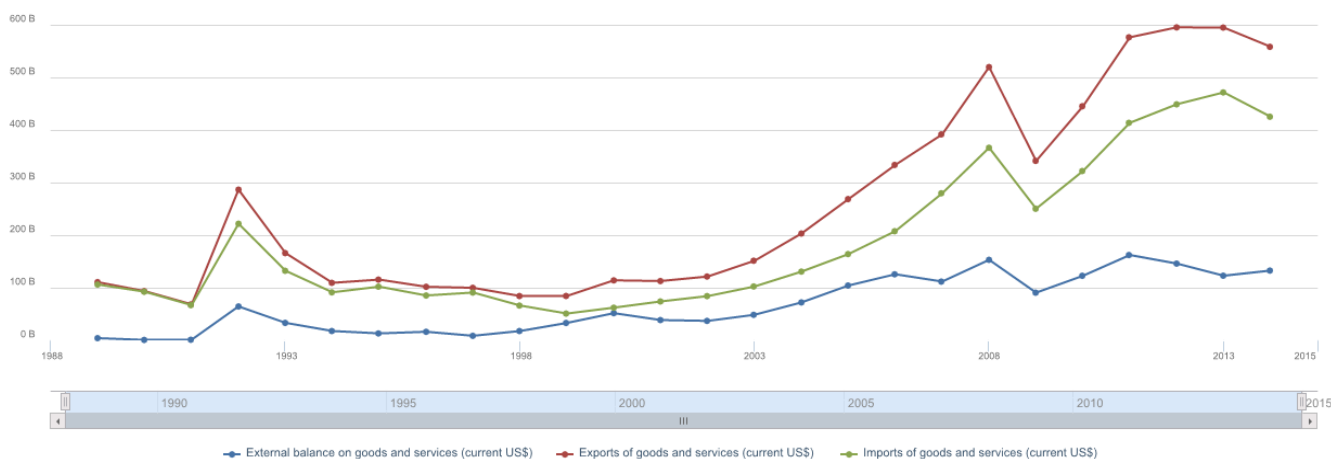
A crise econômica financeira de 1998 na Rússia não provocou a reversão das reformas, mas demonstrou a necessidade de maior atuação estatal na economia, a fim de evitar efeitos excessivamente nocivos para a sociedade e para a economia desse país. Portanto, em decorrência de toda argumentação supracitada, torna-se fundamental demonstrar, de maneira quantitativa, o caos existente na Federação Russa durante quase toda a década de 1990, e o início de uma recuperação mais contundente, a partir de 1999.

3.2.3.7 Síntese da evolução da economia pós-soviética (1990-1999)

As consequências do período (1990-1998) foram alarmantes e podem ser demonstradas por meio de diversos gráficos, como o desenvolvimento do PIB per capita; do PIB em valores totais; da relação exportação-importação (balança de comércio e serviços); desemprego de longo prazo total; desemprego pela % da força de trabalho; índice de incidência de pobreza de US\$ 1,90 por dia; inflação ao consumidor; e total de reservas.

Torna-se essencial aduzir que os parâmetros dos gráficos segue, relativamente, o mesmo caminho: nos primeiros quatro anos, caos total na economia; de 1994 até 1998, melhora relativa da atividade econômica, entretanto, esta continua extremamente debilitada; após 1998 e, principalmente, posteriormente a 2000, desenvolvimento substancial das variáveis econômicas.

Gráfico 2 – Exportações e Importações de bens e serviços; balança comercial e de serviços da Federação Russa (em US\$ corrente)



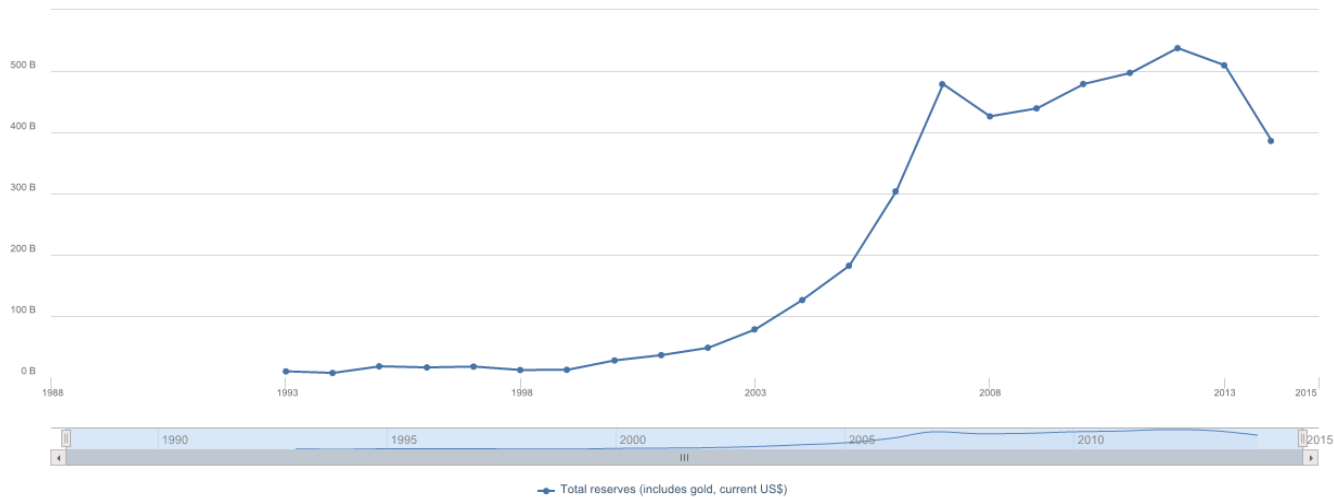
Country : Russian Federation
 Source : World Development Indicators
 Created on : 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Nos primeiros anos após a desintegração da URSS, a Federação Russa demonstrou uma balança comercial próxima de zero, visto que a atividade econômica estava em completo caos em decorrência das modificações de uma economia socialista para uma capitalista. Importante salientar que, após a crise financeira de 1998, a balança comercial e de serviços russas apresentaram uma evolução, já que a baixa atividade econômica e a diminuição do PIB desse país possibilitam excedentes exportáveis, desse modo, auxiliando nas contas públicas.

A recuperação ocorrida em 1992 nas exportações e nas importações foi prejudicada, contudo, pela instabilidade política russa, principalmente pela intervenção do presidente Boris Yeltsin no parlamento da Rússia, em 1993. A partir de 1998, depois da crise russa, a atividade econômica experimentou um grande salto, principalmente com a chegada de Vladimir Putin ao poder na Federação Russa, em 2000.

Gráfico 3 - Total de reservas da Federação Russa (incluindo ouro e dólar, valores correntes)

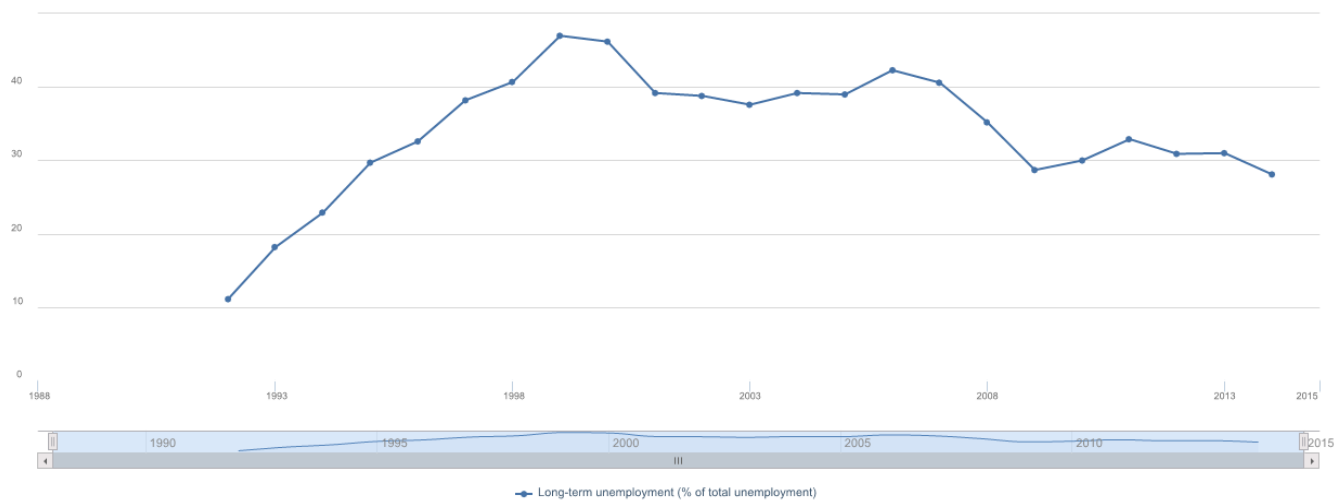


Country : Russian Federation
Source : World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

As reservas da Federação Russa, até aproximadamente 1998, são muito baixas, já que elas alcançam, como valor máximo no período, cerca de 10 bilhões, em 1995. A partir disso, esse país esteve ameaçado constantemente por choques externos, visto que, se eles ocorressem, a dependência com relação às instituições internacionais financeiras seria profunda, porquanto a Federação Russa teria que aceitar severas imposições para receber empréstimos, por exemplo, do FMI.

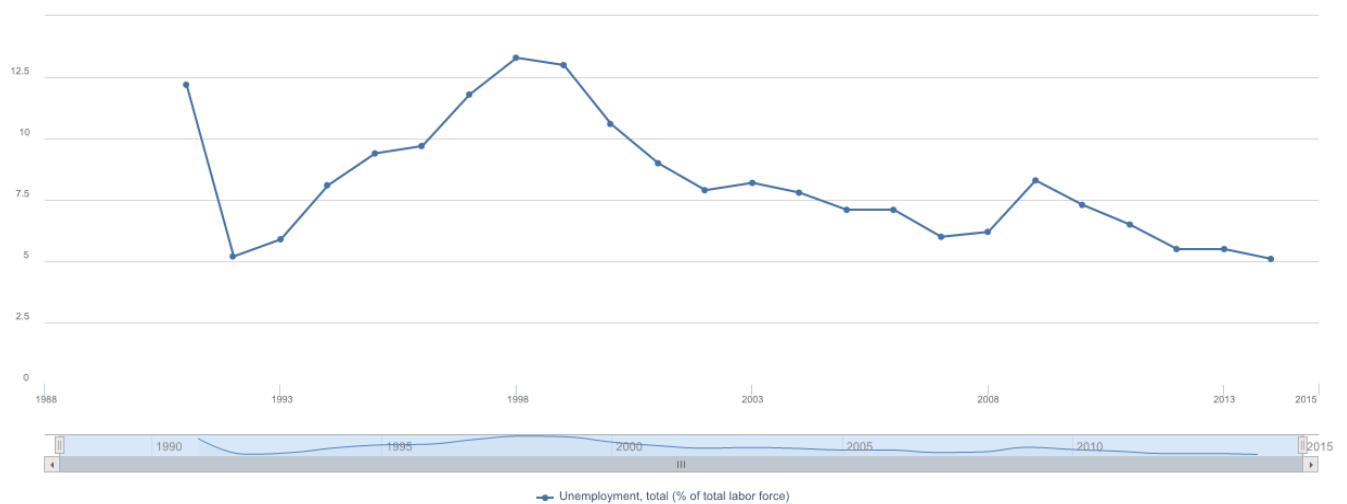
Gráfico 4 - Desemprego de longo-prazo da Federação Russa (% total de desempregados)



Country : Russian Federation
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Gráfico 5 - Desemprego total (% da mão-de-obra)



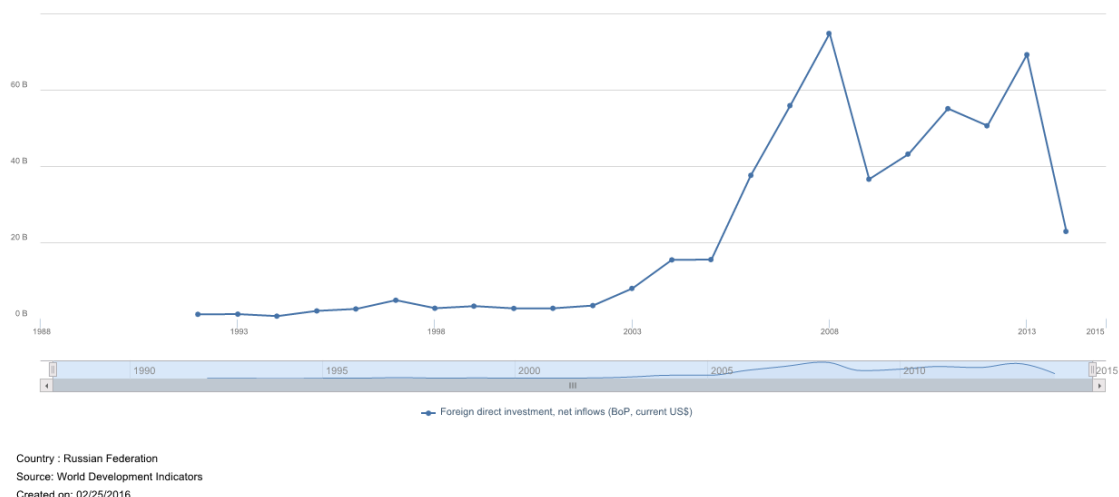
Country : Russian Federation
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

No que concerne ao gráfico de desemprego de longo prazo (do total de desempregados), percebe-se que a crise do início da década provocou efeitos de longo prazo neste gráfico, na medida em que o pico desse tipo de desemprego ocorreu em meados de 1999 e 2000. Com relação ao desemprego total (% da mão-de-obra) percebe-se um enorme aumento extremo em 1990, quando quase 12,5% do total de trabalhadores estavam desempregados.

Isso pode parecer um valor aceitável para os parâmetros atuais, entretanto, não podemos esquecer que a Federação Russa era um Estado socialista (URSS), que possuía taxa de desemprego próximo a zero; apenas uma crise sem precedentes, como a mudança de todo um paradigma em diversos âmbitos – político, econômico, social, cultural – poderia provocar essa consequência. À queda brusca observada em 1992 seguiram-se aumentos sucessivos dessa taxa, que atingiu seu máximo em 1998, com cerca de 13%. Esse valor, posteriormente alcança níveis de quase pleno emprego, em decorrência da recuperação econômica profunda.

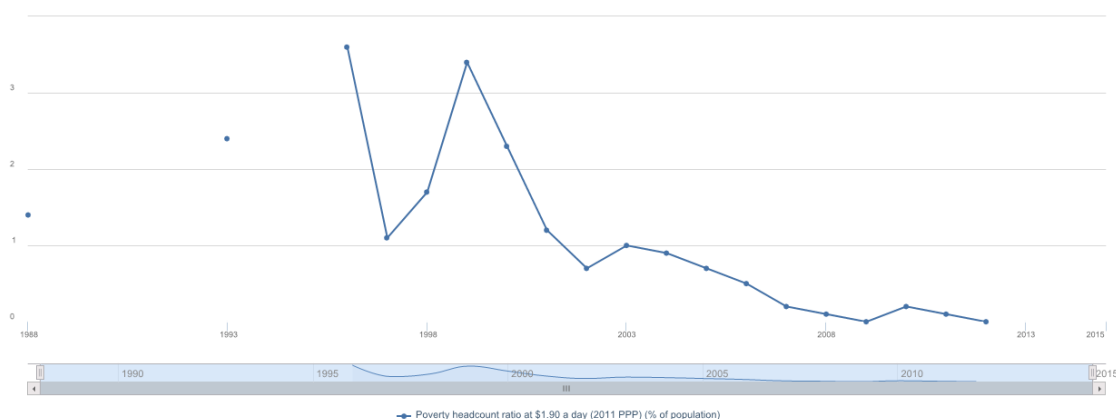
Gráfico 6 - Investimentos Estrangeiros Diretos da Federação Russa (em US\$ corrente)



Fonte: Banco Mundial, 2016

O Investimento Estrangeiro Direto (IED) demonstra a confiança dos investidores estrangeiros na economia de um país e os possíveis ganhos que podem obter; diferentemente do capital especulativo, o IED impulsiona a economia de um país de modo sustentável, na medida em que contribui para o desenvolvimento direto do Estado. Até 2002, o IED russo é baixíssimo, em decorrência da própria instabilidade política que o país passava. Esse âmbito não tem recuperação imediata, na medida em que os investidores esperam não somente as mudanças concretas do ambiente de negócios, mas também consequências de curto-prazo, a fim de verificar se é seguro o investimento a ser realizado.

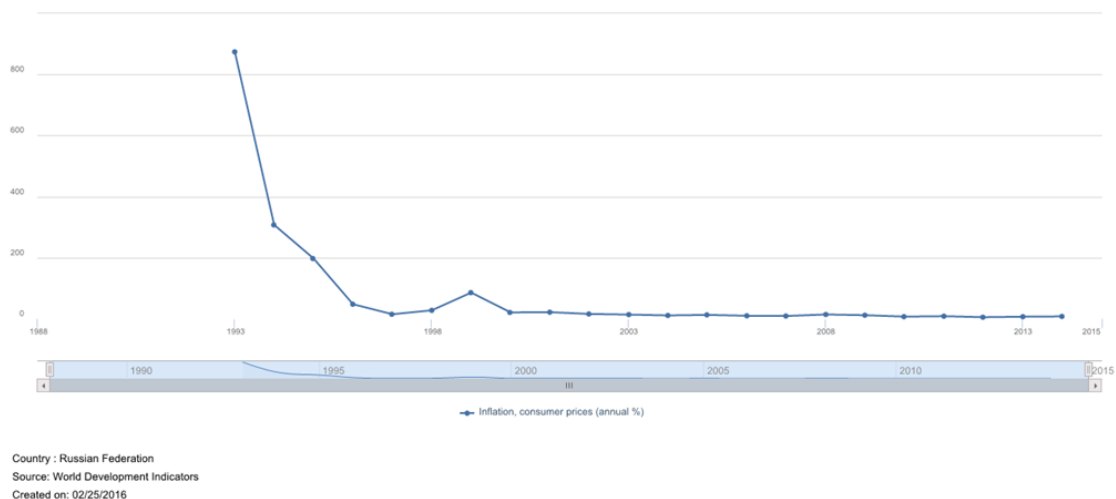
Gráfico 7 – Índice de incidência de pobreza na Federação Russa (menos de US\$ 1,90 por dia)



Country : Russian Federation
Source : World Development Indicators
Created on : 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Gráfico 8 – Inflação pelo preço ao consumidor da Federação Russa (% anual)

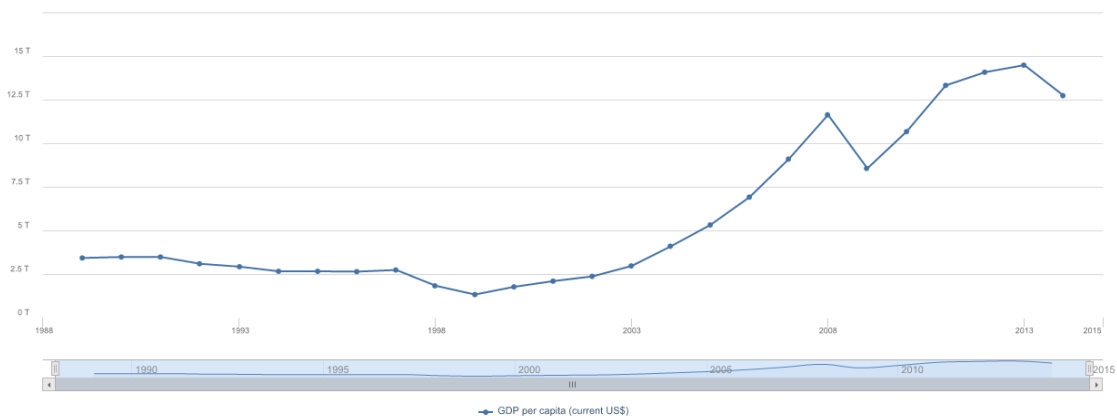


Fonte: Banco Mundial, 2016

A pobreza e a inflação são faces da mesma moeda, na medida em que ambientes de inflação absurda dificultam e diminuem excessivamente o poder de compra dos indivíduos; diferentemente, indivíduos mais ricos, normalmente, nesse tipo de contexto, investem em ativos que remuneram mais que a própria inflação. Entretanto, se isso já é complicado numa economia capitalista consolidada, numa economia socialista em transição para o capitalismo esse ambiente é ainda mais caótico. A perda do poder de compra do rublo beneficiou exclusivamente os mais ricos, principalmente os novos oligarcas da Federação Russa.

Sem dúvida, os dois gráficos que explicitam mais veementemente a situação caótica da Federação Russa, na década de 1990, são a variação percentual do PIB e do PIB per capita.

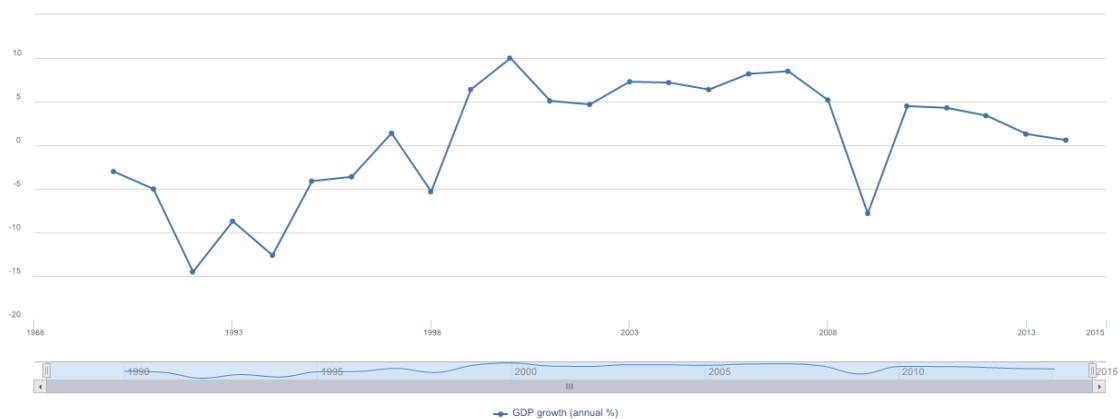
Gráfico 9 – PIB per capita da Federação Russa (US\$ valores atuais)



Country : Russian Federation
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Gráfico 10 – Crescimento do PIB da Federação Russa (% anual)



Country : Russian Federation
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

A variação do PIB russo é negativa por cerca de 8 anos, atingindo quase -15%, em 1992, e -12,5%, em 1994. “[...] Devido tanto ao seu desmembramento – particularmente com a autonomia da Ucrânia que detinha a melhor agricultura e importantes segmentos da indústria pesada soviética – quanto à contração econômica, a Rússia perdeu 45% do seu PIB entre 1989 e 1998” (POPOV apud MEDEIROS, 2012).

A situação reverteu-se a partir de 1999, principalmente em decorrência do aumento dos preços dos hidrocarbonetos e da ascensão de Putin, em 2000. Além disso, importante perceber que o PIB per capita, em 1988 e 2003 possui valores relativamente próximos, ou seja, por aproximadamente de 15 anos, essa variável teve níveis menores do que aqueles existentes antes da queda da ex-URSS, para, somente a partir de 2003, superar esse valor pretérito. O caos foi profundo, principalmente por meio da “Revolução do Capital”, que foi possível na Federação Russa pela Revolução Passiva pela qual esse país atravessou, a qual deixou marcas de longo prazo no nesse Estado:

E ainda:

“[...]controvérsias se desenrolavam ao redor do Fundo Monetário Internacional (FMI) e suas invariáveis prescrições de austeridade para debelar crises”. (Kristof, 1998; Miller, 1998; Sanger, 1998 apud RUPERT 2000, p. 138, tradução nossa).⁹⁸

Esses gráficos demonstram a enorme deterioração das capacidades materiais russas, o que dialeticamente influenciou na sua perda de autonomia e proeminência no campo das ideias e hábitos (socialismo soviético), em decorrência do colapso de uma instituição extremamente importante para a manutenção hegemônica na região (O Estado soviético).

Esse país, entretanto, conseguiu manter, em alguma medida, sua hegemonia sobre a Ucrânia, ainda que tenha perdido a ascendência sobre muitos dos seus antigos territórios de influência, principalmente no leste Europeu – Polônia, Tchecoslováquia, Romênia, entre outros -. A dependência energética, nesse âmbito, é primordial para essa manutenção

⁹⁸ [...]controversy raged around the International Monetary Fund (IMF) and its invariant prescriptions of austerity in the face of crisis

hegemônica de Moscou sobre Kiev, o que será melhor explicitado no capítulo sobre capacidades materiais da Rússia.

3.2.4 Instabilidade política perene

Primeiramente, remetendo ao período soviético, torna-se fundamental entender a profunda centralização burocrática da URSS em Moscou, na medida em que, de acordo com Kempton e Clark (2002, p. 205, tradução nossa) “todas as estradas levavam para Moscou, e todas as decisões burocráticas passavam por Moscou. Se uma planta industrial do Tartaristão necessitasse de combustível de uma refinaria em Bashkortostão, a decisão – e possivelmente o petróleo – teria que passar por Moscou”⁹⁹.

A partir disso, percebe-se que todas as autoridades de tomadas de decisão e a responsabilidade de coordenação estavam concentradas no centro da URSS, que era a burocracia de Moscou. A partir disso, nas outras ex-repúblicas da URSS, existia pouco espaço para iniciativa, ou seja, as burocracias delas foram treinadas para cumprir ordens e se coordenar diretamente com o centro. Em decorrência disso, os administradores públicos em todos os níveis desses ex-territórios foram pouco treinados para o novo ambiente independentista após o colapso soviético, o que colocou diversos desafios para essas novas burocracias. Conquanto a Ucrânia tivesse uma maior influência junto ao poder central soviético, ela sofreu consequências parecidas nesse contexto pós-independentista, o que será tratado posteriormente neste trabalho.

No que concerne à Rússia pós-URSS, embora a grande maioria da experiente burocracia soviética estivesse presente em Moscou, o colapso soviético subverteu essa lógica centralizada, possibilitando que burocracias baseadas em outros territórios dentro da Federação Russa tomassem o controle e a responsabilidade por diversos aspectos institucionais, sendo “Sakha e Tartaristão os exemplos mais extremos. Ambos receberam o direito de controlar os gastos de tributos federais que eram controlados por agências federais

⁹⁹ [...] all roads led to Moscow, and all bureaucratic decisions passed through Moscow. If an auto plant in Tartarstan need fuel from a refinery in Bashkortostan, the decision – and possibly even the oil – had to go through Moscow.

nos seus territórios” (KEMPTON e CLARK, 2002, p. 205, tradução nossa)¹⁰⁰. Essa característica de descentralização foi crucial durante o período Yeltsin, o que proporciona importante fonte para a compreensão do impulso a representações regionais nesse período e, conseqüentemente, o empoderamento das oligarquias russas.

A instabilidade política e socioeconômica foi intensa durante o período Yeltsin. O golpe de Estado fracassado, em 1991, que foi realizado por figuras da velha ordem contra o programa reformista de Gorbachev, possibilitou maior prestígio para Boris Yeltsin, na medida em que ele foi o principal artífice da resistência a essa tentativa de golpe. Yeltsin, ao assumir a presidência da nova Federação Russa, governou por decretos e com amplos poderes, já que as bases constitucionais e as divisões efetivas entre os poderes da República apenas foram estabelecidos com a Constituição de 1993 (SINELNIKOV-MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Esse estadista inclusive interviu militarmente no Parlamento, em 1993, em decorrência da enorme resistência do órgão legislativo às reformas de mercado estabelecidas por ele, uma vez que nas eleições daquele ano os comunistas e os liberais democratas obtiveram mais cadeiras do que os neoliberais. Embora antes da Constituição de 1993 não houvesse uma separação jurídica indubitável entre os poderes, existia efetivamente um equilíbrio entre Executivo e Legislativo. A partir dessa Constituição Bonapartista¹⁰¹, estabeleceu-se um regime com forte influência e centralização do poder no Executivo (SINELNIKOV-MURYLEV e ULUYKAEV, 2002).

Por intermédio dessa Constituição, Yeltsin conseguiu apressar inúmeras reformas neoliberais, a fim de estabelecer seu programa e evitar resistências provenientes da Duma. A liberalização dos preços, no contexto econômico, foi efetivada para prevenir a inflação e os déficits públicos; essa prevenção, contudo, não ocorreu efetivamente. As privatizações rápidas e amplas tiveram, como consequência, uma mudança intensa no paradigma político e econômico da Federação Russa.

¹⁰⁰ Sakha and Tatarstan were the most extreme examples. Both received the right to control the expenditure of federal taxes spent by federal agencies on their territories.

¹⁰¹ A Constituição Cesarista ou Bonapartista é aquela em que o agente com poderes ditatoriais ou quase ditatoriais solicita consentimento prévio ou posterior do povo para elaborar um texto constitucional.

Torna-se fundamental destacar a importância da questão da Chechênia durante o período Yeltsin. Esse presidente tinha dois objetivos primordiais no que concerne a essa região: “primeiramente, acabar com a instabilidade política na região, e, segundo, salvaguardar sua reeleição” (HERPEN, 2014, p. 172, tradução nossa¹⁰²). A popularidade de Yeltsin decaía com o passar do tempo, em decorrência da situação caótica da Rússia, o que foi comprovado durante as eleições para a Duma em 1993, quando sua base partidária não conseguiu mais do que 15% dos votos totais. A possibilidade de derrota nas eleições presidenciais de 1996 para o líder comunista Zyuganov colocou Yeltsin em alerta e, de acordo com Herpen (2014), os conselheiros do presidente consideraram que uma rápida vitória na Chechênia em face dos separatistas poderia aumentar a popularidade dele. A partir disso, em novembro de 1994, Yeltsin autorizou a invasão dessa região por meio do decreto presidencial nº 2137c.

O conflito, porém, não se tornou uma guerra rápida e “cirúrgica”, como imaginado anteriormente pelos conselheiros, na medida em que a resistência nacionalista dessa região foi intensa, assim, o conflito escalava com o passar do tempo, embora a capital da região, Grozny, estivesse ocupada pelas forças russas. Em decorrência disso, a Guerra da Chechênia tornou-se extremamente impopular na Federação Russa, o que colocava em sério risco a reeleição de Yeltsin (HERPEN, 2014).

Como consequência, em março de 1996, Yeltsin apresentou um plano de paz, que possibilitava um cessar-fogo, a retirada das tropas russas da região e a mediação com o líder da rebelião local, Dudayev. Os conflitos, conquanto houvessem diminuído, continuaram ocorrendo, tendo os chechenos inclusive recuperado a capital ocupada anteriormente pelos russos. A partir das tratativas, a decisão a respeito do status que seria conferido à Chechênia foi deixada para ser tomada em 2001 (HERPEN, 2014). Apesar disso, Yeltsin conseguiu se reeleger, em uma eleição marcada por inúmeras fraudes; ele pôde, assim, buscar o seu sucessor posteriormente.

Em conclusão às seções anteriores a respeito da Federação Russa, o governo de Boris Yeltsin foi marcado por uma crise política e socioeconômica extremamente profunda, que

¹⁰² First, to end the political instability in this region, and, second, to safeguard his re-election.

provocou grande perda nas capacidades materiais da Federação Russa, nas ideias e hábitos autônomos para o desenvolvimento e no não atingimento de uma institucionalização efetiva entre as ex-repúblicas soviéticas, o que prejudicou profundamente esse Estado e sua hegemonia histórica na região.

As perdas nesses três âmbitos - capacidades materiais, ideias e hábitos e institucionalização - somente podem ser entendidas a partir da fratura no contexto das relações sociais, uma vez que não existiam, efetivamente, os comissários da hegemonia após o colapso soviético, diferentemente do que ocorreu previamente à Revolução Russa de 1917, porquanto não havia um consenso espontâneo entre as grandes massas, e nem o prestígio dos novos grupos dominantes (não houve estabelecimento de hegemonia).

Isso ocorria porque, após o fim do regime soviético, não emergiram partidos políticos ideologicamente fortes e modernos, com intelectuais orgânicos, provenientes de alguns grupos sociais, e que representassem a sociedade civil na sua relação com a sociedade política. O aparato coercitivo do Estado, assim, foi determinante para disciplinar os poucos grupos contestadores que estavam mobilizados nessa sociedade.

Somado a isso, a transformação da mentalidade do proletariado não mudou rapidamente na década de 1990, o que aprofundou a exploração dessa classe pela nova burguesia “sugadora”. O caos social na Federação Russa, em decorrência das perdas de direitos pela sociedade, intensificou ainda mais a commodificação dos russos nesse contexto de revolução passiva neoliberal. Por último, a ascensão oligárquica prejudicou o desenvolvimento das instituições nacionais burocráticas e da economia de mercado.

Num movimento dialético, essa fratura social e a ascensão oligárquica proporcionaram o aumento da importância política desse grupo, que passa a controlar direta e indiretamente vários contextos de extrema importância dentro da Rússia, inclusive meios de comunicação, indústrias pesadas, as exportações de commodities essenciais (petróleo, gás natural), e partidos políticos.

Enquanto o Estado central se enfraquecia, os governos locais, em grande parte do país, continuaram a funcionar e a ganhar importância, o que propiciou a mudança na balança de poder, equalizando, de certa maneira, a divisão de poder entre os governos central e regionais

(SINELNIKOV-MURYLEV e ULUYKAEV, 2002). Essa característica debilitava ainda mais a economia da Federação Russa:

As regiões, por elas mesmas, não podem criar uma economia de mercado nacional forte; eles podem apenas acelerar sua desintegração em fracas sub-economias regionais. Além disso, muitos governos regionais continuam tendo um conceito soviético sobre suas economias: eles são donos ou parceiros de vários negócios locais; eles apoiam cartéis locais/ eles interveem nos preços e na alocação [...] Em resumo, enquanto alguns são pró-mercados nas suas retóricas, eles agem como antimercados. Assim, paradoxalmente, a fraqueza do Estado nacional, que inicialmente abriu o caminho da privatização e para o mercado, é também o que impede a economia de mercado de se desenvolver em bases efetivas. (GUSTAFSON, 2003, p. 31)¹⁰³.

Em pouco tempo, forças políticas conservadores começaram a dominar e a consolidar-se no poder local, evitando a entrada de políticos democráticos na administração, criando desse modo governos baseados no poder executivo. Em decorrência disso, um novo sistema político emergiu, baseado na proteção política e no não funcionamento das instituições. A nova economia servia principalmente aos interesses da especulação do Ocidente, e houve aumento da influência das máfias e transformação da Rússia em exportadora de commodities. Ainda que o Estado russo possuísse certo grau de autonomia com relação às oligarquias, os interesses destas prevaleceram na maioria das vezes, transformando a Federação Russa num Estado poliárquico.

Em decorrência disso, realmente, “a transição para uma economia de mercado foi a mais singular e poderosa força revolucionária da Rússia pós-soviética, e as forças que a impulsionam— mudanças tecnológicas e competição global — continuarão a agir, poderosamente, na Rússia.” (GUSTAFSON, 2003, pg. 07, tradução nossa¹⁰⁴). Essas

¹⁰³ The regions, by themselves, cannot create a strong national market economy; they can only accelerate its disintegration into weak regional sub-economies. Moreover, most regional governments still have a rather “Soviet” concept of their economic role: they are co-owners of local businesses; they support local cartels; they intervene in pricing and allocation [...] In short, while some may be pro-market in their rhetoric they are nearly all anti-market in their actions. Thus, paradoxically, the weakness of the national state, which initially opened the way for the privatization of wealth and the rise of the market, is also what prevents the market economy from developing on a sound basis.

¹⁰⁴ Market transition has been the single most powerful revolutionary force in post-Soviet Russia – and the forces driving it – technological change and global competition – will continue to act powerfully on Russia.

mudanças de mercado foram tão profundas que influenciaram outros âmbitos, como o político e o social: “A economia continua uma terra de ninguém, nem socialista nem capitalista. Na primeira década, a tentativa de transição para o mercado criou mais perdedores do que vencedores” (GUSTAFSON, 2003, pg. 08, tradução nossa¹⁰⁵).

A prosperidade do capitalismo requer eficiência dinâmica na economia global (por exemplo, aumento da competitividade das empresas nacionais em terceiros mercados) e pressões inovadoras, o que se obtém por intermédio de um ambiente institucional estável, pela preponderância de um Estado de Direito e com a manutenção dos contratos. A “terapia de choque” (BURAWOY, 2001) utilizada para destruir a velha classe administrativa soviética não possibilitou a criação de uma burguesia histórica e comprometeu o desenvolvimento econômico. A falta de sucesso na transição deve-se, também, à fraqueza do Estado russo, das características “sugadoras” da elite oligárquica e da “fluidez” da sociedade civil.

Portanto, a revolução passiva do capital na Rússia, em decorrência da supremacia neoliberal na ordem mundial, foi profundamente influenciada pelas oligarquias ascendentes, prejudicando os interesses nacionais desse país. As vicissitudes enfrentadas pela sociedade civil russa e pelo Estado russo propiciaram, juntamente com os problemas financeiros nos países emergentes na década de 1990, o aprofundamento de uma crise já existente.

A ascensão da figura bonapartista de Vladimir Putin é tributária da fratura e do caos social e econômico do período Yeltsin, e dos profundos conflitos entre antagonistas oligárquicos no período. A necessidade de mediação dos conflitos por uma solução arbitral fez-se necessária, e a burocracia histórica de Moscou, principalmente a político-militar, foi essencial para a retomada de políticas do interesse nacional.

¹⁰⁵ The economy is still a no-man’s-land, neither socialist nor capitalist. In its first decade, the attempted transition to the market created far more losers than winners

3.3 A ascensão de Vladimir Putin e a recuperação russa

3.3.1 Segunda Guerra da Chechênia e consolidação do poder de Putin

A Segunda Guerra da Chechênia, de acordo com Harpen (2015), tinha como objetivo principal defender os interesses do Kremlin, principalmente aqueles referentes aos interesses da “Família”, o grupo liderado pela filha de Yeltsin, Tatyana Dyachenko: “esse grupo incluía oligarcas, como Boris Berezovsky¹⁰⁶ e Roman Abramovich¹⁰⁷, mas também Aleksandr Voloshin, o líder da administração presidencial, e seus dois predecessores, Valentin Yumachev [...] e Anatoly Chubais” (HARPEN, 2014, p. 172, tradução nossa¹⁰⁸).

Esse autor afirma, ainda, que era essencial para Boris Yeltsin conseguir bons resultados nas eleições para a Duma em 1999 e eleger seu sucessor para a presidência no ano 2000, uma vez que os membros da “Família” estavam cercados por escândalos de corrupção variados, entre os quais uma investigação nos EUA que afirmava a existência de um fundo de 10 bilhões de dólares depositados no Banco de New York (HARPEN, 2014).

Esse fundo seria parte do desvio dos empréstimos de 20 bilhões de dólares realizados pelo FMI para estabilizar a economia russa desde 1992. Portanto, era de extrema necessidade para Yeltsin a busca por um sucessor que não permitisse nenhum indiciamento judicial ou perdas econômicas no que concerne à sua “Família”. Esse presidente, contudo, estava preparado para estabelecer um segundo tipo de estratégia, se fosse necessário:

Declarar um estado de emergência, tirar poderes da Duma, banir o Partido Comunista e adiar as eleições. Em 16 de maio, porém, essa opção bonapartista de golpe de Estado foi deixada de lado. Nesse dia, a oposição comunista na Duma

¹⁰⁶ Boris Abramovich Berezovsky, foi um oligarca russo, que se beneficiou da liberalização econômica pós-soviética, tornando-se imensamente rico e influente, sobretudo quando passaram a integrar o círculo de poder em torno de Boris Yeltsin. Cabe ressaltar que esse oligarca foi ferrenho opositor a Vladimir Putin.

¹⁰⁷ Roman Arkadyevich Abramovich é um bilionário russo, dono do clube inglês de futebol Chelsea. Ele atualmente é um das pessoas mais ricas do mundo

¹⁰⁸ This group included oligarchs, such as Boris Berezovsky and Roman Abramovich, but also Aleksandr Voloshin, the head of the presidential administration, and his two predecessors Valentin Yumashev [...] and Anatoly Chubais.

falhou na obtenção de votos suficientes para começar um procedimento de impeachment contra Yeltsin (HARPEN, 2014, p. 161, tradução nossa¹⁰⁹).

Primeiramente, Yevgeny Primakov foi apontado Primeiro-Ministro em setembro de 1998. Esse político, contudo, ameaçou processar todos os oligarcas que haviam enriquecido ilegalmente durante a década de 1990, o que foi o principal fator da perda desse cargo em poucos meses. Embora Primakov tenha ficado pouco tempo como Primeiro-Ministro, sua política externa e macroeconômica pode ser considerada um tributo importante para a recuperação posterior da Federação Russa:

Após o colapso financeiro e do rublo em 1998 – precedida pela maior fuga de capitais conhecida no pós-guerra – nos estertores do governo Yeltsin, a nomeação de Yevgeny Primakov (ex-ministro das Relações Internacionais e ex-Komitet Gosudarstveno Bezopasnosti – KGB) para o cargo de primeiro-ministro iniciou um processo de mudança na regulação da economia e nas relações internacionais na Rússia. Em sua rápida passagem pelo cargo, Primakov [...] declarou moratória e recusou o aperto monetário recomendado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelos economistas liberais russos. Após substancial desvalorização do rublo, a redução substancial do salário real e a elevação da capacidade ociosa, a economia russa reagiu em 1999 e cresceu espetacularmente entre 2001 e 2007, com uma taxa média de 7% a.a. (ADAM, 2011).

Além disso, a própria falha na tentativa de instauração do processo de impeachment do presidente Yeltsin acelerou os trâmites desse político para a busca de seu sucessor. Após Primakov, Sergey Stepasin, ex-ministro do interior e ex-chefe da FSB (Federal Security Service, sucessora da KGB soviética), foi indicado como Primeiro-Ministro, o que parecia ser a escolha definitiva de Yeltsin para seu sucessor. De acordo com Harpen (2014), contudo, Yeltsin passou a ter dúvidas sobre essa indicação, já que Stepasin parecia um político “fraco e teatral demais”. Em consequência, em agosto de 1999, ele foi substituído por Vladimir Putin.

Independentemente da opção que a “Família” escolhesse, de acordo com Harpen (2014), ou o golpe de Estado bonapartista ou a “Operação Sucessor”, um clima apropriado teria que ser criado na Rússia – e uma Segunda Guerra da Chechênia seria a desculpa perfeita

¹⁰⁹ To declare a state of emergency, disband the Duma, ban the Communist Party, and postpone the elections. On May 16, 1999, however, the option of such a Bonapartist coupe d'état was dropped. On this day, the Communist opposition in the State Duma failed to muster enough votes to start an impeachment procedure against Yeltsin.

para implementar ambos os planos. Se a opção fosse o golpe de Estado bonapartista, a guerra justificaria um estado de emergência; além disso, ela poderia servir para impulsionar a popularidade do candidato presidencial da “Família”, possibilitando a “Operação Sucessor”. E novamente, como em 1994, a opção chechena foi escolhida. Entretanto, um plano moderado de intervenção estabelecido durante o mandato de Primakov foi substituído por uma estratégia radical de reconquista de toda região chechena, potencialmente trazendo-a novamente para a Federação Russa.

Diferentemente da Primeira Guerra da Chechênia, que tinha como pano de fundo um conflito civil interno tradicional, a Segunda Guerra da Chechênia proporcionou uma retórica anti-terrorista para Vladimir Putin, principalmente após a incursão de rebeldes chechenos na República do Daguestão. A partir dessa incursão, Putin declarou imediatamente guerra à provocação Chechena (HARPEN, 2014).

O que se seguiu nas primeiras semanas do mês de setembro de 1999 intensificou essa retórica bélica, uma vez que uma série de ataques terroristas passou a atingir a Federação Russa. Em 4 de setembro, uma bomba massiva explodiu um complexo militar em Buikansk, no Daguestão, matando 83 pessoas. Em 8 e 13 de setembro, seguiram-se explosões em complexos habitacionais de trabalhadores, no sul de Moscou, deixando 228 pessoas mortas. Em 16 de setembro, um caminhão explodiu na parte sul da cidade de Volgodonsk. Em apenas algumas semanas, mais de 300 pessoas foram mortas, e mais de 1000 ficaram feridas. A onda de terrorismo levou pânico generalizado e medo à população. Os culpados estavam claros para a população: os terroristas chechenos (HARPEN, 2014).

A guerra foi essencialmente dividida em duas fases: na primeira, ocorreram ataques massivos aéreos e uma invasão por terra, com início em 1999; a segunda fase consistiu na utilização de aliados locais chechenos, principalmente a partir de outubro de 2003, quando Imam Akhmad Kadyrov¹¹⁰ foi colocado como presidente da região pelo governo russo. Essa segunda fase foi extremamente importante, já que proporcionou uma base local de

¹¹⁰ **Akhmad Kadyrov** foi o Chefe Mufti (um estudioso islâmico que interpreta e expoe a lei Islâmica) da República Chechena de Ichkeria nos anos 1990, durante e depois da Primeira Guerra da Chechênia. Com o início da Segunda Guerra da Chechênia, ele muda de lado e oferece seus serviços ao governo russo. A partir disso, posteriormente, ele se tornou presidente da República da Chechênia, de 2000 a 2003.

informantes e possibilitou ataques mais específicos; o número de vítimas, desse modo, diminuiu gradativamente (HARPEN, 2014). Conquanto a guerra tenha sido declarada como finalizada apenas em 2009, ou seja, 10 anos após o seu início, estratégias de diminuição das perdas militares e a relativa pacificação e reconstrução da região possibilitaram um enorme capital político a Vladimir Putin.

A partir da intensificação de sua importância política e do aumento da estabilidade socioeconômica na Rússia, Putin foi eleito presidente, no ano 2000, e provocou uma grande reviravolta no caos existente durante quase toda a década de 1990.

3.3.2 A reconstituição da autonomia do Estado Nacional russo

Após a eleição de Putin, os monopólios oligárquicos midiáticos, o setor bancário e as indústrias exportadoras perderam importância, uma vez que, de acordo com Mommen, Valuev e Golunov (2007, p. 343, tradução nossa), “apoiado pelas forças de segurança, Putin foi optando por um Estado russo forte e centralizado, financiado pelas rendas exportadoras. Ele não lamenta a queda do comunismo, mas a perda do controle centralizado que assegurou estabilidade militar e política¹¹¹”.

A partir disso, Putin “lançou uma guerra sobre os oligarcas que controlavam indústrias exportadoras no setor petrolífero, de gás e de metais. O controle estrito dos ganhos exportadores deveria gerar reservas financeiras para serem usadas num projeto de modernização industrial concreto que intensificaria a força da posição da Rússia como um poder econômico importante e um fundamental ator da região da Eurásia” (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007, p. 343, tradução nossa¹¹²).

¹¹¹ Backed by the security forces Putin was opting for a strong and centralised Russian state financed out of export revenues. He does not regret the fall of communism, but the loss of centralised control that ensured political and military stability.

¹¹² Putin launched a war on the oligarchs controlling Russia’s exporting industries in the sector of oil, gas and metals. Tight control on export gains has to generate financial reserves to be used for a comprehensive industrial modernisation project that has to strengthen Russia’s position as an important economic power and as a major player in the Eurasian region

Ainda de acordo com esses autores, o conceito de modernização de Putin passaria por duas bases mutuamente dependentes: a recriação do capital nacional russo e o corporativismo bonapartista:

No modelo corporativista de Putin, um grupo de companhias de bom desempenho, orientadas para exportação, seria a espinha dorsal de um Estado forte e centralizado, que monitoraria a acumulação de capital. Desse modo, Putin explicitamente quer [...] fazer com que a indústria de transformação russa seja competitiva e garanta acesso a mercados estrangeiros; e usar parte da grande renda do petróleo e do gás para financiar um moderno Estado do Bem-Estar Social. (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007, p. 343, tradução nossa¹¹³).

Esses autores afirmam, por exemplo, que inúmeros conflitos ocorreram entre o Kremlin e vários oligarcas, como o embate entre Mikhail Khodorkovsky e Moscou, a respeito do controle sobre a gigante petrolífera Yukos. Esse oligarca comprou essa companhia em 1995, durante os processos de privatizações controversos ocorridos nessa época. A partir disso, ele introduziu algumas características de governança ocidental na empresa, o que, como afirma Mommen, Valuev e Golunov (2007), possibilitou uma profunda diminuição no preço da produção dos barris de petróleo.

Confiante, esse oligarca passou a fazer oposição a Vladimir Putin, primordialmente a partir de 2003, por meio do financiamento a partidos de oposição na Duma, assim como desafiando o governo em empreitadas de construção de grandes oleodutos. Com a aquisição de outra importante empresa russa de petróleo, a Sibneft, ele criou a quarta maior empresa petrolífera do mundo. Em decorrência desses enfrentamentos, esses autores afirmam que Putin atrelou a aquisição contestada da Yukos à corrupção oficial das privatizações, de maneira impositiva. Portanto, o presidente da companhia *holding* Group Menatep foi preso, e Khodoorkovsky foi encarcerado por conta de acusações de evasão fiscal, após este ter financiado a oposição a Putin com bilhões de dólares (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007).

¹¹³ In Putin's corporatist model a group of well- performing export-oriented companies has to become the backbone of a strong and centralised state monitoring accumulation of capital. Therefore, Putin explicitly wants [...] to make the Russian transforming industry competitive and to give it access to foreign markets; and to use a part of Russia's huge oil and gas revenues for the funding of a modern welfare state

A partir desse caso, esses autores dizem que essa situação passou a servir de aviso a outros oligarcas que ousassem se opor a Vladimir Putin. Inclusive, o presidente aprovou uma reforma fiscal que aumentava a fiscalização sobre as receitas orçamentárias do governo central, assim, os oligarcas passaram a temer acusações de evasão fiscal (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007). Por último, uma lei sancionada em 2004 permitiu o fim das eleições diretas para governadores das 83 regiões russas; em 2012, entretanto, após grandes protestos, essas eleições foram restabelecidas. Não obstante, em 2013, uma nova lei passa a permitir que legisladores de cada uma das 83 regiões russas possam abdicar de eleições diretas para governadores delas, permitindo ao presidente indicar uma lista tríplice de nomes, sendo o governador escolhido a partir dela por esses congressistas.

A fim de estabelecer essa guerra contra as oligarquias, Putin recrutou nomes provenientes das forças de segurança e os indicou para posições econômicas e políticas estratégicas:

Esses novos homens – também chamados de *siloviki* – não desejam criar um novo grupo de oligarcas [...] [eles são] executivos: pessoas como [...] Igor Sechin, [...] Dmitri Medved [...] e outros conselheiros de Putin [...] Eles estão todos defendendo os interesses econômicos do Estado. [...] os *siloviki* e seus aliados são – como Putin – [...] ex-oficiais da KGB que não desejam mais reformas liberalizantes na [...] Rússia (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007, p. 351, tradução nossa¹¹⁴).

Portanto, percebe-se que o Kremlin, a partir de Vladimir Putin, passou a buscar o controle de todos os níveis da sociedade, principalmente com relação às empresas importantes para o Estado. Exemplo dessa política é a remoção de poderes de concessão de licenças para a exploração de minerais pelas regiões, o que aumenta a centralização econômica, reduz a influência regional, além de forçar as companhias a concentrar seus esforços de *lobbying* no Ministério Federal de Recursos Naturais em Moscou. Putin também conseguiu nacionalizar a Gazprom e a Yukos, verticalizando e integrando essas companhias extremamente importantes

¹¹⁴ These new men – also called the *siloviki* – do not want to create a new set of oligarchs [...] [they are] but executives: people such as [...] Igor Sechin, [...] Dmitry Medvedev [...] and other advisers to Putin with control over state firms. They all are defending the state's economic interests [...] the *siloviki* and their allies are – like Putin – [...] ex-KGB officers who do not want more liberalising reforms in [...] Russia

para a política externa russa com relação à Ásia Central e à Europa (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007).

Desse modo, a fim de aumentar a presença do Estado no setor de energia de modo significativo, o Estado russo desenvolveu uma “[...] política industrial que visa criar empresas campeãs nacionais. Ao discutir este processo de “renacionalização parcial” – nas palavras do autor –, Schutte analisa igualmente o que qualifica como “novo patamar de relacionamento com as empresas estrangeiras”, com a institucionalização de modelo que busca o aporte de tecnologia e capital pelas empresas transnacionais, mas, ao mesmo tempo, exige que esta participação esteja sintonizada com a estratégia de desenvolvimento do país” (SCHUTTE apud ADAM, 2011).

Percebe-se que a reconstrução da Federação Russa na era Putin consistiu na afirmação de um projeto nacionalista de recuperação do Estado russo, ancorado em um padrão de acumulação baseado na expansão e na internacionalização dos mercados internos e na exportação de recursos naturais. Além disso, no que concerne ao enorme desafio da modernização tecnológica, pode-se afirmar que existe a busca por um modelo de estratégia de modernização industrial defensiva, baseada na construção de grandes empresas públicas em atividades consideradas estratégicas e na atração de capital estrangeiro, num modelo de crescimento capitalista liderado pelo Estado. (MEDEIROS apud ADAM, 2011).

Desse modo:

“após uma década [...], Putin pôde reverter a sorte econômica e política da Rússia. Durante seu primeiro mandato, Putin manobrou para estabilizar a economia russa, após muitos anos de declínio. Pela primeira vez após a queda do comunismo, o crescimento econômico da Rússia excedeu expectativas e o país está no caminho de regeneração sustentável atualmente. A estabilização econômica ocorreu conjuntamente com a centralização política em favor do Kremlin e das forças de segurança nas quais Putin colocou sua confiança [...] no nível político doméstico, Putin conseguiu estabilizar a “democracia Bonapartista controlada” após uma década de conflitos intensos. Esses fatores facilmente explicam a extraordinária popularidade de Putin e as origens da estrutura político-partidária unidimensional atual, que emergiu após as eleições parlamentares de 2003. A divisão dominante entre as forças que buscam mudanças e aquelas que se opõem ao capitalismo precisavam ser superadas por uma presidência forte, unificando todos os apoiadores das mudanças. Na tradição de líderes bonapartistas, Putin conseguiu substituir esse padrão de divisão esquerda-direita, ao isolar as forças tradicionais da esquerda, corporificada pelo Partido Comunista da Federação Russa e seus aliados, e marginalizando os chamados partidos liberais, como o Yabloko e a União das

Forças de Direita (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007, p. 358, tradução nossa¹¹⁵).

Importante aduzir também a respeito da substituição desse padrão divisório esquerda-direita (ainda que isso não seja muito claro na Federação Russa pós-Vladimir Putin), que pode ser entendida como um processo de absorção e cooptação de elementos ativos opositores para remover divergências e estabelecer convergências entre forças sociais em contendas, o que foi possível por meio do prestígio político de Putin e da recuperação econômica russa. A partir disso, grande parte dos oligarcas sofreu um processo de cooptação, na medida em que o foco conflituoso de Vladimir Putin com relação a eles está centralizado em alguns âmbitos exportadores de commodities (como petróleo, gás e metais), enquanto outros sofrem maior fiscalização, mas continuam obtendo grandes lucros, principalmente com um ambiente mais estável de negócios.

Portanto, a figura cesarista de Vladimir Putin emergiu a partir da catástrofe estrutural e das deficiências intrínsecas propiciadas por todos os fatores supracitados, que possibilitaram o aparecimento de uma espécie de solução arbitral no contexto da Federação Russa. Ele conseguiu despertar e organizar a vontade coletiva de um determinado bloco histórico, e restaurar e reorganizar o Estado russo. Putin estabeleceu um tipo de cesarismo reacionário na Federação Russa, uma vez que não proporcionou a criação original de um novo Estado, porquanto as mudanças estabelecidas por esse estadista podem ser consideradas proeminentemente reformistas, e não revolucionárias:

¹¹⁵ After a decade of unlimited kleptocratic capitalism (Gustafson 2003) Putin could reverse Russia's economic and political fortune. During his first term Putin managed to stabilise Russia's economy after many years of decline (Sokoloff 2003: 527–39). For the first time after the fall of communism Russia's economic growth exceeded expectations and the country is now placed on the path of sustainable regeneration. Economic stabilisation went hand in hand with political centralisation in favour of the Kremlin and the security forces in which Putin was placing his trust [...] At the domestic *political* level Putin succeeded in establishing a Bonapartist 'controlled democracy' after a decade of severe upheavals. These factors easily explain Putin's extraordinary popularity and the origins of the actual one-dimensional party-political structure that emerged after the last parliamentary elections of December 2003. The dominant division between the forces pushing for change and those opposing capitalism had to be overcome by a strong presidency uniting all supporters of change. In the tradition of Bonapartist rulers Putin succeeded in superseding this standard left–right divide by isolating the traditional forces of the left embodied by the Communist Party of the Russian Federation and its allies and by marginalising the so-called 'liberal' parties, such as Yabloko and the Union of Right Forces

A reviravolta russa no novo milênio não se limitou à construção de um novo regime macroeconômico a partir de uma nova estrutura de preços relativos. Com a eleição de Vladimir Putin na Presidência do país em 2000, afirmou-se uma estratégia de centralização do poder do Estado em que a doutrina independente de segurança militar –, a autonomia em relação aos Estados Unidos e um maior controle dos mercados constituíam seus traços mais visíveis. Já como presidente, Putin sublinhou que o maior problema russo era a “fraqueza da vontade”. Essa se revelava em relação a dois poderes: o das oligarquias e o das regiões, ambos intimamente entrelaçados. O maior enquadramento e submissão ao Estado das oligarquias se deram de dois modos. A própria crise de 1998 destruiu centenas de bancos e fortunas privadas arruinadas pelo “desencontro de divisas” entre seus ativos em rublos desvalorizados e passivos dolarizados. Em decorrência, houve grande centralização financeira e parcial estatização com a afirmação do Sberbank – majoritariamente controlado pelo Banco Central russo – como o principal banco comercial e de investimentos do país. O poder econômico centralizou-se essencialmente nos grupos exportadores de commodities. Desse modo, o segundo movimento foi o aperto fiscal dos oligarcas nos setores exportadores, incluindo a reestatização de empresas como a Gazprom e a Yukos. Com o enquadramento do império da mídia, mudou a correlação de forças a favor de um Estado forte com mais capacidade de impor a “lei e a ordem”, na realidade, a decisão de restabelecer uma relativa autonomia do Estado russo frente aos interesses imediatos das oligarquias e, sobretudo, a centralização da arrecadação fiscal e a redução da gigantesca evasão dos anos anteriores. Autonomia relativa, na medida em que as oligarquias transformaram-se em parte do sistema de poder (ADAM, 2011).

Assim, ainda que Putin esteja desde o início do seu mandato buscando romper com o poder oligárquico em alguns contextos, essa classe continua sendo influente na sociedade russa, já que esse presidente não tem a intenção de contestar as privatizações ocorridas principalmente na década de 1990, a não ser que seja de grande interesse do Estado russo.

As oligarquias russas do período neoliberal, desse modo, não foram excluídas do poder, muito pelo contrário, realizaram uma espécie de pacto tácito com a nova figura cesarista e permaneceram influenciando diretamente a política e a economia do país, apesar da maior dependência deles com relação ao Estado central. Essa influência é demonstrada pela força desse regime oligárquico, uma vez que nem mesmo Vladimir Putin “[...] desafiou as bases do regime oligárquico na Rússia pós-soviética” (DAZARASOV, 2014, p. 5). Percebe-se, assim, que não houve transformação completa do tipo de Estado russo, porquanto esse país continua a ser uma República Oligárquica.

Torna-se indispensável aduzir por último que, embora Putin tenha impulsionado a recentralização da administração, a Rússia não deixou de ser uma federação, o que é

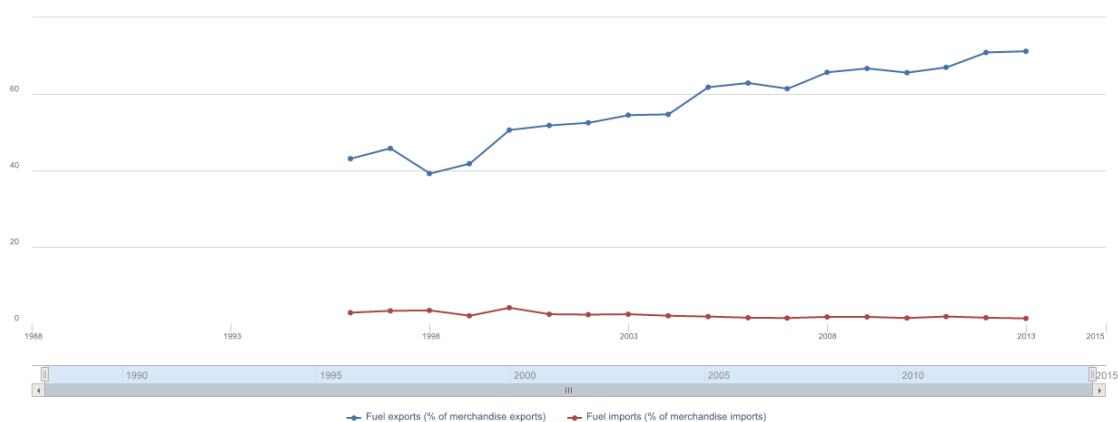
congruente com o seu passado soviético e com a atual configuração do seu território, o qual é multiétnico e multicultural.

A próxima seção será importante para o entendimento a respeito da recuperação das capacidades materiais da Rússia, o que influenciará diretamente na busca por ideias e hábitos autônomos e nas tentativas de institucionalização da influência russa na antiga área da URSS, principalmente. Importante dizer, novamente, que a recuperação desses três contextos somente foi possível a partir da estabilização das relações sociais e do Estado russo a partir da ascensão de Putin ao poder.

3.3.3 A ascensão econômica russa na era Putin

A importância política de Vladimir Putin é incontestável para a retomada do desenvolvimento e da assertividade russa no contexto internacional; esse protagonismo foi intensificado, contudo, à medida que os preços dos hidrocarbonetos, principalmente petróleo e gás, atingiram patamares históricos muito altos, em 2005-2006, para este, e 2007-2008, para aquele.

Gráfico 11 – Exportação e importação de combustíveis da Federação Russa (% das mercadorias)



Country : Russian Federation
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Percebe-se que, a partir de 1998, as exportações iniciam um caminho de melhora, o que foi intensificado após 1999, em decorrência da própria recuperação da economia russa. Cabe ressaltar, ainda, a grande importância desse produto para a economia da Federação Rússia como um todo, na medida em que, apesar dos esforços de Putin em promover uma reindustrialização intensa, esse país continua sofrendo com a commoditização de sua pauta exportadora (petróleo e gás, principalmente).

Gráfico 12 – Produção de Petróleo Bruto da Federação Russa (barris/dia)



Fonte: www.tradingeconomics.com

Gráfico 13 – Variação do preço do petróleo Brent bruto da Federação Russa (US\$ atual)



Fonte: www.tradingeconomics.com

A crescente produção de petróleo após o ano 2000 segue raciocínio semelhante ao aumento das exportações, uma vez que esse produto torna-se primordial na pauta de exportações e na economia russa. O chamado boom das commodities, porém, tem grande influência nesse contexto também, já que houve o aumento intenso dos preços dos bens primários no âmbito mundial, principalmente em decorrência do grande crescimento chinês na primeira década do século XXI. Importante salientar também que esse aumento profundo do preço do petróleo possibilitou uma melhora substancial na economia da Rússia.

Gráfico 14 – Variação do preço do gás natural (US\$ atual)



Fonte: www.tradingeconomics.com

Embora o gás natural não seja uma commodity, torna-se importante salientar que, assim como no caso do petróleo, a Federação Russa beneficiou-se do grande aumento dos preços regionais desse produto, de acordo com a tabela. O gás natural torna-se ainda mais importante na geopolítica russo-ucraniana, na medida em que a dependência da Ucrânia com relação a esse produto é intensa, principalmente nos períodos de inverno, sendo a Rússia um grande supridor desse bem primário. Essa dependência, contudo, tem diminuído atualmente, principalmente em decorrência do atual conflito, embora isso tenha sido problemático para as finanças ucranianas, já que o gás comprado da Rússia era mais barato.

Os preços elevadíssimos, aliados ao aumento substancial da produção, impulsionaram as finanças russas, possibilitando, desse modo, uma intensificação importante nas suas capacidades materiais militares. Contudo, “[...] a estrutura econômica russa mudou

intensamente em favor de indústrias extrativistas, em detrimento de setores industriais de alta tecnologia e até mesmo tradicionais” (DZARASOV, 2014, p. 6, tradução nossa)¹¹⁶.

A partir disso, a dependência russa com relação ao contexto externo se agravou, visto que esse país não consegue influenciar sozinho o preço das commodities que exporta, principalmente no que concerne ao petróleo. Assim, a intensa queda nos preços das commodities após 2014, além das sanções ocidentais por causa da invasão da Rússia à Crimeia tem prejudicado a economia russa, ainda que os eles estejam influenciando de maneira mais assertiva os preços regionais do gás natural. Embora isso seja um fator de extrema desestabilização, Putin continua funcionando como elemento moderador em um Estado permeado por interesses privados das oligarquias.

Conquanto as bases econômicas russas tenham se tornado mais frágeis do que aquelas existentes no período soviético, a ascensão de Vladimir Putin permitiu uma profunda recuperação das capacidades materiais organizacionais e tecnológicas, principalmente com relação às indústrias extrativistas. Além disso, as formas acumuladas de capacidades materiais também experimentaram um grande salto, por meio da transformação de recursos naturais em tecnologia, embora existam problemas no desenvolvimento tecnológico em alguns setores. Somado a esses dois âmbitos, as capacidades materiais referentes aos estoques de equipamentos industriais e armamentos cresceram de maneira incrível, e a Guerra Russo-Georgiana foi um impulso fundamental para a potencialização desse último contexto.

3.3.4 O turning point da Guerra Russo-Georgiana

Torna-se fundamental aduzir que, enquanto o segundo conflito checheno foi fundamental para a estabilização política da figura bonapartista de Putin, a Guerra Russo-Georgiana foi essencial para o aumento nos investimentos militares, ou seja, no aumento ainda mais intenso das capacidades materiais da Federação Russa. Esse conflito também foi importante para o aprofundamento dos embates entre Rússia e Ocidente no contexto

¹¹⁶ [...] the Russian economy's structure has changed dramatically in favour of extractive industries, to the detriment of high-tech and even traditional industrial sectors.

internacional, na medida em que a política externa russa se tornou ainda mais assertiva a respeito de seus interesses na antiga área soviética, principalmente com relação à Ucrânia.

"A integridade territorial da Rússia não está sujeita a negociações. (...) Tomaremos ações duras contra qualquer um que viole nossa integridade territorial. A Rússia tem sido um grande poder há séculos, e continua sendo. Sempre teve e ainda tem áreas de legítimas de interesse no exterior, em antigas terras soviéticas e além. Não devemos baixar nossa guarda, nem deixar que nossa opinião seja ignorada".¹¹⁷ Desde sua aprovação como Primeiro-Ministro da Rússia, Vladimir Putin vem cumprindo sua promessa de restabelecer uma política externa russa mais assertiva e a buscar a influência prévia da Rússia sobre os antigos territórios soviéticos.

A curta guerra russo-georgiana, em 2008, demonstrou à burocracia russa os enormes problemas das Forças Armadas da Rússia, principalmente no que concernia a seus equipamentos e táticas relativamente ultrapassados. Conquanto a Rússia tivesse grande superioridade qualitativa e quantitativa no conflito, inúmeras perdas ocorreram, porquanto, no ano de 2009, o ex-presidente Dmitri Medvedev anunciou um amplo plano de rearmamento militar, destinado à compra de armas e ao desenvolvimento do complexo militar-tecnológico russo¹¹⁸. Esse amplo plano de modernização das forças armadas teria orçamento de cerca de 500 bilhões de euros, até o ano de 2020. No que concerne à venda de armas, segundo o relatório publicado em 2014, pelo Instituto Internacional de Estocolmo para Pesquisas da Paz, entre 2009 e 2013, a Rússia aumentou para 27% a sua participação no mercado bélico internacional, apenas dois pontos percentuais a menos que os EUA, o maior exportador mundial¹¹⁹.

A recuperação militar russa não foi feita, somente, a partir do aumento de investimentos e do desenvolvimento de novas tecnologias militares, na medida em que a demonstração de força tornou-se primordial para a tentativa de dissuadir os EUA e seus

¹¹⁷ Discurso de posse de Vladimir Putin como Primeiro-Ministro da Rússia, perante o Parlamento Russo (Duma). 16 ago. 1999. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140328_putin_urss_pai. Acesso em: 01/11/2015

¹¹⁸ Rússia anuncia plano de rearmamento militar. 17 mar. 2009. The BBC. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/03/090317_russiarearma_ba.shtml. Acesso em: 31 out. 2015

¹¹⁹ Idem 7

aliados a expandir ainda mais as atividades da OTAN e impedir intervenções ocidentais na política interna dos ex-territórios soviéticos . Porém, isso não ocorreu de fato, uma vez que os EUA e seus aliados influenciaram essa região, principalmente por meio das Revoluções Coloridas ocorridas nos territórios das ex-repúblicas soviéticas¹²⁰. Em seu discurso para sua reeleição, em 2012, Putin afirmou como prioridade a necessidade de responder à implantação de um escudo antimíssil, na Europa, pelos Estados Unidos e pela OTAN, mediante o “reforço do sistema de defesa aérea e espacial do país”¹²¹. Somado a isso, no final de 2014, a nova doutrina militar russa apontou os Estados Unidos e a OTAN como as maiores ameaças para a segurança nacional da Rússia.

Em julho de 2015, o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, anunciou o reforço do arsenal nuclear russo com mais de 40 mísseis de longo alcance, “capazes de superar os sistemas de defesa mais avançados”. A revelação surgiu dois dias após a notícia que dava conta da aspiração dos Estados Unidos em armazenar equipamento militar pesado nos países da Europa do Leste, pretensão descrita pelas autoridades russas como “o mais agressivo passo dado desde a Guerra Fria”¹²². Em 2014, a OTAN conduziu mais de 100 interceptações de aeronaves russas, cerca de três vezes a mais do que em 2013, em meio a um aumento nas tensões entre Moscou e o Ocidente devido à crise na Ucrânia¹²³.

A presença russa, em dois pontos extremamente estratégicos, preocupa os EUA e seus aliados europeus: Kaliningrado (antiga região alemã de Königsberg e, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, um enclave russo entre a Polônia e a Lituânia) e a península da Crimeia, anexada, em 2014, pela Federação Russa, em contraposição à Ucrânia. Grande parte do território polonês é coberta pelo alcance dos mísseis antiaéreos russos, assim como para boa parte do Báltico. No que concerne à Crimeia, o controle russo do mar Negro é especialmente

¹²⁰ Revolução colorida é a designação atribuída a uma série de manifestações políticas de oposição que envolveu a derrubada de governos considerados anti-estadunidenses e pró-Rússia, e sua substituição por governos pró-Ocidentais. Ocorridas a partir dos anos 2000, a maior parte dos casos bem sucedidos de revoluções coloridas ocorreu na área de influência ou no território da antiga União Soviética

¹²¹ Putin promete rearmamento da Rússia sem precedentes. 20 fev. 2012. O Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/putin-promete-rearmamento-da-russia-sem-precedentes.html>. Acesso em: 31 out. 2015

¹²² Saraiva Lima, Antônio. Rússia acrescenta 40 mísseis balísticos intercontinentais ao seu arsenal nuclear. 16 jun. 2015. Público. Disponível em: <http://www.publico.pt/mundo/noticia/russia-acrescenta-40-misseis-balisticos-intercontinentais-ao-seu-arsenal-nuclear-1699174>. Acesso em: 31 out. 2015

¹²³ Idem 16

preocupante para os EUA e seus aliados, na medida em que a Rússia estabeleceu força considerável na região de Latakia, na Síria, por intermédio deste. A partir da projeção de poder aeronaval no leste do Mediterrâneo e no mar Negro, os russos cobrem virtualmente todas as rotas de exportação de petróleo e gás pelo mar na região, e podem interdita-las militarmente em caso de conflito futuro¹²⁴.

A intervenção russa no conflito sírio demonstra a tentativa da Rússia de se colocar no contexto internacional como uma superpotência, o que pressiona, conseqüentemente, de maneira extrema, os países da ex-URSS, na medida em que o projeto da União Econômica Euroasiática (UEE)¹²⁵ é primordial para os interesses russos, portanto, a adesão da sua antiga área de hegemonia a esse projeto integracionista é essencial para o restabelecimento hegemônico russo.

Desde o início do conflito sírio, o Tadjiquistão anunciou a vontade de entrar na UEE, em dezembro de 2012; o Quirguistão, em maio de 2013, a Geórgia, em setembro de 2013, enquanto a Armênia passou a fazer parte desse projeto em setembro de 2013. A Moldávia e a Ucrânia são países indispensáveis para esse projeto russo, que não deixará que esses territórios, pertencentes à sua hegemonia histórica (Império Russo, URSS e Federação Russa), sejam englobados pela UE na região. A partir disso, a projeção de poder da Federação Russa, no contexto internacional, proporciona resultados práticos no contexto regional.

O objetivo central da retomada do desenvolvimento do aparato militar-tecnológico russo é a afirmação hegemônica sobre as antigas repúblicas soviéticas. O renascimento dessa superpotência militar, apesar das debilidades econômicas da Rússia, em decorrência da diminuição do preço do barril de petróleo (45,07 dólares por barril em julho de 2016)¹²⁶ e das

¹²⁴ Gielow, Igor. Rússia desafia poder militar aéreo norte-americano. 15 set. 2015. Folha de SP. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1681886-russia-desafia-poder-militar-aereo-norte-americano.shtml>. Acesso em: 30 out. 2015

¹²⁵ União Econômica Eurasiática: A resposta do leste à União Europeia. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2015/05/23/uniao-economica-eurasiatica-a-resposta-de-leste-a-uniao-europeia/>. Acesso em: 28 out. 2015

¹²⁶ NIDECKER, Fernanda. Dependência de petróleo e gás ameaça desempenho da Rússia como potência econômica. The BBC, Brasília, 31 mar. 2009. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/03/090331_russiaeconomia_fp.shtml. Acesso em: 27 out. 2015

sanções ocidentais¹²⁷, demonstra a disposição russa de utilizar todos os meios, inclusive militares, para a manutenção e reafirmação de sua posição regional e global. Desde o início de seu mandato, Vladimir Putin deixou clara a luta da Federação Russa para restaurar o orgulho e a importância russa no âmbito regional e global, visto que, de acordo com ele, “...o colapso da União Soviética foi a maior catástrofe geopolítica do século”¹²⁸, porquanto cerca de 25 milhões de russos, de um dia para o outro, estavam localizados fora do seu país de origem. Todo o reaparelhamento militar da Federação Russa converge para esse objetivo de restauração hegemônica.

¹²⁷BONET, Pilar. As sanções à Rússia e a crise levam Putin a aumentar os impostos. El País. Moscou, 03 ago. 2014. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/03/internacional/1407097380_129294.html. Acesso em: 06 set. 2016

¹²⁸ Para Putin, fim da URSS foi catástrofe geopolítica. The BBC, 25 abr. 2005. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/04/050425_putinro.shtml. Acesso em: 28 out. 2015

4. A revolução passiva ucraniana: Formação de um Estado Oligárquico

Este capítulo traçará as especificidades da nova realidade ucraniana após a desintegração da URSS, a fim de compreender, assim como no caso russo, qual a influência desse cenário na atual guerra civil ucraniana. Em decorrência disso, aspectos mais gerais a respeito da história ucraniana serão propostos neste momento, primordialmente no que concerne aos contextos político, econômico, social e cultural. Posteriormente, algumas dessas consequências serão retomadas no próximo capítulo, para demonstrar as relações intrínsecas entre Rússia e Ucrânia após o fim da URSS.

Semelhantemente à revolução neoliberal ocorrida na Rússia, a Ucrânia experimentou um processo de mudanças política, econômica e social intensas, na medida em que inúmeras vicissitudes proporcionaram características singulares aos contextos interno e externo das ex-repúblicas soviéticas. Primeiramente, a independência formal estabelecia diversos desafios, como a conformação de uma burocracia e o confronto entre elites pelo poder político, visto que o fim da URSS, na qual o aparato de Moscou era predominante, deixou um relativo vácuo de poder na sociedade ucraniana, ainda que a Ucrânia tivesse um Partido Comunista dominante.

Economicamente, características como: inflação crônica, colapso industrial, instabilidade monetária e queda profunda no PIB proporcionaram um período de crise sem precedentes na história ucraniana. No que concerne ao âmbito social, as privatizações ocorridas nos anos 1990 empoderaram diversos grupos econômicos oligárquicos, os chamados *Red Directors*¹²⁹, que, por intermédio do processo de acumulação por desapossamento, sequestraram o Estado ucraniano, institucionalizando a corrupção do apoio político em troca de favores econômicos, principalmente durante o mandato presidencial de Kuchma (1994-2004).

Percebe-se, desse modo, as semelhanças vivenciadas por ambos regimes pós-URSS, tanto ucraniano como russo, que muito se deve à herança soviética, como também às

¹²⁹ Os *RedDirectors* são os antigos dirigentes soviéticos que, por meio do processo de privatizações, ocorrido na Ucrânia, principalmente nos anos 1990, conseguiram manter e aprofundar suas posições na estrutura econômica em diversos setores da economia ucraniana, principalmente o energético.

mudanças bruscas vivenciadas pela revolução de mercado e à ascensão de grupos oligárquicas, os quais “capturaram” o aparato estatal desses países, a fim de impulsionar seus interesses individuais.

4.1. A ascensão do sistema de clãs e fraqueza da sociedade civil ucraniana

A acumulação por despossessão foi o instrumento ideal para a ascensão dos antigos *Red Directors*¹³⁰ ao poder econômico e político no novo contexto de revolução neoliberal. As gigantes indústrias soviéticas caracterizavam-se pela enorme ineficiência energética e, em decorrência desse legado, as indústrias ucranianas também carecem de eficiência energética. Desse modo, grande quantidade de energia é necessária para o funcionamento delas, o que determina a necessidade de baixos preços dos recursos energéticos para a competitividade dessas indústrias atualmente em uma economia de mercado (BALMACEDA, 2008).

No processo de acumulação por despossessão, grandes indústrias soviéticas passaram para o controle das velhas elites do período da URSS, uma vez que controlar essas indústrias era essencial para a manutenção do poder desses grupos. Assim, a permanência de preços baixos dos recursos energéticos era essencial para que esses oligarcas auferissem o maior lucro possível (BALMACEDA, 2008).

Esse processo, além disso, foi aprofundado, por causa do caos do mercado de negociantes privados de gás, uma vez que se estabeleceram inúmeros monopólios regionais de compra de gás russo por intermediários privados, o que proporcionou grandes fortunas às oligarquias, principalmente por dois fatores essenciais: o monopólio da venda de gás para as indústrias ineficientes energeticamente e os esquemas de falências induzidas (BALMACEDA, 2008).

Nesses esquemas, os oligarcas monopolistas na venda de gás cobravam preços absurdos para o fornecimento de gás para as indústrias, em decorrência dos monopólios regionais que detinham, o que proporcionava a falência dessas companhias. Os negociantes de

¹³⁰ Posteriormente, com o aprofundamento do seu poder econômico, passam a combinar recursos econômicos e poder político, estabelecendo, assim, um verdadeiro Sistema de Clãs, baseados regionalmente (BAGs).

gás, posteriormente, compravam essas indústrias a preços extremamente baixos, aumentando de maneira profunda seus poderes econômicos e, conseqüentemente, políticos (BALMACEDA, 2008).

Embora as indústrias soviéticas fossem extremamente ineficientes, administrar as empresas estatais configurava-se um fator de poder. Diferentemente da Rússia, as privatizações em massa não ocorreram num primeiro momento, mas sim no fim da década de 1990 e início dos anos 2000. Desse modo, a importância do Estado ainda era extremamente importante nesse âmbito, embora a perda de capacidade econômica ucraniana fosse intensa (BALMACEDA, 2008).

A busca de renda dos *red directors* fazia-se, prioritariamente, por intermédio da compra de energia subsidiada barata, principalmente da Rússia, para posteriormente exportá-la ao ocidente por preços de mercado. Mesmo com o aumento de preços da energia, em 1993, os lucros dos *red directors* continuaram intensos, já que o Estado passou a subsidiar o preço da energia, aumentando profundamente a dívida ucraniana com a Rússia (BALMACEDA, 2008).

O processo de privatizações do início da década de 1990 propiciou, assim, que os diretores das empresas estatais se tornassem os donos de *facto* destas, possibilitando a combinação de recursos econômicos com poder político baseados regionalmente. Essas privatizações aumentaram imensamente os lucros dos novos oligarcas, que puderam instrumentalizar esse poder econômico em poder político, por meio da compra de canais de televisão e rádio e na concessão de benesses regionais para as populações em suas áreas de influência (BALMACEDA, 2008). A base de poder dessa nova elite baseava-se na posição na estrutura econômica e nos interesses setoriais, principalmente energéticos, e não por supremacia ideológica.

As velhas e novas oligarquias dominantes ascenderam ao poder a partir de mudanças nas relações de produção, por meio da acumulação por desapossamento, o que institucionalizou o papel do Estado como mediador dessas forças sociais locais – principalmente durante o governo Kuchma -, que, também, possuem vínculos transnacionais (PIJL, 2005). As pressões internas e externas são extremamente complexas, já que são

projetadas diretamente ou indiretamente por diversos contextos, o que, conseqüentemente, determina a complexidade da estrutura ucraniana após o fim da URSS (BALMACEDA, 2008).

O sequestro do Estado pelo sistema de clãs possibilitou a supremacia dos interesses individuais desses grupos sobre aqueles do país, o que beneficiava Moscou, na medida em que a Rússia poderia usar a dependência energética ucraniana para obter resultados de Política Externa favoráveis, o que será observado posteriormente nesta dissertação. Por ora, torna-se importante salientar essas características dessa nova elite, o que proporciona conseqüências profundas na economia e na política da Ucrânia

Torna-se fundamental explicitar os três principais clãs que se formaram, durante a década de 1990, na Ucrânia: os clãs Dnipropetrovsk, Donetsk e Kiev. Desde então, eles competiram por influência e pelo controle do governo central. Para esse fim, todos os três clãs eram formados por poderosos oligarcas, tinham seus próprios partidos políticos, facções parlamentares e seus próprios jornais e canais de televisão, mostrando-se assim bem organizados para a arena política (ZON, 2007).

Num primeiro momento, essas oligarquias ascendentes implementaram um verdadeiro sistema de clãs, primordialmente em decorrência da falta de uma burocracia estatal efetiva e histórica, o que proporcionou uma luta intensa de poder entre eles. Somado a isso, como foi explicitado no capítulo teórico, esse sistema de clãs existiu na Ucrânia porque, entre outras razões, o aprofundamento do processo de acumulação por desapossamento ocorreu somente no fim dos anos 1990, assim, os novos oligarcas inicialmente precisaram se apoiar mutuamente, a partir de relações territoriais e/ou setoriais, e dependiam de maneira mais profunda do governo central.

Posteriormente, contudo, o aprofundamento da acumulação por desapossamento nesse Estado proporcionou o aumento da importância dos conglomerados de maneira individual, o que estabeleceu inúmeros interesses díspares na Ucrânia. As histórias dos clãs serão explicitadas a partir deste momento.

4.1.1 O Clã Kiev

A mais importante figura desse clã é Viktor Medvedchuk, que foi o líder da administração presidencial durante o segundo mandato de Kuchma. Comparado aos clãs Donetsk e Dnipropetrovsk, esse grupo possui uma menor influência no contexto econômico, mas teve historicamente maior importância política, perpassando o Partido Social-Democrata da Ucrânia (United) e o SDPU. (MATUSZAK, 2012).

De aproximadamente 1996 a 2000, o clã de Kiev se juntou ao clã Dnipropetrovsk ao redor de Kuchma, a fim de obter proteção e favores dele. Além do ex-presidente, faziam parte desse círculo seu enteado, Viktor Pinchuk, e Yulia Tymoshenko, os quais buscavam controle da distribuição de gás na Ucrânia (PIJL, 2016).

Possuindo dois clãs competindo ao seu favor, Kuchma poderia manejar a competição política, transformando-se em árbitro das rivalidades. Gradualmente, contudo, e principalmente após 2001, o clã de Donetsk se reergueu como uma força política após um período de fraqueza, por meio do controle das indústrias pesadas e pela extensão do controle do clã sobre a distribuição de gás, principalmente com Rinat Akhmetov, o que determinou uma diminuição da influência dos outros clãs, principalmente o de Kiev (PIJL, 2016).

4.1.2 O Clã Dnipropetrovsk

Após a independência, Kravchuk efetivamente transformou a estrutura do partido ucraniano em uma nova *nomenklatura*, concentrada em Dnipropetrovsk. As forças empoderadas por Kravchuk tornaram-se a fração dominante inicial na emergente Ucrânia oligárquica, mas sem desistir de suas posições políticas ou conexões, num padrão remanescente de uma classe de *contender state* (PIJL, 2016, p. 21-22, tradução nossa¹³¹).

¹³¹ After independence, he effectively transformed the Ukrainian party cadre structure into a *neo-nomenklatura*, concentrated in Dnepropetrovsk. The forces empowered by Kravchuk would become the initially dominant fraction in the emerging Ukrainian oligarchy, but without giving up their political positions or connections, in a pattern reminiscent of a contender state class

Kravchuk conseguiu institucionalizar seu poder político por intermédio do partido *Rukh*, o qual era proeminentemente nacionalista, ainda que houvesse nos seus quadros pluralistas também (SAKWA apud PIJL, 2016).

O clã Dnipropetrovsk teve grande influência durante o primeiro mandato de Kuchma, principalmente durante o período em que Lazarenko foi primeiro ministro. Esse político desejava tomar controle das empresas de aço de Donetsk, a fim de que sua United Energy Systems pudesse controlar a cadeia de oleodutos gás-metal-gás da região. Além disso, ele desejava impedir a união do clã de Donbass, uma vez que isso poderia minar o poder de outros clãs. De acordo com o promotor de justiça que o processou, Lazarenko mandou matar no período várias lideranças do clã Donetsk (ZON, 2007).

Ele ainda auxiliou Tymoshenko a se tornar, com o passar do tempo, a maior importadora de gás da Ucrânia. Além disso, o próprio ex-presidente Kuchma fazia parte desse clã, o que intensificava ainda mais sua força. Interessante notar que Lazarenko, posteriormente, foi preso nos EUA, enquanto Yulia Tymoshenko, sua parceira de negócios, não sofreu nem mesmo uma censura do governo norte-americano:

No início de 1999, Lazarenko, durante seu período no poder, cerca de US\$ 200 milhões foram desviados de fundos estatais. Ao fugir para os EUA, ele foi condenado por extorsão e lavagem de dinheiro. Tymoshenko, por outro lado, não foi objeto de censura ou de processos, apesar de ter sido parceira de negócios de Lazarenko de longa data. Ela continuaria nos negócios e na política, ainda que com menos sucesso nos últimos anos (SAKWA apud PIJL, 2016, p. 24, tradução nossa¹³²).

Após a demissão de Lazarenko, porém, esse clã dividiu-se em vários grupos autônomos, sendo o mais importante aquele formado ao redor de Viktor Pinchuk (genro de Kuchma), o qual possui grande influência no setor metalúrgico.

Somado a esse grupo, o chamado *Privat Group*, liderado por Ihor Kolomoyskyi¹³³ e Henadiy Boholyubov, também ganhou enorme influência, por meio do setor financeiro. Por

¹³² In early 1999 Lazarenko, during whose period in office (one year) some \$200 million was embezzled from state funds, fled to the US where he was convicted for extortion and money-laundering. Tymoshenko on the other hand was not subject to US censure or prosecution, although she had been his business partner all along, and would continue in business and politics albeit with less success in the last few years

¹³³ Ihor Kolomoyskyi nasceu em 1963, em Dnipropetrovsk. Ele começou sua atividade comercial em 1990, comercializando software de computadores. Em 1992, ele e Henadiy Boholyubov fundaram o Privat Bank, o qual se tornou rapidamente o maior banco ucraniano. Kolomoyskyi não participou da vida política pós-

último, outros grupos influentes dentro do clã Dnipropetrovsk são formados por alguns políticos, como Yulia Tymoshenko e Serhiv Tihipko (MATUSZAK, 2012). Torna-se crucial aduzir que a divisão desse clã ficou ainda mais clara durante as eleições presidenciais de 2010, na qual Yanukovich sagrou-se vencedor (clã Donetsk), seguido por Yulia Tymoshenko (clã Dnipropetrovsk) e Serhiy Tihipko (clã Dnipropetrovsk). Alguns grupos desse clã, ainda, possuem laços estreitos com o clã Donetsk e inclusive já fizeram parte do Partido das Regiões, como o próprio Tihipko.

Embora esses dois grupos oligárquicos tenham sido importantes durante a primeira década, o processo de acumulação por desapossamento no final da década de 1990 e início dos anos 2000 quase que diluiu completamente as relações intrínsecas que existiam internamente. Porém, diferentemente disso, o clã Donetsk ganhou proeminência e continuou relativamente coeso, apesar do aumento posterior da influência dos grandes conglomerados e a clivagem de interesses dentro desse clã. A partir disso, a análise a respeito do clã Donetsk é muito mais complexa do que aquelas relativas aos outros dois clãs, até mesmo porque aquele está situado no *heartland* ucraniano – a região de Donbass.

4.1.3 O clã Donetsk

Mais da metade dos membros de elite do Partido Comunista Ucraniano eram provenientes do importante centro de Dnipropetrovsk, enquanto o quadro do Partido Ucraniano (de Dnipropetrovsk, Donetsk e Kharkov) dominou a hierarquia central partidária em Moscou, assim como as estruturas partidárias do Cazaquistão e da Moldávia. Como resultado, ucranianos do leste, funcionários cujas carreiras tinham

independência, mas – dependendo das suas próprias necessidades – ele apoiou várias forças políticas, principalmente aqueles do campo “Laranja”. O oligarca foi acusado em várias ocasiões por comportamento agressivo nos negócios e por usar práticas criminosas (MATUSZAK, 2012, tradução nossa).

Ihor Kolomoyskyi was born in 1963 in Dnipropetrovsk. He started his business activity in 1990, trading in computer software (although according to some data, he was engaged in business activity already in 1985)¹⁹⁰. In 1992, he and Henadiy Boholyubov established Privat Bank, which soon became Ukraine’s largest bank. Kolomoyskyi has not participated in current politics, but – depending on his own needs – he has backed various political forces, mainly those from the ‘Orange’ camp. The oligarch has been accused on many occasions of aggressive behaviour in business and of using raider practices¹⁹¹. Criminal proceedings on charges of ordering contract killings have been launched against him twice. Kolomoyskyi has been the president of the United Jewish Community of Ukraine since 2008 and the president of the European Council of Jewish Communities since 2010.

sido estabelecidas por meio da República, exerciam grande influência na tomada de decisão global da URSS (YURCHENKO apud PIJL, 2016, p. 19, tradução nossa¹³⁴).

Após a independência, principalmente durante o período de hiperinflação de 1992-1995, similarmente ao que ocorreu por toda Ucrânia, fortunas foram obtidas por meio do comércio energético e da exportação de aço. Na medida em que as indústrias de carvão, gás e eletricidade controlavam os preços e se tornaram as únicas supridoradoras das indústrias baseadas em Donetsk, e os ganhos foram intensos.

Os líderes comunistas continuaram no poder, embora fossem superados posteriormente pelos novos grupos comerciais ucranianos (*Financial Industrial Groups, FIGs*), notoriamente a partir de 1998 - período mais intenso do processo de privatizações na Ucrânia -, por meio do processo de acumulação por desapossamento, similarmente ao caso russo.

Zon (2007) afirma que esses grupos não eram somente poderosos financeiramente e politicamente, mas também bem organizados, já que obtiveram controle das empresas de Donetsk, por meio de corrupção e extorsão. Somado a isso, controlavam o fornecimento de matérias-primas aos negócios locais (carvão, gás, minério de ferro). Esse autor (2007, p. 394, tradução nossa¹³⁵) aduz que “Donetsk, e de modo mais abrangente o leste ucraniano, é a sede econômica da Ucrânia”.

A respeito das indústrias da região de Donbass, os pagamentos de energia costumam atrasar de maneira mais comum do que no resto do país (em 2005, apenas 66% do total da energia fornecida pelo poder central foi paga nesse mesmo ano), o que exemplifica o nível dos subsídios despendidos por Kiev para manter essas indústrias em funcionamento. Somado a isso, a criminalização da região e os métodos pouco competitivos do clã Donetsk afugentam investidores externos historicamente (em 2003, apenas 90,2 milhões de dólares foram investidos na região, o que configura 2,7% do total de investimentos na Ucrânia) (ZON,

¹³⁴ More than half of the Ukrainian Communist Party top cadre hailed from the key centre of Dnepropetrovsk, whilst Ukrainian party cadre (from Dnepropetrovsk, Donetsk and Kharkov) had dominated the central party hierarchy in Moscow, as well as the party structures of Kazakhstan and Moldova. As a result, (eastern) Ukrainians and officials whose career had passed through the Republic, wielded great influence in overall USSR decision-making

¹³⁵ [...] Donetsk, and more broadly eastern Ukraine, is the economic powerhouse of the Ukraine.

2007). Percebe-se, desse modo, o porquê das indústrias de aço e carvão continuarem proeminentes e dominantes em Donbass.

Os produtores ucranianos que não são parte das estruturas do clã tinham que pagar de 30 a 80% mais do que os preços de mercado [...] do minério de ferro [...]. Consumidores domésticos pagavam de 10 a 15% mais do que consumidores estrangeiros pelo mesmo aço ucraniano (ZON, 2007, p. 384, tradução nossa¹³⁶).

O complexo de produção coesivo em Donbass, proveniente dos tempos soviéticos, tornou-se controlado, após o processo de independência, pelo clã Donetsk. Esse clã, porém, sofreu inúmeros revezes durante a história pós-independência da Ucrânia, embora tenha conseguido estabelecer-se como proeminente não apenas em Donetsk, mas também em outras regiões do país e em outros países, por meio do seu poder econômico e da sua influência política na Ucrânia:

Deve-se recordar que Donetsk, e mais abrangentemente o leste ucraniano, é a potência econômica da Ucrânia. A província de Donetsk sozinha perfaz ¼ das exportações ucranianas, enquanto as províncias ao sudeste de Donetsk, Lugansk, Dnipropetrovsk e Zaporizhzhya [...] perfazem 55% das exportações ucranianas (2004) e 27% da população total ucraniana. Aqui, os clãs mais poderosos de Donetsk estão baseados (ZON, 2007, p. 394, tradução nossa)¹³⁷

Em 1993, os líderes locais de Donetsk decidiram influenciar diretamente nas tomadas de decisões do governo central, por intermédio da organização de uma grande onda de greves nas indústrias de carvão, o que possibilitou a ascensão de Yefim Zviahivsky como Primeiro-Ministro posteriormente e a indicação de Vladimir Scherban como presidente do conselho provincial. O clã Kiev estava muito fraco nesse tempo, portanto foi obrigado a buscar compromissos com o clã Dnipropetrovsk. Da mesma forma, contudo, o clã Donetsk se expandia e apoiou, juntamente com outras frações do clã Dnipropetrovsk, a eleição de

¹³⁶ Ukrainian producers that are not part of the clan structures had to pay 30 to 80 per cent more than a market-based price for[...] iron ore [...]. Domestic consumers paid 10–15 per cent more than foreign consumers for the same Ukrainian steel.

¹³⁷ It should be recalled that Donetsk, and more broadly eastern Ukraine, is the economic powerhouse of the Ukraine. Donetsk province alone accounts for one-quarter of Ukrainian exports while the southeastern provinces of Donetsk, Luhansk, Dnipropetrovsk and Zaporizhzhya, [...] account for 55 per cent of Ukrainian exports (2004) and 27 per cent of the population. Here the most powerful clans of the Ukraine are based – and they have many means to sabotage economic and political reforms.

Kuchma. Esse compromisso entre os clãs Dnipropetrovsky e Donetsk possibilitou a criação do inter-regional Bloco das Reformas (1993), precursor do Partido das Regiões (PIJL, 2016). Em decorrência da própria importância de Donetsk para a economia ucraniana, brigas violentas entre clãs tornaram-se proeminentes na região leste, entre 1995 e 1997, uma vez que o controle da compra e venda de gás natural para a Rússia era um modelo de negócio extremamente lucrativo para quem o controlasse. Nesse período, o clã Donetsk ainda não apresentava grande coesão e não estava totalmente fortalecido (ZON, 2007). Desse modo, a fraqueza do clã Donetsk possibilitou um ataque massivo ao seu poder regional pelo poder central controlado, nesse período, pelo clã Dnipropetrovsk, primordialmente por intermédio do Primeiro-Ministro Lazarenko (1996-1997).

Como consequência direta do conflito, o governador de Donetsk, Sergey Poliakov, que era um dos protegidos de Lazarenko, foi obrigado a se demitir, o que possibilitou grande influência a Akhmetov, herdeiro dos negócios de Bragin, na região.

Sucessivas aquisições em 1995 e 1996, asseguradas posteriormente por assassinatos estratégicos, permitiu a Akhmetov incorporar importantes companhias em sua holding, o System Capital Management (SCM) em 1996. Após isso, seguiram-se novos assassinatos e novas aquisições (YURCHENKO apud PIJL, 2016, p. 28, tradução nossa¹³⁸)

Somado a isso:

A SCM em pouco tempo controlou as maiores partes das indústrias de carvão e de aço da Ucrânia; seus negócios, afinal, comprometiam ¼ do PIB ucraniano e o fez (Akhmetov) o homem mais rico da Ucrânia (SAKWA apud PIJL, 2016, p. 28, tradução nossa¹³⁹).

Após isso, Viktor Yanukovich foi nomeado governador de Donetsk, o que demonstrou o compromisso de Kuchma no que concerne à mediação dos conflitos entre os clãs. Ainda que possa ser considerado perdedor do conflito, uma vez que retraiu sua presença na cena nacional, o clã Donetsk buscou, a partir desse dele, controlar intensamente a economia de

¹³⁸ Successive acquisitions in 1995 and 1996, secured by further strategic assassinations, allowed Akhmetov to incorporate a whole raft of companies into his holding, System Capital Management (SCM) in 1996, after which new assassinations and new acquisitions followed.

¹³⁹ SCM soon controlled the largest slices of Ukraine's coal and steel industries; his businesses in the end comprised around one-quarter of Ukraine's GDP and made Akhmetov the country's richest man

Donbass e pacificar lutas dentro do próprio clã, a fim de não sofrer novamente intervenções de outras forças nesse território (ZON, 2007).

De acordo com Zon (2007), Yanukovich, Akhmetov e Boris Kolesnikov conseguiram colocar fim às atividades criminais em Donetsk, restaurando a ordem, mesmo que essa ordem significasse a ordem do mais forte. Essa política interna pacificadora foi essencial para o início da unificação da elite fragmentada de Donetsk, a fim de obter autonomia regional, controlar os recursos energéticos locais e desenvolver relações econômicas com a Rússia. O apoio recíproco entre o clã Donetsk e Kuchma foi essencial para o desenvolvimento da economia regional e da política nacional:

Após os violentos conflitos em 1995 e 1996, os clãs de Donetsk construíram seus impérios sem desafiar abertamente o poder estatal em Kiev. Um compromisso emergiu entre presidente Kuchma e Donetsk em 1998: Donetsk organizou apoio para o presidente, garantindo uma maioria para ele durante as eleições presidenciais de 1999 em Donbass, e em retorno o governo em Kiev deixou o clã Donetsk realizar seus próprios negócios sem perguntas indiscretas a respeito de como eles acumularam suas fortunas. O dispositivo era “política é feita em Kiev e negócios em Donbass”. Isso significou que o clã Donetsk poderia constituir seu próprio feudo, com suas próprias regras, o que o diferenciava daquele de Kiev, com a condição de lealdade ao presidente Kuchma. A partir disso, em 1999, Donetsk organizou uma maioria para o presidente Kuchma contra seu adversário, o comunista Petro Symonenko, apesar do fato de que Donetsk era o bastião de Symonenko. Novamente, em 2002, o clã Donetsk possibilitou o voto para partidos políticos pró-presidente Kuchma. [...] Donetsk foi a única província onde partidos pró-presidenciais, unidos sob “Para uma Ucrânia Unida” adquiriram maioria (ZON, 2007, p. 388, tradução nossa)¹⁴⁰

Em 1999, o estabelecimento das Zonas de Livre-Comércio aprofundou ainda mais o monopólio do clã Donetsk na região, uma vez que elas, de acordo com Zon (2007, p. 389,

¹⁴⁰ After the violent clashes in 1995 and 1996, the Donetsk clans built up their empires in silence without openly challenging state power in Kyiv. A compromise emerged between President Kuchma and Donetsk in 1998: Donetsk organised support for the president, guaranteeing a majority for him during the presidential elections of 1999 in Donbass, and in return the government in Kyiv let the Donetsk clan manage its own affairs without asking awkward questions about how they had accumulated their fortunes. The device was ‘politics is done in Kyiv and business in the Donbass’. It meant that the Donetsk clan could constitute its own fiefdom, with its own rules, which differ from those in Kyiv, under a condition of loyalty to President Kuchma. [...] in 1999 Donetsk organised a majority for President Kuchma against his contender, the communist Petro Symonenko, despite the fact that Donetsk was the bastion of Symonenko.¹⁵ Again, in 2002 during the parliamentary elections, the Donetsk clan delivered the vote for pro-presidential political parties. Actually, Donetsk was the only province where pro-presidential parties, united under ‘For a United Ukraine’, acquired a majority.

tradução nossa¹⁴¹), “não tinham a intenção de atrair Investimento Externo Direto (IED) por meio de isenções fiscais, mas permitir a evasão fiscal por empresas do clã Donetsk”.

Em decorrência disso, o clã Donetsk conseguiu estabelecer em Donbass uma verdadeira região oligárquica dentro de uma República Oligárquica(Ucrânia), por meio do controle sobre as autoridades públicas e do estabelecimento de um quase monopólio na região, na medida em que controlava os preços dos produtos produzidos e a alocação de recursos na região. Zon (2007) afirma que qualquer competidor que ameace a soberania do clã de Donetsk, seja da Ucrânia ou do exterior, é expulso por meio de métodos injustos ou até mesmo criminosos, o que demonstra a inexistência da livre-competição na região, porquanto ninguém faz negócios em Donetsk sem a permissão do clã. Somado a isso, aos bancos somente é permitido financiar indústrias desse clã.

A região, além disso, tem um legado soviético profundo nas suas relações sociais, já que possui um modo mais informal de fazer negócios e de resolver inúmeros problemas estruturais, como na crise dos transportes de 2000 (será trabalhada no capítulo a respeito das ideias e hábitos ucranianos). Fundamental dizer que os três setores mais importantes para essa região são o de construção de máquinas, o metalúrgico e o de carvão.

No que concerne às privatizações, os *FIGs* de Donetsk conseguiram integrar a maior parte das construtoras de máquinas sob seu poder, o que garantiu a integração vertical e horizontal da produção, uma vez que controlaram toda a atividade econômica das indústrias de base, e cooperavam intensamente entre eles (Modelo de Descentralização do Planejamento Central). Somado a isso, a recuperação da economia ucraniana proporcionou um crescimento econômico sustentável da região, a qual obteve um crescimento do PIB maior que o ucraniano como um todo (ZON, 2007).

Ocorreu, também, aumento dos investimentos e fortalecimento das indústrias de máquinas na economia da região. As exportações da Donbass atingiram um crescimento extraordinário, uma vez que 25,4% das exportações ucranianas provinham dessa região, com

¹⁴¹ [...] were not intended to attract foreign direct investment through tax holidays but to enable tax evasion by enterprises of the Donetsk clan.

destaque para a exportação de aço, a qual aumentou 150% entre 2001 e 2004 (70% do total das exportações de Donetsk nesse ano foram de aço) (ZON, 2007).

Ainda que as minas de carvão continuem extremamente importantes, elas enfrentam intensa ineficiência, já que 69% delas não foram reformadas nos últimos 20 anos, 2/3 do maquinário precisa ser repostado e 60% do carvão é retirado manualmente com martelos (ZON, 2007). O crescimento dos ativos dos *FIGs* proporcionou sua expansão para outras províncias ucranianas, como Dnipropetrovsk, Lugansk, Crimeia, Kiev e Zaporizhzhya. O sucesso econômico de Donetsk relacionava-se, ainda, à sua falta de proeminência política, ainda que isso possa parecer um paradoxo:

O sucesso econômico do clã Donetsk é relacionado, à parte de sua concentração em uma região, o fato que ele tentou controlar toda a cadeia de produção, ao mesmo tempo que aprofundava os lucros monopolísticos e obtinha ações estatais por um preço baixo. Oligarcas de outras regiões normalmente criaram portfólios diversos ou concentraram-se em adquirir ações de mídias. Uma vantagem para os oligarcas de Donetsk é que eles não são proeminentes na política. Tanto Sergei Taruta, o diretor da IUD, e Rinat Akhmetov evitavam a mídia, e apenas em 2003 Akhmetov começou a dar entrevistas a respeito de política, confiando sinceramente no sucesso de seu candidato Yanukovich nas eleições presidenciais de 2004 [...] Outra força do clã Donetsk é a coesão da província de Donetsk e de Donbass. Donetsk tem uma forte identidade regional, e tem orgulho de seu legado como uma região industrial antiga, ao mesmo tempo em que sua economia regional mostra um grande nível de coesão com círculos de produção em proximidade (ZON, 2007, p. 392, tradução nossa)¹⁴²

A aliança com Kuchma, além disso, foi essencial para a preservação dos ganhos obtidos com as privatizações e a expansão do clã Donetsk por toda Ucrânia:

Presidente Kuchma governou por meio do balanceamento dos interesses dos clãs dominantes da Ucrânia. Quando a Ministra da Energia Yulia Tymoshenko quis reformar as indústrias de carvão (em 2000), assim tocando interesses vitais do clã Donetsk, ela foi retirada e então presa (por um curto período) após o clã Donetsk ter feito lobby pela sua destituição [...] Ao clã Donetsk foi permitido “indicar” o

¹⁴² The economic success of the Donetsk clan is related, apart from its concentration in one region, to the fact that it tried to control whole production chains while squeezing monopoly profits and seizing state assets on the cheap. Oligarchs from other regions often created very diverse portfolios or concentrated on acquiring media assets. An advantage for the oligarchs from Donetsk is that they were not very prominent in politics. Both Sergei Taruta, the director of IUD, and Rinat Akhmetov shunned the media, and it was only in 2003 that Akhmetov started to give interviews about politics, and relying wholeheartedly on the success of his candidate Yanukovich in the 2004 presidential elections [...] Another strength of the Donetsk clan is the cohesiveness of Donetsk province and the Donbass. Donetsk has a strong regional identity, and is proud of its legacy as an old industrial region, while its regional economy shows a high degree of cohesiveness with closed production circles.

Primeiro-Ministro em novembro de 2002, quando o governador de Donetsk Viktor Yanukovich aceitou o posto. Isso era também uma recompensa pelos votos nas eleições de 1999 e 2002. Muitos do clã Donetsk mudaram-se para Kiev com Yanukovich a fim de ocupar postos-chave. Isso significou que as minas de carvão, com seus complicados esquemas de permuta [...] não foram reformados. Em Kiev, o clã Donetsk não apenas começou a controlar o Ministério da Energia (após Yulia Timoshenko deixar o posto em janeiro de 2001), mas também Mykola Azarov, o qual tinha liderado o Partido das Regiões (representavam os interesses do clã Donetsk) veio para liderar a administração fiscal, assim dando certeza de que o clã Donetsk não pagaria muitos tributos [...] O avanço do clã Donetsk em Kiev ajudou intensamente seus interesses econômicos, e eles adquiriram muitas indústrias de modo extremamente barato. O negócio mais espetacular foi a venda da siderúrgica Krivorozstal por \$800 milhões para Rinat Akhmetov e para o genro de Kuchma, Viktor Pinchuk, enquanto seus competidores tiveram lances de \$2,5 bilhões (ZON, 2007, p. 389-90, tradução nossa¹⁴³)

O clã Donetsk possui algumas fraquezas importantes, “como o fato de que a maneira de fazer negócios do clã Donetsk não é aceita em muitas outras partes da Ucrânia. [...], com seus métodos criminosos e ilegais. Outra fraqueza é o fato de que o clã Donetsk possui poucas possessões de meios de comunicação se comparado com todos os meios de comunicação ucranianos” (ZON, 2007, p. 393, tradução nossa¹⁴⁴).

A derrota de Yanukovich nas eleições presidenciais de 2004 teve consequências intensas para a região de Donetsk, as quais “sentiram-se humilhados e marginalizados[...]. Após ter uma grande representação durante o período em que Yanukovich foi Primeiro-

¹⁴³ President Kuchma ruled by balancing the interests of the Ukraine's dominant clans. When Minister of Energy Yulia Timoshenko wanted to reform the coal mining industry (in 2000), thereby touching upon vital interests of the Donetsk clan, she was sacked and then jailed (for a short time), after the Donetsk clan had lobbied for her dismissal [...]the Donetsk clan was allowed to 'deliver' the prime minister in November 2002 when the governor of Donetsk, Viktor Yanukovitch, accepted the post. It was also a reward for delivering the vote in the elections of 1999 and 2002. Many from the Donetsk clan moved to Kyiv with Yanukovitch in order to occupy key posts. This meant that coal mining, with its complicated barter schemes [...] was not reformed. In Kyiv, the Donetsk clan not only started to control the energy ministry (after Yulia Timoshenko left the post in January 2001), but also Mykola Azarov, who had led the Party of the Regions (represented the interests of the Donetsk clan), came to head the tax office, thereby making sure that the Donetsk clan would not pay too many taxes [...]The advance of the Donetsk clan in Kyiv greatly helped their business interests, and they acquired many enterprises extremely cheaply. The most spectacular deal was the sale of the steel mill Krivorozstal for \$800 million to Rinat Akhmetov and Kuchma's son-in-law Viktor Pinchuk while their competitors had bid \$2.5 billion.

¹⁴⁴ A weakness, however, is the fact that the Donetsk clan's way of doing business is not accepted in many other parts of the Ukraine. [...]Another weakness is the fact that the Donetsk clan possesses little in the way of all-Ukrainian media outlets.

Ministro, não tinha um único representante de Donetsk no governo Tymoshenko (ZON, 2007, p. 394, tradução nossa¹⁴⁵)”.

De acordo com Zon (2007), as maneiras de fazer negócios do clã Donetsk e a grande oposição de outros clãs os prejudicaram, visto que Yanukovich representava apenas um clã de maneira muito intensa, já que ele era não apenas um político fraco, mas um instrumento de poder do seu próprio clã. Além disso, ainda de acordo com Zon (2007), o afastamento da política externa ucraniana da UE, impulsionando a submissão com relação à Rússia alarmou a muitos - em 2003 o governo da Ucrânia assinou um tratado com a *Commonwealth of Independent States* (CIS), o que poderia indicar uma futura submissão à Rússia. Muitos aduziram que a Revolução Laranja tinha sido o fim da tentativa de implantação do modelo de Donetsk (uma extensão da civilização soviética) para toda a Ucrânia.

A diminuição da influência do clã Donetsk, contudo, foi prejudicada politicamente apenas no curto-prazo, uma vez que a vitória de Yanukovich nas eleições presidenciais de 2010 demonstrou a força do Partido das Regiões, principalmente na região de Donbass.

4.2 A fraqueza da sociedade civil ucraniana

No que concerne à sociedade civil/ativa, a sociedade ucraniana possui intensos paralelos com a sociedade russa, na medida em que ambas possuem uma história política interligada, porquanto eram partes do mesmo Estado nacional (URSS). Em decorrência dessa característica e dos regimes ditatoriais que vivenciou ao longo de sua história, aquela sociedade, semelhantemente à russa, não se desenvolveu e não se institucionalizou como combativa, visto que seus vínculos são escassos a respeito de um efetivo protagonismo no contexto político.

Momentos de extrema importância, como a independência ucraniana da URSS, normalmente possibilitam e impulsionam uma atuação mais engajada da população,

¹⁴⁵ Many in Donetsk feel humiliated and marginalised after the defeat in the presidential elections. After being over-represented in government during the premiership of Yanukovitch, there was not a single representative of Donetsk in the Tymoshenko government. In Soviet times Donbass was a model region for the whole of the Soviet Union, situated in the heart of the country.

primordialmente no que concerne a um período de possível institucionalização de liberdades e garantias individuais. A intensa participação popular, contudo, durante o período independentista, arrefeceu posteriormente, já que o objetivo principal da independência da Ucrânia havia sido alcançado. A mesma fraqueza da sociedade civil russa, portanto, pode também ser atribuída à sociedade ucraniana.

Desse modo, percebe-se que, embora intensas mazelas tenham sido vivenciadas pela sociedade ucraniana, em decorrência principalmente da Revolução Passiva que vivenciaram no seu território, na qual uma economia neoliberal foi aplicada por um Estado dominado por clãs, o contramovimento da sociedade ativa foi débil. A fraqueza inerente a essa sociedade ativa, aliada à intensa coerção proporcionada por um bloco histórico não consolidado, determinaram uma relativa conformidade com o caos social e a destruição da essência humana da sociedade ucraniana. A partir disso, aniquilaram-se modos de produção e relações sociais históricas dessa sociedade, não ocorrendo em contrapartida um movimento contra esse *status* na década de 1990. Ao contrário, as greves e os movimentos que ocorreram normalmente na Ucrânia foram diretamente influenciadas pelas elites dos clãs dominantes nas regiões, principalmente quando seus interesses eram contrariados pelo poder central vigente.

4.3. Instabilidade política perene

Não somente a população ucraniana como também a elite do velho Partido Comunista Ucraniano apoiavam a independência desse país, visto que esta desejava a manutenção de sua influência no país, enquanto aquela desejava o binômio democracia-economia de mercado. O enriquecimento individual e a manutenção da lucratividade eram os objetivos essenciais dos *red directors* da Ucrânia (BALMACEDA, 2008). A partir disso, do período Kravchuv até Poroshenko, essas características são mantidas quase

Assim, compreender a história pós-independente ucraniana é esclarecer, também, suas relações com a Federação Russa, já que os inúmeros problemas desse período e a relação de dependência daquela com relação a esta é patente. A partir disso, embora a análise a respeito da dependência energética ucraniana no que concerne à Rússia seja analisada no próximo

capítulo a respeito das capacidades materiais russas, a explicitação dessa relação já ocorrerá neste capítulo sobre a história ucraniana após a desintegração soviética.

4.3.1.O Mandato de Kravchuv

No contexto doméstico, durante esse período, a dependência mútua entre as novas elites econômicas e a política em geral já se desenvolvia, uma vez que membros do aparato estatal obtiveram inúmeras benefícios que eram oferecidos pelos homens de negócio. Em contrapartida, os governantes não controlariam os negócios nem as violações constantes às leis ucranianas por essa elite econômica. Somado a isso, as conexões entre os governantes e os homens de negócios com o crime organizado eram patentes (MATUSZAK, 2012).

No âmbito externo, o período que se seguiu após a declaração de Independência da Ucrânia e a eleição de Kravchuv para presidente, em 1991, foi de extrema instabilidade política. Primeiramente, em junho de 1992, a Rússia cancelou o decreto de 1954, que cedia a Crimeia para a Ucrânia, exigindo sua devolução imediata; o problema da frota do Mar Negro e os arsenais nucleares estacionados na Ucrânia, além disso, eram importantes focos de conflito entre Rússia e Ucrânia (BALMACEDA, 2008).

Além disso, após o fim da URSS, a Rússia não aceitou a independência da Ucrânia, pois considerava que, junto com a Bielo-Rússia, os três países compunham uma mesma nação eslava, portanto, Moscou, reservou-se no direito de problematizar as fronteiras de todos os países da ex-URSS, com exceção das repúblicas bálticas. A atuação russa no âmbito da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) é reflexo dessa postura, uma vez que o documento que dá origem à CEI prevê a manutenção de um espaço econômico e militar unitário, além de uma política exterior comum a todos os países, englobando as repúblicas da antiga URSS, menos a Letônia, a Lituânia e a Estônia. Todavia, é o princípio da transparência das fronteiras dentro da Comunidade que afasta a Ucrânia das estruturas da organização, pois isso significa estabelecer que os países da CEI não têm direito ao reconhecimento de sua integridade territorial pelos outros membros (MIELNICZUK, 2006).

A intenção de se afastar da influência russa é anunciada logo no discurso de posse de Kravchuk, no dia 5 de dezembro de 1991, no qual o presidente ucraniano se refere ao seu país como o mais novo Estado europeu, que busca se integrar às estruturas europeias. Algumas medidas ilustram essa posição, como a possibilidade de abandono da integração pela Ucrânia, caso a CEI se transformasse em um Estado único, como era a ex-URSS (MIELNICZUK, 2006).

Nesse contexto, no dia 8 de janeiro de 1992, a Agência Nacional de Informação da Ucrânia divulga um protesto contra a tendência de alguns membros da CEI a transformar a Ucrânia em “bode expiatório” para os problemas existentes entre seus membros, na medida em que a Ucrânia estaria sendo acusada de violar os acordos da CEI na esfera militar, especificamente no que se referia à FMN (Frota do Mar Negro). Pela primeira vez, líderes russos são acusados de tentar recriar estruturas militares imperiais, ao exigirem que forças militares estacionadas em território ucraniano não obedecessem ao comando de Kiev (MIELNICZUK, 2006).

No dia 10 de janeiro, Kravchuk afirma que Boris Yeltsin e outros líderes russos deveriam “abandonar o hábito de pensar imperialmente”, referindo-se às pretensões russas sobre a FMN (NAHAYLO apud MIELNICZUK, 2006).

Somado a isso:

Poucos dias depois, em um comunicado veiculado pela TV e pelo rádio à população ucraniana, o presidente avisa que os interesses imperiais russos haviam chegado ao limite do desrespeito ao Estado ucraniano (SOLCHANYK apud MIELNICZUK, 2006). Quando as pretensões russas em relação à FMN incluem a discussão sobre o estatuto da Criméia, Kravchuk refere-se à postura da Rússia como “doença imperial” (SOLCHANYK apud MIELNICZUK, 2006).

Além de todos esses problemas com relação à política externa, os enormes débitos ucranianos, cerca de \$ 2 bilhões, foram convertidos em débitos entre países, o que forneceu uma arma indispensável para Moscou. Os principais objetivos da Rússia, primeiramente, concerniam ao controle do Mar Negro, o futuro das armas nucleares e o controle sobre o trânsito de gás no território ucraniano. O Encontro de Massandra, em 1993, foi paradigmático,

no que concerne à utilização da dependência energética para fins de política externa, na medida em que a Rússia ameaçou diminuir o fornecimento de gás para a Ucrânia, a não ser que seus requerimentos a respeito do destino da frota do Mar Negro e das armas nucleares ucranianas fossem plenamente realizados (BALMACEDA, 2008).

A Rússia impôs a diminuição do fornecimento de gás em 25%, a fim de impactar profundamente a economia ucraniana já debilitada, visto que as antigas indústrias soviéticas localizadas na Ucrânia eram extremamente ineficientes energeticamente. Moscou não instituiu um embargo total de energia, já que isso instituiria uma situação de extremo caos na Ucrânia, a qual buscaria outros parceiros de maneira urgente. Além disso, isso prejudicaria as discussões entre Rússia, Ucrânia, EUA e UE no Encontro de Massandra (BALMACEDA 2008).

A Rússia buscava o controle sobre o trânsito energético, a integração da CEI e a abertura ucraniana para investimentos russos em infraestrutura. Demonstrando a efetividade dessa coerção, a Rússia obteve, primordialmente, o controle da frota do Mar Negro (81,5%), em troca do alívio nos créditos energéticos ucranianos; e, em 1994, a Ucrânia desistiu definitivamente das armas nucleares, uma vez que assinou o Tratado de Não Proliferação (TNP) (BALMACEDA, 2008). Por último, a Crimeia, num referendo realizado em 20 de janeiro de 1991, obteve o status de República Autônoma, o que foi reiterado posteriormente com a promulgação da constituição ucraniana de 1996; a Crimeia, assim, era considerada parte inseparável da Ucrânia.

4.3.2 Primeiro e Segundo Mandato Kuchma

A ascensão de Kuchma ao poder, em 1994, e a adoção de uma constituição que possibilitou o sistema presidencialista possibilitaram amplos poderes a esse presidente, o qual passou a organizar o sistema de mútua dependência entre a política e os negócios (MATUSZAK, 2012). A partir disso, nesse mesmo ano, o presidente Kuchma estabeleceu um programa extremamente benéfico aos interesses oligárquicos, o Programa de Reforma Econômica Radical; as coalizões existentes no Parlamento, entretanto, não participaram

ativamente da produção desse programa. A partir desses interesses oligárquicos, Kuchma estabeleceu um verdadeiro “Sistema de balanço” de poder, a fim de preservar seu poder político e impedir que os clãs se sobrepusessem uns sobre os outros (BALMACEDA, 2008).

Esse balanço entre grupos foi possível graças às fraquezas das instituições burocráticas dos Estados e à intensa crise econômica e social vivenciada nesse país, em decorrência da revolução passiva neoliberal. A Rada – Parlamento ucraniano - tornou-se um lugar de confronto entre clãs oligárquicos, na qual seus interesses individuais eram contrabalanceados entre si; é importante salientar, nesse contexto, a fraqueza dos partidos políticos nacionais ucranianos, em decorrência da própria ascensão dos clãs, os quais possuíam bases regionais:

Clãs baseados em indústrias regionais, que são distribuídas desproporcionalmente pelo país, foram estabelecidos durante o primeiro mandato de Leonid Kuchma. Grandes plantas de indústrias pesadas estão concentradas predominantemente nas duas regiões mais ao leste, a Donets Basin (os Oblasts¹⁴⁶ de Donetsk e Lugansk) e as áreas ao redor de Dnipropetrovsk (principalmente os Oblasts de Dnipropetrovsk e Zaporizhia). Os centros industriais remanescentes, como em Kharkiv, foram de alguma maneira menos significantes. O presidente, em decorrência do vasto alcance de sua autoridade, agia como um árbitro entre os grupos oligarcas emergentes. Ele buscou manter o balanço entre os clãs ao colocar alguns deles uns contra os outros, assim como ao prevenir os oligarcas de se tornarem independentes das estruturas governamentais por um longo tempo (MATUSZAK, 2012, p. 12-13, tradução nossa¹⁴⁷).

A primeira grande ameaça a esse sistema ocorreu em 1996. O mercado de gás estava um caos, uma vez que a descentralização dele possibilitou uma enorme multiplicidade de supridores, de preços e de negócios. Intermediários privados tinham monopólios regionais de compra de gás da Rússia e do Turcomenistão, principalmente, o que proporcionou grandes fortunas aos clãs.

¹⁴⁶ Oblasts são subdivisões administrativas e territoriais existentes em alguns países eslavos e das ex-repúblicas soviéticas.

¹⁴⁷ Clans based on regional industry, which is distributed disproportionately across the country, were established during the first term of Leonid Kuchma. Large heavy industry plants are concentrated predominantly in the two eastern regions, the Donets Basin (the Donetsk and Luhansk Oblasts) and the areas surrounding Dnipropetrovsk (mainly the Dnipropetrovsk and Zaporizhia Oblasts). The remaining industrial centres, such as Kharkiv, were somewhat less significant. The president, given his extensive scope of authority, was acting as an arbiter between the emerging oligarchic groups. He managed to maintain the balance between the clans by backing certain of them against the others and to prevent the oligarchs from becoming independent of the government structures for a long time.

A empresa IESU, de Lazarenko, acumulou muito poder, visto que passou a comprar inúmeras empresas de gás menores de outros oligarcas; esse grande poder, desse modo, iniciou um embate intenso entre os clãs Dnipropetrovsk e Donetsk, estabelecendo um perigo a balança de poder:

“O Primeiro Ministro Lazarenko (1996-1997), de um clã baseado em Dnipropetrovsk, acumulou uma fortuna por meio da compra e venda de gás natural da Rússia. Ele buscou expandir seu império de negócios por intermédio da tomada de controle das empresas de aço em Donetsk, e queria que sua United Energy Systems controlasse a cadeia emergente de tubulações de gás-metal-gás (LYAKH 2001:9). Lazarenko também desejava prevenir a emergência de um clã de Donbass unido que pudesse superar todos os outros clãs ucranianos. Para esse fim, de acordo com o procurador-geral da Ucrânia, ele ordenou a morte de vários líderes do clã de Donetsk [...]. Os grupos de Donetsk perderam o conflito e concentraram-se posteriormente na tomada de controle sobre empresas de aço em Donetsk” (ZON, 2007, p. 382, tradução nossa)¹⁴⁸.

O governo, por intermédio do Parlamento, estabeleceu pressões por investigações a respeito de Lazarenko; em decorrência disso, ele abdicou do posto de Vice-Primeiro Ministro. Kuchma, a fim de nunca mais permitir tanto poder a um clã, criou a companhia Naftohaz Ukrainy, em 1998, a qual estabeleceria um quase monopólio nas negociações de gás e petróleo; essa criação, assim, aprofunda o regime de balanço de poder, tanto por impedir a concentração de poder oligárquico como por tirar poderes ministeriais, visto que as indicações à presidência dessa empresa aumentaram a influência do presidente no sistema (BALMACEDA, 2008).

¹⁴⁸ Prime Minister Pavel Lazarenko (1996–7), from a clan based in Dnipropetrovsk, amassed a fortune by buying and selling natural gas from Russia. He sought to expand his business empire by taking control of steel enterprises in Donetsk, and wanted his United Energy Systems to control the emerging chain of gas–metal–gas pipes (Lyakh 2001: 9). Lazarenko also wanted to prevent the emergence of a united Donbass clan that could outgrow all other Ukrainian clans. To this end according to the general prosecutor of Ukraine, he ordered, the killing of several leaders of the Donetsk clan, including Bragin and Yevgeny Shcherban. The Donetsk groups lost the conflict and concentrated afterwards on seizing control over steel enterprises in Donetsk.

Esse sistema de monopólio de *National Shareholding Companies* foram estabelecidas, também, nas áreas de energia atômica – Enerhoatom, em 1996 -, eletricidade (Enerhetychna Kompaniia Ukrainy), em 2004 -, e carvão (Vuhul' Ukrainy), de 1998 a 2001. Somado a isso, o aprofundamento do poder presidencial e o apontamento de governadores regionais – sistema unitário -, em decorrência da reforma constitucional de 1996 aprofundou o poder do presidente.

Esse sistema de balanço sobreviveu até 1999, quando ocorreram as nomeações de Viktor Yushchenko e Yulia Tymoshenko como Primeiro Ministro e vice-Primeira Ministra, respectivamente. A nomeação de políticos reformistas por Kuchma decorreu de inúmeras pressões domésticas e internacionais: o FMI e o Banco Mundial pressionavam o governo por reformas estruturais, a fim de possibilitar um melhor ambiente de negócios no país; a crise russa de 1998, a partir da qual o governo da Rússia pressionou a Ucrânia para o recebimento de pagamentos devidos à Gazprom; a guerra comercial entre Rússia e Ucrânia, pela qual Moscou alegava que ocorriam re-exportações ilegais e roubo de gás russo pelos ucranianos, além da existência de dívidas excessivas, o que proporcionou a suspensão do fornecimento de petróleo pela Rússia; e a renda auferida pelos oligarcas, na medida em que isso estabelecia pesados prejuízos ao Estado à sociedade (BALMACEDA, 2008). Essas reformas e suas consequências nas políticas externas de Rússia e Ucrânia serão tratadas posteriormente, no capítulo de política externa.

Fatores domésticos e internacionais foram determinantes para o estabelecimento de uma PE pró-Rússia, durante o segundo mandato de Kuchma. No contexto interno, grupos oligárquicos pró-Rússia tornam-se mais importantes economicamente e, conseqüentemente, politicamente, por intermédio de maior presença na Rada, assim, eles tornaram-se grandes aliados dos interesses russos na Ucrânia. No âmbito externo, a ascensão de Vladimir Putin, na Rússia, propiciou uma PE mais assertiva desse país, no que concerne aos ex-territórios soviéticos, o que foi possível por meio do apoio russo à Kuchma e da dependência político-econômica profunda de Kiev com relação à Moscou.

Somado a isso, ocorreu nesse período uma relativa desilusão ocidental no que concerne à Ucrânia, principalmente com a corrupção interna desse país e a dificuldade de

estabelecimento de um ambiente de negócios propício para investimentos de empresas multinacionais ocidentais nesse país. Essa falta de transparência propiciou maior isolamento internacional ucraniano e, conseqüentemente, um aprofundamento da dependência com relação à Rússia. (BALMACEDA, 2008)

Durante esse lapso temporal, o objetivo primordial de Moscou, principalmente por meio da Gazprom, era controlar o sistema de trânsito de gás ucraniano e as refinarias de petróleo, desse modo, diversos acordos foram estabelecidos para essa finalidade, principalmente entre 2000-2004, conquanto o Parlamento ucraniano impediu essa supremacia russa em algumas situações (BALMACEDA, 2008).

Embora tenha evitado alguns acordos catastróficos para o interesse nacional da Ucrânia, a Rada não conseguiu se contrapor totalmente ao controle russo de porções de trânsito de gás e petróleo, e das ligações de redes elétricas, visto que os débitos ucranianos com a Rússia e os interesses individuais das oligarquias continuaram a restringir a potencial independência energética ucraniana. Algumas tentativas de diversificação ocorreram no período, mas sem sucesso (BALMACEDA, 2008).

4.3.3 Crise do sistema de balanço e Revolução Laranja

A relativa decomposição do sistema de clãs tornou-se mais evidente nesse período, ainda que tenha continuado existindo. Porém, isso não significou o arrefecimento da influência dos oligarcas na Ucrânia. À medida que os interesses e negócios individuais ganhavam força, principalmente a partir das privatizações ocorridas no fim da década de 1990 e início dos anos 2000, os laços regionais foram perdendo importância.

Esse processo, contudo, não foi homogêneo, uma vez que, enquanto o clã Dnipropetrovsk se rompeu rapidamente, o clã Donetsk permaneceu consolidado, embora alguns problemas internos tenham prejudicado a coesão deste. Importante dizer que, nesse período, os oligarcas passaram a ser também políticos, por intermédio, por exemplo, do Partido das Regiões (base política do clã Donetsk), do Partido dos Trabalhadores (base política do clã Dnipropetrovsk), e do SDPU (base política do clã Kiev) (MATUSZAK, 2012).

A tensão aumentava na Ucrânia, já que as tentativas de Kuchma de estender seu mandato não funcionaram, assim, era patente que outro presidente tomaria o poder, o que se configurava perigoso, porquanto a eleição de um político que representasse um dos grupos seria um sério risco aos outros.

Nas eleições para a Duma, em 2002, o Partido dos Trabalhadores e o Partido das Regiões formaram a coalizão pró-governo “Para Uma Ucrânia Unida”. Diferentemente disso, a oposição de Viktor Yushchenko, que representava as empresas médias (Nossa Ucrânia), cresceu vertiginosamente, vencendo as eleições proporcionais (23,5% das cadeiras). Porém, não conseguiu formar a coalizão, uma vez que não alcançou bons resultados na eleição majoritária (MATUSZAK, 2012).

Interessante notar que, diferentemente da coalizão dos grandes negócios, a Nossa Ucrânia era formada por alguns partidos ideológicos; essa característica, entretanto, foi diluída posteriormente, à medida que ela ganhou importância. Um grande exemplo disso é a entrada de Petro Poroshenko nessa coalizão, um representante de grandes negócios locais (MATUSZAK, 2012).

Os problemas na sucessão e o aumento da influência dos oligarcas na política impulsionaram o desejo deles na introdução do parlamentarismo como sistema político na Ucrânia. Além disso, embora a maioria dos oligarcas tenha conseguido transformar os seus ativos obtidos durante a década de 1990 em legais perante a lei, existia a preocupação de reversão dessa situação com um novo presidente (MATUSZAK, 2012).

A introdução do parlamentarismo, desse modo, era uma opção desejável por esse grupo, na medida em que novos presidentes não seriam tão perigosos para os interesses dos oligarcas e eles poderiam participar mais ativamente da política ucraniana. Entretanto, apesar das tentativas, isso não foi possível (MATUSZAK, 2012).

A primeira eleição presidencial entre Yanukovich e Yushchenko foi marcada por inúmeras fraudes - intimidações aos eleitores, agressões físicas e até mesmo a tentativa de assassinato de Yushchenko, por intermédio de envenenamento - que culminou com a vitória de Yanukovich, o qual representava o Partido das Regiões e recebeu grande apoio dos oligarcas, inclusive de Kuchma num último momento. Porém, protestos massivos contra as fraudes

(“Revolução Laranja”) obtiveram ressonância na classe política e econômica, e uma nova eleição foi estabelecida. A aceitação dos oligarcas às novas eleições, contudo, tinha um preço:

O preço para permitir a existência de uma eleição justa foi o consentimento de Yushchenko para uma reforma constitucional, pela qual o sistema parlamentarista seria introduzido na Ucrânia. Entretanto, amplas competências permaneceriam com o presidente (MATUSZAK, 2012, p. 22, tradução nossa¹⁴⁹).

Yuschenko venceu as eleições com 52% dos votos, e sua coalizão Nossa Ucrânia conseguiu estabelecer maioria no parlamento, primordialmente por meio da mudança de lado de muitos partidos antes governistas para o campo do governo “laranja” (MATUSZAK, 2012).

A Revolução Laranja pode ser entendida como a “revolta dos milionários contra os bilionários” (ASLUND apud MATUSZAK, 2012), visto que Yuschenko era apoiado por círculos de negócio com menor importância. Embora tenha obtido o apoio da classe média também, ele arrefeceu já em 2006, quando o bloco parlamentar de Yulia Tymoshenko ganhou proeminência entre esses eleitores na Duma, substituindo a Nossa Ucrânia como a força mais importante do grupo “laranja”. De maneira distinta, Yanukovich recebeu amplo apoio das oligarquias dominantes.

De acordo com Matuszak (2012), a escolha de Tymoshenko como primeira-ministra em 2005 não durou muito tempo, principalmente em decorrência de algumas renacionalizações que ela realizou durante o período, como da empresa Kryvorizhstal, que havia sido vendida no final do mandato de Kuchma para Pinchuk e Akhmetov (o homem mais rico da Ucrânia e importante representante do Partido das Regiões). Após nova privatização dessa empresa, ela foi comprada por 4,8 bilhões de dólares por um investidor estrangeiro, valor muito superior aos 800 milhões de dólares pagos por esses dois oligarcas. Apesar disso, essa renacionalização foi um dos poucos exemplos levados a cabo por Tymoshenko, uma vez que sua intenção seria apenas punir seus adversários políticos, e não promover mudanças verdadeiramente fundamentais contra a corrupção oligárquica.

¹⁴⁹ The price for allowing a fair election to be held was Yushchenko’s consent to a constitutional reform under which the parliamentary system would be introduced in Ukraine with, however, quite broad competences left for the president.

Ainda de acordo com esse autor, a partir da eleição de Yuschenko, três blocos principais se formaram: o time presidencial, juntamente com o partido Nossa Ucrânia; o bloco de Yulia Tymoshenko, pelo qual a líder foi primeira-ministra pela maior parte do período em questão (de janeiro a setembro de 2005 e 2007-2010); e a oposição, na qual o Partido das Regiões tinha extrema importância. A emenda à constituição que havia sido compactuada anteriormente com os oligarcas foi aprovada, aumentando os poderes do parlamento e mantendo grandes prerrogativas no presidente. Os oligarcas não apoiavam nem o governo e nem a oposição de maneira absoluta, mudando constantemente, numa extrema competição por influência. Entretanto, isso mudou com as eleições de 2006 para a Rada.

Nessas eleições, o Partido das Regiões obteve a maioria das cadeiras, enquanto o bloco de Tymoshenko continuou sendo o bloco mais importante do campo “laranja”; a nossa Ucrânia, entretanto, obteve um resultado muito pior, o que marcou a derrocada da SDPU e consequentemente do clã Kiev, após a Revolução Laranja. Somado a isso, conflitos políticos continuaram no governo de Yuschenko, o que foi corporificado, por exemplo, com a nomeação de Yanukovich para primeiro-ministro, em 2006, e Tymoshenko, de 2007 a 2010 (MATUSZAK, 2012).

Matuszak (2012) afirma que, nas eleições de 2010, Yanukovich ganhou apoio dos grandes oligarcas contra Tymoshenko, por dois principais motivos: primeiramente, acreditava-se que aquele seria fraco, de maneira semelhante à Yuschenko; segundo, Tymoshenko era um ator político quase independente, podendo trazer mudanças profundas na estrutura oligárquica. Yanukovich venceu as eleições e conseguiu formar uma coalizão majoritária, formando o governo liderado por Mykola Azarov.

Embora a emenda à constituição que empoderou o parlamento ucraniano tenha sido bem recebida pelos oligarcas, ela não foi tão benéfica quanto eles imaginaram, uma vez que o caos e as intermináveis crises políticas provocadas por essa mudança prejudicaram os negócios. A Ucrânia, desse modo, coaduna-se com as características de um *Contender State*, já que diferentes frações da classe estatal oligárquica buscam concentrar e absorver a economia e o poder político, porquanto não existe uma classe hegemônica por trás da classe política profissional. Consequentemente, crises de sucessão são constantes, pois a passagem

de poderes constitucionais para o parlamento ucraniano empoderou essas oligarquias, que passaram a competir mais intensamente pelo poder. O presidente, desse modo, não poderia funcionar como uma solução arbitral como fizera Kuchma anteriormente.

A eleição de Yanukovich, representante do Partido das Regiões e do clã Donetsk, proporcionou a tomada completa do poder do país por apenas um grupo, o que proporcionou estabilização num primeiro momento, assim como a perda de importância de outros grupos políticos, embora, no longo prazo, Yanukovich tenha também buscado conciliar o interesse de outros grupos. Além disso, a anulação, pela Suprema Corte Ucraniana, da emenda realizada durante o governo Yuschenko, aprofundou os poderes do presidente Yanukovich, reforçando ainda mais a dominação política e econômica do clã Donetsk. Yanukovich conseguiu marginalizar quase completamente a oposição a seu governo, primordialmente em decorrência da prisão de Yulia Tymoshenko (MATUSZAK, 2012).

Por último, uma rede complexa de causas e consequências influenciaram na derrubada de Viktor Yanukovich da presidência ucraniana. Esse momento de crise e derrocada desse governo, porém, está intrinsecamente vinculado ao contexto de política externa, principalmente com relação às relações entre Ucrânia, Rússia e UE. Portanto, a queda de Yanukovich será explicitada posteriormente, uma vez que inúmeras análises necessitam ser realizadas, a fim de compreender esse momento de crise final.

4.4 A degradação econômica ucraniana

No começo da transição, a maioria dos países (ex-área de influência da URSS) experimentou um declínio dramático nas receitas tributárias. Enquanto a receita entrava em colapso, o sistema tributário e a administração não estavam preparados para as necessidades de uma economia de mercado. O sistema antigo dependia, em grande medida, dos impostos sobre o volume de negócios, impostos sobre empresas e sobre salários, além do que a administração de tributos estava baseada largamente nas negociações entre empresas e oficiais governamentais, ao invés de um sistema codificado com bases de impostos e taxas claramente definidas por lei. Reformas para criar autoridades coletoras de tributos novas e modernas foram essenciais, mas o progresso variou entre os países, sem menor nos países da CEI [...] (ROAF et al., 2014, p. 51, tradução nossa¹⁵⁰)

¹⁵⁰ At the beginning of transition, most countries experienced a dramatic decline in tax revenues. While output was collapsing, the tax system and administration was not prepared for the needs of a market economy.¹ The old

A Ucrânia adotou um nível de reforma mais gradualista que a Rússia, sendo o país que ficou por mais tempo num sistema soviético de produção, suprimindo a iniciativa do setor privado. No começo, as tentativas de estabilização não produziram os resultados esperados, e uma profunda crise econômica se estendeu por toda a década de 1990. Embora a velocidade tenha sido diferente, a maioria dos países seguiu a mesma sequência de reformas, inclusive a Ucrânia:

Liberalização de preços, do comércio e do mercado de câmbio puderam ser implementadas rapidamente, por intermédio de mudanças regulatórias. Similarmente, privatizações de pequenos negócios não encontraram grande oposição. Reformas nessas áreas foram quase que completas em todos os países, exceto Belarus. Mas outras áreas cruciais de reforma e a construção das instituições provaram-se muito mais difíceis, primordialmente porque eles envolvem desafios no que concerne aos interesses. Privatizações em larga escala foram quase todas completadas na primeira década na Europa Central e nos países Bálticos, mas continuam não finalizadas em outros países, especialmente nos Balcãs ocidental e na CEI. Políticas de competição, reformas na governança e reestruturação empresarial tem sido ainda mais difícil de avançar, por causa da oposição de atores domésticos que se beneficiam os arranjos que existem atualmente (ROAF et al., 2014, p. 05, tradução nossa¹⁵¹).

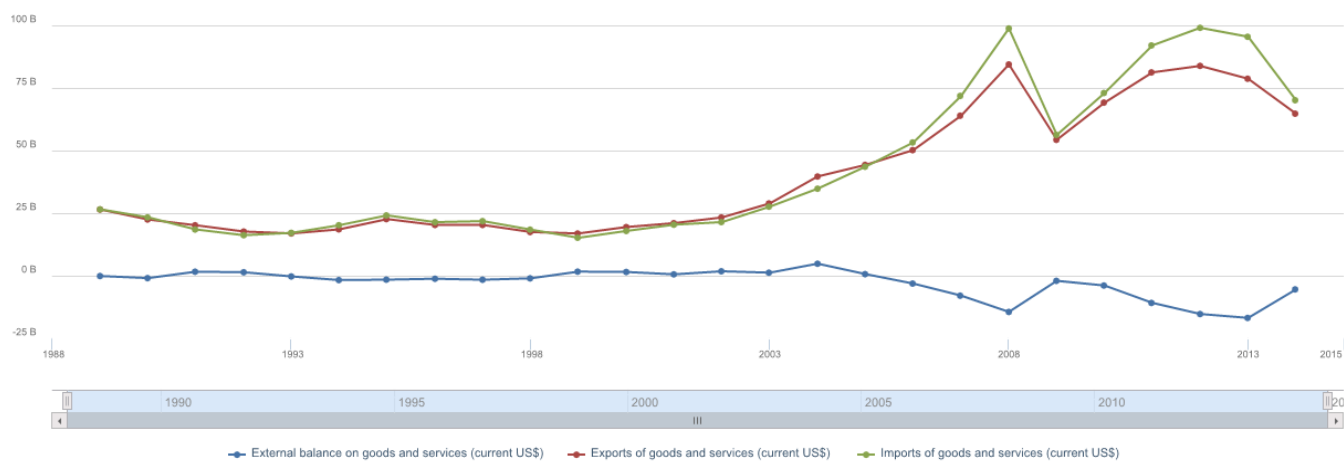
Na Ucrânia, o primeiro programa de reformas, de 1995, previa a privatização, eliminação de cotas de exportação para a maioria dos produtos, redução do controle de preços e ajustes nos subsídios estatais. Subsequentemente, o programa seguinte focou-se na venda das empresas estatais, iniciada nesse ano, mas aprofundada no final da década de 1990 (ROAF et al., 2014)

system relied to a large extent on turnover taxes, taxes on enterprises and payroll taxes, and tax administration was largely based on negotiations between enterprises and government officials, rather than on a codified system with tax bases and rates clearly defined in law [...] Reforms to create new, modern tax authorities were essential, but progress varied across countries, with slower progress in CIS [...]

¹⁵¹ Liberalization of prices, trade, and foreign exchange could be implemented quickly, through legal and regulatory changes. Similarly, privatization of small businesses did not encounter major opposition. Reforms in these areas are mostly complete in all countries except Belarus. But other crucial areas of reform and institution-building have proven much more difficult, chiefly because they involve challenges to vested interests. Large-scale privatization was largely completed in the first decade of transition in central Europe and the Baltics, but remains to be finished in many other countries, especially in the Western Balkans and the CIS. Competition policy, governance reform, and enterprise restructuring have been even more difficult to advance in the face of opposition from insiders benefiting from existing arrangements.

Conquanto existam diferenças na estratégia utilizada pela Rússia e pela Ucrânia, esses países enfrentaram problemas econômicos e estruturais semelhantemente intensos durante a década de 1990. Primeiramente, a inflação ucraniana atingiu o ápice em 1993, com cerca de 10.000% ao ano (BALMACEDA, 2008). Somado a isso, a instabilidade monetária (a Ucrânia não teve moeda oficial até o ano de 1996, quando ocorreu o estabelecimento da *Hryvnia*), o colapso industrial e a queda profunda do PIB (queda de 62%, entre 1991 e 1998) proporcionaram um período de crise sem precedentes na Ucrânia (BALMACEDA, 2008).

Gráfico 15 – Exportações e Importações de bens e serviços; balança comercial e de serviços da Ucrânia (em US\$ corrente)

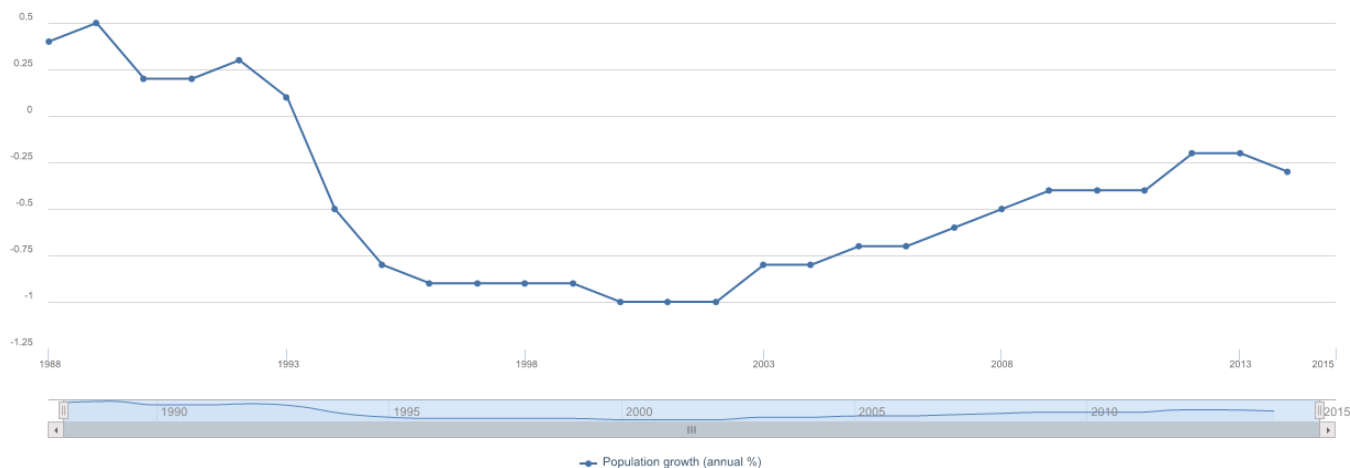


Country : Ukraine
 Source : World Development Indicators
 Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Percebe-se que pelo gráfico anterior que a Ucrânia consegue ultrapassar o nível de exportações e importações que tinha em 1989 apenas em 2003, ou seja, a atividade econômica teve patamares muito baixos por 14 anos.

Gráfico 16 - Crescimento populacional da Ucrânia (% anual)



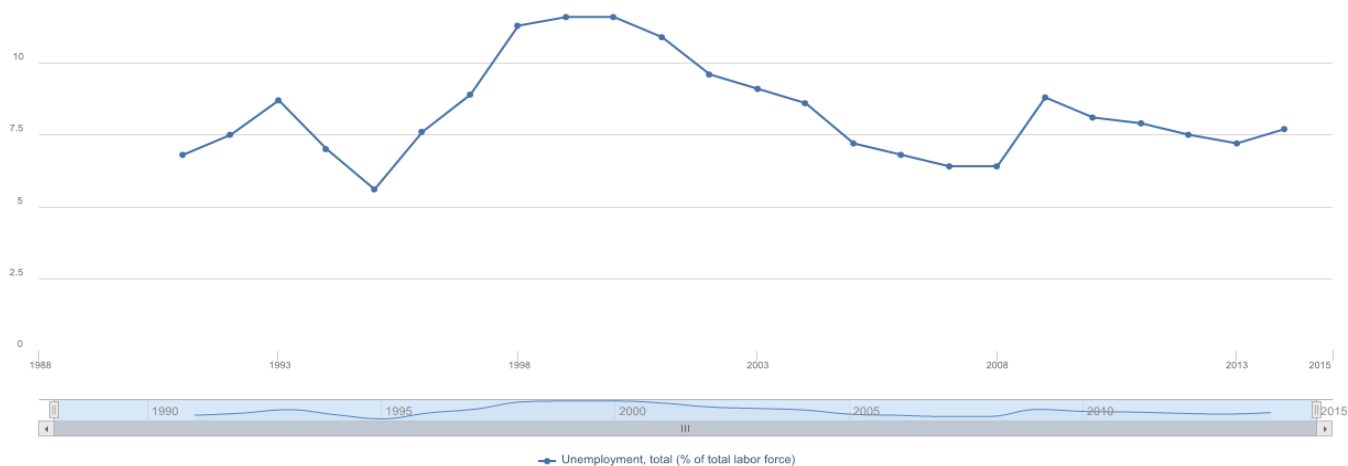
Country : Ukraine
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

A partir desse gráfico a respeito do crescimento populacional, percebe-se que a população ucraniana tem decrescido desde o ano de 1994, em decorrência de alguns fatores importantes. Primeiramente, em ambientes de crise profunda, as pessoas normalmente diminuem as pretensões de ter filhos. No caso ucraniano isso é especialmente problemático, na medida em que as mulheres ucranianas têm, em média, 1,46 filhos, bem abaixo dos 2,1 da taxa de reposição, o que derrubou a população de 52 milhões de pessoas, em 1992, para 45 milhões em 2012 (uma perda de aproximadamente 330 mil pessoas por ano)¹⁵². Somado a isso, a crise intensa vivida durante grande parte de sua história pós-independente faz com que a emigração da população ucraniana seja intensa. Segundo um relatório de 2011 da Organização Internacional para Migração (ligada à ONU), 6,5 milhões de ucranianos, ou 14,4% da população, vivem fora do país.

¹⁵² BONIS, Gabriel. Um país pode morrer?. Carta Capital, 09 jul. 2013. Internacional. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/um-pais-pode-morrer-9136.html>. Acesso em: 10 out. 2016

Gráfico 17 – Desemprego total da Ucrânia (% total da mão-de-obra)

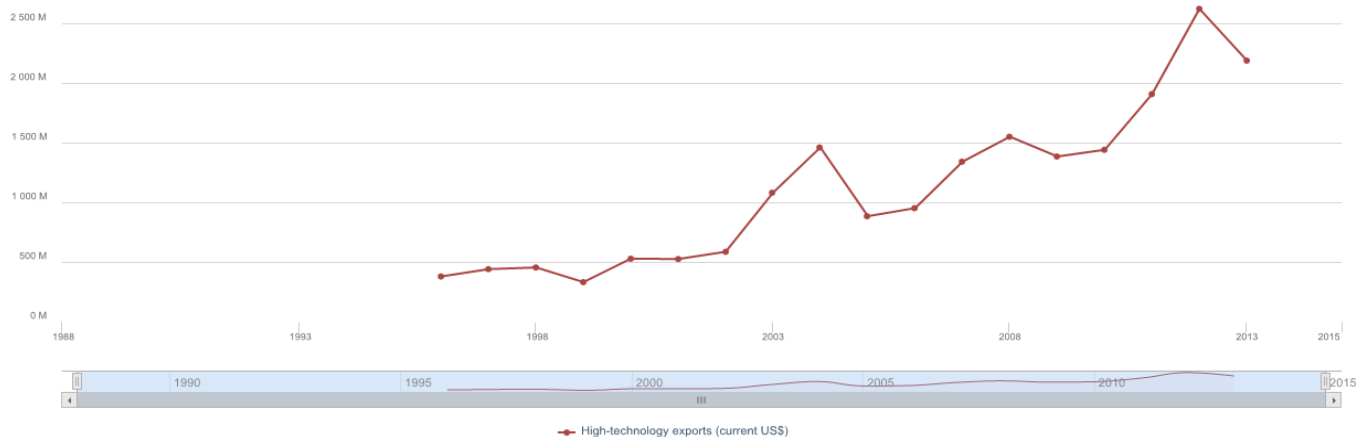


Country : Ukraine
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Embora uma taxa de desemprego com pico de aproximadamente 11,5%, como mostra o gráfico a respeito do desemprego total ucraniano, possa parecer algo aceitável, ela deve ser analisada tendo como pano de fundo a mudança de uma economia socialista para uma economia capitalista, já que naquela essas taxas seriam próximas de zero. O desemprego, fruto da nova economia de mercado e a consequente Acumulação por Desapossamento que aconteceu na Ucrânia, decorre da transformação do homem e da terra em meras mercadorias, o que influenciava diretamente a própria cultura desse país historicamente socialista.

Gráfico 18 – Exportação de alta tecnologia da Ucrânia (US\$ corrente)

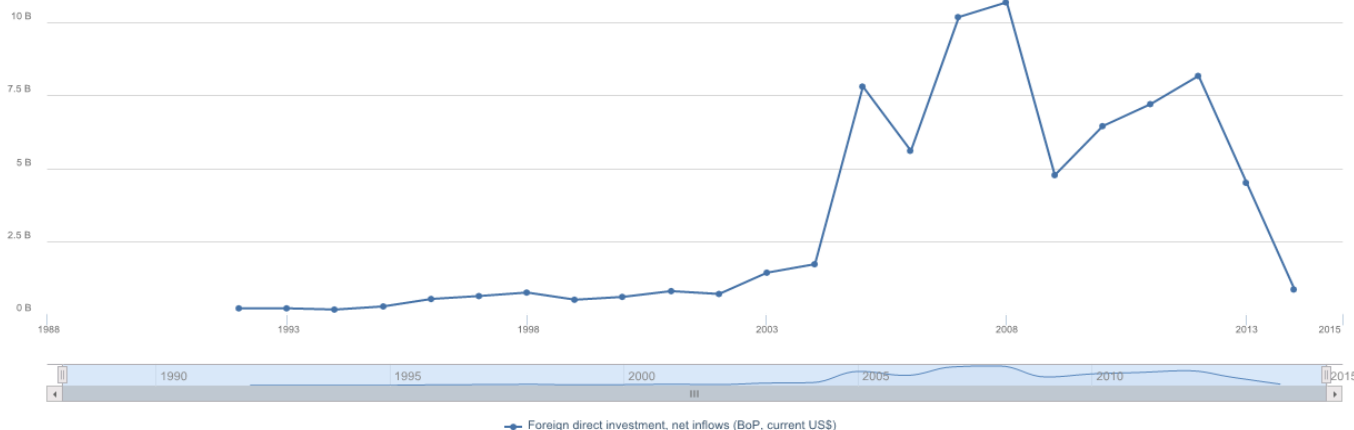


Country : Ukraine
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

A exportação de produtos de alto conteúdo tecnológico estagnou-se por toda a década de 1990, por causa dos inúmeros problemas de desindustrialização e falta de competitividade das indústrias remanescentes. Esse quadro começa a melhorar nos anos de 2000, principalmente em decorrência da formação de grandes conglomerados industriais com o processo de privatizações.

Gráfico 19 – Investimento Estrangeiro Direto na Ucrânia (US\$ corrente)



Country : Ukraine
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

O IED ucraniano ficou extremamente baixo por toda a década de 1990 e início dos anos 2000, já que o ambiente de negócios era prejudicado pela falta de estrutura burocrática da Ucrânia. No caos da transição vivida na década de 1990, seria difícil para o Estado garantir o cumprimento das leis e dos contratos, premissas tão importantes para a seguridade dos investimentos. Portanto, o risco era muito grande. Isso muda intensamente após 2004, principalmente por causa da Revolução Laranja, a qual foi apoiada diretamente pelo Ocidente, um dos grandes financiadores do IED da Ucrânia.

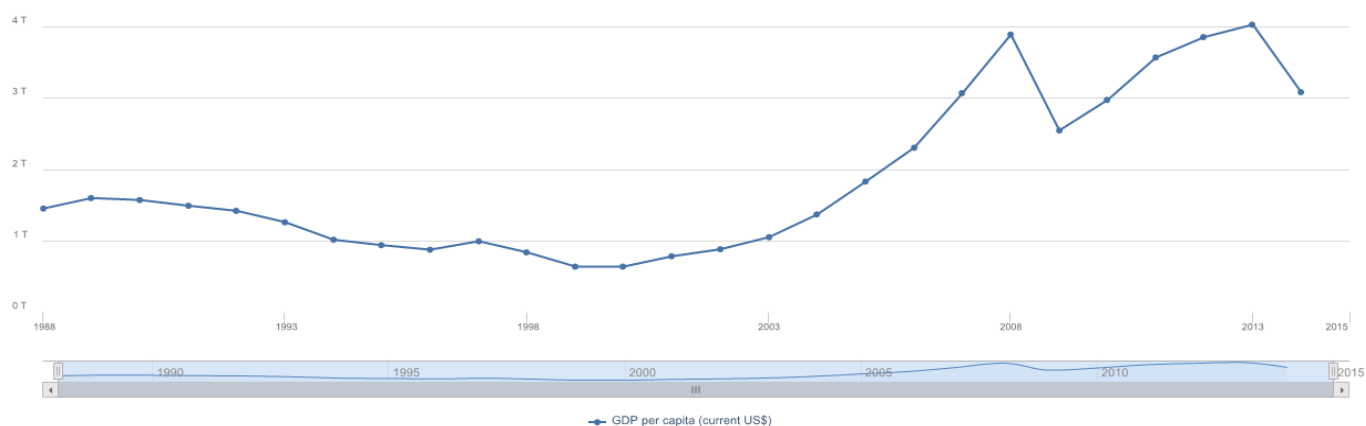
Tabela 3 – Inflação por preço ao consumidor na Ucrânia (% anual)

Ano	% anual
1992	Cerca de 10.000
1993	4.735,00
1994	891,00
1995	377,00
1996	80,00
1997	16,00
1998	10,58
1999	22,69
2000	28,20
2001	11,95
2002	0,75
2003	5,18
2004	9,05
2005	13,57
2006	9,06
2007	12,84
2008	25,23
2009	15,90
2010	9,38
2011	7,96
2012	0,55
2013	-0,28
2014	12,19
2015	48,72

Fonte: Banco Mundial, 2016

Percebe-se, baseado na tabela acima, o profundo caos proporcionado pela Revolução Passiva do Capital, na década de 1990, na Ucrânia, uma vez que, nos primeiros anos de transição de uma economia socialista para uma capitalista, a inflação atingiu valores de aproximadamente 10.000% e 4.375%, em 1992 e 1993, respectivamente. De 1994 a 1997, embora os valores tivessem patamares muito altos ainda, a tendência foi de diminuição inflacionária, que atingiu 10,58% em 1998, valor extremamente promissor, se comparado ao caos do início da década. Três fatores explicam específicas altas inflacionárias após esse período: a crise financeira impactou nas inflações de 1999 e 2000 (22,69% e 29,20%, respectivamente); a crise internacional de 2008 elevou a inflação para 25,23%, em 2008, e para 15,90, em 2009; e a instabilidade política e social proporcionada pela anexação da Crimeia e conflito do leste ucraniano, que propiciou uma inflação de 48,75%, em 2015.

Gráfico 20 – PIB per capita da Ucrânia (US\$ corrente)



Country : Ukraine
 Source: World Development Indicators
 Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

Semelhantemente à Rússia, o PIB per capita ucraniano manteve-se em patamares muito baixos na década de 1990 e início da década de 2000. De maneira assustadora, o PIB

per capita ucraniano tem valores semelhantes entre 1988 e 2004, ou seja, por aproximadamente de 16 anos, essa variável teve níveis menores do que aqueles existentes antes da queda da ex-URSS, para, somente a partir de 2004, superar esse valor pretérito.

Gráfico 21 - Incidência de índice da pobreza na Ucrânia (menos de US\$ 1,90 por dia)

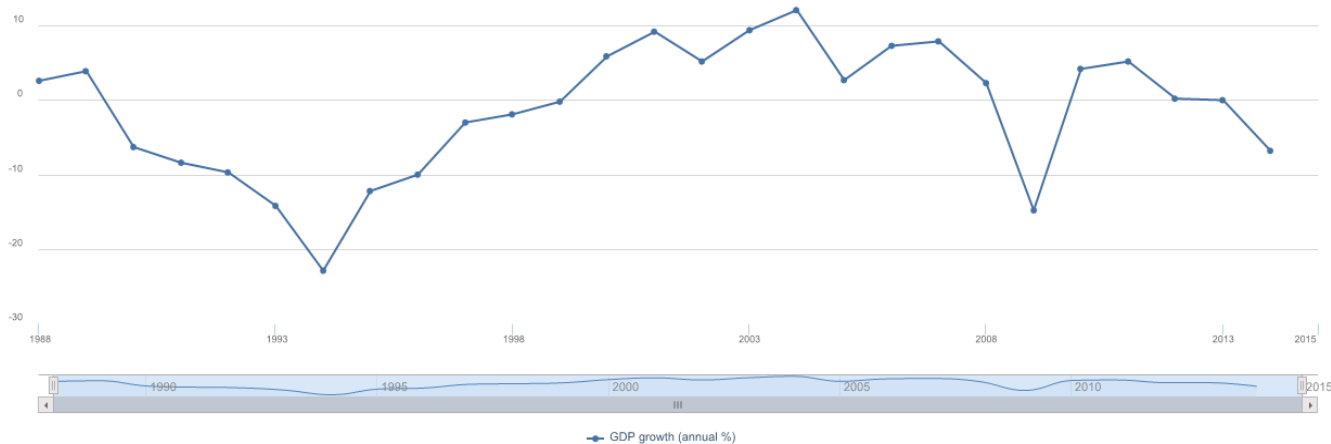


Country : Ukraine
Source: World Development Indicators
Created on: 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

De acordo com o gráfico a respeito do índice de incidência da pobreza, em 1999, mais de 8% da população ucraniana passou a viver com menos de US\$ 1,90 por dia, ou seja, em cerca de 7 anos após a independência ucraniana, quase 1/10 da população passou a ser miserável.

Gráfico 22 – Crescimento do PIB da Ucrânia (% anual)

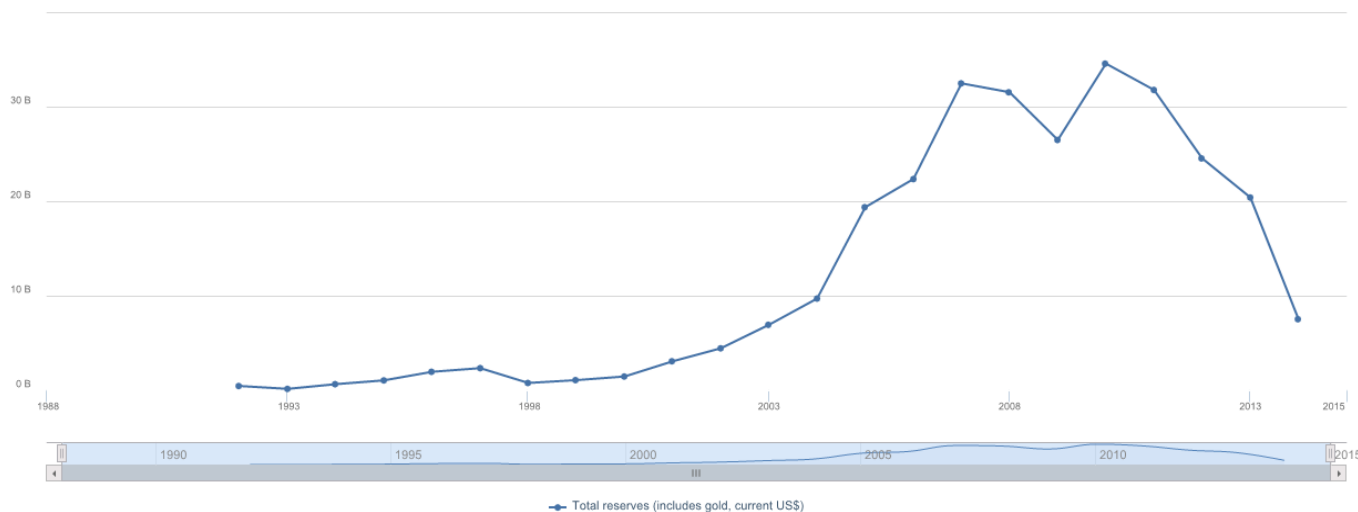


Country : Ukraine
Source : World Development Indicators
Created on : 02/25/2016

Fonte: Banco Mundial, 2016

O PIB ucraniano sofreu uma queda massiva, com picos em 1993 (-14,27%) e em 1994 (-22,55%). A sequência de quedas foi interrompida apenas em 1999, quando o PIB ucraniano subiu 0,75%. A partir daí, experimentou 8 anos de crescimento em sequência, com pico em 2004 (12,95%). Por causa da crise de 2008, a Ucrânia atingiu -14,42% de decréscimo no PIB, recuperando-se posteriormente para, em 2014, novamente sofrer perdas, principalmente em decorrência do conflito no leste ucraniano (-9,57% em 2015)

Gráfico 23 – Total de reservas da Ucrânia (incluindo ouro e dólar)



Fonte: Banco Mundial, 2016

As reservas ucranianas atingiram patamares muito baixos por alguns fatores importantes. Primeiramente, a balança comercial não era uma grande fonte de divisas, já que as exportações e importações ucranianas tiveram valores parecidos entre 1990 e 2004. Somado a isso, o IED ucraniano era extremamente baixo, em decorrência dos argumentos já aludidos, o que prejudicava profundamente a conta capital e financeira desse país. Por último, por ser a continuação da URSS, a Rússia ficou com a grande maioria das reservas prévias desse país, o que prejudicou intensamente as finanças da Ucrânia independente. A partir de 2003, as exportações de maior valor tecnológico cresceram e o IED também, o que possibilitou uma melhora profunda nas contas externas, e conseqüentemente, nas reservas internacionais.

A partir dessa análise geral a respeito da Revolução Passiva ocorrida nos territórios russo e ucraniano, assim como suas conseqüências nos contextos políticos, econômicos e sociais, tornam-se claras as mudanças nas relações sociais e nos tipos de Estados na Federação Russa e na Ucrânia. Entretanto, a fim de explicar o objeto deste trabalho, outro

fator essencial deve ser explicitado, principalmente em decorrência do fim da URSS: os diferentes modelos de desenvolvimento internos da Ucrânia. Essas diferenças possuem uma delimitação territorial relativamente bem definida, já que o oeste e o norte ucraniano possuem uma relação mais intensa com o Ocidente, enquanto o oeste e o sul ucraniano tem uma relação mais profunda com a Federação Russa.

4.5 As diferenças entre o leste e o oeste ucraniano

Figura 4 - A Construção Nacional da Ucrânia



Fonte: PIJL, 2016

Ainda que este tópico trabalhe o contexto econômico ucraniano, faz-se necessário a exposição das diferenças no território da Ucrânia neste momento, uma vez que elas serão fundamentais para a explicação a respeito das influências ocidentais e russas na Ucrânia, o que será realizado no próximo capítulo.

A singularidade histórica da Ucrânia Ocidental a faz diferente do resto do país e contribui diretamente para os conflitos existentes atualmente na Ucrânia. Diferentemente do resto da Ucrânia, a Ucrânia Ocidental nunca foi parte do Império Russo, pois a maior parte dessa região fez parte do Império Austro-Húngaro. Após o colapso da Casa dos Habsburgos, no fim da Primeira Guerra Mundial, a Áustria-Hungria deixou de existir, portanto, perdeu proeminência sobre essa região.

Em decorrência da Revolução Bolchevique de 1917, uma guerra civil de grandes proporções atingiu a Rússia e também a Ucrânia. A partir disso, duas facções apresentaram-se como proeminentes na Ucrânia: o governo de Kiev, base da República Popular da Ucrânia, e o de Kharkiv, base da República Soviética Ucraniana. Enquanto esta era apoiada diretamente pela Rússia soviética, aquela tinha influência direta europeia.

O desdobramento da guerra possibilitou que a República Popular da Ucrânia fosse anexada à República Socialista Soviética da Ucrânia, enquanto a Ucrânia Ocidental foi absorvida pela Segunda República Polonesa (pequenas partes passaram a pertencer à Romênia e à Tchecoslováquia). Após a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial (os nazistas tinham ocupado essa região ucraniana), toda a Ucrânia Ocidental foi incorporada à República Soviética Ucraniana, a qual fazia parte da URSS.

Durante os últimos séculos, (Ucrânia Ocidental) [...] foi parte de seis diferentes impérios, enquanto a parte oriental do país apenas foi parte de um (o Império Russo) [...] A base dos protestos anti-governo está localizada na Ucrânia ocidental, uma região onde o nacionalismo ucraniano é intenso e as pessoas já se consideram parte da Europa. De maneira distinta da Ucrânia Oriental, a área ocidental não esteve sob controle soviético até a Segunda Guerra Mundial, e a falta de confiança na Rússia continua grande¹⁵³.

¹⁵³ Ukraine: tale of two nations for country locked in struggle over whether to face east or west. 15 dez. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/dec/15/ukraine-protests-analysis-two-nations>. Acesso em: 01 out. 2016

Over the past few hundred years [...] have been part of six different empires, while the eastern part of the country has only been part of one. [...] The core of the anti-government protest movement has come from western Ukraine, a region where Ukrainian nationalism is rife and people consider themselves already part of Europe. Unlike eastern Ukraine, the western area was not brought under Soviet control until the second world war, and distrust of Russia remains strong.

Figura 5 – Evolução territorial ucraniana



Fonte: Wikipedia, 2016

Somado a essas influências históricas díspares, diferenças econômicas são primordiais para explicar as disparidades existentes atualmente, uma vez que, diferentemente da porção oriental e sul do país, essa região e a região central ucraniana são mais agrícolas. O açúcar de beterraba, por exemplo, é cultivado principalmente na Ucrânia Central e Ocidental, na medida em que o clima é adequado para culturas de inverno e primavera. Além disso, a incidência de chuva é tipicamente maior nessas duas regiões, diferentemente da Ucrânia Meridional e Oriental, as quais possuem menores precipitações; as plantações agrícolas na Ucrânia Central e Ocidental, desse modo, são beneficiadas pelas características climáticas desses territórios¹⁵⁴.

¹⁵⁴ World Data Center For Geoinformatics And Sustainable Development. Ukraine: Agricultural Overview. NASA Earth Observatory. 2004. Disponível em: <http://wdc.org.ua/en/node/29> . Acesso em: 01 out. 2016

O conjunto regional ocidental, abrangendo as entidades de Zakarpattya, Ivano-Frankivsk, Lviv, Volyn, Rivne, Ternopil, Chernivtsi, Rivne, Zhytomir, Vinnytsa e Chernihiv, é especializado nas indústrias alimentícias e leves, além da agricultura, processamento de alimentos e indústrias madeireiras. Torna-se essencial afirmar que essas regiões sofrem menos com o conflito civil no leste ucraniano, na medida em que grande parte dos laços econômicos delas concerne aos países fronteiriços da UE, como Polônia e Hungria. Somado a isso, possuem confiabilidade institucional, autoridades locais eficientes, investimentos em transporte, entre outros, o que proporciona um ambiente de negócios mais propício (ADAROV et al., 2015).

O conjunto regional de Kiev segue o padrão observado das capitais das cidades da Europa Central e da Europa Oriental, nas quais as regiões metropolitanas se beneficiam intensamente do processo de *catch-up* nos serviços de mercado, como importantes serviços públicos e instituições educacionais de qualidade.

Diferentemente disso, o conjunto regional do leste ucraniano (Dnipropetrovsk, Zaporizhzhya, Poltava, Sumy, Kharkiv, Donetsk e Lugansk) possui historicamente um modelo de desenvolvimento distinto das outras regiões, na medida em que baseia sua econômica nas indústrias pesadas.

Enquanto a economia de Kharkiv possui uma maior gama industrial de produção e de exportação, como produtos de engenharia, bens elétricos e veículos, as outras regiões do leste são profundamente especializadas na indústria pesada: ferro e aço, metais, maquinaria pesada e equipamentos de transporte, ferrovias (locomotivas e materiais circulantes ferroviários), aeronaves, etc. (ADAROV et al., 2015, p. 68, tradução nossa¹⁵⁵).

Além disso, especificamente com relação a Donetsk e Lugansk, as indústrias químicas e de plástico também são extremamente importantes.

Essas regiões são as mais prejudicadas pelo conflito existente desde 2014, na medida em que os laços existentes com a fronteira russa e as trocas comerciais existentes antes da guerra foram interrompidas quase que completamente. A estrutura de produção e de

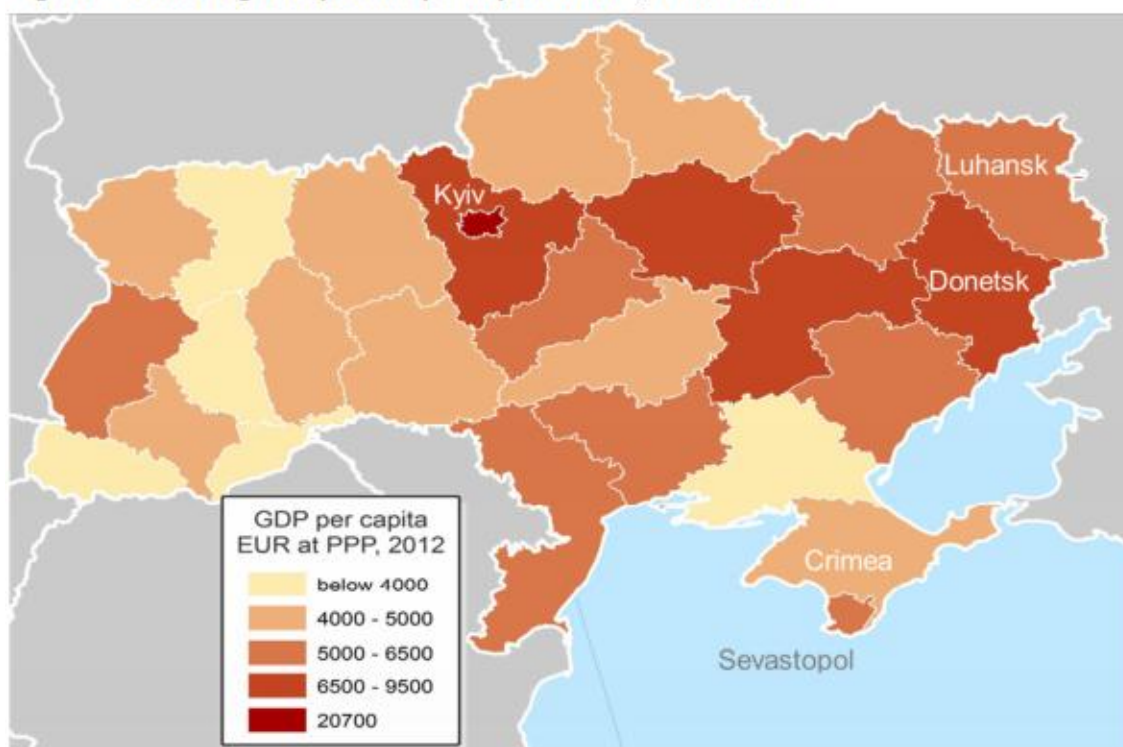
¹⁵⁵ While Kharkiv's economy supplies a wider spectrum of industrial and export products including instruments, other engineering products, electrical goods and vehicles, the other regions in this group are strongly specialised on heavy industry: iron and steel, metals, heavy machinery and transport equipment, railways (locomotives and railway rolling stock), aircraft, etc.

exportação dessa região esteve profundamente atrelada ao suprimento do mercado russo, negligenciando investimentos em novas tecnologias e modernização; esses produtos, conseqüentemente, não são competitivos em terceiros mercados. Somado a isso, a infraestrutura da região foi pensada para estabelecer conexões profundas com a Rússia, desse modo, uma reorientação das exportações necessitariam de investimentos de longo-prazo em transportes, o que se torna impensável com o atual conflito e a derrocada econômica da Ucrânia.

A importância dessa região reflete-se na análise a respeito do PIB per capita ucraniano:

Figura 6 – PIB per capita por regiões ucranianas em 2012

Figure 2 / Gross regional product per capita in 2012, in EUR at PPP



Note: Purchasing power parity (PPP) is wiiw estimate based on the 2011 International Comparison Project benchmark, and is assumed to be the same across regions.

Source: Own calculations based on data from the State Statistics Service of Ukraine.

Fonte: ADAROV et al., 2015

De acordo com a figura acima, os níveis mais altos de renda relacionam-se diretamente com as regiões mais industrializadas do país, que estão localizadas no leste, e na cidade e região metropolitana de Kiev. Outras regiões, principalmente aquelas agrícolas do ocidente (ainda mais aquelas do norte de Kiev) e algumas no sudeste da Ucrânia caracterizam-se por baixos níveis de rendimento médio. As contribuições para o PIB nacional ucranianas seguem relativamente o mesmo padrão (ADAROV et al. 2015).

No que concerne especificamente à região de Donbass, algumas características superficiais desse *heartland* ucraniano devem ser explicitadas neste momento.

Figura 7 – Mapa da Ucrânia e a região de Donbass



Fonte: DW

Essa região historicamente era considerada o centro da indústria pesada soviética, o que possui uma grande importância simbólica não apenas para os habitantes dessa região, mas também para os russos. Entre essas indústrias, as de carvão e de aço tinham proeminência e tinham os trabalhadores mais bem pagos, os quais se configuravam a elite do proletariado soviético (ZON, 2007).

Nos anos 1970, contudo, o desinvestimento na região e o declínio das indústrias pesadas tornaram-se profundos, principalmente em decorrência da própria crise do Estado soviético. A partir das reformas de Gorbachev, primordialmente no que concerne à possibilidade de criação de empresas privadas (*Perestroika*), os altos escalões do partido estatal presentes na região de Donetsk enriqueceram por meio de companhias de construção, do setor real e de atividades comerciais (ZON, 2007).

No que concerne à região em volta da cidade de Donetsk, ela “representa apenas 5% do território ucraniano. Cerca de 10% da população total vive aqui – mas eles produzem 20% do PIB e cerca de ¼ do volume de exportações ucraniano. O resto do país é dominado pela agricultura”¹⁵⁶:

Figura 8 – Peso da Crimeia, Sevastopol e Donbass no PIB (2012) e nas exportações (2013) da Ucrânia



Note: Donbas encompasses Donetsk and Luhansk regions.
Source: iwiw based on national statistics (see also section 6 for more detailed regional data).

¹⁵⁶ The Significance of the Donbas. DW. 15 abr. 2014. Disponível em : <http://www.dw.com/en/the-significance-of-the-donbas/a-17567049>. Acesso em: 11 out. 2016

The region around the city of Donetsk makes up only 5 percent of Ukraine's territory. About 10 percent of the population lives here - but they produce 20 percent of gross domestic product and about a quarter of Ukraine's export volume. The rest of the country is dominated by agriculture.

Fonte: ADAROV et al., 2015

Torna-se fundamental afirmar que essa pequena introdução a respeito das diferenças entre as regiões ucranianas serão aprofundadas no capítulo seguinte, no subtópico a respeito das capacidades materiais e das ideias e hábitos do território ucraniano. Por hora, importante ter em mente a existência dessas diferenças e que elas serão aspectos primordiais para explicar o atual conflito objeto da dissertação.

Em conclusão, a respeito do âmbito político, o legado soviético e as diferenças entre o centro e a periferia desse Estado (HERPEN, 2015) proporcionaram problemas profundos à independência política e econômica da Ucrânia. Primeiramente, como aludido no capítulo a respeito das mudanças ocorridas na Rússia na década de 1990, a burocracia estatal soviética concentrava-se em Moscou, ou seja, as decisões políticas, socioeconômicas e administrativas ocorriam primordialmente nesse centro da URSS; os outros Estados, desse modo, configuravam-se em periferias no que concerne ao aparato estatal. A partir da falta de estatização burocrática e de uma classe política estatal profissional, os aparatos desses Estados acabaram sendo dominados pelas elites desses países.

Embora esse “sequestro” do Estado tenha ocorrido também na Federação Russa da década de 1990, alianças perpetradas por Putin com o aparato militar russo e com ex-componentes da KGB soviética proporcionaram a restauração da autonomia do Estado na Rússia frente aos interesses oligárquicos. Baseado nessa burocracia, o cesarismo de Putin foi possível e pôde implementar uma verdadeira guerra contra alguns setores oligárquicos desse país.

Em contrapartida, na Ucrânia, a falta de uma burocracia estatal autônoma não permitiu que os interesses estatais fossem primordiais nesse país, na medida em que a tomada do aparato estatal pelas oligarquias ucranianas se tornou perene. Dessa maneira, ainda que Kuchma, por exemplo, possa ser considerado, em determinado sentido, uma opção cesarista, ela não se baseou num aparato estatal forte, mas sim no clã Dnipropetrovsk e nos seus próprios interesses, sem uma base estatal de apoio; esse presidente, portanto, não pode ser considerado efetivamente como uma solução arbitral. A partir disso, uma guerra às

oligarquias na Ucrânia seria impensável, já que elas ou algumas delas são a base de sustentação de qualquer governo que seja estabelecido no país.

Inicialmente, na segunda metade da década de 1990, o sistema que emergiu na Ucrânia era intrinsecamente similar ao sistema russo, no qual a autoridade do presidente Boris Yeltsin foi restrita por poderosos oligarcas [...]. Porém, quando Vladimir Putin ascendeu ao poder em 2000, esses dois modelos tornaram-se, com o passar do tempo, diferentes. Putin conseguiu fazer com que os grandes negócios se subordinassem ao governo em poucos anos. Um marco nesse processo foi a aquisição pelo Estado dos ativos da maior companhia russa, a Yukos [...]. Esse processo na Ucrânia moveu-se na direção oposta: o governo tornou-se cada vez mais fraco, e os oligarcas ganharam força (MATUSZAK, 2012, p. 16-17, tradução nossa¹⁵⁷).

Desse modo, a ascensão cesarista de Vladimir Putin e o seu sucesso na restauração das capacidades materiais russas, das ideias e dos hábitos, e da institucionalização do seu poder, regionalmente e globalmente, opõe-se frontalmente ao relativo fracasso das instituições políticas e econômicas ucranianas em reformarem-se, já que as características singulares domésticas, a menor autonomia da Ucrânia e as pressões intensas do cenário internacional impediram mudanças mais bruscas.

No que concerne ao contexto econômico, o legado soviético também impôs profundos problemas à Ucrânia, visto que a economia da URSS concentrava-se primordialmente em Moscou, ou seja, a grande maioria dos corredores de transporte energéticos era proveniente da Rússia, o que proporcionava profundas dificuldades na busca de alternativas de suprimento no momento pós-independência. Além disso, a Federação Russa era (e ainda é em muitos contextos) a principal parceira comercial e fonte de investimentos desses países, o que impõe a eles não somente a necessidade de negociar com a Rússia, mas também uma relação de dependência profunda.

Somado a isso, como foi aludido anteriormente no capítulo a respeito dos efeitos da crise russa de 1998 sobre os países da CEI, produtos de baixa qualidade e com baixa

¹⁵⁷ Initially, in the second half of the 1990s, the system which emerged in Ukraine was quite similar to the Russian system, where President Boris Yeltsin's authority was restricted by powerful oligarchs [...]. However, when Vladimir Putin came to power in 2000, these two models became increasingly different. Putin managed to make big business subordinate to the government in several years. A milestone in this process was the state's takeover of the assets of Russia's largest oil company, Yukos [...] This process in Ukraine moved in the opposite direction: the government was becoming weaker and weaker, and the oligarchs were gaining strength.

competitividade em terceiros mercados eram características intrínsecas ao sistema produtivo ucraniano, embora ele estivesse em melhor posição que as outras ex-repúblicas, já que tinha importante produção industrial prévia. Ademais, a Ucrânia teve e ainda tem imensas dívidas (dados serão explicitados nos capítulos posteriores) com a Rússia, o que propicia um grande poder de barganha desta sobre aquela. Por último, problemas estruturais semelhantes, como déficits orçamentários, baixa monetarização das economias, sistemas bancários frágeis e progresso institucional e estrutural inadequado impulsionaram o caos em todos os contextos da Ucrânia (DABROWSKI, 2002).

Moscou, assim, em decorrência do legado soviético, de suas capacidades materiais profundamente superiores aos outros países da ex-URSS (diferença de tamanho das economias e dos níveis de desenvolvimento, de população, de armamentos militares, entre outros), da perpetuação da dependência econômica das ex-repúblicas, e das pressões internacionais distintas, conseguiu não perder totalmente o controle hegemônico sobre esses territórios. Com relação à Ucrânia, a dependência energética desse país com relação à Rússia, como será explicitado posteriormente, foi a principal capacidade material capaz de impedir a autonomia ucraniana.

Com relação aos âmbitos sociais de ambos os países, em decorrência das similaridades das sociedades ativa/civil ucraniana e russa, as reações à revolução neoliberal, à política e à ascendência das oligarquias em ambos os países foram relativamente parecidas. A crise econômica profunda, o “sequestro” do Estado por interesses individuais, a intensificação das perdas dessas duas sociedades com as rendas oligárquicas e a precarização social proporcionaram intenso descontentamento dessas populações.

Semelhantemente à sociedade ativa russa, a sociedade ativa ucraniana não estabeleceu um contramovimento profundo contra as oligarquias dominantes, em decorrência de sua desmobilização histórica. Embora mobilizações tenham ocorrido, principalmente durante a “Revolução Laranja”, elas se deram apenas durante esse período; os protestos, posteriormente, se arrefecem, possibilitando que o Estado bastardo poliárquico e a influência das oligarquias se perpetuem no tempo.

Por último, é impossível compreender o atual conflito na Ucrânia sem explicitar as diferenças históricas entre diferentes porções do território desse país, na medida em que eles possuem influências mais profundas do Ocidente ou da Rússia. Além disso, esse desenvolvimento histórico díspar entre as regiões explica em grande medida as diferenças entre os interesses das frações burguesas oligárquicas ucranianas baseadas territorialmente e setorialmente. Essa introdução com relação a essas disparidades domésticas ucranianas será fundamental posteriormente, a fim de explicitar as diferentes capacidades materiais e ideias e hábitos de cada região e suas relações mais profundas com cada ator potencialmente hegemônico na Ucrânia.

Nesses primeiros capítulos, foram mostradas as novas relações sociais e os novos tipos de Estados estabelecidos na Federação Russa e na Ucrânia, a fim de compreender em que medida esses eventos influenciaram na Guerra Civil Ucraniana iniciada em 2014. O desenvolvimento posterior da dissertação visa engendrar o que essas mudanças proporcionaram nas relações entre Rússia, Ucrânia e o Ocidente (ordem mundial), primordialmente no que concerne às capacidades materiais, às ideias e hábitos e à institucionalização, ou seja, no contexto hegemônico sobre o território ucraniano.

5 . O embate hegemônico entre Ocidente e Federação Russa

Após as explicações a respeito das mudanças das capacidades materiais, das ideias e hábitos e da institucionalização na Rússia e na Ucrânia, e suas consequências no contexto das relações sociais e nos tipos de Estado, se torna essencial tratar, a partir de agora, dos resultados dessas modificações para a ordem mundial.

Baseando-se nos conceitos de capacidades materiais, ideias e hábitos, e institucionalização, este capítulo trabalhará esses três âmbitos, no que concerne à Rússia e à UE, a fim de demonstrar a influência desses dois atores sobre a Ucrânia e para identificar se há efetivamente uma luta hegemônica em curso.

As capacidades materiais serão analisadas, a partir de uma análise comparativa entre as capacidades materiais da Rússia e do Ocidente, já que isso é fundamental para analisar o embate de forças ocorrido no contexto da guerra civil ucraniana.

Posteriormente, embora as ideias e hábitos da população ucraniana sejam consequências de uma profunda mudança histórica, buscaremos explicitar algumas das características desses âmbitos no ano de 2015, a fim de analisar se eles se coadunam atualmente mais com o Ocidente ou com a Rússia.

Num terceiro momento, a evolução da institucionalização da antiga área de influência soviética, a partir dos anos 1990, será trabalhada, para compreender as possíveis mudanças ocorridas nesse contexto, em decorrência da enorme perda de capacidades materiais e das ideias e hábitos russos, o que proporcionou o expansionismo do Ocidente nessa região. Explicações geopolíticas também serão essenciais para explicar esse *modus operandi* ocidental.

Portanto, será fundamental perceber o que a derrocada soviética significou nas relações Rússia-OTAN, prioritariamente no contexto de capacidades materiais e institucionalização; e com relação à União Europeia (UE), relativamente às ideias e hábitos, e à institucionalização. Por último, poder-se-á entender as novas relações entre Moscou e Kiev, principalmente a tentativa russa de novamente institucionalizar sua proeminência sobre esse país e no seu entorno.

Embora para efeitos de organização as capacidades materiais, as ideias e hábitos e a institucionalização estejam divididos em diferentes subtópicos, suas relações dialéticas não permitem a separação completa desses contextos, assim, eles podem se mesclar no desenvolvimento analítico.

5.1. As capacidades materiais UE x Federação Russa

Embora as capacidades materiais não expliquem completamente o conceito de hegemonia sobre um território, elas são partes essenciais para a compreensão hegemônica, juntamente com as ideias e hábitos, e a institucionalização. As mudanças e variações dessas capacidades, portanto, modifica a assertividade das políticas externas dos países, principalmente de uma ex-superpotência como a Federação Russa.

Será fundamental nesta seção demonstrar as capacidades materiais da Rússia e da UE, e sua influência no conflito do leste ucraniano. As capacidades materiais dinâmicas serão explicitadas num primeiro momento, a partir de dados a respeito da supremacia energética da Rússia sobre a Ucrânia e até mesmo sobre a UE; e o contexto comercial e financeiro. Por último, as capacidades materiais acumuladas e os estoques de armamentos da Rússia e da UE serão comparados.

5.1.1 A supremacia energética russa

As indústrias gigantes soviéticas eram extremamente ineficientes energeticamente, demandando assim grande quantidade de recursos para a manutenção do funcionamento dessas companhias. Como já explicitado anteriormente, esse legado impunha inúmeros problemas à Ucrânia, uma vez que a grande maioria dos corredores de transporte energéticos era proveniente da Rússia, o que proporcionava profundas dificuldades na busca de alternativas de suprimento.

Desse modo, a Ucrânia continuou extremamente dependente da energia provinda da Rússia, o que repercutiu nas relações exteriores entre os dois países. A indústria ucraniana, em

2004, (ou seja, após quase 15 anos da obtenção da independência política) era a mais ineficiente da Europa, visto que esse país era o 7º maior consumidor do mundo de energia, mesmo com uma população de somente 48 milhões de habitantes (BALMACEDA, 2008).

O avanço da OTAN e da UE, a partir do fim da Guerra Fria, para os antigos territórios de influência soviética não demandou, por parte da Rússia, somente estratégias de contenção baseadas no militarismo, mas também medidas econômicas, já que estas são essenciais para a manutenção da hegemonia sobre esses territórios. A Federação Russa havia “perdido ideologicamente”, no que concerne às ideias e hábitos, uma vez que a supremacia neoliberal, imposta pelo contexto global do Consenso de Washington, tinha sido, em todos os países da ex-URSS, inclusive na Rússia, o modelo a ser seguido. A fraqueza russa, somado a isso, impossibilitou uma institucionalização efetiva da hegemonia russa, principalmente por intermédio da CEI. A maneira prioritária, portanto, para conseguir a manutenção hegemônica sobre o território ucraniano foi a utilização da dependência energética ucraniana como base da PE russa para aquele país.

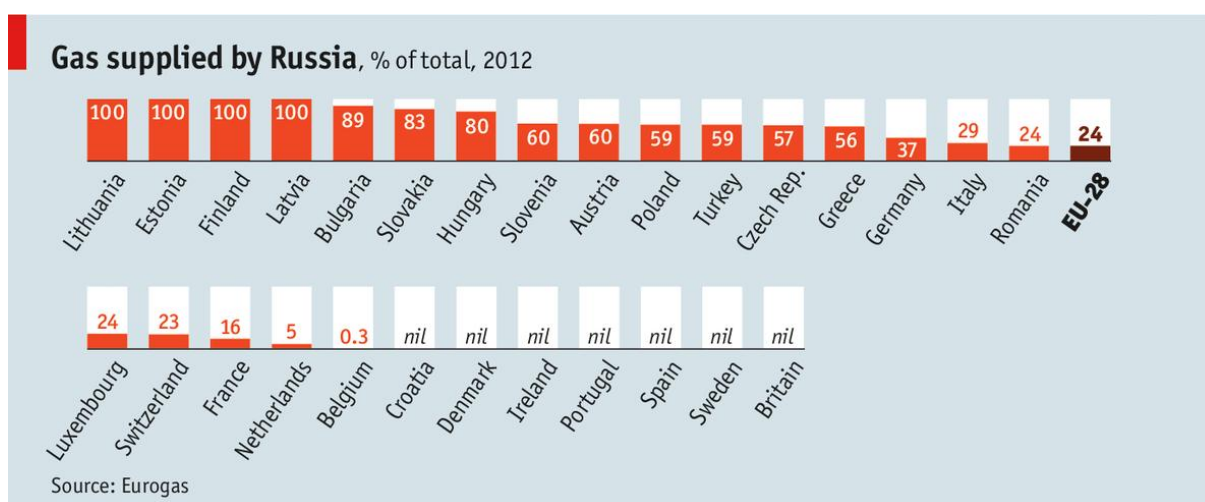
A questão da segurança energética é uma variável indispensável para entender as relações entre os países que compunham a ex-URSS e também suas relações com a Europa Oriental. Essa dependência afeta a economia, a política doméstica e as relações internacionais desses países, principalmente do Belarus, dos Países Bálticos, da Moldávia, da Armênia, da Geórgia e da Ucrânia (BALMACEDA, 2008). Essa capacidade material russa, derivada do período soviético, aprofundou-se posteriormente, à medida que essa tradicional dependência foi instrumentalizada para intensificar e promover novas dependências.

A dependência energética tradicional refere-se, principalmente, ao contexto da infraestrutura da ex-URSS, visto que o transporte de gás e petróleo entre as repúblicas soviéticas eram centralizados na Rússia. As reservas locais dos territórios soviéticos, além disso, não são desenvolvidas e estão sob o controle direto da burocracia de Moscou. Somado a isso, a partir do fim da URSS, Moscou conseguiu estabelecer não apenas o monopólio das vendas de gás e petróleo para a Ucrânia, mas também um monopólio na compra desses produtos de outros fornecedores regionais, como o Turcomenistão e o Uzbequistão,

principalmente por intermédio da Gazprom – isso foi intensificado no período pós-Vladimir Putin (BALMACEDA, 2008).

Em decorrência disso, a Federação Russa bloqueia qualquer tentativa de diversificação das exportações e importações de petróleo e gás por parte da Ucrânia. Por meio da utilização da dependência energética como instrumento de política externa, Moscou consegue prevenir a competição dos países da Ásia Central na venda de gás para a Europa, promove a compensação da produção russa, impede a construção de novos gasodutos e a diversificação energética ucraniana (BALMACEDA, 2008).

Figura 9 – Principais destinos do gás natural russo na Europa



Fonte: Eurogás, 2012

Percebe-se a dependência total dos países bálticos no que concerne ao gás russo, na medida em que 100% do gás importado por esses países tem proveniência da Federação Russa. Somado a isso, antigas áreas de influência, como a Europa Central e a Europa Oriental, também possui grande dependência, como no caso da Bulgária, da Eslováquia, Hungria, Eslovênia e Polônia. Até mesmo alguns Estados da Europa Ocidental dependem profundamente do gás proveniente de Moscou, como a Alemanha (37%), a Áustria (60%) e a

Itália (29%). Se somados todos os países da UE, cerca de ¼ da importação de gás natural deles provem da Rússia, demonstrando que a influência desta não se restringe somente aos territórios da ex-URSS.

Figura 10 – A estrutura de importações de gás natural russo pela Ucrânia



Fonte: RIANOVOSTI, 2012

Percebe-se, a partir dessa figura, que o território ucraniano é extremamente importante para as exportações de gás natural da Rússia, as quais se configuram em uma das principais fontes de divisas de Moscou. Assim, a perda da hegemonia sobre o território ucraniano seria catastrófica para a PE russa na região e pro contexto financeiro do próprio Estado russo.

A dependência energética da Ucrânia com relação à Rússia é alarmante, visto que, se contabilizada a energia nuclear, juntamente com o petróleo, o gás e os equipamentos das plantas industriais, ela alcançava 70-75% do total importado em 2004 (BALMACEDA, 2008).

Apesar da balança comercial da Ucrânia com a Rússia ser amplamente deficitária para aquela, isso se refere majoritariamente aos efeitos proporcionados pelos preços do gás e do petróleo (dependência energética ucraniana). Visto que 70% da pauta importadora ucraniana com relação à Rússia em 2011 se referia à conta energética, o controle russo sobre a Ucrânia é muito intenso.

Uma outra grande tentação para a Ucrânia (aprofundar laços com a Rússia) é a promessa de diminuição do preço das matérias-primas energéticas, principalmente o gás. No segundo trimestre de 2012, a Ucrânia pagou US\$ 426 por 1,000 m³ de gás, enquanto o preço do gás para o Belarus, que pertence à União Aduaneira (encabeçada pela Rússia), foi apenas US\$ 165 [...] Por causa dos preços altos do petróleo e do gás, as plantas ucranianas tem se tornado menos e menos competitivas (MATUSZAK, 2012, p. 70, tradução nossa¹⁵⁸).

A dependência energética ucraniana, desse modo, tornou-se essencial para a Rússia impedir um relacionamento mais profundo de Kiev com a OTAN e a UE, e para pressionar a Ucrânia a aderir a iniciativas integracionistas lideradas por Moscou. O aumento do preço do petróleo, entre 2000 e 2013, e o controle estatal russo sobre a Gazprom, aprofundado a partir de 2005, possibilitou a utilização intensa dessa dependência como instrumento da PE russa ainda mais intensamente.

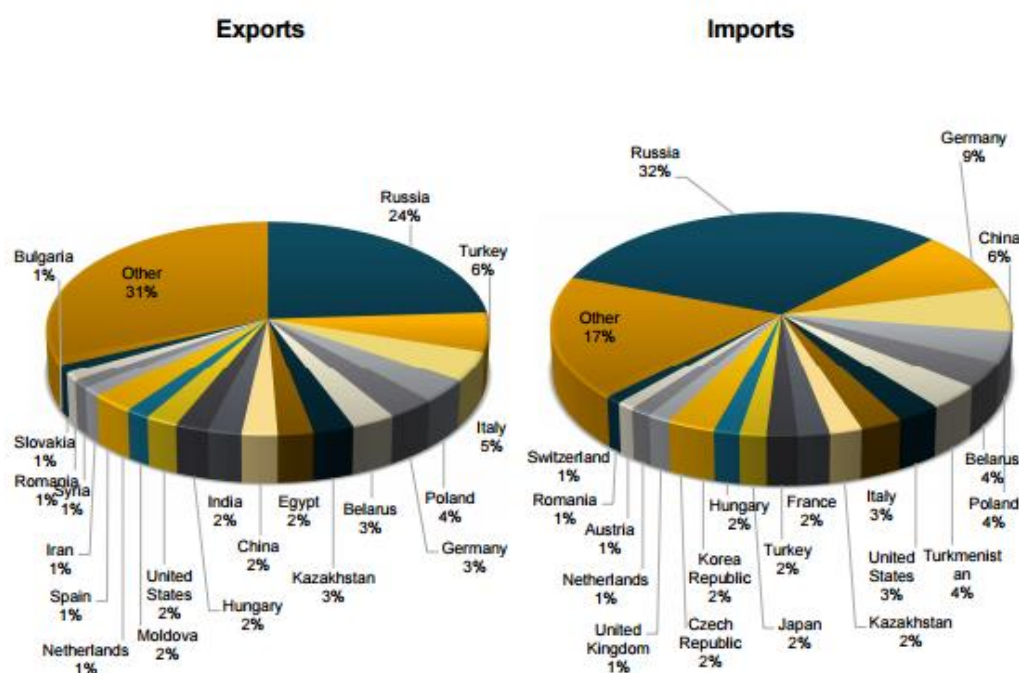
¹⁵⁸ Another equally great temptation for Ukraine is the promise of lowering the price of energy raw materials, especially gas. In the second quarter of 2012, Ukraine paid US\$426 for 1,000 m³ of gas, while the gas price for Belarus, which belongs to the Customs Union, was only US\$165 [...] Due to the high prices of oil and gas. Ukrainian plants are becoming less and less competitive.

5.1.2 Importância comercial UE x Federação Russa

Com relação ao âmbito comercial:

Figura 11 – Os 20 maiores parceiros comerciais da Ucrânia (2003-2013)

Figure 7 / Top 20 trading partners of Ukraine, average 2003-2013



Source: calculations based on wiiw database.

Fonte: ADAROV et al., 2015

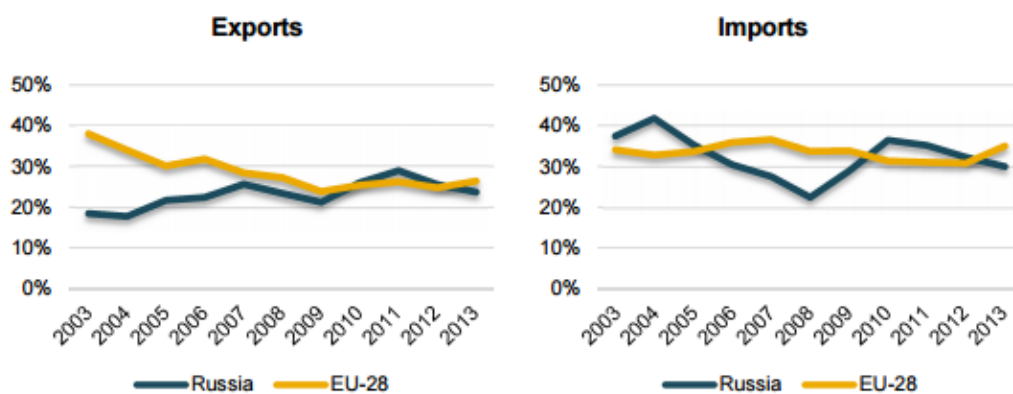
A partir dessa figura, percebe-se que a Rússia tem sido proeminente nas importações da Ucrânia (em 2013, mais de 30% do total das importações ainda provinham da Rússia, sendo que 2/3 das importações representavam energia). Seguindo a Rússia, os países mais importantes com relação às importações da Ucrânia são China, Alemanha, Polônia e Belarus. Esse âmbito já seria suficiente para demonstrar as ações erráticas dos novos líderes

ucranianos, uma vez que buscam cortar definitivamente os laços com a Federação Russa (ADAROV et al, 2015).

Quando tomamos a UE como um único ator e a analisamos conjuntamente à Rússia:

**Figura 12 - Porcentagem de exportações para a UE e Rússia, do total da exportação
Ucraniana, 2003-2013**

Figure 8 / Share of the EU and Russia in total trade of Ukraine, 2003-2013



Source: calculations based on wiiw database.

Fonte: ADAROV et al., 2015

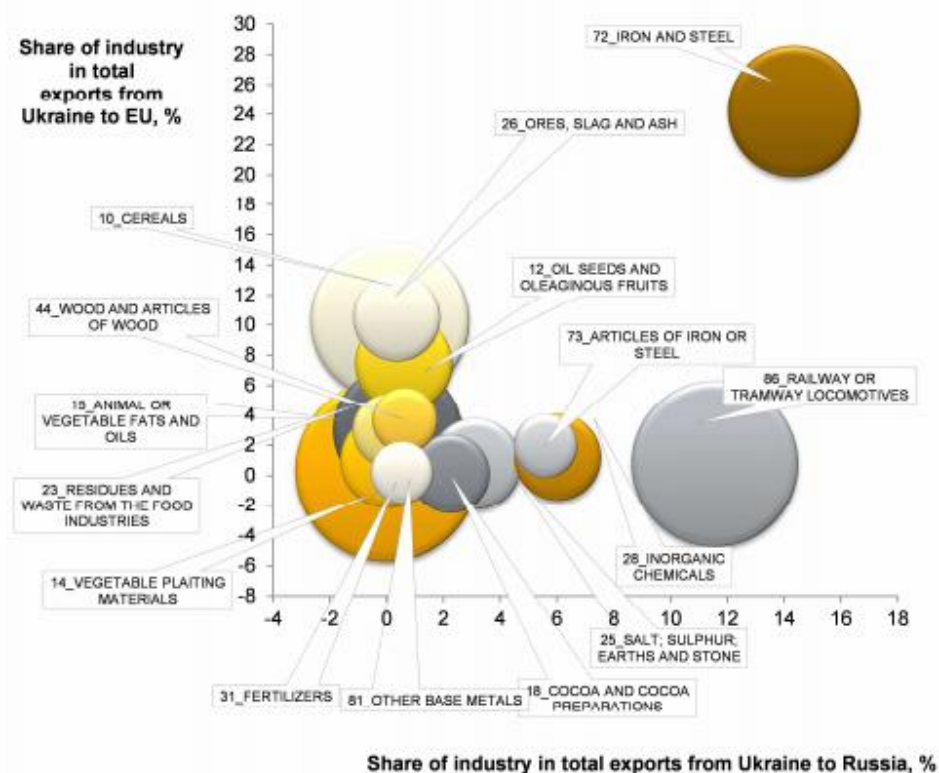
Com base na figura, entende-se que a Rússia e a UE possuem importância semelhante no que concerne tanto às importações ucranianas quanto às exportações, ou seja, esses dois atores são essenciais para o contexto comercial desse país.

Em decorrência da constatação da importância similar entre o comércio com a UE e a Rússia, com relação às exportações e importações totais, torna-se fundamental especificar melhor a diferenciação entre a pauta exportadora para cada um desses atores, além importância distinta desses atores para as regiões ucranianas.

Com relação aos tipos de produtos exportados pela Ucrânia para a Rússia e a UE:

Figura 13 - As 15 indústrias mais competitivas da Ucrânia, 2013

Figure 11 / Top 15 most competitive industries of Ukraine, 2013



Note: Horizontal axis: share of an industry in total exports from Ukraine to Russia; vertical axis: share of an industry in total exports from Ukraine to EU; bubble size corresponds to the RCA index value of an industry.⁵¹
 Source: Authors' calculations based on UN Comtrade data.

Fonte: ADAROV et. al, 2015

Torna-se essencial aduzir, com relação ao gráfico, que o eixo vertical demonstra a importância percentual de uma indústria no total de exportações da Ucrânia para a UE; o eixo horizontal, semelhantemente, indica a importância percentual de uma indústria no total de exportações da Ucrânia para a Rússia.

A partir disso, percebe-se que, de acordo com ADAROV et. al (2015, p. tradução nossa) “as exportações com destino à Rússia - as quais normalmente originam-se da região oriental do território ucraniano [Donbass] - demonstram uma estrutura mais avançada:

máquinas, equipamentos, aeronaves, embarcações e outros equipamentos de transporte. Reconhecidamente, essas exportações são frequentemente remanescentes dos laços do passado de cooperação do período soviético, as quais são profundamente não competitivas em outros mercados. Mesmo com investimentos adequados, a reestruturação, conversão e reorientação das respectivas capacidades de exportação seriam extremamente desafiadoras¹⁵⁹”.

Com relação especificamente à Donbass, “a indústria metalúrgica centralizada nessa região gera mais de 40% de todas as entradas de moedas estrangeiras e emprega mais de 200 mil pessoas. Isso faz com que Donbass seja um grande “ferreiro” da Europa”¹⁶⁰. Essas empresas do leste ucraniano fornecem importantes matérias-primas e produtos para a Rússia, notavelmente para as indústrias espaciais e de defesa russas.

A política de suspensão da cooperação militar entre Rússia e Ucrânia realizada pelo governo de Kiev, em 2014, influenciou intensamente a economia da região de Donbass, uma vez que sistemas e equipamentos confeccionados nessa região são feitos especialmente para o mercado russo e não podem ser vendidos imediatamente a outros mercados. A partir disso, os grandes conglomerados estão sendo profundamente prejudicados pelo quase fechamento total ao mercado e aos investimentos russos. Portanto, o fechamento do mercado russo é um enorme perigo para a economia regional e pode também significar o colapso de toda economia ucraniana.

Diferentemente disso, as exportações mais importantes da Ucrânia para a UE concentram-se em produtos primários, como cereais, sementes, frutas, madeira, minério de ferro, entre outros, ou seja, possuem um baixo valor agregado. Fertilizantes e alguns outros

¹⁵⁹ Ukraine’s exports to Russia – more often than not originating from the eastern part of Ukraine – display a more ‘advanced’ structure: machinery, equipment, aircraft, vessels and other transport equipment. Admittedly, these exports are frequently remnants of past cooperation linkages persisting from the Soviet period which are largely non-competitive on other markets. Even with adequate investments, a restructuring, conversion and reorientation of the respective export capacities would be extremely challenging

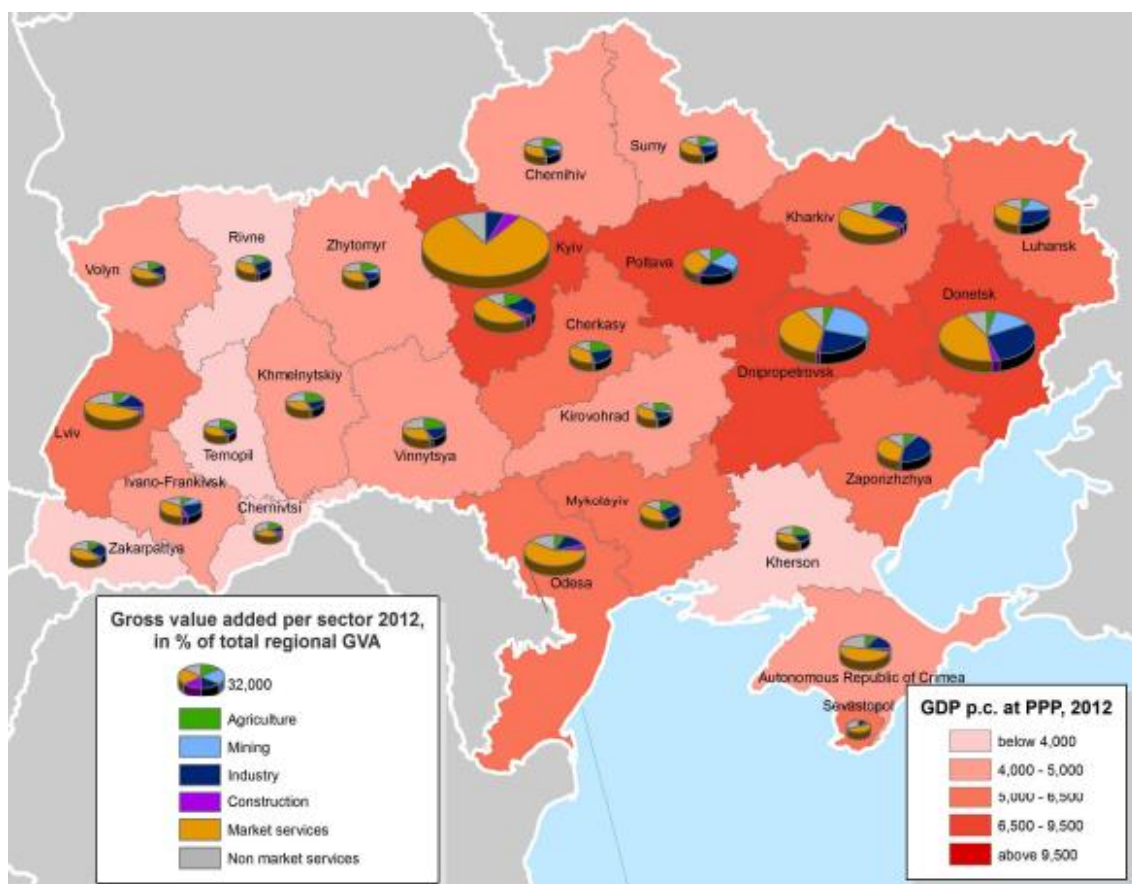
¹⁶⁰ BIRD, Michael; VDOVII, Lina; e TKACHENKO, Yana. The Donbass Paradox: Russian-backed separatists have plundered the rebel-held regions in Ukraine’s industrial heartland and created an economy stricken with fear, hypocrisy and contradiction. 2015. Disponível em: <http://www.theblacksea.eu/donbass/>. Acesso em: 10 out. 2016.

Metallurgy in Ukraine generates over 40 per cent of all foreign currency inflows and employs more than 200,000 [...] Centred on the Donbass, this makes region a major blacksmith of Europe.

metais, por exemplo, possuem importância semelhante para ambos os atores. Por último, o ferro e o aço são produtos de extrema importância exportados pela Ucrânia para Rússia e UE.

A partir disso, torna-se essencial especificar melhor as grandes diferenças regionais com relação ao PIB per capita, PIB regional, às participações setoriais de valor agregado em 2012 e as especializações regionais existentes:

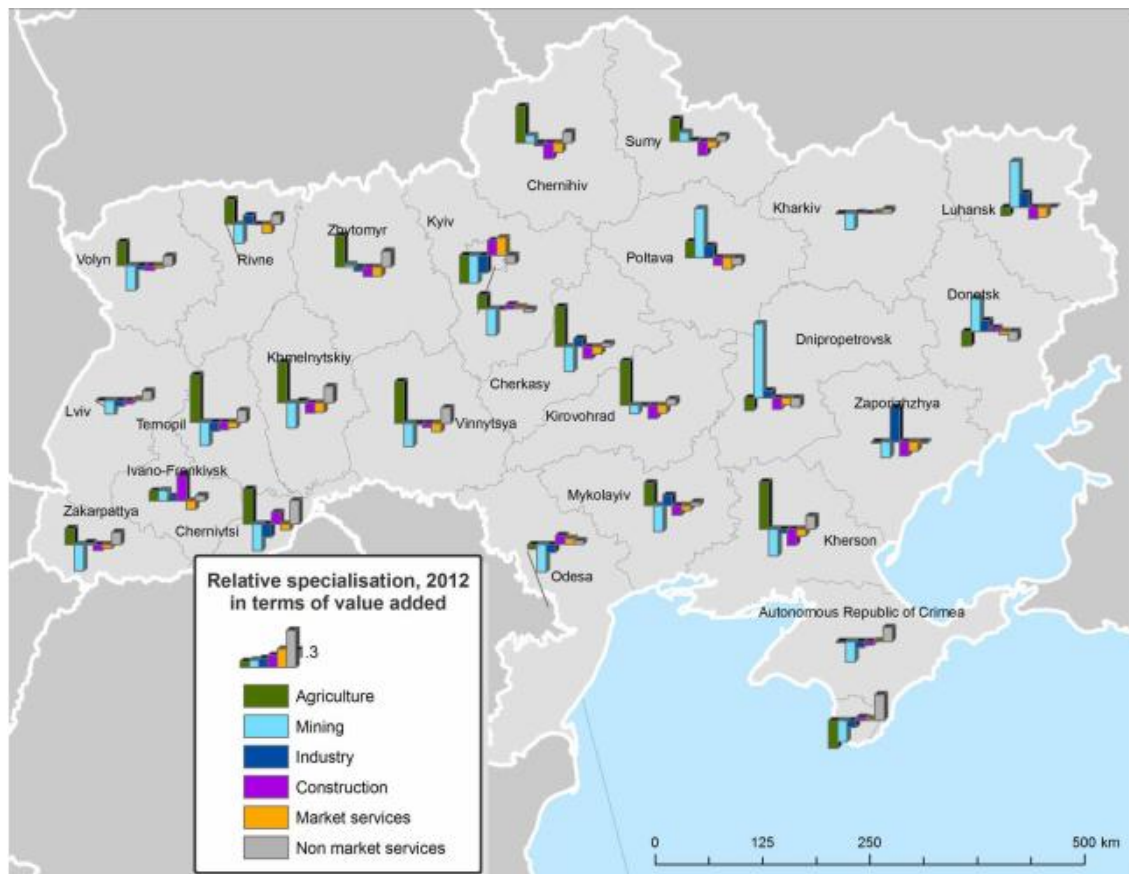
Figura 14 - PIB per capita, PIB regional e participações setoriais de valor agregado em 2012, em%:



Fonte: ADAROV et al., 2015

Nota: o tamanho dos discos representa as participações de cada uma das regiões no PIB nacional ucraniano.

Figura 15 – Especialização setorial relativa das regiões ucranianas, 2012:

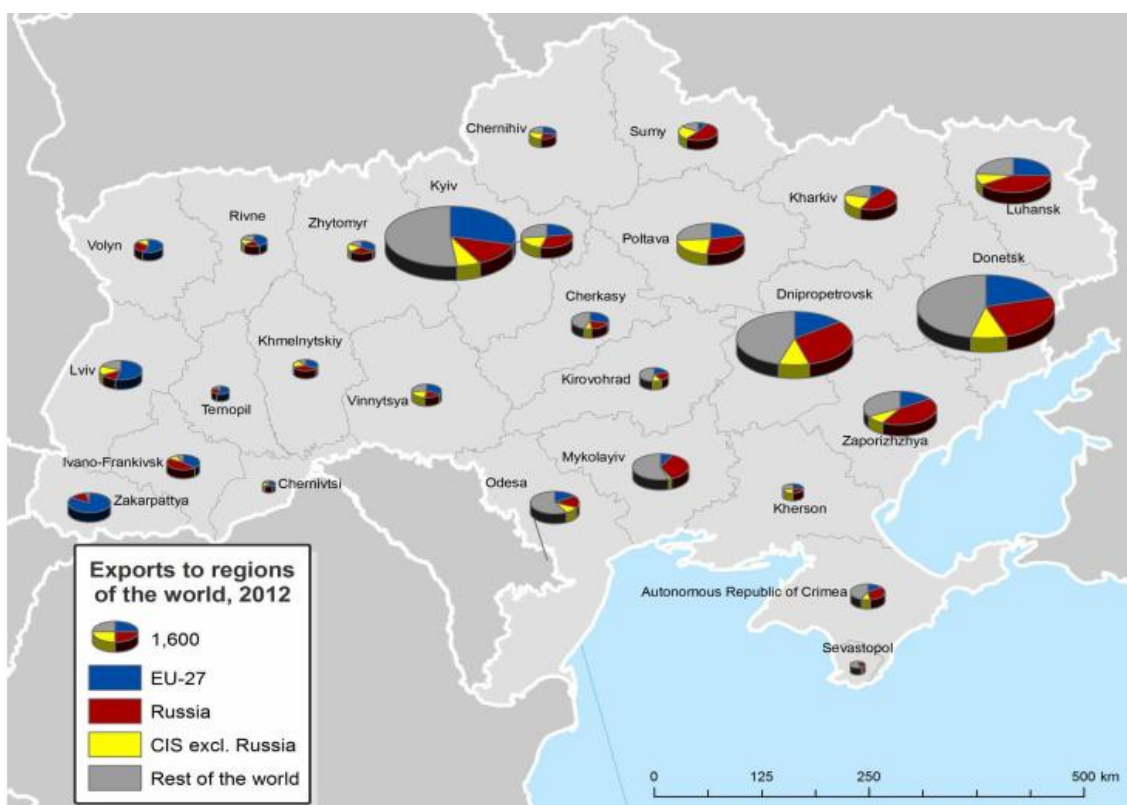


Fonte: ADAROV et al., 2015

Por meio das figuras 19 e 20, pode-se perceber uma diferenciação regional de especialização setorial da economia ucraniana. O padrão básico demonstra que as regiões mineiras e industriais concentram-se no leste do país (Lugansk, Donetsk, Dnipropetrovsk, Zaporizhzhya, Kharkiv, Poltava), enquanto as regiões agrárias estão concentradas no sul e o oeste ucraniano. Além disso, existem áreas urbanas que se caracterizam pela predominância de serviços de mercado e atividade de construção. Essencial afirmar novamente a importância do leste ucraniano para o PIB nacional (Donetsk, Lugansk, Dnipropetrovsk, Kharkiv).

Com esses dados especificados, as diferentes orientações históricas do comércio são informações fundamentais para compreender a importância da Rússia e da UE para cada região ucraniana especificamente:

Figura 16 – Composição regional das exportações ucranianas, por destinação, 2012



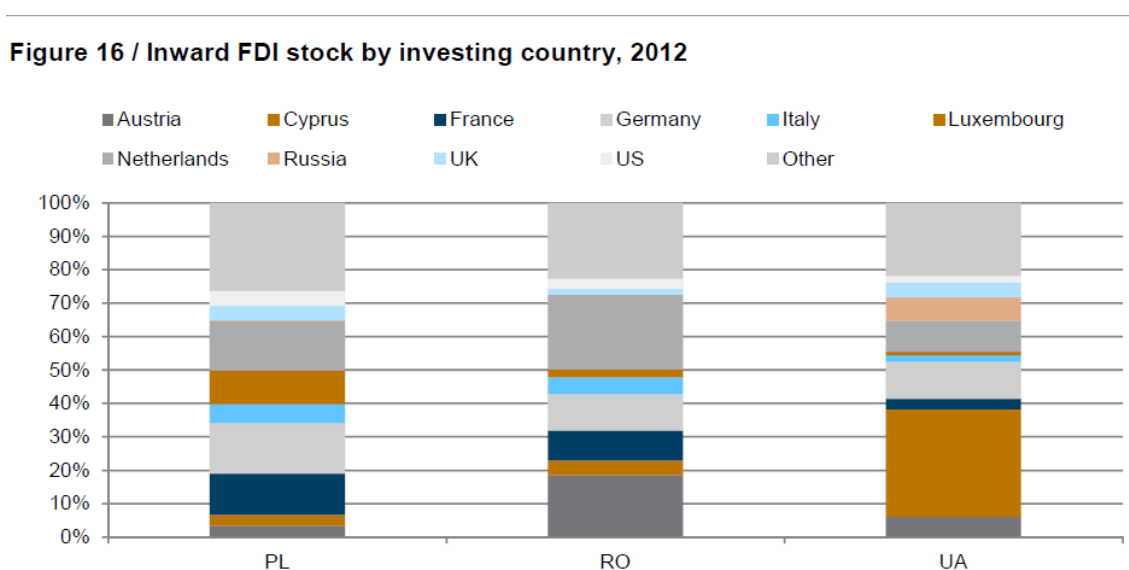
Fonte: ADAROV et al., 2015

Com relação ao gráfico, podemos concluir que as regiões ocidentais da Ucrânia possuem historicamente um comércio mais significativo com a UE, principalmente com as regiões que fazem fronteira com essas regiões (Polônia, Romênia, Eslováquia, Hungria), enquanto as regiões orientais ucranianas tem um comércio tradicionalmente mais ligado à Rússia.

5.1.3 Importância do IED, das finanças e da dívida externa ucraniana: UE x Federação Russa

Importante aduzir, também, a respeito da composição do IED da Ucrânia:

Figura 17 – Estoque de IED por país investidor, 2012.



Fonte: ADAROV et al., 2015

A título de comparação, percebe-se que em países como Polônia e (PL, em inglês) e Romênia (RO, em inglês), a Federação Russa não possui grande importância, na medida em que esses países já fazem parte da UE. De modo distinto, Moscou tem profunda importância no IED ucraniano. Entretanto, esses dados estão subestimados, já que a Rússia é a principal fonte de IED da Ucrânia, mas por outros caminhos:

Rússia e Ucrânia possuem laços comerciais substanciais, além de setores industriais intimamente integrados. Antes da crise começar, a Rússia providenciava 6,8% dos investimentos estrangeiros diretos na Ucrânia, apesar desse número estar subestimado. Formalmente, 33,4% do IED para a Ucrânia em 2013 veio de Chipre, o que aumenta a possibilidade de que investimentos russos tenham passado pelos

bancos e corporações desse país. Em 2014, com o início da crise, os IEDs da Rússia e do Chipre fluindo para a Ucrânia caíram para 5,9% e 29,9%, respectivamente. Ao mesmo tempo, o IED alemão fluindo para a Ucrânia aumentou para 12,5%, quando um ano antes era de apenas 10,9% um ano antes [...] (tradução nossa)¹⁶¹.

Portanto, verdadeiramente, a Rússia é fonte de cerca de 1/3 do IED ucraniano, mesmo com o início da crise. Além disso, a UE tem sido beneficiada pela retração da influência do IED russo na Ucrânia, como pode ser visto com relação ao exemplo do aumento da porcentagem dos investimentos alemães, de 10,9% para 12,5% do valor total.

Somado a isso, fundamental dizer que o Chipre é um paraíso fiscal frequentado não somente por investidores russos, mas também ucranianos (88% do IED feitos pela Ucrânia vão para Chipre). Isso significa que grande parte do IED que entra na Ucrânia não é genuinamente capital internacional, mas sim capital doméstico reinvestido no país (ADAROV et al., 2015).

Por último, no que concerne ao IED, é essencial demonstrar a destinação dele por atividade econômica na Ucrânia:

¹⁶¹ Ukraine's Economy Needs Russia. Stratfort, Feb 18th. 2015. Disponível em: <https://www.stratfor.com/analysis/ukraines-economy-needs-russia>. Acesso em: 10 out. 2016

Russia and Ukraine have substantial trade ties in addition to closely integrated industrial sectors. Before the crisis began, Russia provided 6.8 percent of foreign direct investment in Ukraine, though the real figure may be higher. Formally, 33.4 percent of FDI to Ukraine in 2013 came from Cyprus, raising the possibility that Russian investment has passed through Cypriot banks and corporations. In 2014, with the onset of the crisis, the share of both Russian and Cypriot FDI flows to Ukraine decreased to 5.9 percent and 29.9 percent, respectively. At the same time, German FDI flows to Ukraine increased to 12.5 percent from only 10.9 percent a year earlier.

Figura 18 – Estoque de IED por atividade econômica, total e por setor manufatureiro, 2009 (%).

	Stock, %	Manufacturing stock, %			
		2009	2013	2009	2013
A Agriculture	1.7	1.4	CA Food	16.3	22.4
B Mining	2.5	2.9	CB Textiles	1.4	1.0
C Manufacturing	29.5	25.3	CC Wood	3.7	3.4
D Electricity	0.7	2.6	CD Coke	3.8	2.7
E Water	0.2	0.2	CE Chemicals	6.7	7.2
F Construction	3.2	2.8	CF Pharmaceuticals	0.3	0.5
G Trade	10.9	13.0	CG Rubber	10.2	10.1
H Transportation	2.5	2.8	CH Basic metals	46.8	42.7
I Accommodation	1.2	1.5	CK Machinery n.e.c.	9.3	7.5
J Information	4.3	3.6	CM Other	1.4	2.6
K Financial	31.0	26.4	C Manufacturing	100.0	100.0
L Real estate	6.1	7.5			
M Professional	2.9	5.9			
N Administration	2.3	3.4			
Other activities	0.8	0.6			

Source: wiiw database

Fonte: ADAROV et al., 2015

Dois dados são extremamente importantes de ser extraídos da tabela acima. Primeiro, o IED na Ucrânia tem proeminência no setor financeiro, o que significa, de acordo com Adarov et. al (2015, p. 57, tradução nossa), que “mais do que em outros países, investidores estrangeiros tem buscado o mercado doméstico [ucraniano] e existe uma falta de IED orientado para exportações e para a busca de eficiência¹⁶²”.

Com relação ao setor manufatureiro, o IED concentra-se em dois setores principais, que são a produção de metais e alimentos. Porém, de acordo com Adarov et al. (2015, tradução nossa), “os números para essas duas industriais parecem ser exagerados, uma vez que companhias ucranianas estabeleceram sedes no exterior. De maneira mais notável, o

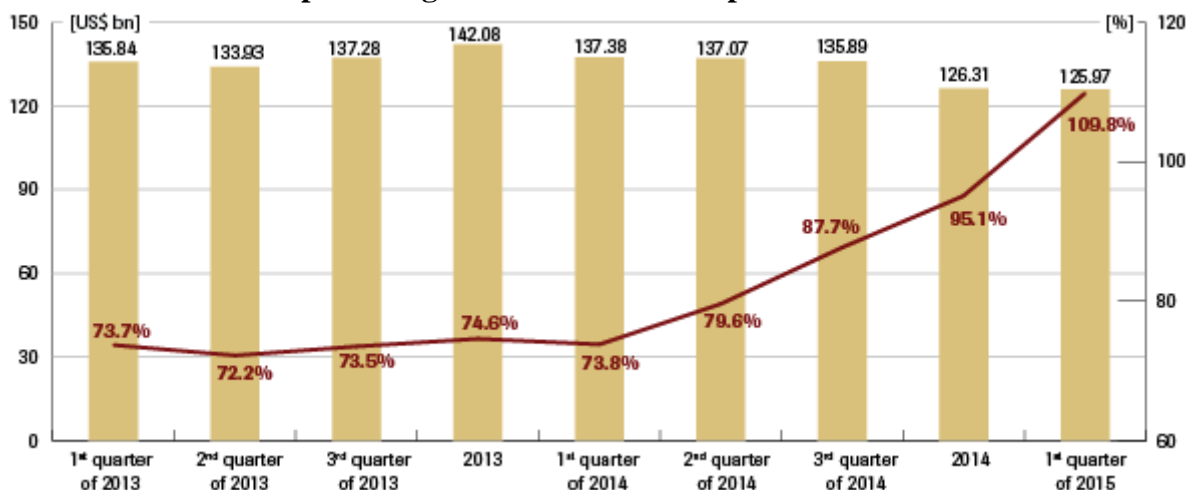
¹⁶² [...] more than in other countries, foreign investors have targeted the domestic market and there is a lack of export-oriented, efficiency-seeking FDI

maior conglomerado industrial, Metinvest B.V, está registrado em Hague, Países Baixos¹⁶³”(esse conglomerado será explicitado melhor no último capítulo da dissertação).

Conclui-se, em decorrência de todos os dados acima, que a real importância do IED para a economia ucraniana é superestimado, pois, de acordo com Adarov et al, (2015, tradução nossa) “o capital de empresas *holdings* do exterior não trazem novo capital, tecnologia ou conhecimento para o país. Tais holdings são construções artificiais que geralmente buscam evasões fiscais. Ao mesmo tempo, a insegurança dos direitos de propriedade e o medo de reprivatizações tem também estimulado os donos de companhias ucranianas a mudar suas sedes para o exterior¹⁶⁴”.

Embora a dívida externa diretamente relacionada com a UE tenha patamares não tão grandes, os débitos ucranianos com o FMI e o Banco Mundial, instituições notavelmente com maioria do capital integralizado proveniente do Ocidente, são notáveis:

Figura 19 - Dívida externa bruta entre 2013 e 2015, o valor em US\$ bilhões e porcentagem do PIB no fim do período.

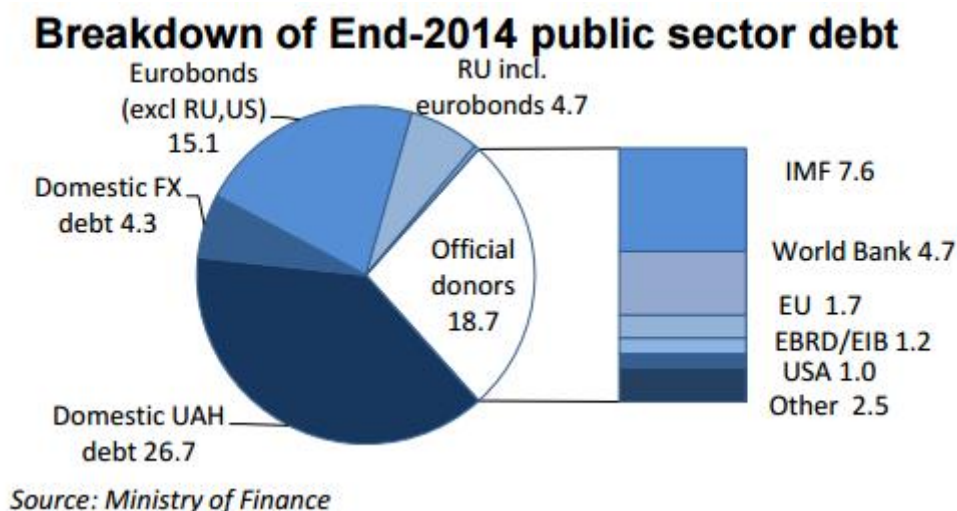


¹⁶³ The figures for these two industries seem to be overstated as some of the Ukrainian companies have established headquarters abroad. Most notably the largest industrial conglomerate Metinvest B.V. is registered in The Hague, Netherlands⁷⁹

¹⁶⁴ Round-tripping capital through holdings abroad does not bring new capital, technology and knowledge into the country. Such holdings are artificial constructions having often the aim of avoiding taxation. At the same time, insecure property rights and the fear of re-privatisation may have also prompted owners of Ukrainian companies to shift headquarters abroad

Fonte : <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/osw-commentary/2015-08-05/ukraine-financial-front-problem-ukraines-foreign-public-debt>

Figura 20 - Dívida do setor público ucraniano por fonte, 2014



Fonte: GIUCCI et al., 2015

Percebe-se que o débito do setor público ucraniano é dominado por Eurobonds e por doadores oficiais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Mundial e a própria UE e os EUA. Diretamente e indiretamente, a influência ocidental é profunda nos débitos públicos ucranianos.

Além disso, a Federação Russa historicamente possui grande influência no que concerne à dívida externa ucraniana, já que é uma das principais fontes de empréstimos para esse país. Essa importância proporciona outra fonte russa para influenciar a política externa e interna de Kiev, principalmente no atual cenário de deterioração das finanças ucranianas.

A Rússia emprestou à Ucrânia \$3 bilhões em dezembro de 2013 [...] o empréstimo causou à Ucrânia grandes problemas. Uma cláusula bizarra afirma que se a porcentagem da dívida ucraniana com relação ao seu PIB exceder 60%, a Rússia pode demandar um novo pagamento antecipado; isso talvez possa, por sua vez, desencadear um “default” automático em outros títulos internacionais da Ucrânia através de uma cláusula chamada “*cross-default*”. O débito do governo está bem

acima do limite de 60% (está alcançando 100%), desse modo permitindo à Rússia antecipar um “default” se ela desejar. [...] Entretanto, pagar o empréstimo poderia ser muito complicado para a Ucrânia, a qual tem apenas cerca de \$12 bilhões em reservas internacionais. Pagar a Rússia poderia soar mal também para o povo ucraniano (THE ECONOMIST, 2014, tradução nossa)¹⁶⁵.

Em decorrência desse débito, os russos atualmente processam a Ucrânia na Corte de Londres, ou seja, esse país está oficialmente em “default”¹⁶⁶. Se levarmos em conta apenas o Eurobond russo no valor de U\$ 3 bilhões (2013/2015), isso equivale a 4,3% do débito total do Estado ucraniano e 7,7% da dívida externa ucraniana (GIUCCI et al, 2015).

As dívidas ucranianas com relação à Rússia, contudo, podem ser explicadas também por intermédio da importância do capital russo no setor bancário ucraniano:

O setor bancário ucraniano continua profundamente conectado com a Rússia, mesmo com a diminuição dos investimentos. O quinto maior banco da Ucrânia em termos de ativos é Prominvestbank, uma subsidiária da Vnesheconombank da Rússia. Além disso, subsidiárias das russas Sberbank, Alfa-Banj e VTB Bank constituem o oitavo, o nono e o décimo maiores bancos da Ucrânia, respectivamente. Juntas essas subsidiárias ucranianas controlam mais de US\$ 6 bilhões em ativos. Uma vez que o Estado russo controla o Vnesheconombank e é o acionista majoritária na Sberbank e VTB, o Kremlin controla indiretamente uma parte significativa do setor bancário ucraniano. De acordo com o Ministro das Finanças da Ucrânia, no início de 2015, o débito total da Ucrânia e o débito garantido para o Estado russo e para os bancos russos totalizaram mais de US\$ 4 bilhões, o equivalente a 12% do débito externo do país (STRATFOR, 2015, tradução nossa)¹⁶⁷.

¹⁶⁵ Why is Ukraine’s economy in such a mess?, Mar. 2014. The Economist. Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/freeexchange/2015/09/what-ukraine-owes-russia>. Acesso em: 07 set. 2016
Russia lent Ukraine \$3 billion in December 2013. [...] Since its issue, the bond has caused Ukraine big problems. A bizarre clause in the bond says that if Ukraine’s debt-to-GDP ratio exceeds 60%, Russia can demand early repayment; that might, in turn, trigger an automatic default on Ukraine’s other international bonds through a so-called “cross-default” clause. The government’s debt is well above the 60% threshold (it is touching 100%), thus enabling Russia to precipitate a default if it wants to. But repaying the bond would be very tricky for Ukraine, which has only about \$12 billion in foreign reserves. Repaying Russia would also go down badly with the Ukrainian public

¹⁶⁶ Russia sues Ukraine in London Court over \$3 Billion default. Feb. 2016. Bloomberg. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/news/articles/2016-02-17/russia-files-suit-against-ukraine-in-london-over-3-billion-debt>. Acesso em: 07 set. 2016

¹⁶⁷ Ukraine’s Economy Needs Russia. Stratfort, Feb 18th. 2015. Disponível em: <https://www.stratfor.com/analysis/ukraines-economy-needs-russia>. Acesso em: 10 out. 2016

Ukraine's banking sector is still closely connected to Russia without these investments. Ukraine's fifth-largest bank in terms of total assets is Prominvestbank, a subsidiary of Russia's Vnesheconombank. Moreover, subsidiaries of Russia's Sberbank, Alfa-Bank and VTB Bank constitute Ukraine's eighth-, ninth-, and 10th-largest banks, respectively. Together these Ukrainian subsidiaries hold over \$6 billion in assets. Because the Russian state owns Vnesheconombank and is a majority shareholder in Sberbank and VTB, the Kremlin indirectly controls a significant portion of Ukraine's banking sector. According to Ukraine's Finance Ministry, in

As capacidades materiais da Rússia e da UE explicitam o profundo relacionamento e a influência que Moscou e Bruxelas possuem sobre Kiev, por intermédio da importância comercial, financeira e dos investimentos desses dois atores. O conflito atual tem prejudicado as capacidades russas, principalmente por meio da diminuição dos fluxos comerciais e financeiros, entretanto elas continuam profundamente importantes para a Federação Russa não perder sua influência sobre a Ucrânia. Somado a isso, percebe-se que a diminuição proposital realizada pelo governo de Kiev no relacionamento com a Rússia é uma política pouco pragmática, especialmente a partir da análise dos dados supracitados.

Não apenas o embate entre as capacidades materiais é importante para a explicação do atual conflito, mas também àquelas referentes ao estoque e à utilização de equipamentos armamentistas, o que ocorrerá na próxima seção.

5.1.4 Capacidades materiais acumuladas e estoque de equipamentos armamentistas UE x Federação Russa

Primeiramente, torna-se importante demonstrar as capacidades materiais acumuladas da UE e da Rússia:

Tabela 4 – Capacidades materiais acumuladas União Europeia x Rússia

Variáveis (2014)	União Europeia	Rússia
Área territorial (km²)	4.325.000	17.100.000
População total	508.300.000	143.819.569
PIB per capita (dólar atual)	36.422,60	12.735,92
PIB total (\$ trilhões)	18,51	1,86

the beginning of 2015, Ukraine's total direct and guaranteed debt to the Russian state and Russian banks totaled over \$4 billion, the equivalent of about 12 percent of the country's external debt.

Gasto militar (% PIB)	1,50	4,55
Gasto militar atual (US\$ bilhões)	277,7	84,2
Forças armadas(% mão-de-obra)	0,9	1,64
Forças armadas, total	2.164.550	1.260.000

Fonte: Banco Mundial, 2014 (Adaptado pelo autor)

Além disso, o estoque de armamentos também é essencial nesse embate:

Tabela 5 - Armamento Nuclear Mundial, 2014

País	Ogivas entregues	Outras ogivas	Inventário total
EUA	~2 080	5 180	~7 260
Rússia	~1 780	~5 720	~7 500
Reino Unido	150	~65	~215
França	~290	~10	~300
China	-	~260	~260
Índia	-	90-110	90-110
Paquistão	-	100-120	100-120
Israel	-	~80	~80
Coreia do Norte	6-8
Total	~4 300	~11 545	~15 850

Fonte: SIPRI, 2014

Tabela 6 - Maiores Exportadores Mundiais de Armas

Posição 2015	Posição 2014	Supridor	2015
1	1	EUA	10484
2	2	Rússia	5483
3	3	Alemanha	2049
4	4	França	2013
5	6	China	1966
6	7	Espanha	1279
7	5	Reino Unido	1214
8	11	Israel	710

9	8	Itália	570
10	10	Países Baixos	444
11	12	Suíça	369
12	9	Ucrânia	323
13	14	Canadá	312
14	15	Turquia	291
15	13	Suécia	186
16	18	Noruega	155
17	25	República Tcheca	120
18	19	Austrália	113

Fonte: SIPRI, 2014

Percebe-se que a União Europeia, em termos absolutos, possui maiores capacidades acumuladas que a Federação Russa em todos os atributos supracitados, exceto no que concerne ao tamanho do território. A UE tem uma população aproximadamente 4 vezes maior; PIB per capita 3 vezes maior; e PIB total 10 vezes maior.

No que concerne às capacidades militares, é essencial destacar que, embora possuam uma Política Externa comum em diversos âmbitos, como no econômico, o contexto militar da UE possibilita divergências e espaço para atuações unilaterais, como a intervenção francesa na República Centro-Africana. A atuação militar, desse modo, nem sempre é conjunta, o que demonstra a necessidade de separá-las nas análises. Entretanto, essas capacidades dos países integrantes da UE serão analisados conjuntamente.

A partir dos dados acima, a UE tem gasto militar 3 vezes maior; forças armadas totais e exportação total de armas quase 2 vezes maior que a Federação Russa. As capacidades militares, contudo, não tem o mesmo peso, na medida em que a posse de armas nucleares é um atributo de maior importância; a Rússia, nesse quesito, tem, aproximadamente, 12 vezes a capacidade de França e Reino Unido juntos. Porém, se os EUA são adicionados na análise a respeito das capacidades militares, a Rússia perderia o embate, já que o *heartland* lockeano exporta 3,5 vezes mais armas que a Rússia (EUA, Alemanha, França, Espanha, Reino Unido, Itália, Países Baixos, Canadá, Suécia, Noruega, República Tcheca e Austrália conjuntamente); e possuem quantidade semelhante de armas nucleares no inventário total.

Em decorrência de todas as informações a respeito das capacidades materiais (dinâmicas, acumuladas e militares), primeiramente percebe-se a relativa semelhança entre as capacidades dinâmicas da Rússia e da UE como um todo (comércio, finanças e IED), apesar da superioridade energética da Rússia sobre a Ucrânia. Essas semelhanças, porém, quando analisadas as disparidades internas ucranianas, demonstram que o leste ucraniano tem relações mais estreitas com a Federação Russa, enquanto o oeste tem com a UE. Outro dado importante é que a UE possui capacidades acumuladas mais importantes do que a Federação Russa. Por último, a Federação Russa capacidades militares superiores àquela da UE, principalmente em decorrência da superioridade nuclear daquela sobre esta. Entretanto, se os EUA entram na análise, pode-se afirmar que o Ocidente tem superioridade militar com relação à Federação Russa.

Esses atributos de capacidades materiais são essenciais para explicar o atual embate entre UE e Rússia pela hegemonia na Ucrânia, ainda que não sejam suficientes individualmente. Quando analisamos a importância da Ucrânia para a Rússia, percebemos, de acordo com Giucci et al. (2015), que ela é limitada em vários âmbitos, como comércio e investimentos: a Rússia exporta apenas 2,5% do seu total produtivo para a Ucrânia, dados similares à Bélgica e à Coreia; e estoques de IED na Ucrânia que representam apenas 1,2% do seu estoque total, dados semelhantes à importância da Turquia e da Espanha. Assim outros âmbitos necessitam ser desenvolvidos nesta dissertação, como as ideias e hábitos ucranianos e suas relações com os atores em contenda.

5.2 Ideias e hábitos Ocidente x Federação Russa

A desintegração soviética provocou um período de caos ideológico para os países da ex-URSS e da sua área de influência. O autoritarismo e o socialismo soviético cederam espaço para a ascensão nesses territórios da “democracia” e do capitalismo ocidental, embora essa não fosse a primeira solução percebida pela elite política, já que a queda do Partido Comunista da URSS, o qual não tinha mais bases de sustentação, e uma possível reforma socialista eram os principais objetivos.

A imposição externa de preceitos ocidentais e a própria internalização destes pelo centro da antiga URSS, a burocracia de Moscou, demonstrou, naquele tempo, que esse deveria ser o caminho para esses novos Estados. A maioria dos novos países foram “engolidos” pela hegemonia ocidental, visto que, além de maior capacidade militar e das ideias e hábitos prevaletentes, ela institucionalizou essa hegemonia, principalmente por intermédio da OTAN e da UE, porquanto a Rússia não tinha capacidade para impedir essa expansão hegemônica.

No contexto econômico, o neoliberalismo possibilitou a quase completa destruição das bases de produção soviética, mesmo que ideologicamente, como demonstrado por Simon Clarke, a continuação das ideias e hábitos soviéticos ainda estivessem presentes. Com o passar das reformas neoliberais, essas ideias foram internalizadas pela população, principalmente por meio dos hábitos ocidentais de formação de ONGs; e a concentração de riquezas e a inequidade capitalista, principalmente por intermédio da Acumulação por Desapossamento das novas oligarquias, na Rússia e na Ucrânia, intensificaram-se de maneira abrupta.

Somado a isso, os clãs ascendentes, na Ucrânia, na década de 1990, embora internalizassem algumas novas identidades e interesses, em decorrência do próprio processo de independência, viam-se vinculados à Rússia, na medida em que as rendas auferidas pela dependência energética proporcionavam lucros exorbitantes aos clãs ucranianos. Assim, a eles interessava a manutenção da “unidade” russo-ucraniana; a ideologia soviética, além disso, não seria extirpada de um momento para o outro.

Os conflitos entre Rússia e Ucrânia originam-se na crise de ideias e hábitos, com o fim da URSS. Num primeiro momento, a elite russa não aceita a independência ucraniana, o que divide intensamente os clãs da Ucrânia, visto que grande parte apoia uma vinculação mais profunda com a Rússia e outros preferem a aproximação com a Europa. Importante aduzir que o primeiro presidente ucraniano do pós-URSS, Kravchuk, apoiava um profundo relacionamento da Ucrânia com a Europa, o que desencadeou ainda maior caos nas relações entre Kiev e Moscou, na medida em que a própria desintegração soviética já perpetrava inúmeros temas a serem resolvidos, como o destino das armas nucleares ucranianas.

Percebe-se, desse modo, que o âmbito das ideias e dos hábitos foi relativamente o mais afetado no que concerne à antiga área de influência soviética, uma vez que a burocracia de Moscou não tinha alternativa ideológica subsidiária autônoma, assim, o Ocidente preencheu esse vazio. Por último, os hábitos soviéticos permaneceram por um grande período (e ainda permanecem), conquanto a revolução passiva neoliberal tenha alterado uma herança de cerca de 70 anos de união estatal soviética.

5.2.1 As divisões étnicas e linguísticas

Na Ucrânia, os 11 milhões de russos perfazem 22% do total populacional. Eles vivem em grande quantidade na região nordeste ao redor de Kharkiv (1 milhão), nas regiões do leste ucraniano, como Donetsk, Dnipropetrovsk e Lugansk (4,5 milhões) e no sul ucraniano, ao redor dos portos das cidades de Odessa e Mykolaiv (1 milhão). Nessas áreas, eles são minorias impressionantes, perfazendo de 31% a 43% da população. Na Crimeia, os 1,6 milhões de russos são uma profunda maioria [...] Além disso, mais de 4 milhões de ucranianos que vivem nas suas “próprias” repúblicas abandonaram sua língua materna pelo russo: em Lugansk 33%, em Donetsk 40% e na Crimeia 47%. A maioria das outras nacionalidades nessas regiões também pertence ao grupo russófono – em Donetsk, por exemplo, 67% dos bielorrussos, 79% dos gregos e 92% dos judeus. Em algumas regiões administrativas do leste, os russos, conjuntamente com outros falantes de russo, estão em sólida maioria: em Donetsk 67% e em Lugansk 63%. Além disso, apenas uma fração dos russos e outros falantes de russo nessas regiões, em 1989, tinha fluência na língua ucraniana, e não é difícil imaginar qual das línguas tem funcionado como o meio de comunicação entre as etnias. A influência russa é muito mais forte nas cidades do que no campo (KOLSTOE, 1995, tradução nossa)¹⁶⁸

¹⁶⁸ FISHER, Max. This one map helps explain Ukraine’s protests. The Washington Post. Dec 9th, 2013.

Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2013/12/09/this-one-map-helps-explain-ukraines-protests/?utm_term=.7bf71a95f6a4. Acesso em: 10 out. 2016

In Ukraine, the 11 million Russians account for 22% of the total population. They live in large numbers in the north-eastern region around Kharkiv (1 million), in the eastern regions of Donetsk, Dnipropetrovsk and Luhansk (4,5 million) and in southern Ukraine, around the port cities of Odessa and Mykolaiv (1 million). In these areas they are impressive minorities, ranging from 31% to 43% of the population. In the Crimea, the 1,6 million Russians are an outright majority [...] In addition, more than 4 million Ukrainians living within their ‘own’ republic have abandoned their mother tongue in favour of Russian : in Luhansk 33%, in Donetsk 40% and in the Crimea 47%. Also, most other nationalities in the regions belong to the russophone group – in Donetsk, for instance, 67% of the Belorussians, 79% of the Greeks and 92% of the Jews, In certain eastern oblasts, the Russians, together with other Russian-speakers, make up a solid majority : in Donetsk 67% and in Luhansk 63%. Added to this, only a fraction of the Russians and other Russian-speakers in these oblasts in 1989 claimed fluency in the Ukrainian language [...] and it is not difficult to guess which language has been functioning as the medium of inter-ethnic communication [...]. The Russian influence is much stronger in the cities than in the countryside.

A maioria das áreas urbanas está localizada no leste ucraniano, em lugares com predominância de falantes russos. Essas áreas incluem Donetsk, Lugansk e Crimeia, com 90%, 86% e 63% de taxa de urbanização. Existem 38% de russos étnicos e 75% de falantes nativos de russo em Donetsk; em Lugansk, russos étnicos e russófonos representam 39% e 69%, respectivamente; na Crimeia, 58% de russos étnicos e 77% de falantes nativos de russo. Portanto, “as províncias do sul e do leste, principalmente seus centros urbanos, são russificados. Centros urbanos preferem o russo e as áreas rurais escolhem o ucraniano como línguas do dia-a-dia¹⁶⁹”. (FISHER, 2013).

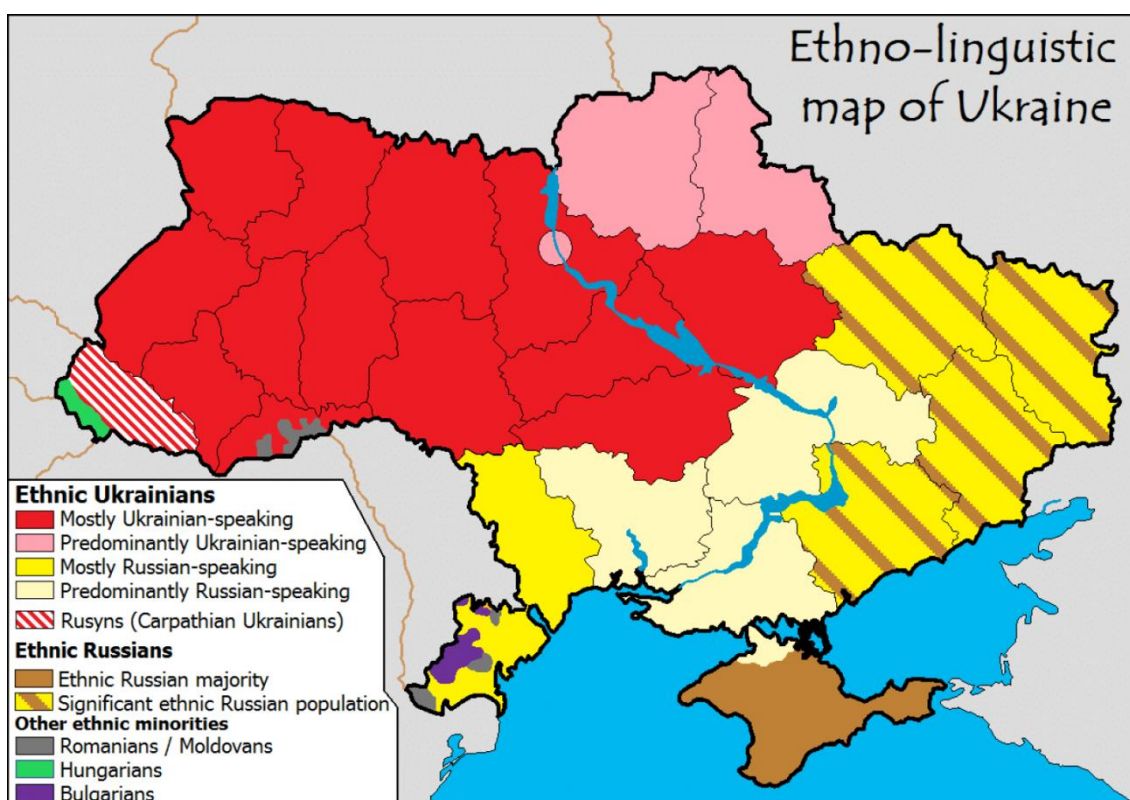
Isso se reflete na própria capilaridade do Estado, principalmente por intermédio da cultura e do ensino escolar. A maioria das escolas e das instituições de ensino utiliza o ucraniano, mesmo em áreas onde existe a predominância de falantes de russo¹⁷⁰, já que esse âmbito é extremamente importante para a identidade cultural da população, refletindo também no contexto político. No âmbito midiático, um dado importante é que 80% dos *websites*, em 2008, estavam na língua russa, o que demonstra a força desse idioma na Ucrânia, mesmo em áreas dominadas pela língua ucraniana¹⁷¹. Após 2014, a guerra midiática tornou-se intensa na Ucrânia, o que será tratado posteriormente.

¹⁶⁹ The South-Eastern provinces, especially their urban centers, are Russified. Urban centers prefer Russian and rural areas choose Ukrainian as their everyday language.

¹⁷⁰ Languages of Ukraine. Feb. 2016. Try Ukraine. Disponível em: <http://www.tryukraine.com/info/languages.shtml>. Acesso em: 05 out. 2016

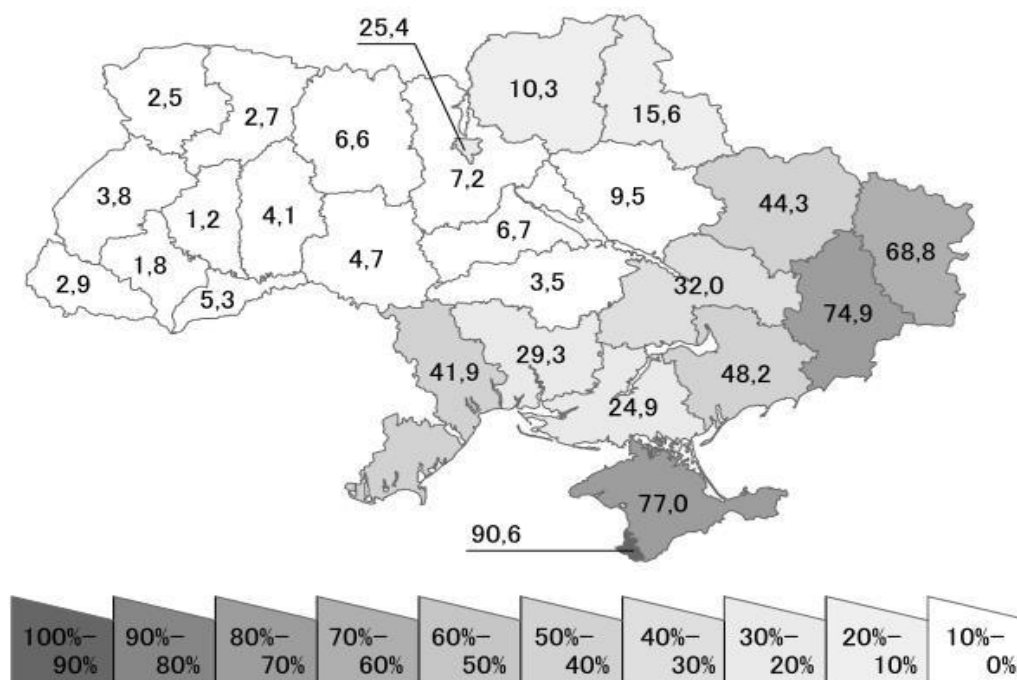
¹⁷¹ Idem 185

Figura 21 - O mapa étnico-linguístico da Ucrânia



Fonte: Wikipedia, 2016

Figura 22 - Porcentagem de russófonos no censo de 2001



Fonte: PIJL (2016)

Essa divisão se torna ainda mais interessante quando percebemos que, desde o período soviético, a evolução dos falantes de língua russa e ucraniana no leste e no oeste também tiveram distinções que intensificaram ainda mais esse processo de ruptura cultural entre as duas regiões.

As diferenças demográficas e culturais entre o leste e o oeste ucraniano cresciam gradualmente. A cada novo censo soviético, um crescente número de ucranianos afirmavam que o russo seria sua língua materna. Quase todas essas mudanças linguísticas ocorreram no leste e no sul, mas no oeste Ucraniano, particularmente na região de Lviv, a tendência foi oposta, com o número de russos e russófonos decrescendo, tanto em termos absolutos como relativos. Como resultado, o oeste e o leste ucraniano foram se separando, etnicamente e linguisticamente, com o oeste tornando-se menos russo e o leste mais (KOLSTOE, 1995, tradução nossa)¹⁷²

¹⁷² FISHER, Max. This one map helps explain Ukraine's protests. The Washington Post. Dec 9th, 2013. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2013/12/09/this-one-map-helps-explain-ukraines-protests/?utm_term=.7bf71a95f6a4. Acesso em: 10 out. 2016

In Ukraine, the 11 million Russians account for 22% of the total population. They live in large numbers in the north-eastern region around Kharkiv (1 million), in the eastern regions of Donetsk, Dnipropetrovsk and Luhansk

A política ucraniana, desde o processo de independência, tem enfrentado uma intensa divisão, em decorrência das diferenças étnicas e linguísticas nesse país. Em eleições nacionais, existe uma clara divisão, já que nas regiões onde predominam falantes da língua ucraniana e ucranianos étnicos, eles tendem a votar em um candidato, enquanto as pessoas provenientes de lugares com grande quantidade de falantes da língua russa e russos étnicos tendem a votar em outro candidato.

Desse modo, a relação entre as línguas ucranianas e russas no campo da educação é um dos grandes embates entre o atual governo central, que se posiciona contra a instituição do russo como segundo idioma oficial, e o antigo governo de Yanukovich, o qual apoiava essa pretensão.

Não somente divisões étnicas e linguísticas, contudo, são suficientes para explicar essa clivagem, na medida em que ideologias também são fundamentais para isso.

Richard Sakwa distingue duas perspectivas da soberania ucraniana, o nacionalismo monista e o pluralismo, o qual reconhece a linhagem da diversidade. Esses dois programas são amplamente coincidentes com a já aludida distinção entre um Estado-nacional liberal com proteção de minorias, e (o legado do) internacionalismo mais autonomia. Por sua vez, eles adotaram o princípio correspondente de cidadania nacional: os monistas internalizaram a tradição do *ius sanguinis* como ambição, como ficou claro na ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial [...] nacionalistas. Os russófonos, por outro lado, permanecem na tradição da URSS, o que explica o porquê nas rebeliões em Donbass existir uma República Popular de Donetsk e uma República Popular de Lugansk. [...] A incorporação da Crimeia à Federação Russa, na perspectiva ocidental de Estado-Nacional equivale à anexação, mas da perspectiva do internacionalismo socialista, é um ato de autodeterminação. Isso não é explicado por nenhuma prática de princípios socialistas na Rússia, mas porque seu sistema federal internalizou inúmeras características do passado

(4,5 million) and in southern Ukraine, around the port cities of Odessa and Mykolaiv (1 million). In these areas they are impressive minorities, ranging from 31% to 43% of the population. In the Crimea, the 1,6 million Russians are an outright majority [...] In addition, more than 4 million Ukrainians living within their 'own' republic have abandoned their mother tongue in favour of Russian : in Luhansk 33%, in Donetsk 40% and in the Crimea 47%. Also, most other nationalities in the regions belong to the russophone group – in Donetsk, for instance, 67% of the Belorussians, 79% of the Greeks and 92% of the Jews, In certain eastern oblasts, the Russians, together with other Russian-speakers, make up a solid majority : in Donetsk 67% and in Luhansk 63%. Added to this, only a fraction of the Russians and other Russian-speakers in these oblasts in 1989 claimed fluency in the Ukrainian language [...] and it is not difficult to guess which language has been functioning as the medium of inter-ethnic communication [...]. The Russian influence is much stronger in the cities than in the countryside.

soviético; se não fosse assim, essa vasta entidade multiétnica seria ingovernável [...] federalistas (PIJL, 2016, p. 16, tradução nossa¹⁷³).

As especificidades de ideias e hábitos entre as regiões ucranianas ficam explícitas, em decorrência da argumentação supracitada. Porém, uma vez que os conflitos em Donetsk e em Lugansk são o foco desta dissertação, torna-se essencial especificar mais profundamente as características singulares da região de Donbass.

5.2.2 As especificidades de Donbass

Existem diferenças profundas de percepção entre as regiões ucranianas, principalmente no que concerne à região de Donbass, pois ela possui historicamente uma vinculação mais estreita com Moscou. Primeiramente, a população de Donbass sempre se orgulhou do mito da região ser considerada o coração da URSS, principalmente no que concerne às pessoas que viviam em áreas mineradoras:

Solidariedade tornou-se a fundação do separatismo dos mineiros de Donetsk. A afirmação popular de que Donbass alimenta o país inteiro se originou entre eles. A profissão tornou-se heroica nos anos 1920 e 1930, com os mineiros retratados pela propaganda oficial como uma verdadeira base de sustentação sobre cujos ombros repousavam o poder econômico de todo o país. E como Donbass foi uma região de grande mineração na URSS, seus residentes, desse modo, transbordaram uma grande autoestima (KAZANSKYI, 2015, tradução nossa)¹⁷⁴.

¹⁷³ Richard Sakwa distinguishes two perspectives on Ukrainian statehood, *monist nationalism* and *pluralism*, recognizing the lineage of diversity. These two programmes are broadly coincident with the aforementioned distinction between a liberal nation-state with minority protection, and (the legacy of) internationalism plus autonomy. In turn, they have adopted the corresponding principle of national citizenship: the monists inherited the tradition with the *ius sanguinis* as their lodestar, as was made clear in the Nazi occupation in World War II [...] (Ukrainian) *nationalists*. The Russian-speakers on the other hand stand in the tradition of the USSR, which explains why in the rebellious Donbas there is a Donetsk People's Republic and a Lugansk People's Republic [...] the incorporation of the Crimea into the Russian Federation from the Western, nation-state perspective amounts to annexation, but from from the perspective of socialist internationalism is an act of self-determination. This is not because of any practical socialist principles in Russia but because its federal system has inherited many characteristics of the Soviet past; otherwise the vast, multi-ethnic entity would be ungovernable [...] *federalists*.

¹⁷⁴ KAZANSKYI, Denys. The Origins of Donetsk Separatism. The Ukrainian Week, Feb 3rd. 2015. Society. Disponível em: <http://ukrainianweek.com/Society/129070>. Acesso em: 10 out. 2016. Solidarity became the foundation of the Donetsk miners' separatism. The popular assertion that "Donbas feeds the entire country" originated among them. The profession had been heroized in the 1920s-30s, with the mine worker portrayed by official propaganda as a true Atlas on whose shoulders rested the economic power of the

Ainda que tenham apoiado a independência ucraniana, a fim de manter os lucros das indústrias pesadas de Donetsk mais concentrados na região, esse apoio ruiu com a continuidade da crise ucraniana no pós-URSS. O descontentamento da população, contudo, não era mais com as transferências de Donbass para Moscou e Ásia Central, mas para Kiev e Ucrânia Ocidental. Apesar de controladas num primeiro momento, as demandas por autonomia regional permaneciam.

Num referendo organizado pela elite de Donetsk e Lugansk em 1994, cerca de 80% da população consentia com uma potencial federalização de Donbass, embora essa consulta não fosse considerada constitucional por Kiev. Inúmeras greves continuaram entre 1996 e 1998, porém elas cessaram em 2002, quando Yanukovich tornou-se Primeiro-Ministro, já que o clã Donetsk queria “amar a Ucrânia, desde que o país vivesse sob as regras de Donetsk¹⁷⁵”. A retirada do presidente Yanukovich do poder, em 2014, impulsionou novamente esse separatismo.

Além desse âmbito, a herança de hábitos soviéticos é muito forte nessa região, notavelmente nas maneiras pelas quais determinados problemas regionais são resolvidos:

[...] em 2000, o transporte local sofreu com uma crise, proporcionada pelo encolhimento das alocações provenientes do ministério, e muitos trabalhadores não puderam chegar a seus locais de trabalho. O prefeito de Donetsk chamou as empresas locais para um encontro e pediu para que elas providenciassem sucatas grátis, para que as siderúrgicas locais pudessem processá-las e, posteriormente, as receitas seriam utilizadas para a compra de ônibus. Brigadas de estudantes também foram criadas para ajudar a melhorar a infraestrutura de transporte público. O governador da província, Yanukovich, foi bem reconhecido pelo seu estilo “mão na massa”, o qual se assemelhava com os métodos de resolução de problemas dos tempos comunistas (ZON, 2007, p. 385, tradução nossa¹⁷⁶).

whole country. And as the Donbas was a major coal mining region of the Soviet Union, its residents, of course, overflowed with a sense of self-worth.

¹⁷⁵ The Origins of Donetsk Separatism. 3 feb. 2015. The Ukrainian Week. Disponível em: <http://ukrainianweek.com/Society/129070> . Acesso em: 06 oct. 2016

Regional elites were quite willing to love Ukraine if the country lived by Donetsk’s rules

¹⁷⁶ in 2000 local transport was faced with a crisis as a result of dwindling allocations from the ministry and many workers could not reach their place of work. The mayor of Donetsk called local enterprises to a meeting and asked them to provide scrap metal for free, so that local steel enterprises could process it and the receipts used to buy buses. Student brigades were also created to assist in improving the public transport infrastructure. Provincial Governor Yanukovitch was well known for this hands-on style of management, which closely resembled problem-solving methods in communist times

Somado a isso, essas ideias e hábitos do clã Donetsk e da população de Donbass encontra alguma reciprocidade na Federação Russa, principalmente por meio do “mito Cossaco”:

Existe em Moscou o renascimento do pensamento de que “nós queremos estabelecer um novo Império Russo”. E nessa linha de pensamento, Donbass, anteriormente o centro da indústria pesada soviética, tem uma grande importância simbólica: “Essas são as antigas áreas dos Cossacos que foram agrárias por séculos e apenas foram industrializadas por Stalin (SEIFFERT, 2014, tradução nossa)¹⁷⁷”.

Em decorrência das diferenças linguísticas, ideológicas e históricas, existe uma intensa divisão entre o Oeste/Norte e Leste/Sul da Ucrânia. No que concerne à Donbass, sua vinculação histórica com Moscou deixou uma herança inegável, desse modo, a aproximação do governo de Poroshenko com o ocidente influencia não apenas nos interesses de alguns clãs, mas também na própria identidade de parte da população da Ucrânia.

Portanto, o que se observa é uma Ucrânia dividida entre o oeste, predominantemente agrícola, católico e de maior identificação cultural com a Europa, e o leste, industrializado e ortodoxo, cuja grande parte população tem o russo como primeiro idioma. Essa polarização é refletida também nas eleições ucranianas, em que, tradicionalmente, a maioria dos eleitores do leste e do sul vota no candidato de caráter pró-russo, enquanto a maioria do oeste e do norte vota no candidato de caráter pró-ocidente.

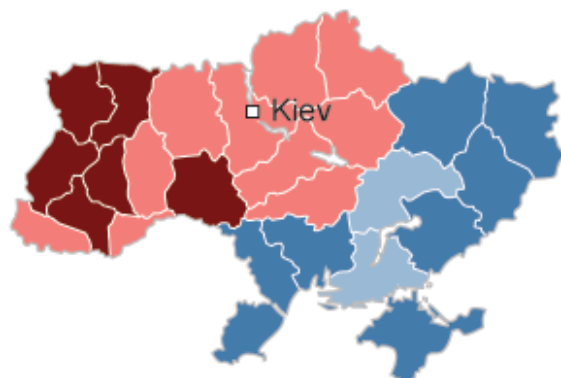
¹⁷⁷ SEIFFERT, Jeanette. The Significance of Donbass. DW. Apr 15th. 2014. Disponível em: <http://www.dw.com/en/the-significance-of-the-donbas/a-17567049>. Acesso em: 10 out. 2016

There is in Moscow a renaissance of the thought that 'we want to establish a new Russian Empire.'" And in this line of thinking, the Donbas, once the center of Soviet heavy industry, plays a highly symbolic role: "These are the old Cossack areas that were agrarian for centuries and were only industrialized by Stalin.

Figura 23 – A divisão eleitoral ucraniana nas eleições de 2010

Ukraine's divide

2010 election results



Tymoshenko ■ 70%+ ■ 50-69%
Yanukovich ■ 70%+ ■ 50-69%

Russian as native language



■ Less than 20% ■ 20-50% ■ 50%+

Source: 2001 national census

Fonte: Censo Nacional Ucraniano, 2001

Percebe-se que as ideias e hábitos distintos no território ucraniano influenciam diretamente na atual guerra civil existente nesse Estado. Esse conflito é intensificado em decorrência das relações díspares entre essas porções territoriais e atores hegemônicos na região, principalmente o Ocidente e a Federação Russa. O atual conflito em Donbass demonstra que a intensificação das relações com o Ocidente e a relativa quebra de relações com Moscou promovida pelo governo Poroshenko não são pragmáticas, já que essa região tem enorme vinculação com a Federação Russa, não somente no âmbito econômico, mas também no ideológico. A partir disso, percebe-se que a existência do conflito justamente nessa região não é uma coincidência, já que ele possui explicação histórica. A fim de finalizar a análise da estrutura histórica desse conflito hegemônico, a institucionalização é indispensável.

5.3. A institucionalização Ocidente x Federação Russa

Na medida em que a institucionalização proporciona a estabilização e perpetuação de determinadas relações e imagens coletivas, ela se configura como indispensável para as estratégias hegemônicas, porquanto a legitimação da dominação se faz sem a necessidade do uso da força.

As intensas perdas de capacidades materiais e de ideias e hábitos autônomos da nova Federação Russa, a partir do fim da URSS, proporcionou a falta de profundidade das tentativas integracionistas na década de 1990, como a própria CEI. Em contrapartida, essa debilidade do Kremlin potencializou a expansão da institucionalização ocidental na região, por intermédio da OTAN e da UE.

A recuperação das capacidades materiais e ideias e hábitos russos, principalmente após a ascensão de Vladimir Putin ao poder, potencializou a resistência russa ao avanço Ocidental na região. Além disso, impulsionou também estratégias de institucionalização próprias da hegemonia russa na região, primordialmente no que concerne à União Euroasiática. Entretanto, a fim de introduzir a expansão da institucionalização ocidental nos anos 1990, é fundamental a variável geopolítica, a qual passa a ser demonstrada neste momento:

5.3.1 A influência da geopolítica

A geopolítica é um fator essencial para a explicação a respeito das rivalidades históricas entre o Ocidente e a Rússia, primordialmente no que concerne a três períodos: primeiramente, o chamado período do Grande Jogo explicitou a rivalidade anglo-russa na Europa Oriental e, principalmente, na Ásia Central; segundo, a doutrina de contenção dos EUA e seus aliados à URSS no período da Guerra Fria; e, por último, o atual expansionismo da OTAN e da UE para as antigas áreas de influência da URSS. O principal objetivo desta seção é demonstrar de maneira sintética a continuidade da contenção do poder terrestre russo, primeiramente pelo poder Reino Unido, durante o Grande Jogo; num segundo momento, pelos EUA juntamente com seus aliados (Guerra Fria); e, por último, o expansionismo

ocidental, a fim de se aproveitar da profunda debilidade russa dos anos 1990, institucionalizando territórios antes vinculados aos soviéticos.

5.3.1.1 O Grande jogo: Baleia x Urso

Figura 24 – Reino Unido mantém o urso russo afastado da Índia



A tentativa de estabelecimento de um Império universalizante francês, durante o período napoleônico, impulsionou a aplicação do chamado Plano Pitt, estratégia adotada pelo plenipotenciário inglês, Castlereagh, durante o Congresso de Viena. O Plano Pitt, proposto pelo ex- primeiro ministro britânico William Pitt, no final do século XVIII, impunha como meta diplomática da política externa do Reino Unido, pela primeira vez na história, a busca pelo equilíbrio de Estados. Portanto, as tentativas expansionistas russas deveriam ser contidas, a fim de impedir o estabelecimento de um novo império universal. Além disso, a história das tentativas do Império russo em penetrar os territórios da Ásia Central despertou preocupações nos ingleses, uma vez que havia a necessidade de impedir que esse expansionismo desafiasse a posse da Índia, a joia da coroa britânica (FROMKLIN, 1980).

Assim, no que concerne à Europa Central e Oriental, a Grã-Bretanha fez prevalecer sua posição diplomática durante o Congresso de Viena, primeiramente na temática polonesa: a independência polonesa foi concedida, entretanto, a “Grande Polônia” não existiria, sendo

parcialmente desmembrada, o que ia contra as pretensões russas de incorporação desse país ao seu grande império.

Somado a isso, no que concerne às lutas nacionalistas gregas, a Rússia as apoiava, já que o esfacelamento do Império Otomano era primordial para o expansionismo desse país, porquanto os estreitos de Bósforo e Dardanelos eram controlados pelos otomanos. Importante dizer que o controle desses estreitos era fundamental para a política externa russa, visto que isso significaria o acesso às águas quentes do Mediterrâneo e proporcionaria a ligação entre esse mar e o Mar Negro, objetivo de extrema importância para um Estado continental como a Rússia. Em oposição aos russos, novamente, o Reino Unido fez prevalecer a sua via de resolução: a Grécia acendia à independência, pagando um simbólico tributo a Constantinopla, mas o Império Otomano seria mantido.

Posteriormente, a Rússia, que se conformara, desde a independência da Grécia em 1830, com a sobrevivência do Império Otomano, a partir de 1852, com Nicolau I, recolocou em marcha os tradicionais desígnios expansionistas para o sul, deixando ingleses e franceses em estado de alerta, e os austríacos e alemães, em posição de observação (SARAIVA, 2012). A Rússia tinha como objetivos econômicos realizar suas exportações de trigo pelo mar Mediterrâneo; no contexto religioso, pleiteava exercer maior influência sobre a Igreja Ortodoxa; no âmbito político, queria controlar as minorias vizinhas à Rússia. De maneira oposta, a Grã-Bretanha tinha o interesse de preservar o Estatuto dos Estreitos de 1841¹⁷⁸ e as vantagens comerciais que obtivera pelo tratado de 1838¹⁷⁹, em recompensa pela garantia dada, no passado, à sobrevivência do Império Otomano.

Num primeiro momento, a luta seria apenas entre Rússia e Império Otomano, mas a ação russa acabou proporcionando uma coalizão entre Grã-Bretanha, França e Reino da

¹⁷⁸ Esse estatuto concluído entre as grandes potências europeias – Rússia, Reino Unido, França, Áustria e Prússia, restabeleceu o antigo controle otomano sobre os Estreitos Turcos (Bósforo e Dardanelos), que ligam o Mar Negro ao Mediterrâneo, os quais foram então fechados a qualquer belonave. Isto beneficiou o poder naval britânico às custas do russo, já que este último não dispunha de acesso direto ao Mediterrâneo.

¹⁷⁹ O Tratado de Balta Limani, ou Tratado Anglo Otomano de 1838, é um acordo formal de comércio assinado entre o Sublime Porte do Império Otomano e do Reino Unido. As políticas comerciais impostas ao Império Otomano, após o Tratado de Balta Limani, são considerados uma parte do mercado mais liberal, aberto, assentamentos que já tinha sido decretadas durante o tempo. Os termos do tratado, afirmou que, o Império Otomano vai abolir todos os monopólios, permitir que os comerciantes britânicos e seus colaboradores para ter acesso total a todos os mercados otomanos e serão tributados igualmente aos comerciantes locais.

Sardenha, desembocando na Guerra da Crimeia (1853-1856), que culminou na derrota do Império Russo. O Tratado de Paz de Paris, de 30 de março de 1856, contrariava os interesses da Rússia, uma vez que se estabeleceu a sobrevivência do Império Otomano sob a garantia dos signatários do tratado; o Mar Negro era neutralizado, abrindo-se os estreitos à livre navegação e proibindo o Império russo de manter bases ou forças navais nesse mar; o novo czar, Alexandre II da Rússia, devolveu o sul da Bessarábia e a embocadura do rio Danúbio para o Império Otomano e para a Moldávia; e a Rússia renunciou a qualquer pretensão sobre os Bálcãs. O tratado foi, portanto, um triunfo dos interesses ingleses de contenção do expansionismo russo na Europa.

No que concerne à Ásia Central, por séculos ela tem sido objeto de intensas rivalidades das Grandes Potências. A Inglaterra temia as consequências do expansionismo do Império Russo para o sul da Ásia, na medida em que isso proporcionaria um embate entre dois Estados poderosos, embora o desenvolvimento tecnológico do exército russo não pudesse ser comparado ao britânico. Esse temor foi aprofundado, a partir do momento que os russos tomaram posse de um número crescente de territórios:

Para a Rússia, controlar o Afeganistão e as regiões vizinhas representava um passo importante para concretizar o acesso às águas quentes do Oceano Índico. Como consequência, os russos conquistaram os territórios que posteriormente dariam origem ao Cazaquistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Do ponto de vista britânico, o controle da área era essencial para assegurar a proteção de todas as colônias indianas (DUARTE, 2012, p. 5-6, tradução nossa¹⁸⁰).

Essa fase de disputas é parcialmente interrompida com a Convenção Anglo-Russa de 1907, a qual delineou as esferas de influência dos dois países na Pérsia; estipulou que nenhum deles influenciaria a política doméstica do Tibet; e houve reconhecimento russo a respeito da influência britânica sobre o Afeganistão (HOPKIRK, 2002).

A fim de efetivar verdadeiramente a posse e o controle do seu imenso território expandido, a Rússia construiu a Ferrovia Transcaucasiana (1883-1886), que, partido de

¹⁸⁰ For Russia, controlling Afghanistan and the neighboring regions represented an important step in ensuring access to the warm waters of the Indian Ocean. As a result, the Russians conquered the territories that later would give birth to Kazakhstan, Tajikistan, Turkmenistan and Uzbekistan. From the British point of view, the control of the area was essential to ensure the protection of all Indian colonies.

Moscú, chegava ao Turquestão (atuais Tajiquistão, Quirguistão, Cazaquistão e Xinjiang – pertencente à República Popular da China) e seguia até o mar Cáspio; e a Ferrovia Transiberiana (1891-1904), que parte de Moscú, atravessa a Sibéria Ocidental e Oriental e termina em Vladivostok, no litoral do Pacífico, com uma distância total de 9.330 km. Em decorrência disso, a Inglaterra passou cada vez mais a ter como objetivo evitar que esse colossal território pudesse obter saída para os mares quentes, pois isso poderia significar a ascensão da marinha russa, o que iria conflitar com os interesses ingleses nesse contexto.

A fim de realizar essa contenção, a Inglaterra inclusive aliou-se ao Japão, outra potência insular ascendente. A partir de dois acontecimentos, esse expansionismo russo foi freado: a derrota na guerra russo-japonesa e a eclosão da Revolução de Petrogrado¹⁸¹. A partir disso, os russos negociaram uma acomodação geopolítica com o poder marítimo britânico. Outro fator importante para essa trégua foi a ascensão de uma nova potência continental, o Império Alemão, o qual desafiava tanto o poder marítimo inglês como o poder terrestre russo. A doutrina do pós-Segunda Guerra nada mais do que uma continuação do Grande Jogo do século XIX e início do século XX.

5.3.1.2 A doutrina de contenção

Uma sombra caiu sobre as cenas tão recentemente iluminadas pela vitória aliada. Ninguém sabe o que a Rússia Soviética e a sua organização comunista internacional pretende fazer em futuro imediato, ou quais são os limites de suas tendências expansionistas e proselitistas. De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu através do continente. Além daquela linha ficam as capitais dos antigos aliados da Europa Central e Oriental. Varsóvia, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado e Sofia, todas essas cidades famosas e as populações adjacentes estão sujeitas à influência soviética e ao crescente controle de Moscú¹⁸².

Em 1946, Churchill proferiu o célebre discurso de Fulton, no Missouri, alertando para a criação de uma “cortina de ferro” na Europa, através da qual os povos se encontravam subordinados ao “controle de Moscú”. O ex-primeiro ministro e líder dos conservadores

¹⁸¹ A Revolução Russa de 1905 foi um movimento espontâneo, antigovernamental, que se espalhou por todo o [Império Russo](#), aparentemente sem liderança, direção, controle ou objetivos muito precisos. Geralmente é considerada como o marco inicial das mudanças sociais que culminaram com a [Revolução de 1917](#).

¹⁸² Discurso de Winston Churchill no Westminster College de Fulton, Missouri, 5/05/1946

britânicos clamava por uma mudança de política dos EUA, insistindo na urgência de abandonar os sonhos de unidade dos “Três Grandes” (EUA, Reino Unido e URSS¹⁸³). O discurso de Fulton logo recebeu o reforço das notas diplomáticas assinadas por Mr. X, o codinome utilizado pelo então conselheiro da embaixada americana em Moscou, George Frost Kennan, que delineava uma doutrina de contenção do expansionismo soviético.

Kennan previa uma confrontação política, ideológica, econômica e militar de longo prazo. Além disso, afirmava que a contenção das tendências expansionistas de Moscou acabaria por evidenciar a fragilidade dos alicerces do próprio regime soviético, conduzindo-o ao colapso. A Doutrina Truman, nitidamente inspirada nas notas de Kennan, foi formulada em março de 1947. A Guerra Fria, portanto, proporcionava uma nova tentativa histórica de contenção da Rússia, agora pelos EUA, numa remodelagem do antigo embate entre Reino Unido e Império Russo.

Essencialmente, ainda que com algumas mudanças ao longo da Guerra Fria, essa doutrina de contenção foi a mesma, até a derrocada da URSS.

5.3.1.2 O Novo Grande Jogo?

Não importa se a ideologia daqueles no controle é czarista, comunista ou capitalismo oligárquico – os portos continuam congelados, e a planície do norte europeu continua plana (MARSHALL, 2016. p. 25, tradução nossa¹⁸⁴)

De acordo com Marshall (2016), a Rússia historicamente possui duas fraquezas geopolíticas profundas, que perpassam historicamente o Império Czarista, a URSS e a Federação Russa atual. Primeiramente, o *heartland* russo consiste de terrenos planos, o que

¹⁸³ Churchill e Kennan discordavam veementemente da política externa do presidente Franklin Roosevelt, o qual acreditava que uma política de cooperação entre os “Três Grandes” seria essencial para a nova configuração do sistema internacional. Kennan especificamente considerava ingênuas as concessões feitas pelos Estados Unidos a Stalin, pois não acreditava que a política de cooperação entre os dois sistemas perdurasse muito tempo depois da Segunda Guerra.

¹⁸⁴ It doesn't matter if the ideology of those in control is tsarist, Communist or crony capitalist – the ports still freeze, and the North European Plain is still flat

aumenta a chance de invasão desse território. Em decorrência disso, um dos principais objetivos históricos da Rússia foi expandir-se para o oeste, uma vez que barreiras físicas importantes estão presentes, como o Mar Báltico. Quanto mais a Rússia se expande para o oeste, portanto, menos vulnerável ela se sente; quanto mais ela é comprimida, em contrapartida, mais vulnerável ela se sente.

Segundo, outra fraqueza histórica consiste na falta de portos quentes que proporcionem acesso direto aos oceanos. Conquanto Sevastopol seja o maior porto quente que a Rússia domina, ele não tem acesso direto a nenhum oceano, já que ele é restringido pelos estreitos turcos. Desse modo, a perda do porto de Sevastopol seria impensável para a Rússia, o que explica relativamente a anexação da Crimeia a esse país, em decorrência da possibilidade do acesso da OTAN a esse porto numa eventual incorporação da Ucrânia à UE. Esse autor ainda afirma que a Crimeia e o leste ucraniano não são suficientes para a Rússia, visto que o oeste ucraniano, por exemplo, proporcionaria a barreira montanhosa dos Cárpatos, diminuindo a vulnerabilidade russa.

Percebe-se, assim, que o conflito na Ucrânia, a presença da OTAN nos países bálticos e o sistema de defesa de mísseis na Polônia são problemas que não terão um fim no curto-prazo. Diferentemente de outros períodos históricos anteriores, o Novo Grande Jogo foi relançado a partir da queda da URSS, o que proporcionou imensa desvantagem da Federação Russa. A evolução histórica do aprofundamento da vulnerabilidade da Federação Russa em face do Ocidente, durante os anos 1990; e a busca para frear o expansionismo ocidental, na era Putin, passam a ser os objetivos a partir de agora.

5.3.2 O fim da URSS e a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)

Tal jogo foi relançado desde 1992-1993 pelos norte-americanos, os quais se aproveitaram do fim da União Soviética e da fraqueza da Rússia de Yeltsin, com o objetivo final de prevenir o renascimento do seu grande rival. Na prática, Washington esperava aumentar sua presença nos Estados que fizeram parte

anteriormente da URSS, assim como fez na Europa Oriental e nos Bálcãs (DUARTE, 2012, p. 8, tradução nossa¹⁸⁵).

No que concerne à política internacional, a derrocada da ex-URSS e a crise profunda que a Federação Russa enfrentava proporcionaram a conjuntura essencial para a tentativa dos EUA, por intermédio da OTAN, de angariar ainda mais poder e expandir sua hegemonia para os antigos países da zona de influência soviética. Somado a isso, essa busca de poder foi proporcionada pela confiança norte-americana na fraqueza política e econômica da Rússia – esse país perdeu capacidades materiais e militares imensas, em decorrência das independências das repúblicas soviéticas - para impedir o alargamento dessa organização militar, nas ex-repúblicas soviéticas. Os EUA, também, vivenciavam um período de confiança a respeito de seu poderio político, econômico e militar, na medida em que venceram a Guerra Fria e estabeleceram parâmetros econômicos universais. A conjuntura de debilidade russa permitiria menores custos para a expansão da OTAN, diferentemente do período soviético, no qual uma ação expansionista para o leste seria impensável. Zbigniew Brzezinski¹⁸⁶ inclusive afirmou que os EUA deveriam assegurar que nenhum outro poder pudesse controlar o espaço geopolítico da Ásia Central (DUARTE, 2012), como fizera anteriormente a URSS.

A partir de um cálculo racional dos Estados pertencentes à OTAN, impedir que a Rússia restabelecesse proeminência sobre sua antiga área de influência, após a desintegração soviética, seria o melhor resultado para a sobrevivência e o aumento de poder desses países; a OTAN, desse modo, seria um instrumento eficiente para rechaçar qualquer intervenção militar russa nos antigos territórios sob sua hegemonia monolítica. Essa aliança defensiva expandida contrabalançaria o potencial agressor russo, além de enviar sinais claros a respeito do poderio dessa organização internacional.

¹⁸⁵ Such a game was relaunched from 1992-1993 by the Americans, who took advantage of the fall of the Soviet Union and the weakness of Yeltsin's Russia, with the ultimate goal of preventing the rebirth of their great rival. In practice, Washington expected to increase its presence in the states that once formed part of the Soviet Union, as in the former Eastern Europe and in the Balkans.

¹⁸⁶ Zbigniew Kazimierz Brzezinski foi um cientista político, geopolítico e estadista estadunidense, de origem polonesa. Brzezinski serviu como Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos durante a presidência de Jimmy Carter, entre 1977 e 1981.

Desse modo, a debilidade econômica russa aumentou a confiança da OTAN para aprofundar o alargamento para o leste, chegando, até mesmo, em territórios extremamente sensíveis para a segurança nacional da Federação Russa. Deve-se atentar ao fato de que a adesão a uma organização como a OTAN tem aspecto de quase irreversibilidade, visto que a carta constitutiva dessa organização¹⁸⁷ afirma que um ataque contra um dos membros é um ataque contra todos os outros, desse modo, o caráter de dissuasão é praticamente irresistível, visto que o poderio nuclear norte-americano proporciona poder inigualável em oposição a um potencial agressor.

O presidente russo, Boris Yeltsin, num grande discurso sobre a política externa da nova Federação Russa, requereu a participação russa no Conselho de Cooperação do Atlântico Norte e não descartou uma possível inclusão da Rússia na OTAN (SMITH, 2008, p. 01). Esse discurso pode ser considerado um índice importante das capacidades e intenções russas, no contexto pós-Guerra Fria, visto que se tratou do primeiro pronunciamento, que explicitava a nova PE desse país. Boris Yeltsin demonstrou que o novo comportamento da Federação Russa seria de cooperação com a Europa Ocidental e os EUA, o que, implicitamente, externalizava a fraqueza russa para estabelecer uma confrontação direta com esses países, do mesmo modo que havia ocorrido durante o período soviético.

Em 1993, a explicitação da possibilidade de expansão da OTAN para a Europa Central proporcionou preocupações, por parte da Rússia, quanto à possível ameaça dessa política para a segurança nacional russa (SMITH, 2008). No Encontro de Bruxelas, em 1994 (SMITH, 2008), o presidente Bill Clinton afirmou que a expansão da OTAN continuaria em curso, já que “a parceria convida o antigo Pacto Warsaw e os antigos Estados soviéticos, além de outros não membros da OTAN na Europa, para se juntar à cooperação militar da OTAN, no que concerne aos exercícios militares e às operações conjuntas (CLINTON, 1994, tradução

¹⁸⁷ As partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, reconhecido pelo artigo 51º, da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as Partes restantes, a ação que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte (art. 5º, Tratado do Atlântico Norte).

nossa)¹⁸⁸”. Isso demonstra a confiança, por parte dos EUA, na profunda debilidade russa com relação ao ocidente. Percebeu-se, assim, que a Federação Russa, além de não ter poderes para impedir a expansão da OTAN para o leste, consentia, também, com a pretensão dessa Organização, a partir dos índices e sinais explicitados por esse país.

A partir disso, um importante dilema estabeleceu-se para os estadistas da Rússia: esse país deveria aprofundar os laços com a OTAN, pelo medo de um possível isolamento, ou necessitaria adotar uma postura mais assertiva com relação a essa Organização Internacional? Nesse mesmo ano, foi estabelecida a Parceria para a Paz (PfP), que proporcionou a fundação de uma parceria bilateral mais efetiva entre a Federação Russa e os membros da OTAN. Além disso, a Rússia demandava, como contrapartida, uma grande cooperação tanto dentro desse organismo quanto fora do mesmo, o que foi aceito por essa Organização Internacional (SMITH, 2008).

No ano de 1995, a Rússia obtém *status* especial 16+1 no Conselho do Atlântico Norte¹⁸⁹ e no Comitê Político da OTAN¹⁹⁰, um *status* nunca antes obtido por nenhum país (SMITH, 2008). A partir de duas condicionalidades, Yeltsin aceitaria a expansão da OTAN nas antigas áreas de influência russa: a OTAN não poderia usar armas nucleares nem tropas aliadas nos novos países incorporados pela OTAN.

De acordo com Smith (2008), essas duas condicionalidades foram aceitas pela OTAN, apesar das opiniões de especialistas de que tais condições seriam impossíveis de serem cumpridas por essa Organização. A Rússia proporcionou enormes concessões à OTAN, o que aumentou seu apetite e alterou o equilíbrio de poder, posteriormente, no leste europeu. O caos neoliberal da Federação russa e sua debilidade propiciaram, desse modo, a expansão da influência da Europa Ocidental no leste, o que tinha sido historicamente evitado pela Rússia. O

¹⁸⁸ The President's News Conference With Visegrad Leaders in Prague. Jan 12th. 1994. Disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=49832>. Acesso em: 15 dez. 2016

The Partnership invites all former Warsaw Pact and former Soviet states plus other non-NATO members in Europe to join in military cooperation with NATO in training exercise and operations jointly.

¹⁸⁹ O Conselho de Cooperação do Atlântico Norte (CCAN) encontra-se na sede da OTAN, tendo sido criado em setembro de 1991 como fórum para o debate e promoção das questões de segurança, quer para os membros da OTAN quer para os antigos adversários da Aliança.

¹⁹⁰ O Comitê Político tem a finalidade de iniciar ou esclarecer as discussões políticas, facilitando as consultas entre os representantes nacionais e o Poder de Decisão na OTAN e quando solicitados prepararem relatos ou recomendações para serem apresentadas ao Conselho do Atlântico Norte.

conflito na Bósnia¹⁹¹, nesse mesmo ano, provocou um enorme descontentamento russo, em decorrência dos ataques aéreos unilaterais promovidos pelos membros da OTAN, sem o consentimento das Nações Unidas, contra posições sérvias na Bósnia e Herzegovina. Entretanto, apesar dessa divergência de opinião, a Rússia colaborou para a implementação dos acordos de Dayton¹⁹², principalmente para não permitir um acordo extremamente desfavorável para os sérvios.

Percebe-se, assim, que a Federação Russa não conseguia, nem mesmo, proteger os interesses de seus aliados históricos, visto que não conseguia mais exercer uma diplomacia de coerção com relação à OTAN, porquanto o poder de machucar, a ameaça do dano e a violência latente, que poderiam ser proporcionadas pela Rússia, não ameaçavam essa organização.

Somado a isso, a Rússia enviou tropas para a Força de Implementação da Paz (IFOR), em 1996, o que demonstrou para os membros da OTAN os benefícios de uma parceria mais efetiva com a Federação Russa (SMITH, 2008, p. 03). Em 1997, as relações russo-ocidentais foram melhoradas por intermédio do Ato de Fundação OTAN-Rússia, que implementou um Conselho de Encontros Permanentes (PJC), pelo qual se estabelecia um sistema de consultas bilateral entre esses dois Sujeitos de DI. Estabeleceu-se, além disso, uma missão russa no quartel-general da OTAN. Desse modo, finalmente, a Rússia consentiu com a expansão da OTAN para a Hungria, para a Polônia e para a República Tcheca (SMITH, 2008, p. 5). Desse modo, o apetite da OTAN aumentava cada vez mais.

A Guerra do Kosovo¹⁹³, de 1998-1999, provocou contundentes reações contrárias russas com relação a OTAN, em decorrência da intervenção unilateral dessa Organização na

¹⁹¹ A Guerra da Bósnia foi um conflito armado que ocorreu entre abril de 1992 e dezembro de 1995 na região da Bósnia e Herzegovina. A guerra foi causada por uma combinação complexa de fatores políticos e religiosos: o fervor nacionalista, crises políticas, sociais e de segurança que se seguiu ao fim da Guerra Fria e a queda do comunismo na antiga Iugoslávia. E também, devido ao envolvimento dos países vizinhos como a Croácia e a Sérvia e Montenegro (Human Rights Watch, 2003).

¹⁹² O Acordo de Dayton ou Protocolo de Paris pôs fim ao conflito de três anos e meio na Bósnia e Herzegovina.

¹⁹³ O termo Guerra do Kosovo ou Conflito do Kosovo é usualmente usado para descrever dois conflitos armados e seguidos na província sérvia. Estes conflitos foram: 1998–1999: Conflito entre forças de segurança sérvias e Iugoslávia e o Exército de Libertação do Kosovo (ELK), uma guerrilha formada por integrantes de origem étnica albanesa que lutava pela independência da província; 24 de Março-10 de Junho de 1999: Guerra entre a Iugoslávia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte, quando a OTAN atacou alvos iugoslavos, seguiram-

Iugoslávia, sem uma Resolução permissiva do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) (SMITH, 2008). A oposição russa nesse Conselho não surtiu efeito, o que demonstrava o enfraquecimento da posição russa com relação aos temas internacionais. A consequência disso foi suspensão dos laços entre esses dois Sujeitos de DI. Apesar disso, posteriormente, a Rússia retorna para a OTAN e coopera com a Força da OTAN no Kosovo. Esse conflito pode ser considerado um *turning point* nas relações bilaterais OTAN-Rússia.

A maioria da elite e da população russa concebeu a Guerra da Iugoslávia como uma evidência adicional da ameaça a estabilidade provocada pelo alargamento da OTAN e pela extensão de sua zona de influência. Os processos de toma de decisões dos aliados e suas ações na antiga Iugoslávia também demonstraram o desrespeito da OTAN com a Rússia (KOBINSKAYA, 2001, p. 170, tradução nossa¹⁹⁴).

Não somente esse conflito foi fundamental para a percepção russa a respeito da ameaça do alargamento da OTAN, mas também os diversos acordos do Ocidente com os novos Estados Independentes, primordialmente a Ucrânia, o Azerbaijão, a Geórgia e o Uzbequistão. Ao mesmo tempo em que a cooperação do Ocidente com esses países crescia, em questões como segurança e economia, desconsideravam-se mais e mais as possíveis reações da Rússia a esse tipo de cooperação. Exemplificando esses problemas, a Ucrânia concordou em alugar seu maior campo de treinamento para a OTAN; e uma proposta para aceitar o Azerbaijão na OTAN, a fim de alocar radares no seu território, foi anunciada, mas não confirmada posteriormente (KOBINSKAYA, 2001).

Desse modo, Kobinskaya (2001, p. 179-180, tradução nossa) afirma que “no final dos anos 1990, a elite russa estava profundamente preocupada com o alargamento da zona de influência da OTAN e a possibilidade de criação de precedentes para expansões ilimitadas. Naquele tempo, o *establishment* político russo estava extremamente descontente com as mudanças nos processos de tomada de decisões da OTAN, os quais buscavam a eliminação da

se os conflitos entre a guerrilha albanesa e as forças sérvias e formou-se um grande número de refugiados (Folha de São Paulo, 1999).

¹⁹⁴ The majority of both the elite and the people in Russia perceived the war in Yugoslavia as additional evidence of the threat to stability caused by NATO's enlargement and its extended zone of responsibility. The allies' decision-making processes and actions in the former Yugoslavia also demonstrated NATO's disregard for Russia.

necessidade de resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas para ações militares abrangidas pelo Capítulo VII da Carta da ONU. Oficiais russos perceberam essas mudanças não apenas como uma ameaça total para a ordem pós-Segunda Guerra Mundial, mas também como uma tentativa óbvia de excluir a Rússia do processo de tomada de decisões, portanto diminuindo seu poder de barganha na política mundial. A Guerra na Iugoslávia – e o envolvimento da OTAN nela – impulsionou todas essas preocupações¹⁹⁵”.

Interessante explicitar ainda que, durante a década de 1990, na Alemanha, os custos a respeito do alargamento da OTAN para o leste provocaram profundas discussões nos contextos político e da opinião pública.

Os custos do alargamento da OTAN eram vistos na Alemanha de maneiras não absolutas, mas sim relativas. Líderes de opinião conseguiram demonstrar que a divisão dos custos da expansão da OTAN pela Alemanha poderia ser menor do que os custos de criar estabilidade política e econômica na região de maneira unilateral. O orçamento alemão poderia ser usado não para pagar pela renacionalização e modernização de todas as forças dos novos membros, mas por aquelas forças consideradas necessárias para a aliança [...] Os custos também seriam diminuídos por causa do colapso da Rússia e pelo espaço de ação que esse acontecimento proporcionou. A integração e a modernização dos novos membros poderia possibilitar esse curso de ação sem a urgência de processos similares postos em prática na Guerra Fria, o que seria impulsionado ainda mais por um futuro entendimento entre a OTAN e a Rússia (WHITENEK, 2001, p. 43, tradução nossa¹⁹⁶).

Entre 1996 e 1997, o chanceler alemão Kohl encontrou com o presidente russo Yeltsin quatro vezes em apenas quatorze meses, comprometendo a Rússia a uma posição de não

¹⁹⁵ Towards the end of the 1990s, the elite grew especially concerned about the enlargement of the zone of NATO responsibility and about the creation of precedents for further unlimited enlargement. At the same time, the Russian political establishment was extremely unhappy about shifts in NATO's decision-making process aimed at eliminating the need for United Nations Security Council resolutions for military actions falling under Chapter VII of the United Nations Charter. Russian officials perceived these changes not only as a threat to the whole post-World War II order but also as an obvious attempt to exclude Russia from the decision-making process, thus further cutting its bargaining power in world politics. The war in Yugoslavia – and NATO's involvement there – lent credence to all of these concerns.

¹⁹⁶ The costs of NATO enlargement were seen in Germany not in absolute terms but in relative terms. Opinion leaders were able to demonstrate that the German share of the NATO costs of expansion would be significantly less than the costs of creating political and economic stability in the region unilaterally. The German budget would be used not to pay for the renationalization and modernization of all forces of the new members but for those forces deemed necessary to the alliance [...] The costs would be also lessened by the collapse of Russia and the subsequent breathing space this afforded. Integration and modernization of the new members would be able to proceed without the urgency that attended similar processes in the Cold War, enhanced even further with a NATO-Russia understanding.

alargamento político e militar da OTAN para as fronteiras russas. Além disso, os cortes nas tropas alemães entre 1994 e 1997, de 670.000 tropas para 340.000 diminuiu potenciais opiniões contrárias a expansão, tanto da opinião pública alemã como da Rússia (WHITENEK, 2001).

Contudo, a mudança do Quartel-General da OTAN, da Alemanha para a Polônia, em 1999, mesmo após a imposição de um ultimato russo, que explicitava a possibilidade de guerra caso isso ocorresse, aprofundou ainda mais o descontentamento dos líderes russos com o Ocidente. A estratégia fracassada de concessões à OTAN, realizada por Boris Yeltsin, foi intensificada, em decorrência desse ultimato realizado pelo governo russo e não cumprido. O não respeito do ultimato pela OTAN é um sinal indubitável da imagem de debilidade que a Rússia pós-soviética demonstrava no âmbito internacional, na medida em que esse país não conseguiu compelir e, nem mesmo, dissuadir a OTAN a não se expandir. Ao iniciar uma ameaça e, principalmente, um ultimato, o país deve estar preparado para cumpri-lo, do contrário, a degradação da imagem é intensa.

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder, em maio de 2000, a Rússia continuou a seguir o mesmo caminho de tentativa de cooperação com o Ocidente. Putin não descartava uma possível adesão à OTAN pela Rússia (SMITH, 2008), entretanto, essa estratégia demonstrava, na verdade, um grande pragmatismo para as pretensões internacionais de Moscou.

A Segunda Guerra da Chechênia, de 1999, demonstrou a fragilidade militar russa ao mundo, explicitada, por exemplo, pelo afundamento do navio nuclear *The Krusk*, em 12 de agosto de 2000; a Rússia, desse modo, necessitava da cooperação internacional do Ocidente para o desenvolvimento de seu poderio militar e econômico, sendo as relações satisfatórias com a OTAN uma das metas de política externa a ser perseguida pela Federação Russa (SMITH, 2008).

Os atentados de 11 de setembro¹⁹⁷ determinaram um *turning point* decisivo nas relações OTAN-Rússia. O presidente Vladimir Putin colaborou com a Doutrina Bush de Guerra ao Terror, fornecendo bases aéreas na Ásia Central para apoio logístico, na invasão do

¹⁹⁷ Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos coordenados pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda em 11 de setembro de 2001

Afeganistão. Além disso, Putin promoveu o fechamento de centros de espionagem em Londres e em Cuba, além de encerrar as atividades de uma base naval no Vietnã. A Rússia tinha diversos motivos para cooperar com os EUA no pós-11 de setembro. O terrorismo internacional era uma realidade e o presidente russo angariou apoio do Ocidente no conflito contra os chechenos, tendo os países ocidentais reconhecido como terroristas os combatentes dessa etnia. Além disso, Putin conseguiu acalmar a oposição da opinião pública contra uma maior cooperação com os países ocidentais (SMITH, 2008).

O ex- Primeiro Ministro Tony Blair propôs à OTAN a integração da Rússia como membro dessa organização. Moscou teria poder de decisão e seria tratada com a mesma igualdade dos outros membros (SMITH, 2008). Entretanto, EUA, países da Europa Central e da Europa Oriental rejeitaram essa proposta. Além disso, no final de 2001, o poder executivo norte-americano anunciou a possibilidade de saída dos EUA do tratado antimísseis balísticos (AMB), firmado em 1972, o que provocou reação discreta por parte do presidente russo. Ademais, na reunião do PJC, foi estabelecida a vontade de aumento da cooperação bilateral OTAN-Rússia, porém, reafirmou-se a independência dessa instituição com relação às opiniões da Rússia no âmbito internacional, o que foi considerado uma derrota de Putin, deteriorando sua imagem perante a opinião pública do seu país. (SMITH, 2008)

Em 2002, na durante uma reunião entre EUA e Rússia, Moscou esperava ser retirada da lista norte-americana de Estados Proliferadores de Armas Nucleares, o que não ocorreu (SMITH, 2008). Além disso, foi aventada a possibilidade de incorporação de 7 novos membros à OTAN, o que significava, novamente, um perigo à *redline* de segurança russa. Nesse mesmo ano, foi estabelecido o Conselho OTAN-Rússia¹⁹⁸, no qual Moscou seria tratado com igualdade perante os outros membros da organização e, somado a isso, os encontros bilaterais seriam mais frequentes, características que o diferenciava do PJC, o qual possuía menor frequência de encontros e negociava no sistema OTAN + 1. A cooperação bilateral seria aumentada para outras áreas que não a de segurança. Contudo, no que concerne à relação de segurança entre Rússia e OTAN, nada foi mudado (SMITH, 2008, p. 08).

¹⁹⁸ Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, foi criado, em maio de 2002, o Conselho OTAN-Rússia. Este órgão, que substituiu o Conselho Conjunto Permanente, trabalha na base do consenso e inclui todos os membros da OTAN e a Rússia como parceiros em pé de igualdade (BENNET, 2003)

A estratégia de apaziguamento, proporcionada por Boris Yeltsin, somada à fraqueza doméstica russa, mesmo após a ascensão de Putin ao poder, continuavam a demonstrar que a OTAN continuaria a se expandir a revelia da vontade da Federação Russa. O presidente russo não poderia adotar uma retórica de contraposição exacerbada, na medida em que as capacidades materiais russas ainda se encontravam em patamares relativamente baixos, o que determinava uma atuação menos assertiva, no contexto internacional. A estratégia possível, inicialmente, para controlar essa expansão exacerbada e estimular uma diplomacia coercitiva foi por intermédio do aumento dos gastos militares russos - de 2000 a 2014, os gastos militares da Federação Russa cresceram, aproximadamente, 1250%, como mostra a Tabela 7:

Tabela 7 - Gastos Militares da Federação Russa (1988-2014)

Ano	<i>Gastos militares da URSS (1988-1991) e da Federação Russa (1992-2015) em valores correntes em bilhões de dólares (US\$) (Valores aproximados)</i>
1988	246,0
1989	218,8
1990	219,0
1991	..
1992	..
1993	7,7
1994	13,5
1995	12,7
1996	15,8
1997	17,6
1998	8,0
1999	6,5
2000	9,2

2001	11,7
2002	14,0
2003	17,0
2004	21,0
2005	27,3
2006	34,5
2007	43,5
2008	56,2
2009	51,5
2010	58,7
2011	70,2
2012	81,5
2013	88,4
2014	84,7
2015	66,4

Fonte: SIPRI, 2015 (adaptado pelo autor)

A partir do segundo mandato do presidente Vladimir Putin, em 2004, as relações Rússia - Ocidente pioraram de maneira vertiginosa (SMITH, 2008). A recuperação da economia russa, a partir, principalmente, do aumento dos preços internacionais dos hidrocarbonetos, e a vitória doméstica do presidente nas eleições aumentaram a confiança dele e dos dirigentes de Moscou para estabelecer um protagonismo russo maior na esfera internacional.

A incorporação de sete novos membros à OTAN, sendo três desses as ex-repúblicas bálticas da Letônia, da Lituânia e da Estônia, e posteriores exercícios aéreos dos membros nesses territórios enfureceram os dirigentes russos (SMITH, 2008). A percepção russa era de que esse país havia cedido demasiadamente às pretensões ocidentais. A influência dos EUA,

além disso, nas chamadas Revoluções Coloridas ocorridas na Ucrânia e na Geórgia determinaram, de uma vez por todas, animosidades entre Washington e Moscou.

Na Conferência de Segurança de Munique, em 2007, o presidente Putin fez críticas profundas aos EUA e à OTAN (SMITH, 2008). Ele criticou a política unilateral dos EUA no mundo, incluindo os planos de instalar elementos do sistema de Defesa Nacional contra Mísseis dos EUA na Polônia e na República Tcheca, a insistente ampliação da OTAN em direção ao Leste Europeu e o *status* de Kosovo. A Rússia, também, decidiu suspender por decreto o tratado de Forças Armadas Convencionais na Europa (FACE), considerado fundamental para garantir a segurança no continente.

A Rússia estava de volta ao protagonismo internacional, com entendimentos próprios sobre a democracia, sobre o Direito Internacional e sobre o uso da força. Esse discurso do presidente Vladimir Putin foi paradigmático para as pretensões russas, visto que sinalizou simbolicamente o fim das concessões à OTAN, demonstrando que a volta da assertividade da política externa russa e a busca dos interesses de segurança nacional seriam prioridade para a Rússia. Isso ficou demonstrado posteriormente pela intervenção russa na Geórgia e torna-se indubitável atualmente nas intervenções na Síria e na Ucrânia.

O Encontro de Bucareste, em 2008, aumentou ainda mais as difíceis relações bilaterais OTAN-Rússia, principalmente em decorrência da análise de dois novos membros para integrar essa aliança militar: Geórgia e Ucrânia (SMITH, 2008). Apesar da oposição francesa e alemã, um comunicado consensual foi alcançado, o qual afirmava que não era uma questão sobre se esses dois países seriam aceitos, mas quando.

Percebe-se que a descrença a respeito do poderio russo ainda permanecia, na medida em que a OTAN almejava englobar territórios historicamente influenciados pela Rússia. Esta organização continuava a utilizar as oportunidades obtidas pela derrocada soviética, para maximizar seu poder relativo, a partir de uma PE extremamente agressiva. As tensões aumentavam exponencialmente e o presidente russo, Dmitri Medvedev, requeria a substituição da OTAN por um novo pacto transatlântico de englobasse de Vancouver à Vladvostoki.

Os ataques das forças armadas da Geórgia à região da Ossétia do Sul e, posteriormente, o envio de tropas russas para minar esses ataques iniciou a Guerra da Geórgia, que durou cinco dias e teve mediação da presidência francesa da União Europeia, para alcançar um acordo de cessar-fogo (SMITH, 2008). Após o conflito, a Rússia foi suspensa do Conselho Rússia-OTAN e se estabeleceu o fim da cooperação bilateral por parte de Moscou.

A Rússia dizia que a independência do Kosovo tinha paralelo com a situação ocorrida na Geórgia, pois a declaração unilateral de independência dessa região da ex-Iugoslávia foi reconhecida pelos EUA e pela UE, da mesma forma que a independência da Ossétia do Sul e da Abcásia foi reconhecida pela Rússia. Posteriormente a essa intervenção russa, a Polônia retirou objeções aos planos dos EUA para instalar interceptadores de mísseis balísticos no território polonês, o que piorou ainda mais as relações bilaterais Rússia-OTAN. Em 2009, a OTAN incorporou mais dois países, a Croácia e a Albânia (SMITH, 2008)

A aproximação OTAN-Ucrânia e UE-Ucrânia, principalmente a partir de 2008, foi determinante para a culminação da anexação da República Autônoma da Crimeia ao território russo. A deposição de Yanukovich, em 2014, por intermédio de um golpe de Estado desferido pelo parlamento, provocou o imediato repúdio russo e o vertiginoso aumento das hostilidades entre russos e ucranianos.

A posterior anexação da Crimeia e os conflitos no leste ucraniano são consequências da intensa expansão ocidental em áreas de antiga influência russa, o que foi possível graças à debilidade russa nos anos 90 e na primeira metade da década de 2000. Porém, a Rússia percebeu esse expansionismo como violação dos entendimentos do pós-Guerra Fria e como perigo à sua segurança nacional. Em dezembro de 2014, o presidente russo, Vladimir Putin, assinou uma nova doutrina militar que nomeou a OTAN como um dos maiores riscos externos para o seu país.

O documento condena o constante reforço das capacidades ofensivas da OTAN em direção às fronteiras da Rússia e as medidas tomadas para a implementação de um sistema de defesa antimíssil global na Europa Central. Essa nova doutrina mantém seu caráter essencialmente defensivo. Moscou divulgou essa doutrina após repetidos protestos sobre a

decisão da OTAN de posicionar tropas nos países-membros da aliança como Polônia e países bálticos.

A PE russa mais assertiva, caracterizada, principalmente, com a nova doutrina de segurança militar, a anexação da Crimeia e, posteriormente, o envolvimento russo no conflito que ocorre no leste ucraniano corrigem o erro estratégico da PE de Yeltsin, na medida em que não somente abandona o apaziguamento, mas, também, estabelece enfrentamentos diretos com relação à OTAN.

A Federação Russa mostra claramente que recuperou suas capacidades materiais, aumentando, portanto, o seu poder de barganha no contexto internacional

O principal motivo do conflito atual, no que concerne à anexação da Crimeia e ao conflito no leste ucraniano, foi a tentativa indiscriminada do Ocidente, por meio da OTAN e da UE, de se expandir para o leste, por meio de alargamentos e de apoio a movimentos “pró-democráticos” (na verdade, pró-ocidente) nos ex-territórios soviéticos (as Revoluções Coloridas). O golpe de Estado ocorrido em 2014, na Ucrânia, com a derrubada de Yanukovich, foi o ápice do envolvimento Ocidental na política ucraniana, o que provocou uma reação intensa da Rússia, a fim de bloquear qualquer possibilidade de adesão da Ucrânia às principais instituições ocidentais.

Em 2014, a Câmara dos Lordes britânica afirmou que a UE subestimou o impacto que provocaria na Rússia uma aproximação da Ucrânia com o bloco. O governo britânico e os outros Estados da UE teriam interpretado mal o estado de ânimo da Rússia, antes do conflito. Fontes diplomáticas europeias, além disso, admitem erro de cálculo na reação russa no que diz respeito à Ucrânia, na medida em que, no que concerne aos acordos de associação à UE que foram negociados durante anos com os países do Leste europeu, em setembro de 2013, a Armênia preferiu fazer parte do tratado de livre comércio com a Rússia. Esse imprevisto deveria ter alertado a UE de que entrava em terreno delicado, ao se aproximar de territórios que mantêm um alto grau de influência russa¹⁹⁹.

¹⁹⁹ Britânicos acusam Bruxelas de subestimar reação de Putin na Ucrânia. 24 fev. 2015. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/britanicos-acusam-bruxelas-de-subestimar-reacao-de-putin-na-ucrania-15418072>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Interessante notar ainda que, já em 1995, o Conselho de Políticas Externa e de Defesa concluiu que “os planos para o alargamento da OTAN [...] talvez levem o Ocidente e o Oriente para a sua primeira séria crise nas suas relações após a Guerra Fria [...]. A ameaça de ficar isolada ou de autoisolamento é mais que real (KOBINSKAYA, 2001, p. 178, tradução nossa²⁰⁰)”.

Esse embate reflete-se na própria dinâmica interna do território ucraniano, já que, “por um lado, existem ucranianos que pendem para o Ocidente e para os valores de democracia, livres mercados, e sociedades abertas, que são comumente tomados como representações do Ocidente. Por outro lado, existem aqueles que continuam a valorar o relacionamento com a Rússia, principalmente os falantes de russo, e sentem fortes laços com o norte (Rússia)” (KOPYLENKO, 2001, p. 187, tradução nossa²⁰¹).

5.3.3 O avanço da UE

Importante salientar que a União Europeia exerceu, da mesma maneira que a OTAN, um avanço fundamental na antiga área de influência soviética, principalmente no leste europeu, inclusive em países antes parte da URSS, como os Estados bálticos. O avanço da UE decorreu não somente pela diminuição da capacidade militar russa, mas, também, do ocaso de toda uma ideologia soviética de Estado e do fim da própria URSS, que poderia ser considerada como uma instituição por si só. O fim dessa superpotência possibilitou a explicitação da UE como uma alternativa válida para os países recém-independentes.

Durante a década de 1990, a UE promoveu a expansão de sua integração, tanto por intermédio do aprofundamento desse processo, como por novas adesões. O Tratado de Maastrich, primeiramente, promoveu a criação da pessoa jurídica União Europeia, mas as Comunidades Europeias continuaram a existir. Esse tratado consagrou uma ideia de União

²⁰⁰ The plans for NATO enlargement [...] may lead the West and the East to the first serious crisis in their relations after the Cold War [...]. The threat of being isolated or self-isolation is rather real.

²⁰¹ On the one hand, there are Ukrainians drawn to the West and the values of democracy, free markets, and open societies that the West represents. On the other hand, there are those who continue to value the relationship with Russia, largely speak Russian, and feel strong ties to the north. His divergence in attitudes is reflected in contradictory pronouncements and policies over major issues. This, to understand Ukrainian policy on NATO, it is important to consider its current political structures.

Econômica e Monetária e de Cidadania Europeia. Em 1995, a entrada da Áustria, da Suécia e da Finlândia foi importante, uma vez que são países ricos e cruciais no âmbito europeu.

O Tratado de Amsterdã, de 1997, estabeleceu as metas que deveriam ser cumpridas para a adoção do euro no contexto da UE, o que culminou, um ano depois, na criação do Banco Central Europeu em Frankfurt. Embora essa pequena introdução da expansão da UE seja importante, os ajustes mais importantes para a expansão da UE para a antiga área de influência soviética vieram na década de 2000. O Tratado de Nice, de 2001, promoveu ajustes para adequar a UE à entrada dos países do leste europeu, na medida em que se tinha certeza da vontade desses países em aderir a essa instituição. O principal objetivo desse tratado foi aumentar o número de temas decididos por maioria qualificada, já que numa UE muito ampliada a possibilidade de unanimidade seria muito mais complexa de se obter.

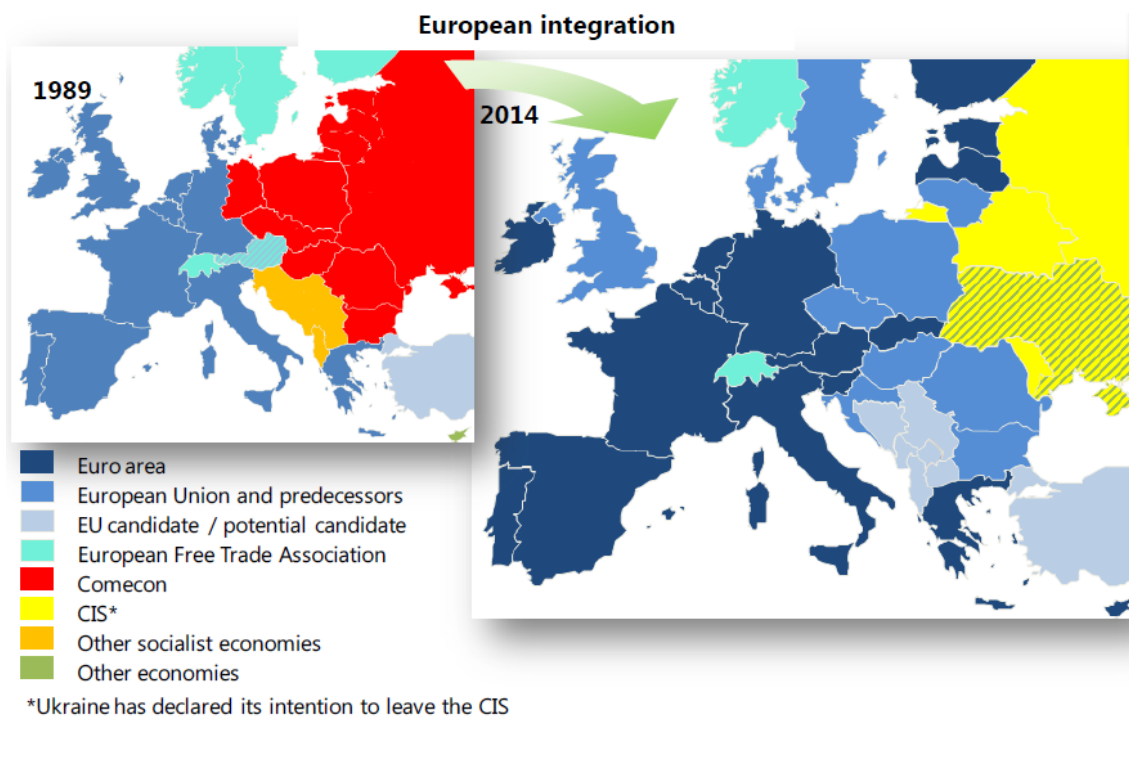
Antes mesmo da expansão definitiva, a Rússia já demonstrava publicamente sua insatisfação com a situação:

O presidente Vladimir Putin e o italiano Romano Prodi, atual presidente da Comissão Europeia, buscaram reduzir os temores em relação à expansão do bloco em direção ao leste do continente. A declaração ocorreu durante a abertura da 11ª Cúpula Rússia-União Europeia, ontem, em São Petersburgo²⁰²

A partir dessas atualizações, em 2004, a UE incorporou 10 novos países ao projeto de integração: Polônia, Hungria, República Tcheca, Eslováquia, Eslovênia, Lituânia, Letônia, Estônia, Malta e Chipre. Assim como no caso da OTAN, a UE passou a fazer fronteira com a Rússia, a partir dos territórios dos países bálticos, antes parte do território soviético. Somado a isso, em 2007, esse processo de integração incorporou Bulgária e Romênia. Por último, incorporou-se a Croácia, em 2013.

²⁰² Putin e Prodi discutem a expansão da UE. 01 jun. 2003. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0106200313.htm>. Acesso em: 05 set. 2016

Figura 25 – Expansão da União Europeia, 1989-2014



Fonte: ROAF et al., 2014

Igualmente à expansão da OTAN, o alargamento da UE para os países da Europa Oriental e principalmente a pretensão desta em incorporar a Ucrânia à sua esfera de influência política e econômica desagradou profundamente à Rússia. Somado a isso, as tentativas reiteradas de promover valores democráticos na Ucrânia, por meio de organizações e indivíduos pró-Occidente, intensificaram ainda mais as reclamações da Federação Russa:

A UE também tem expandido-se para o leste. Em maio de 2008, ela revelou sua iniciativa de Parceria Oriental, um programa para espalhar prosperidade em países como a Ucrânia e integrá-los à economia da UE. Não surpreendentemente, líderes russos viram esse plano como hostil para o interesse de seu país. Em fevereiro de 2014, antes que Yanukovich fosse retirado do poder, o ministro das Relações Exteriores russo Sergey Lavrov acusou a UE de tentar criar uma “esfera de

influência” na Europa Oriental. Aos olhos dos líderes russos, a expansão da UE é um pretexto para a expansão da OTAN²⁰³.

A partir disso, a expansão da OTAN, a expansão da UE, e a promoção da democracia promovida pelo Ocidente (Revoluções Coloridas) intensificaram o contramovimento russo, uma vez que os interesses do Kremlin na sua antiga área de influência vinham sendo contestados desde o início da década de 1990.

Percebe-se que essa expansão do Ocidente para a ex-área de influência soviética decorreu, primeiramente, da profunda diminuição das capacidades materiais russas, o que estabeleceu uma grande assimetria entre esses dois atores nesse quesito. Somado a isso, a expansão das ideias e hábitos ocidentais foi outra consequência da derrocada da URSS, na medida em que a própria Federação Russa passou a adotar os preceitos impostos pela supremacia do capital internacional. Por último, o fim da URSS determinou a queda da burocracia e da institucionalização desse Estado, prejudicando intensamente as relações existentes entre a Rússia e sua antiga área de influência.

A recuperação russa, a partir de 1999, contudo, proporcionou uma maior simetria de forças nesse embate entre Rússia e Ocidente em todos os âmbitos – capacidades materiais, ideias e hábitos e institucionalização. A respeito da última, como aludido anteriormente, a adesão da Ucrânia às instituições ocidentais teria consequências inaceitáveis para a geopolítica russa, na medida em que a vulnerabilidade histórica desse país tenderia a se aprofundar em demasia, com relação a sua *redline* histórica e aos portos de águas quentes (Sevastopol).

A Federação Russa tem buscado novamente institucionalizar sua predominância na antiga área de influência soviética, a fim de impedir a continuação das provocações ocidentais e a incorporação ucraniana à hegemonia ocidental.

²⁰³ MEARSHEIMER, John. Why the Ukraine Crisis Is the West’s Fault : The Liberal Delusions That Provoked Putin. set/out. 2014. Foreign Affairs. Disponível em : <https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>. Acesso em: 15 out. 2016

The EU, too, has been marching eastward. In May 2008, it unveiled its Eastern Partnership initiative, a program to foster prosperity in such countries as Ukraine and integrate them into the EU economy. Not surprisingly, Russian leaders view the plan as hostile to their country’s interests. This past February, before Yanukovich was forced from office, Russian Foreign Minister Sergey Lavrov accused the EU of trying to create a “sphere of influence” in eastern Europe. In the eyes of Russian leaders, EU expansion is a stalking horse for NATO expansion.

5.3.4 A tentativa de manutenção institucional de Moscou

Primeiramente, é importante especificar que a integração pós-soviética e de suas burocracias são extremamente singulares, na medida em que ela é realizada por países provenientes de uma burocracia política única, a URSS:

(...) qualquer consenso em negociações é mais custoso se existe heterogeneidade dos países em termos de preferências ou os custos são altos. Por outro lado, mais fortes “ganhos por estarem juntos”, particularmente em decorrência de economias de escala, a habilidade dos países em ajudar uns aos outros em caso de choques externos e a livre-circulação dos meios de produção podem promover a integração regional. Os resultados desse trade-off, entretanto, também depende de um esquema particular de redistribuição de benefícios da integração regional e a natureza política da tomada de decisão dos países (LIBMAN e VINOKUROV, 2012, p. 21).

A dissolução da URSS pode ser entendida como o fim de uma instituição quase secular, que mantinha unidas diferentes etnias e culturas sob uma mesma burocracia política e um mesmo modo de produção econômico. A Comunidade dos Estados Independentes (CEI) consiste-se na tentativa de manutenção hegemônica da Federação Russa no período de revolução passiva neoliberal na década de 1990.

5.3.4.1 A Comunidade dos Estados Independentes

Sob pressão russa, o documento que dá origem à CEI prevê a manutenção de um espaço econômico e militar unitário, englobando as Repúblicas da antiga URSS, menos a Letônia, a Lituânia e a Estônia. O acordo também prevê uma política exterior comum a todos os países (MORRISON apud MIELNICZUK, 2006). Todavia, é o princípio da transparência das fronteiras dentro da Comunidade que afasta a Ucrânia das estruturas da organização. Tal princípio significa, na prática, que os países da CEI não têm direito ao reconhecimento de sua integridade territorial pelos outros membros (TOLZ apud MIELNICZUK, 2006).

A CEI é entendida, pela Ucrânia, assim, como o melhor instrumento para auxiliar no âmbito do desarmamento nuclear ucraniano somente. Apesar dessas vicissitudes, a CEI

continua institucionalizada, ainda que, atualmente, outra instituição tenha importância central nessa região, que é a União Econômica Euroasiática.

A integração dos países do pós-URSS pode ser considerada como um processo especial, na medida em que suas ligações econômicas e burocráticas prévias afetam diretamente o relacionamento entre as ex-repúblicas soviéticas. Essa integração pretérita reduz, intensamente, os custos da integração, principalmente porque o Estado soviético desenvolveu a periferia do seu Estado, e não somente o território da burocracia controladora (Moscou); as novas burocracias nacionais, além disso, em grande parte dos países, são subdesenvolvidas e enfrentam inúmeros problemas para a efetivação de seus próprios aparatos estatais burocráticos.

O comportamento burocrático dos componentes das integrações pós-URSS (principalmente a CEI e a União Euroasiática) tendem a basear-se em dois pontos principais: primeiramente, na medida em que existem custos altíssimos a fim de diminuir a interdependência entre esses países, a integração é buscada pelos Estados, principalmente nos foros das Organizações Intrarregionais; segundo, entretanto, as burocracias buscarão, ao mesmo tempo, se desvincular dessas integrações, visto que isso proporcionaria maior possibilidade de arrecadação fiscal e de poder, em decorrência de possíveis infraestruturas soberanas (LIBMAN e VINOKUROV, 2012).

Nessa segunda hipótese, principalmente em decorrência das assimetrias de poder e de tamanho dentro da CEI, os pequenos tendem a ganhar maior arrecadação de divisas com a desintegração, visto que tem grandes oportunidades de expansão fiscal; os grandes, em contrapartida, tem poucas oportunidades de ganho sozinhos, dessa forma, tendem a apoiar mais a integração (a Rússia, principalmente).

Somado a isso, às oligarquias provenientes do processo de acumulação por desapossamento na Rússia, primordialmente aquelas ligadas aos recursos naturais, tinham interesse na manutenção da integração, uma vez que isso era necessário para o escoamento de diversos produtos, como o gás natural e o petróleo. A partir disso, um dos principais objetivos dessa nova burguesia não histórica seria a redução de custos de produção e escoamento, assim

como a manutenção da influência russa sobre os outros países da ex-URSS, o que somente seria possível por intermédio da perenidade da institucionalização de um espaço comum.

A integração pós-soviética enfrenta alguns problemas intensos, como a já citada assimetria entre os países – a liderança russa nos processos é contestada frequentemente -, a possibilidade de “fuga” desse legado soviético, por meio de parceiros extrarregionais, como a UE – principalmente com relação à Ucrânia e Moldávia -; conflitos distributivos múltiplos – trânsito de gás (Rússia, Ucrânia, Belarus), renegociação do preço do gás (Rússia e Ásia Central); controle de água (Ásia Central); guerra do açúcar (Rússia, Ucrânia); confrontos militares (Rússia-Geórgia, Azerbaijão-Armênia, Rússia-Ucrânia) -, governos não democráticos, o que propicia menor integração, na medida em que esse tipo de burocracia tem maiores problemas de comprometimento e em restringir seu poder (MANSFIELD apud LIBMAN e VINOKUROV, 2012); elites pós-soviéticas – algumas com interesses na integração, outras com interesse na “fuga” para outros processos integracionistas. Embora todos os problemas enfrentados pela CEI, ela não pode ser considerada como se fosse um “divórcio civilizado” soviético (KUX apud LIBMAN e VINOKUROV, 2012), visto que inúmeros novos projetos e iniciativas existem nessa região.

Esses entendimentos equivocados a respeito da CEI provem, principalmente, do período de crescimento econômico dos países componentes dela, no qual dificuldades integracionistas foram comuns, como a tentativa de institucionalização de um Espaço Econômico Comum, em 2003, entre Rússia, Ucrânia, Belarus e Cazaquistão. De maneira análoga a outros processos de integração, como a UE, a integração pós-soviética é preterida em momentos de expansão econômica e é impulsionada quando ocorrem crises sistêmicas, como a de 2008 (LIBMAN E VINOKUROV, 2012).

A coordenação das burocracias, principalmente nas áreas energéticas e de transporte, deveria proporcionar *spill-overs* na integração, a partir da redução dos custos, aumento dos negócios transfronteiriços e da interdependência, principalmente nos contextos energéticos e de transportes; os países, entretanto, buscam intensamente diminuir sua interdependência com relação aos outros:

Transporte por dutos [...] proporciona um exemplo notável do impacto que a burocracia nacional propicia na cooperação internacional, nomeadamente o projeto do duto *South Stream* da Gazprom, o qual vai conectar a Rússia ao Mar Negro com os mercados da Europa meridional e central. Os economistas consentem na pouca racionalidade econômica para um projeto de US\$ 25 bilhões, particularmente em face das pressões competitivas no mercado europeu. Entretanto, a Gazprom o continua impulsionando intensamente. Existem duas explicações para isso. Primeiro, a burocracia funcional busca a lógica de maximizar os orçamentos de longo-prazo a sua disposição. Segundo, como os gasodutos que passam pela Ucrânia têm capacidade o bastante para cobrir as necessidades atuais de exportação, a modernização deles poderia eliminar qualquer necessidade por novas capacidades e exigindo, ao mesmo tempo apenas uma fração dos custos da *South Stream*. Porém, poderia ser difícil a barganha entre Rússia e Ucrânia. O *South Stream* supostamente criará uma capacidade alternativa e colocará a burocracia funcional russa numa posição vastamente mais superior em negociações futuras com as contrapartes ucranianas (LIBMAN e VINOKUROV, 2012, p. 22, tradução nossa)²⁰⁴.

Somado a isso, a arrecadação dessa organização é minúscula, em comparação com as arrecadações estatais dos países da região, demonstrando que investimentos integracionistas são ínfimos, em comparação com os específicos de cada Estado. Libman e Vinokurov (2012, p. 24, tradução nossa)²⁰⁵ aduzem que a “ Rússia se comprometeu a proporcionar as maiores contribuições, e possui o índice mais baixo de integração. O fato que os menores Estados tem menores contribuições comprometidas para o orçamento da CEI é, em algum sentido, inevitável (simplesmente porque seus recursos são menores).

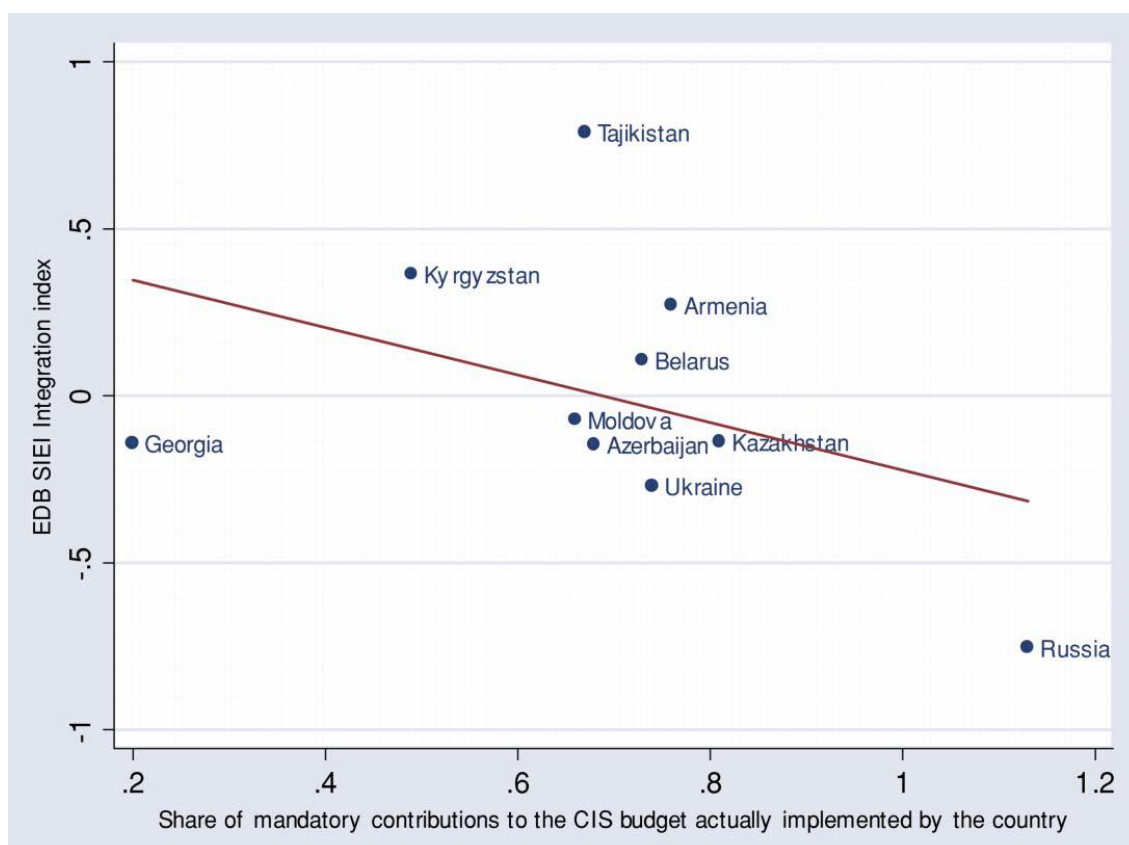
²⁰⁴ Pipeline transportation [...] provides a striking example of the impact that national bureaucracy renders on international cooperation, namely Gazprom’s South Stream pipeline project that will link Russia through Black Sea with Southern and Central European markets. The economists consent on the poor economic rationale for this US\$25 billion project, particularly facing the competitive pressures in the European market. Gazprom is nevertheless pushing forward unrelentlessly. [...] there are two explanations for that. First, the functional bureaucracy follows the logic of maximizing long-term budgets at its disposal. Second, as Trans-Ukrainian gas pipelines have enough capacity to cover current export needs, their modernization could eliminate all need for new capacity while demanding only a fraction of the South Stream’s costs. However it would require difficult bargaining between Russia and Ukraine. The South Stream is basically supposed to create an alternative capacity and put Russian functional bureaucracy in a vastly more superior position in their further negotiations with their Ukrainian counterparts.

²⁰⁵ Russia has committed itself to the highest contributions, and has the lowest integration index. The very fact that smaller states have smaller contributions committed to the budget of the CIS is, in some sense, inevitable (simply because their resources are smaller). It may also reflect the power considerations of the high-level politics discussion (both the willingness to ‘distance’ from Russia in the case of the new independent states and the attempt to use the CIS as yet another ‘soft power’ instrument in the case of Russia). They may also partly be related to the domestic considerations. For instance, for Russian leadership it may be important to signal its commitment to the post-Soviet integration to its own population effects. (...) Russia, on the other hand, over-spends on this ineffective institution.

Isso também talvez reflita as considerações de poder das discussões políticas de mais alto nível (o desejo de se distanciar da Rússia, no caso dos novos Estados independentes, e a tentativa de usar a CEI como outro instrumento de *soft Power*, no caso da Rússia). Eles podem talvez ser relacionados também com considerações domésticas. Por exemplo, para a liderança russa talvez seja importante assinalar seu comprometimento com a integração pós-soviética para sua própria população (...) A Rússia, por outro lado, gasta demasiadamente nessa instituição inefetiva”.

Em decorrência disso, embora economicamente a integração da CEI pareça não proporcionar grandes consequências para a Federação Russa, num contexto político a Rússia seria a maior interessada nessa integração pós-soviética:

Gráfico 24 – Importância econômica versus gastos com a CEI, 2008



Fonte: Libman e Vinokurov, 2012

Ao analisar esse gráfico, percebe-se que “[...] Quanto menor o índice de integração, menor a oportunidade de expansão de oportunidades orçamentárias pela criação de novas infraestruturas após cortar relações com os vizinhos, menor o interesse da burocracia nacional em investir seus esforços para cumprir seus compromettimentos. Para grandes países, contudo, benefícios provenientes de investimentos “alternativos” são pequenos (e para a Rússia, possivelmente, até mesmo negligenciáveis), (...) – mas organizações supranacionais talvez resolvam o problema para muitos burocratas russos, já que negociações são parcialmente substituídas por tomadas de decisão internas). Esses caminhos convenientes implicam manter a maquinaria da CEI intacta, o que é possível apenas se a Rússia cumprir seus compromettimentos para além do estipulado – e isso faz parte dos mais importantes interesses dos burocratas” (LIBMAN E VINOKUROV, 2012, pg, 24, tradução nossa²⁰⁶). Ou seja, a fim de manter a atratividade da integração para os países com menores índices de integração, como a Ucrânia e a Geórgia, a Federação Russa deve assumir compromettimentos mais profundos com a integração, para auferir maiores ganhos a eles e manter a institucionalização de sua influência.

Em suma, em contextos como o energético e o de transporte, nos quais existem maior cooperação entre as burocracias dos países da ex-URSS, não ocorrem *spill-overs*, visto que as crises tendem a ser resolvidas com o aprofundamento da infraestrutura doméstica. A interdependência prévia, em contrapartida, possibilita que choques externos se configurem em uma oportunidade de maior integração, diferentemente de outros processos integracionistas. Além das possibilidades concernentes à crise de 2008, existe uma profunda ligação informal entre os países da ex-URSS, em decorrência dos investimentos das corporações multinacionais da Federação Russa e do Cazaquistão (CRANE apud LIBMAN e VINOKUROV, 2012), as redes de imigração e o profundo comércio entre esses países.

²⁰⁶ (...)The smaller the integration index, the smaller the budget expansion opportunities from creating new infrastructure after ‘cutting’ ties with the neighbours, the smaller the interest of the national bureaucracy in investing its effort in fulfilling the commitments. For large countries, however, benefits from ‘alternative’ investments are small (and for Russia, possibly, even negligible), (...)– but supranational organizations may actually solve the problem for Russian bureaucrats, since negotiations are partly replaced by the internal decision-making). These ‘convenient’ ways imply keeping the machinery of the CIS intact, which is possible only if Russia over-fulfils its commitments – and this is in the best interest of the bureaucrats.

5.3.4.2 A União Econômica Eurasiática (UEE): Instrumento para manutenção hegemônica

A União Euro-asiática, principalmente após a crise de 2008, tornou-se o principal impulsor da hegemonia russa sobre os ex-Estados soviéticos. No que concerne a essa organização, seu tratado constitutivo foi assinado em 2014 – entrou em vigor no início de 2015 -, por Belarus, Cazaquistão e Rússia, com posterior adesão da Armênia e do Quirguistão. Essa união opera com instituições intergovernamentais e supranacionais. São órgãos intergovernamentais dessa integração o Conselho Eurasiático - órgão supremo dessa integração, composta pelos Chefes de Estado dos países-membros; o Conselho Intergovernamental Eurasiático; a Corte da União Eurasiática; e a Comissão Econômica Eurasiática. No que concerne a esta:

A Comissão Econômica Eurasiática (CEE) é a base regulatória permanente da União Econômica Euro-asiática (UEE) [...] O principal propósito da Comissão Econômica Euro-asiática é assegurar o funcionamento e o desenvolvimento da União Econômica Euro-asiática e desenvolver propostas para o desenvolvimento futuro da integração [...] A CEE tem uma base regulatória com *status* supranacional, e suas atividades são guiadas por interesses gerais dos Estados participantes do projeto de Integração Econômica Eurasiática, não motivando suas decisões em quaisquer interesses dos governos nacionais. Decisões da Comissão são obrigatórias para os países-membros (EURASIAN ECONOMIC COMMISSION, 2012, tradução nossa)²⁰⁷.

A crise de 2008 foi importantíssima para esse processo, na medida em que impulsionou a tomada de posições conjuntas para a superação das adversidades, como a instituição do Fundo anticrise da Comunidade Econômica Eurasiática (CEEa) – organização composta por Belarus, Cazaquistão, Rússia, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão (aderiu

²⁰⁷ About the Eurasian Economic Commission. Feb 2nd. 2012. Disponível em:

<http://www.eurasiancommission.org/en/Pages/about.aspx>. Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

The Eurasian Economic Commission (EEC) is the permanent regulatory body of the Eurasian Economic Union (EAEU) [...]The main purpose of the Eurasian Economic Commission is ensuring the functioning and development of the EAEU, and developing proposals for the further development of integration [...]The EEC has supranational regulatory body status and its activity is guided by the interests of the participating countries of the Eurasian Economic integration project in general, not motivating its decisions by any interests of national Governments. Decisions of the Commission are obligatory for execution on the territory of the EAEU Member States.

em 2006), em 2000 - e a União Alfandegária da Comunidade Econômica Eurasiática – coordena posições na OMC, por exemplo.

A institucionalização dos países da ex-URSS, com exceção dos países bálticos, é um objetivo crucial da política externa da Federação Russa, na medida em que esse é um âmbito crucial para a manutenção e intensificação de sua hegemonia sobre esses territórios. Embora os políticos do Cazaquistão tenham dito, por exemplo, durante a assinatura do tratado da União Eurasiática, que esse bloco seria exclusivamente econômico, a influência política da Rússia será enorme nessa nova organização internacional, visto que os russos possuem as maiores capacidades materiais dos países-membros.

O principal objetivo de Vladimir Putin parece ser expandir a UEE para todos os Estados pós-soviéticos, com exceção dos três Estados bálticos, os quais já são membros da UE. Nesse sentido, Putin, disse, a queda da URSS foi “a maior catástrofe geopolítica do século XX”. Dessa forma, os russos poderão aprofundar essa instituição, transformando-a numa poderosa organização supranacional, unindo suas economias, seus sistemas legais, suas capacidades militares, para transformar a UEE numa ponte entre a Europa e a Ásia. A fim de restabelecer esse poder, não basta a recuperação das capacidades materiais, mas sim o aprofundamento do contexto das ideias e hábitos – legado soviético – e da institucionalização.

5.4 A queda de Yanukovich e o fim da Diplomacia Pendular

Embora durante a campanha Yanukovich tenha feito promessas que agradavam à Rússia, como a não adesão à OTAN, a promessa de tornar o russo o segundo idioma oficial do país e o reconhecimento da Ossétia do Sul e da Abcásia, os primeiros anos desse governo demonstraram a tentativa de cultivar boas relações com Moscou, ao mesmo tempo que não desejava ser controlado pela Rússia. A partir disso, a Ucrânia intensificou sua política externa histórica de balanceamento entre a Rússia e o Ocidente, explorando as possibilidades de aliança com ambos os lados (BALMACEDA, 2008).

Conquanto tenha sido apoiado pelo Sul e pelo Leste ucraniano (regiões pró-Rússia), Yanukovich sinalizou, em 2010, uma aproximação à União Europeia, em um encontro com o

então presidente da Comissão Europeia, o português José Manuel Barroso²⁰⁸, visto que a crise de 2008 impactou, profundamente, a economia da Ucrânia.

“O denominado Acordo de Associação Ucrânia-UE englobava inicialmente duas esferas: associação política e integração econômica. O acordo incluía o apoio europeu à recuperação da economia ucraniana por meio de reformas econômicas, políticas (com intuito de combater a corrupção) e cooperação em setores estratégicos como energia, transporte, proteção ambiental, desenvolvimento industrial e combate à pobreza. O Acordo previa ainda uniformizar normas de comércio, padrões de qualidade e leis, a fim de impulsionar as trocas comerciais entre as partes envolvidas”²⁰⁹

Concomitantemente, a assinatura dos Acordos de Kharviv, em abril de 2010, possibilitou a renovação da licença de permanência da Frota do Mar Negro russa, na base de Sebastopol, na Crimeia, até 2042 (com possibilidade de renovar por mais 5 anos, até 2047). Em contrapartida, a Ucrânia obteve desconto de 30% sobre o preço de compra do gás natural russo (GNEDINA & SLAPTSOVA, 2012), o que foi ratificado pela Rada.

Essa dualidade da política externa ucraniana encontra reflexo na polarização interna do país, tão ostensivamente explicitada neste trabalho. A Rússia fez inúmeras tentativas de impedir a Ucrânia de firmar o Acordo de Associação com a UE, inclusive convidando aquela para se tornar membro da União Econômica Euroasiática. Após intensas negociações, em novembro de 2013, Yanukovich confirmou a não assinatura do Acordo de Associação, recebendo por causa disso, posteriormente, um empréstimo de US\$ 15 bilhões do Kremlin²¹⁰.

Percebe-se a profunda preocupação da Federação Russa, no que concerne à tentativa da Ucrânia, principalmente a partir da queda de Yanukovich, de fazer parte da UE e da OTAN, visto que isso significaria a perda quase irreversível da hegemonia russa sobre todo o território ucraniano. Como já aduzido, economicamente, politicamente, socialmente, culturalmente e geopoliticamente, a Ucrânia é indispensável para a estratégia hegemônica da

²⁰⁸ José Manuel Barroso Foi Primeiro-Ministro de Portugal de 2002 a 2004 e 11º Presidente da Comissão Europeia de 2004 a 2014.

²⁰⁹ O conflito da Ucrânia e a guerra de informações: Constantes embates entre Estados Unidos e Rússia lembram a Guerra Fria. mai. 2015. Politike. Disponível em: <http://politike.cartacapital.com.br/o-conflito-da-ucrania-e-a-guerra-de-informacoes/>. Acesso em. 09 nov. 2016

²¹⁰ Russia offers Ukraine major economic assistance. Dec 17th. 2013. The BBC. Europe. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-europe-25411118>. Acesso em: 01 out. 2016

Federação Russa; entender a importância daquele país para este, assim, é crucial a fim de compreender o atual conflito existente no leste ucraniano.

A decisão criou inúmeras tensões num país dividido, o que levou à derrubada de Yanukovich, à anexação da Crimeia e ao conflito civil no leste ucraniano. Nesse contexto, percebe-se que toda a dissertação, até este momento, foi essencial a fim de demonstrar o caminho da luta hegemônica pelo território ucraniano; falta, entretanto, um ator central nesse sentido, que se acrescenta às relações sociais e à política externa estatal: as classes transnacionais e suas relações com as frações (clãs) da burguesia ucraniana, que foram essenciais para a crise final do governo Yanukovich e a ascensão de Petro Poroshenko.

6. Conglomerados e suas conexões transnacionais

As relações interpessoais são extremamente importantes num regime poliárquico como o ucraniano, na medida em que as esferas políticas e econômicas não podem ser separadas dos indivíduos pertencentes a esses grupos. Nesse *Contender State*, a classe dominante não configura um bloco unificado, mas sim inúmeras frações que lutam pelo poder. Essa burguesia (ainda que não histórica) tem intensas relações com o capital externo, assim como também possuem uma base material importante no próprio país (PLANK, 2016):

Um determinado tipo de Estado, uma determinada forma de Estado, uma determinada forma de regime, será mais acessível para algumas forças do que para outros, de acordo com as estratégias que eles adotam para ganhar o poder estatal (JESSOP apud PLANK, 2017, pg. 221, tradução nossa²¹¹).

A partir disso, percebe-se que o aparato estatal ucraniano é dominado pelo poder econômico da classe dominante oligárquica. A partir disso, é praticamente impossível que atores externos lidem diretamente com o aparato estatal ucraniano sem a cooperação com os oligarcas, para que seus interesses possam prosperar na Ucrânia.

Cabe salientar que contrariamente ao que ocorre nas políticas domésticas ucranianas, é mais difícil analisar a influência que os oligarcas têm no desenvolvimento da política externa ucraniana, uma vez que eles instrumentalizam os partidos políticos para interesses pessoais, e não por ideologias. Nesse sentido, por exemplo, o fato de Akhmetov ter sido um membro do Partido das Regiões não quer dizer que ele seja pró-Rússia; Petro Poroshenko, de modo similar, embora fosse membro do partido Nossa Ucrânia, o qual buscava aderir à OTAN, não pode ser considerado pró-ocidente (MATUSZAK, 2012). De modo diverso, os interesses econômicos são primordiais nas interferências dos oligarcas na política externa ucraniana:

Enquanto problemas ideológicos tem menor importância nas atividades dos grandes conglomerados, a situação é bem diferente nas relações econômicas. Os interesses dos círculos de negócios ucranianos nessa área são diversificados. Para muitos oligarcas, principalmente aqueles menos poderosos, o mercado ucraniano é o mais importante, e eles não atribuem muita importância para as relações internacionais, a

²¹¹ A given type of State, a given State form, a given form of regime, will be more accessible to some forces than others according to the strategies they adopt to gain state power

não ser que essas relações resultem num aumento da competitividade no mercado internacional. Em contrapartida, para mais ricos homens de negócios, como Akhmetov e Pinchuk, acesso a mercados internacionais possuem significado-chave (MATUSZAK, 2012, p. 64, tradução nossa²¹²).

Torna-se crucial dizer que as exportações ucranianas são diversificadas, assim, é difícil indicar direções proeminentes nessas relações. Semelhantemente ao que foi estudado no contexto das capacidades materiais, não existe uma proeminência absoluta de determinados conglomerados que comercializam ou são financiados pelo Ocidente ou pela Rússia unicamente. Quando analisamos as exportações ucranianas antes da crise de 2014, percebemos que três grupos de países – a CEI, a UE e outros – possuíam quase a mesma relevância. Somado a isso, se utilizamos o exemplo do setor metalúrgico, o qual é o mais importante e é quase totalmente dominado pelos oligarcas, os países mais importantes para suas exportações não são nem a CEI e nem a UE (MATUSZAK, 2012). Quando todas as exportações são consideradas, 38% dos bens são vendidos para os países da CEI, 26% para a UE, e 36% para outros países.

Os países da CEI claramente prevalecem apenas no caso da indústria de construção de máquinas, a qual gera 17% do total de exportações. Diferentemente disso, no caso dos três setores – metalurgia, agricultura, setor de alimentos e indústria química – os quais perfazem mais da metade das exportações da Ucrânia, os mais importantes resultados para esses produtos são países que não pertencem nem à UE e nem à CEI (primordialmente países do Oriente Médio e do Sul da Ásia). Os oligarcas têm importantes posições em cada um desses setores e estão interessados em manter e expandir esses resultados (MATUSZAK, 2012, p. 65, tradução nossa²¹³).

Desse modo, os interesses dos oligarcas na política externa ucraniana são muito diversificados. Enquanto os conglomerados menores buscam prevenir a competição ocidental

²¹² While ideological issues play a minor role in the activities of big business, the situation is quite different in economic relations. The interests of Ukrainian business circles in this area are diversified. For many oligarchs, especially those less powerful, the Ukrainian market is the most important, and they do not attach much significance to foreign relations, unless these relations result in increasing competitiveness on the internal market. In turn, for the richest businessmen, such as Akhmetov and Pinchuk, access to foreign markets is of key significance

²¹³ CIS countries clearly prevail only in the case of the machine-building industry, which generates 17% of total exports (see the charts below). In turn, in the case of three sectors – metallurgy, the agricultural and food sector and the chemical industry – which account for more than half of Ukraine's exports, the largest outlets for their products are countries with belong to neither the European Union nor the CIS (mainly Middle Eastern and South Asian countries). The oligarchs hold strong positions in each of these sectors and are interested in maintaining and expanding these outlets.

no mercado interno ucraniano, os grandes conglomerados buscam as menores tarifas possíveis para seus produtos. A UE, a Rússia e outros Estados são igualmente importantes nesse contexto.

Percebe-se, a partir disso, a dificuldade das elites ucranianas em estabelecer uma política externa perene, já que a complexidade do relacionamento da Ucrânia com outras regiões torna o equilíbrio de interesses difícil de ser alcançado. A fim de exemplificar melhor as conexões transnacionais dessas oligarquias, alguns grandes conglomerados serão explicitados posteriormente.

6.1 Conglomerados de Donbass e conexões transnacionais

Dois grandes conglomerados são essenciais para entender os laços intensos do clã Donetsk com a Rússia e o Ocidente: a empresa System Capital Management (SCM) e a Industrial Union of Donbass (IUD) (ZON, 2007).

Baseado em Donetsk, a IUD foi fundada em 1995 por Sergey Taruta, e tinha como propósito inicial controlar suprimento de gás para as empresas da região. Posteriormente, porém, esse conglomerado conseguiu controlar empresas construtoras de máquinas industriais. Ela possui inúmeros ativos importantes em várias áreas, como mineração e manufaturas de aço, a partir da criação da Ukruglemash, a qual controla seis empresas de produção de equipamentos (ZON, 2007).

No que concerne à produção de equipamentos para mineração, a IUD controla 90% da produção, podendo ditar os preços. Por exemplo, enquanto os preços de equipamentos subiram 200%, os do carvão cerca de 50%, de 2000 a 2005. Somado a isso, ela controla a Donbasenergo, que é a maior distribuidora de energia da Ucrânia. Ainda que Kuchma tenha tentado impedir esse controle pela IUD, isso não foi possível e esse conglomerado tornou-se a maior supridora de energia em Donbass (ZON, 2007).

A IUD se expandiu pela Ucrânia e por outros países, principalmente na Europa Oriental. Entre as empresas do grupo, podem ser citadas a planta metalúrgica Alchevsk; a fábrica de tubos em Dnipropetrovsk; a siderúrgica de Dnipropetrovsk; a siderúrgica Dunaferr;

DAM aço (Hungria); a planta siderúrgica em Czestochowa (Polônia); e a participação de 39% na Uzbek Uzneftegazstroi (Uzbequistão) (ZON, 2007). Em geral, a IUD é mais internacionalizada que a SCM e tem mais empresas de construção de máquinas que a SCM, além de possuir grande presença também na agricultura local. Esse conglomerado teve suas ações adquiridas por investidores russos, o que determinou o aprofundamento das relações entre a Rússia e essa região:

A IUD vendeu 50% + 2 de participação para um grupo de investidores russos [...]. A transação foi financiada pelo banco estatal russo Vnesheconombank. Fontes indicam que o Primeiro-Ministro Vladimir Putin, presidente do conselho de supervisão do Vnesheconombank, esteve pessoalmente envolvido no acordo (DAILY NEWS, 2010, tradução nossa)²¹⁴.

Baseada também em Donetsk, a SCM foi fundada por Akhmetov, o homem mais rico da Ucrânia. Em 2004, a companhia foi considerada a 20ª maior empresa produtora de aço do mundo, com 15,4 milhões de toneladas por ano. Esse grupo, além disso, possui inúmeras empresas de diferentes ramos, como siderúrgicas, mineradoras de carvão, hotéis, canais de TV - como o canal nacional 'Ukraina' e o regional 'Donbass - (MATUSZAK, 2012), companhias de rádio, companhia de celular, ações do Banco da Cidade de Donetsk e do Primeiro Banco Internacional Ucrâniano. Somado a isso, esse grupo adquiriu a siderúrgica italiana Ferreria Vlsider, possui uma aliança estratégica com a Leman Commodities na Suíça, trabalhando diretamente com bancos ocidentais para o financiamento de suas operações (ZON, 2007). Esse conglomerado também tem grande importância no setor de engenharia de energia, por meio da DTEK (Donbass Fuel-Energy Company, em inglês) (MATUSZAK, 2012).

Embora a SCM possua intensos laços com o Ocidente, ela faz parte do clã Donetsk e, como tal, também sofre com os conflitos internos existentes na Ucrânia. Assim como no passado, empresas ligadas a esse grupo parecem estimular greves de seus trabalhadores para

²¹⁴ IUD confirms sale of 50% +2 stake to Russian investors. Daily News. Jan 11th. 2010. Disponível em: <http://concorde.ua/en/research/daily/8042/>. Acesso em: 10 dez. 2016

The Industrial Union of Donbas sold a 50%+2 stake to a group of Russian investors [...]. The transaction was financed by Russian state-owned bank Vnesheconombank. Reports indicated that Russian Prime Minister Vladimir Putin, chairman of Vnesheconombank's supervisory board was personally involved in the deal.

pressionar o governo de Kiev, como as acusações de que “[...] o protesto de mineiros em Kiev na semana passada foram estimulados pelo homem mais rico da Ucrânia, Rinat Akhmetov, numa tentativa de manter controle sobre ações que estão sob o escrutínio do Ministério Público Ucrâniano (OLEARCHYK, 2015, tradução nossa)²¹⁵”. A complexidade da situação torna-se clara quando analisamos algumas ações empreendidas por Akhmetov com relação à Rússia.

A Ilyich Steel e a Iron Works foram tomadas dos russos, por causa do seu desejo (Akhmetov) de manter a posição dominante na metalurgia ucraniana. A relutância com relação a processos de integração iniciados pela Rússia é baseada na presunção de que a Ucrânia seria o parceiro mais fraco nessa relação, e os grandes conglomerados ucranianos poderia se tornar dominados pelos oligarcas russos mais ricos. A rejeição da Ucrânia a respeito da possibilidade de exportar eletricidade russa utilizando redes de energia da Rússia é outro exemplo dos projetos desta sendo bloqueados. Nesse caso, a razão mais plausível parece ser o interesse de Akhmetov: ele busca exportar sua eletricidade para os Estados-membros da UE, e ele estaria competindo contra a eletricidade russa, que é mais barata que a ucraniana (MATUSZAK, 2012, p. 73, tradução nossa²¹⁶).

Percebe-se, novamente, no caso dessa companhia, a multiplicidade de interesses, o que demonstra a dificuldade de vinculá-la inteiramente com o capital ocidental ou com o capital russo, uma vez que ambos demonstram ser importantes para suas ações exteriores.

A respeito de outro exemplo importante, Viktor Yanukovich, durante seu mandato presidencial, impulsionou a criação de uma fração oligárquica dentro do clã Donetsk, a qual foi estabelecida por intermédio de conexões pessoais com ele e sua “família”. Embora fosse dependente do clã Donetsk durante seu mandato, houve a mitigação disso em decorrência da

²¹⁵ OLEARCHYK, Roman. Kiev government looks to loosen oligarchs’ grip in Ukraine: Critics warn over reversing privatisations as state aims to break billionaires’ stranglehold economy. Financial Times. Kiev. Apr 26th. 2015. Disponível em:

https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:8nEwZ72pN_MJ:https://www.ft.com/content/064d1392-e770-11e4-8ebb-00144feab7de+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 dez. 2016

[...] miners’ protest in Kiev last week had been engineered by Ukraine’s richest man, Rinat Akhmetov, in an attempt to keep control of assets that are now under scrutiny by prosecutors

²¹⁶ The Ilyich Steel and Iron Works were taken away from Russians because of his desire to maintain the dominant position in Ukrainian metallurgy. The reluctance towards the integration projects initiated by Russia is based on the presumption that Ukraine would be the weaker partner in this relationship, and the Ukrainian big business would become dominated by the wealthier Russian oligarchs. Ukraine’s rejection of the possibility to export Russian electricity using its power grids is another example of Russian projects being blocked. In this case, the most likely reason appears to be Akhmetov’s interests; he intends to export his electricity to EU member states himself, and he would be competing against Russian electricity, which is cheaper than Ukraine’s.

instituição do grupo RUE, que se tornou a segunda facção mais importante dentro do Partido das Regiões.

Quando Yanukovich se tornou presidente da Ucrânia e a constituição foi emendada, oferecendo a ele amplas competências, ele fez uma tentativa de criar seu próprio negócio e baseá-lo nas pessoas que ele mais confiava: seus filhos e alguns políticos pouco conhecidos, exclusivamente leais ao presidente (MATUSZAK, 2012, p. 41, tradução nossa²¹⁷).

A fortuna de Yanukovich foi estabelecida antes que ele alcançasse a presidência ucraniana, sendo seus interesses representados pelos seus filhos Oleksandr, encarregado dos negócios, e Viktor, representante do Partido das Regiões desde 2006. O aumento da influência da “família” na administração estatal foi intensa:

Serhiv Arbuzov, que pressupostamente tinha sido o banqueiro pessoal da família Yanukovich, foi apontado como presidente do Banco Nacional da Ucrânia ao fim de 2010. Além disso, Oleksandr Klimenko, o qual se acredita ser um homem de Oleksandr Yanukovich, tornou-se o chefe do Serviço de Tributos do Estado, em novembro de 2011. No fim de 2011 e no começo de 2012, pessoas conectadas com “a família” foram colocadas no comando de agências de aplicação de leis-chave. Vitaluy Zakharchenko foi o ministro dos assuntos internos desde novembro de 2011, e Henadiy Reznikov tornou-se o chefe do Serviço de Comunicações Especiais do Estado, em dezembro de 2011. Ambos são pretensamente conectados a Oleksandr Yanukovich. Ihor Kalini foi nomeado como chefe do Serviço de Segurança da Ucrânia e Dmytro Salamatin²¹⁸ como o ministro da defesa em fevereiro de 2012. Essas duas nomeações são também comumente vistas na Ucrânia como sendo um reforço da “família”, ainda que as bibliografias desses oficiais não indiquem que eles tenham sido ligados a Yanukovich ou seus filhos por muito tempo (MATUSZAK, 2012, p. 41-42, tradução nossa²¹⁹).

²¹⁷ When Yanukovich became the president of Ukraine and the constitution was amended offering him extensive competences, he made an attempt to create his own business and to base it on the people he trusted most of all: his sons and little-known politicians who were loyal exclusively to the president

²¹⁸ Kalinin e Salamatin tem conexões com a Rússia. Ambos nasceram fora da Ucrânia: Kalinin na Rússia, e Salamatin no Cazaquistão. Kalinin trabalhou para a KGB desde 1984, e posteriormente para a SBU. Salamatin estabilizou-se na Ucrânia por volta de 1999. Ele é genro de Oleg Soskovets (Primeiro ministro da Rússia de 1993 a 1996). Entretanto, não existem provas concretas que a facção pró-Rússia no governo da Ucrânia tenha sido fortalecida por causa dessas indicações. (MATUSZAK, 2012, p. 5, tradução nossa)

Kalinin and Salamatin have connections with Russia. They were both born outside Ukraine: Kalinin in Russia, and Salamatin in Kazakhstan. Kalinin worked for the KGB from 1984, and later for the SBU. Salamatin settled in Ukraine as late as 1999. He is the son-in-law to Oleg Soskovets (deputy prime minister of the Russian Federation in 1993–1996). However, there are no grounds to state that the pro-Russian faction in the Ukrainian government has been strengthened due to their nominations.

²¹⁹ Serhiy Arbuzov, who was reputed to have been the personal banker of the Yanukovich family, was appointed as the president of the National Bank of Ukraine in late 2010. In turn, Oleksandr Klimenko, who is believed to be a man of Oleksandr Yanukovich, became the head of the State Tax Service in November 2011. In late 2011

No contexto econômico, a influência da família é mais difícil de ser determinada, embora os negócios do filho do presidente, Oleksandr Yanukovich, sejam mais conhecidos, porquanto ele é dono do Banco de Desenvolvimento All-Ukrainian, além de possuir cotas no Banco Comercial da Ucrânia. Ele também é dono de pequenas firmas de desenvolvimento e buscou comprar empresas de mídia eletrônica, como o canal de notícia 5 Kanal (MATUSZAK, 2012).

A partir de toda essa argumentação, percebe-se que “a dependência de muitas forças políticas com relação aos grandes negócios significa que o governo, em muitos casos, é guiado pelos interesses dos oligarcas que o patrocinam, e não os interesses do país; isso normalmente leva a perdas multibilionárias no orçamento do Estado ucraniano [...] Uma rede de conexões recíprocas existem entre os políticos e os oligarcas. Em alguns casos, essas conexões são tão duráveis que é justo dizer que grupos oligárquicos tem sido formados (consistindo em homens de negócios, políticos e oficiais do Estado que se apoiam entre si). Representantes de grandes negócios são normalmente atores muito mais importantes no contexto político ucraniano do que os próprios políticos (MATUSZAK, 2012, p. 5, tradução nossa²²⁰).

De acordo com Matuszak (2012), todos os membros do grupo RUE ganharam a reputação de serem políticos pró-russos; essa opção, entretanto, não se relaciona com ideologia, mas sim com lobbies dos interesses russos e de sua burguesia. Dmytro Firtash, membro da “família”, é exemplo da influência russa sobre o grupo, uma vez que empréstimos

and early 2012, people linked to ‘the family’ were put in charge of the key law enforcement agencies. Vitaliy Zakharchenko has been the minister of internal affairs since November 2011, and Henadiy Reznikov became the head of the State Special Communications Service in December 2011. They are both believed to be connected to Oleksandr Yanukovich. Ihor Kalinin was appointed as the head of the Security Service of Ukraine and Dmytro Salamatin as the minister of defence in February 2012. These two nominations are also commonly viewed in Ukraine as being a reinforcement of ‘the family’, although the biographies of these officials do not indicate that they have been linked to Yanukovich or his sons for a long time.

²²⁰ The dependence of most political forces on big business means that the government in many cases is guided by the interests of the oligarchs who are sponsoring it instead of the interests of their country; this often leads to multi-billion dollar losses in the Ukrainian state budget [...]A network of mutual connections exists between politicians and oligarchs. In some cases these connections are so durable that it is fair to say that oligarchic groups have been formed (consisting of businessmen, politicians and state officials who support each other). Representatives of big business are often much more important players on the Ukrainian political scene than the politicians themselves.

russos foram essenciais para que esse oligarca pudesse ganhar posição de proeminência no contexto de indústrias químicas da Ucrânia.

Conquanto percebam-se os laços profundos entre esse oligarca componente da “família” e o Kremlin, ele possui intensas relações com o Ocidente também, já que tem plantas químicas em nome da Ostchem Holding, uma companhia registrada na Áustria; essa empresa possui ainda ações da planta Crimeia Titan (50% -1); e a empresa Enfesz, envolvida na distribuição de gás na Hungria e na Polônia, também tem ligações com esse grupo (MATUSZAK, 2012).

Em decorrência dos argumentos supracitados, demonstra-se que, apesar dos três grupos poderem ser considerados facções dentro do clã Donetsk, seus interesses não estão ligados totalmente à Rússia ou ao Ocidente, mesmo no caso da empresa IUD, a qual possui capital predominantemente russo. O conflito no leste ucraniano, portanto, parece ao beneficiar a nenhum conglomerado dessa região.

6.2 Outros conglomerados e suas conexões

Em decorrência da necessidade de relações intensas com as oligarquias para atuar na Ucrânia, a UE passou a influenciar diretamente o âmbito agrário desse país, principalmente no que concerne ao potencial da agricultura desta para a indústria de biocombustíveis daquela. A indústria de biocombustíveis da UE depende tanto de matérias-primas domésticas como daquelas importadas. A partir disso, “20% das matérias-primas para o etanol e 40% daquelas para o biodiesel tiveram que ser importadas” (PLANK, 2016, pg. 222, tradução nossa). Em decorrência de inúmeros acordos e metas estabelecidas pela União Europeia no contexto das negociações ambientais, como o compromisso de redução das emissões de gases do efeito estufa (40% mais baixa em 2030 do que era em 1990²²¹), há uma tendência de aumento da necessidade de importação de matérias-primas para as indústrias de biocombustíveis.

²²¹ SILVA, Isabel Marques da. UE envia à ONU compromisso para diminuir gases poluentes. Euronews. Mar. 2015. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2015/03/06/ue-envia-a-onu-compromisso-para-diminuir-gases-poluentes>. Acesso: 10 out. 2016.

A partir disso, alguns estudos foram feitos, como o “*Market Scan Bioenergy Ukraine*”, realizado pelo governo dos Países Baixos em 2009, que recomendou que a UE importasse matérias-primas da Ucrânia e oferecesse tecnologia e conhecimento em troca (PLANK, 2016). Ainda de acordo com alguns autores, a “Ucrânia tem todas pré-condições para se tornar um dos maiores supridores de biomassa sustentável” (OGARENKO e NIVIEVSKYI apud PLANK, 2016, pg. 223, tradução nossa²²²). A Ucrânia é um dos maiores mercados exportadores de colza²²³ do mundo, tendo a UE como o maior comprador (cerca de 90%) (PLANK, 2016).

A agricultura de subsistência e as fazendas coletivas soviéticas (*Kolkhozes*) também sofreram com o processo de Acumulação por Desapossamento, por meio do qual as companhias *Agroholdings* passaram a controlar a maioria das terras existentes na Ucrânia. Posteriormente, essa integração horizontal também ocorreu no contexto vertical, uma vez que os grandes conglomerados de holdings englobaram as pequenas e médias companhias (PLANK, 2016).

Em decorrência disso, essas companhias agrícolas integradas não controlam apenas as terras ucranianas, mas também várias cadeias de produção agrícolas e de alimentos. Além de sua influência indireta, por meio de investimentos na agricultura ucraniana pelo Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento (EBRD, em inglês), algumas companhias europeias entraram na Ucrânia, em decorrência da facilidade de alugar e comprar terras, como a britânica Landkom International PLC e a francesa AgroGeneration (PLANK, 2016). Entretanto, esse setor ainda continua dominado pelos oligarcas ucranianos, principalmente em decorrência da dificuldade das empresas europeias em lidar com um ambiente de negócios não institucionalizado e com regras não claras.

A introdução de cotas de exportação de alguns cultivos durante o governo Yanukovich, por exemplo, criou conflitos regulares entre o governo ucraniano e as empresas agrícolas ocidentais. Ao mesmo tempo, licenças de exportação foram dadas para uma nova

²²² Ukraine has all preconditions to become one of the largest sustainable biomass suppliers.

²²³ A colza é uma planta de cujas sementes se extrai o azeite de colza, utilizado também na produção de biodiesel.

empresa estatal, a *Khlib Investbud*, a qual pertencia à “família” de Yanukovich, provocando protestos das multinacionais (PLANK, 2016).

Desde a crise financeira e econômica de 2008, a indústria agrícola ganhou importância para a Ucrânia e seus clãs, uma vez que a agricultura é um setor exportador estável e muito lucrativo:

“Durante a presidência de Yanukovich, membros do seu Partido das Regiões, muitos dos quais estão envolvidos em negócios agrícolas, tiveram importância profunda nas decisões do parlamento que importavam para esse setor [...] Oleg Bakhmatyuk, o dono da *UkrLandFarming*, a maior companhia *Holding* de agricultura na Ucrânia [...] é um membro da “família” Yanukovich. Os mais ricos e mais influentes oligarcas, Rinat Achmetov (clã Donetsk) e Ihor Kolomoyskyi (clã Dnipropetrovsk) também diversificaram ao estabelecer suas próprias companhias *Holding* agrícolas, *HarvEast* (170,000 há) e *PrivatAgroHolding* (116,000 há), respectivamente [...] Poroshenko tem grandes *holdings* também na indústria agrícola e de alimentos” (PLANK, 2016, pg. 224, tradução nossa)²²⁴

E entre os principais atores no setor agrícola ucraniano encontra-se exatamente o país mais importante da UE, a Alemanha:

O projeto de biomassa sustentável lançado pela agência de desenvolvimento GIZ da Alemanha, administrada pela teuto-ucraniana Agricultural Policy Dialogue (APD) – um eixo da cooperação bilateral teuto-ucraniana baseada no Instituto de Pesquisas Econômicas (IER, em inglês) em Kiev – atua como um ponto indispensável para o suporte institucional para os projetos de biocombustíveis na Ucrânia. Uma olhada nos objetivos do projeto e as partes envolvidas revelam o quão forte são as conexões entre o governo alemão, as indústrias de biocombustíveis e os negócios agrícolas (PLANK, 2016, p. 228, tradução nossa)²²⁵.

²²⁴ During Yanukovich’s presidency, members of his Party of the Regions, many of whom are involved in agribusiness, played a prominent part in parliamentary decisions of importance to the sector [...] Oleg Bakhmatyuk, the owner of *UkrLandFarming*, the largest agricultural holding company in Ukraine [...] is a member of the Yanukovich family. The richest and most influential oligarchs, Rinat Achmetov (Donetsk clan) and Ihor Kolomoyskyi (Dnipropetrovsk clan) have also diversified by setting up their own agricultural holding companies, *HarvEast* (170,000 ha) and *PrivatAgroHolding* (116,000 ha), respectively [...] Poroshenko, too, has major holdings in the food and agriculture industry.

²²⁵ The sustainable biomass project launched by Germany’s GIZ development agency and run by the German-Ukrainian Agricultural Policy Dialogue (APD) – a lynchpin of German-Ukrainian bilateral cooperation based at the Institute for Economic Research (IER) in Kyiv – acts as a focal point for institutional support for the agrofuels project in Ukraine. A look at the project’s aims and the parties involved reveals how strong the links between the German government and agrofuel industry, and Ukrainian agribusiness are.

A partir disso, não apenas os oligarcas locais, mas também o capital do Ocidente tem buscado lucrar com o renascimento da agricultura ucraniana, por intermédio do apoio a clãs ou indivíduos não hostis e mais receptivos à influência ocidental:

A mudança de governo do presidente Yushchenko (2005-2010) para Yanukovich (2010-2014) teve uma influência considerável no ambiente de negócios para as companhias ocidentais. Após a Ucrânia ter se aberto para o capital ocidental após a Revolução Laranja de 2004, tornou-se mais fácil para as companhias europeias ganharem terreno no país, e isso se aplicou também para o setor de agricultura. Porém, no governo Yanukovich isso mudou, e os interesses ocidentais perceberam que era cada vez mais difícil ganhar a atenção desse governo. Com os protestos de Maidan, a queda de Yanukovich, e a assinatura do Acordo de Associação e de Livre Comércio com a UE, a balança político-econômica novamente pendeu para o Ocidente. O novo governo pró-ocidental tem a pretensão de vender as empresas de agricultura estatais e as empresas de energia, e tem encorajado as companhias ocidentais a fazer parte do processo de privatização. As mudanças do governo de Yushchenko para Yanukovich, e agora para Poroshenko, alteraram, desse modo, profundamente as relações sociais, políticas e econômicas entre a Ucrânia e o Ocidente (PLANK apud PLANK, 2016, p. 224, tradução nossa)²²⁶

Importante afirmar, ainda, que os interesses das instituições ocidentais, principalmente no que concerne ao Banco Mundial e ao FMI, estão diretamente conectados ao setor agrícola:

Conhecido como o celeiro da Europa, os amplos campos ucranianos de rico solo preto permite grandes volumes de produção de cereais e grãos, o que faz da Ucrânia o terceiro maior exportador de milho e o quinto de trigo do mundo²²⁷.

Yanukovich rejeitou constantemente as condicionalidades do FMI para o fornecimento de empréstimos, como em 2010, quando ele vetou reformas tarifárias que eram parte de um

²²⁶ The change of government from President Yushchenko (2005-2010) to Yanukovich (2010-2014) had a considerable influence on the investment climate for Western companies. After Ukraine opened up to Western capital in the aftermath of the Orange Revolution in 2004 it was easier for European companies to gain a foot in the door, and this also applied to the agricultural sector. However, under Yanukovich this changed, and Western interests found it increasingly difficult to win a hearing from his government. With the protests on the Maidan, Yanukovich's fall, and the signing of the Association Agreement and the Deep and Comprehensive Free Trade Agreement with the EU, the politico-economic balance has again tilted towards the West. The new pro-Western government envisages a sell-off of state agricultural enterprises and energy companies, and is encouraging Western companies to take part in the privatization process. The changes of government from Yushchenko to Yanukovich, and now to Poroshenko, have thus profoundly altered social, political, and economic relations between Ukraine and the West.

²²⁷ The hidden hands behind East-West tug of war in Ukraine. Is it in Ukraine's best interest to negotiate liberalisation with the IMF and the World Bank?. Aug 1st. 2014. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/07/ukraine-imf-agriculture-2014731945562212.html> Acesso em: 11 out. 2016

conjunto de austeridade imposto por essa instituição à Ucrânia. Desse modo, as políticas econômicas de Yanukovich, em contraposição àquelas impulsionadas pela supremacia neoliberal concentrada em Washington, prejudicaram profundamente sua presidência e estabilidade no poder.

Torna-se fundamental assinalar, ainda, que o segundo homem mais rico da Ucrânia, Viktor Pinchuk, tem profundos laços com o ocidente, primordialmente com a classe política profissional da família Clinton, o que o transforma em um intenso opositor à Rússia:

Entre 2004 e 2014, (ele) se tornou o segundo homem mais rico da Ucrânia e o maior doador estrangeiro para a Fundação Clinton nos EUA (PIJL, 2016, p. 27, tradução nossa²²⁸)

Conseqüentemente, esse oligarca apoiou os protestos de Maidan²²⁹. Embora isso seja verdade, Pinchuk também tem interesse nas relações com a Rússia, visto que vende, juntamente com Akhmetov, canos de aço para a construção de tubulações para a Federação Russa. Desse modo, “maior cooperação entre a Rússia e a Ucrânia, primordialmente com relação à redução das barreiras alfandegárias, seria benéfico para os oligarcas ucranianos” (MATUSZAK, 2012, p. 70, tradução nossa²³⁰), inclusive para Pinchuk.

A partir dessa argumentação, demonstra-se que aos oligarcas em geral não interessa relações exclusivas nem com o Ocidente nem com a Rússia, uma vez que os grandes conglomerados, principais atores da política e da economia ucraniana, têm uma variedade de investimentos tão grande que seus interesses se tornam profundamente complexos. Em decorrência disso, o fim da diplomacia pendular histórica do período pós-independência, com o golpe de Estado que retirou Yanukovich da presidência, teve como consequência a instabilidade e o descontentamento de grande parte dos oligarcas. Em suma, uma verdadeira guerra oligárquica ocorre atualmente, uma vez que Poroshenko e seus aliados, com o apoio do

²²⁸ [...] in 2004 and 2014, was to become the second-richest Ukrainian and the biggest foreign donor to the Clinton Foundation in the US.

²²⁹ BENDER, Yuri. In the wake of turmoil, the role of Ukraine’s oligarchs is under scrutiny. Financial Times. Mar 27th. 2014. Disponível em: <https://www.ft.com/content/1a06857a-ae60-11e3-aaa6-00144feab7de>. Acesso em: 12 nov. 2016

²³⁰ closer co-operation between Russia and Ukraine, especially a reduction of customs barriers, would be beneficial for the Ukrainian oligarchs.

Ocidente, parecem ser os atores domésticos especialmente beneficiados com o atual conflito; em geral, em contrapartida, os grandes conglomerados têm sofrido grandes prejuízos.

O atual presidente ucraniano tenta cada vez mais se desvencilhar da influência econômica e política da Rússia. Suas tentativas têm, contudo, fracassado, uma vez que a economia ucraniana corre sério perigo de caos sistêmico ao se alijar dos russos.

Atualmente, existe uma fração da burguesia ucraniana ao redor de Petro Poroshenko e outros agricultores e exportadores de alimentos, os quais esperam lucrar intensamente com o Acordo de Livre-Comércio assinado com a UE. Ainda que outras frações dos clãs oligárquicos também estejam dispostas a se juntar ao Ocidente, eles temem enfrentar a competição das multinacionais europeias e norte-americanas, e em cortar laços econômicos com a Rússia (PIJL, 2016).

Poroshenko agora defende os seus próprios interesses e de seu clã, ou seja, ao invés de lutar contra as oligarquias, as forças do governo têm feito concessões e dividido os lucros. Como resultado, os fluxos de dinheiro têm sido redistribuídos no interesse do clã do presidente:

Poroshenko é o sexto homem mais rico do país, com uma fortuna estimada em \$858 milhões, de acordo com a revista Forbes. Desde que tomou o poder em 2014, ele tem se movimentado para diminuir a influência de outros homens de negócios que buscam influência política.²³¹

Petro Poroshenko, portanto, assim como Kuchma e Yanukovich anteriormente, comporta-se como um típico presidente ucraniano, já que passou a construir seu próprio círculo de influência, a fim de impulsionar seus próprios interesses nos contextos políticos e econômicos:

O projeto para por um fim no sistema oligárquico, que tinha sido anunciado em 2015, foi um fiasco. Agora, Petro Poroshenko se comporta como um típico presidente ucraniano – ele constrói um clã, que é designado para ser uma base

²³¹ POLITYIK, Pavel and WILLIAMS, Matthias. In new Ukraine. Old clan ties propel 'boy' prime minister's rise. World News. Apr 21st, 2016. Kiev. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-primeminister-idUSKCN0XI1HJ>. Acesso em 10 dez. 2016

Poroshenko himself is the country's sixth-richest man with an estimated fortune of \$858 million, according to Forbes magazine. Since taking power in 2014 he has moved to clip the wings of other businessmen who exert political influence.

financeira da superestrutura política. Isso garante poder em longo-prazo e uma possibilidade de retroceder sua posição anterior de maneira pacífica²³²

Apesar da grande maioria dos oligarcas estarem sendo prejudicados com o atual conflito, não há como negar que os maiores vencedores (ou aqueles que perdem menos com o conflito) são aqueles ao redor de Poroshenko, principalmente os que possuem grandes ativos nas indústrias agrícolas exportadoras de matérias-primas. Essas indústrias, predominantemente localizadas no oeste e norte do país, em decorrência do Acordo de Associação e o Acordo de Livre Comércio assinado pelo novo governo, terão seus produtos exportados com menores tarifas e sem cotas para a UE, melhorando a posição dos exportadores de commodities dessas regiões.

Em contrapartida, esses acordos prejudicam profundamente os pequenos e médios negócios existentes na Ucrânia, visto que a competitividade com empresas multinacionais europeias no território ucraniano pode promover um intenso processo de desindustrialização e quebra generalizada de empresas. Com relação aos grandes conglomerados de indústrias pesadas, a perspectiva de afastamento da Rússia e o fechamento do mercado desse país aos seus produtos promoveram grandes prejuízos aos oligarcas ligados a esses tipos de empresas, os quais estão predominantemente localizados em Donbass. Embora todos os oligarcas sejam prejudicados, deve-se perceber que as indústrias que possuem relações comerciais mais profundas com a Rússia se localizam na região de Donbass, portanto são as forças dominantes mais prejudicadas pelo fim da diplomacia pendular.

Além das perdas com o fechamento desse mercado e por causa do conflito no leste ucraniano, Poroshenko passou a condenar publicamente inúmeros membros de clãs provenientes de regiões com economias baseadas em indústrias pesadas, como Achmetov (clã Donetsk e homem mais rico da Ucrânia) e Ihor Kolomoisky (clã Dnipropetrovsk, o qual foi retirado do cargo de governador da região Dnipropetrovsk). Ambos são acusados

²³² POLITYIK, Pavel and WILLIAMS, Matthias. In new Ukraine. Old clan ties propel 'boy' prime minister's rise. World News. Apr 21st, 2016. Kiev. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-primeminister-idUSKCN0XI1HJ>. Acesso em 10 dez. 2016

The de-oligarchization project announced in the spring of 2015 was a fiasco. Now, Petro Poroshenko behaves like a typical Ukrainian president – he builds a clan, designed to be a financial base of the political superstructure. It guarantees a long term in power and then a peaceful retreat from the position.

constantemente de instigarem greves em seus conglomerados para pressionar o governo em Kiev, o qual ameaça reestatizar suas empresas.

Importante aduzir que Akhmetov foi um apoiador histórico de Yanukovich, ainda que trabalhasse de maneira satisfatória com outros governos, como o de Yuschenko (ZON, 2007). A partir disso, o clã ao redor de Poroshenko busca debilitar Akhmetov e conseqüentemente o clã Donetsk, por meio de ameaças de revisão das privatizações ocorridas no início dos anos 2000, na medida em que esse clã do leste ucraniano se fortaleceu profundamente por esse processo:

Sob o patrocínio do senhor Yanukovich, Akhmetov consolidou o controle sobre grande parte de ativos ucranianos siderúrgicos, mineiros e de geração termoelétrica, além do monopólio de linhas telefônicas fixas pela Ukrtelecom. Entretanto, procuradores anunciaram este mês que eles desafiarão as aquisições do senhor Akhmetov, completadas em 2012, do controle na participação na Dniproenergo, a maior geradora de energia da Ucrânia (OLEARCHYK, 2015, tradução nossa)²³³.

Por fim, em decorrência das profundas relações dos oligarcas com a Rússia e o Ocidente, não interessa à maioria deles relações unilaterais com qualquer dos lados. Com relação ao Ocidente, o acordo de adesão, no curto prazo, pode levar a um aumento excessivo das importações ucranianas da UE. No longo prazo, as empresas ucranianas podem ser prejudicadas pela competição excessiva, embora a introdução dos padrões e práticas ocidentais possa contribuir para o aumento do influxo de investimentos desse ator (mas, como aduzido anteriormente, a importância do IED na Ucrânia é superestimada). Os principais setores beneficiados por esse acordo são os produtores e as indústrias agrícolas e de alimentos. A principal recusa a um relacionamento tão intenso com o Ocidente, contudo, refere-se ao tema que “nenhum dos oligarcas está interessado em introduzir competição livre

²³³ OLEARCHYK, Roman. Kiev government looks to loosen oligarchs' grip in Ukraine: Critics warn over reversing privatisations as state aims to break billionaires' stranglehold economy. Financial Times. Kiev. Apr 26th. 2015. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:8nEwZ72pN_MJ:https://www.ft.com/content/064d1392-e770-11e4-8ebb-00144feab7de+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 10 dez. 2016
Under Mr Yanukovich's patronage, he consolidated control over much of Ukraine's steel, mining and thermoelectric generation assets, and the fixed-line telecoms monopoly Ukrtelecom. But prosecutors announced this month they would challenge MR Akhmetov's acquisition, completed in 2012, of a controlling stake in Dniproenergo, Ukraine's largest power generator.

e justa na Ucrânia, já que isso poderia significar uma grande mudança na natureza de suas atividades comerciais” (MATUSZAK, 2012, p. 68, tradução nossa²³⁴).

Com relação à Rússia, esse país é o mais importante para as relações comerciais ucranianas, pois ela recebe 29% das exportações da Ucrânia, compostas primordialmente por produtos industriais mais sofisticados, os quais não são competitivos na UE. Além disso, a pauta exportadora ucraniana para a UE compõe-se em sua maioria de matérias-primas (como minério de ferro) e bens de baixo valor agregado (como o aço).

Portanto, a dependência energética ucraniana e a importância comercial da Rússia deveriam demonstrar que não é interessante para Kiev entrar em conflito com Moscou. Evitar entrar na União Alfandegária liderada pela Rússia é algo plausível; integrar-se, entretanto, de maneira mais assertiva às organizações ocidentais não teria a aquiescência russa. Percebe-se assim que não há verdadeiro interesse oligárquico generalizado na aproximação profunda com o Ocidente e no corte dos laços com os russos. Porém, como já aludido por toda dissertação, as relações dialéticas entre os diversos âmbitos de análise da estrutura histórica demonstram a complexidade do conflito no leste ucraniano, que não se configura num simples embate entre frações oligárquicas ucranianas.

²³⁴ None of the oligarchs is interested in introducing free and fair competition in Ukraine, since this would mean a major change in the nature of their business activity.

7. Conclusão

Fatores múltiplos e diversos, que configuram uma rede complexa de causas e consequências, influenciaram na derrubada de Viktor Yanukovich da presidência ucraniana. Num primeiro momento, foi extremamente importante explicitar a Revolução Passiva do Capital ocorrida na Federação Russa e na Ucrânia, internalizada de maneira singular por ambos os países. A degradação política, social, econômica e cultural provocou uma intensa mudança nas relações sociais, influenciando diretamente na formação de um tipo de Estado poliárquico em ambos os países, embora com algumas diferenças importantes.

Consequentemente, as capacidades materiais, as ideias e hábitos autônomas e a institucionalização singular existente na época soviética tornaram-se extremamente vulneráveis no contexto da Federação Russa dos anos 1990, o que proporcionou o avanço geopolítico do Ocidente sobre a antiga área de influência histórica russa. A debilidade russa foi comprovada na sua impossibilidade de impedir esse avanço, assim, cada vez mais a Rússia sentiu-se acuada no âmbito geopolítico, na medida em que as capacidades materiais do Ocidente aumentavam a cada nova adesão dos países às suas instituições; e as ideias e hábitos Ocidentais espalhavam-se por meio da supremacia neoliberal.

A partir disso, a Federação Russa viu suas principais fraquezas geopolíticas serem explicitadas novamente na sua história: a falta de portos de águas quentes com conexão diretamente para os oceanos; e o aumento de sua vulnerabilidade, já que se chegava cada vez mais perto da sua *redline* de defesa. Nesse contexto de caos, a dependência energética da Ucrânia com relação à Rússia foi a principal capacidade material capaz de manter a influência desta sobre aquela e não perder totalmente sua hegemonia histórica.

A ascensão cesarista de Vladimir Putin possibilitou a recuperação profunda das capacidades materiais, ideias e hábitos e da institucionalização da Federação Russa, por meio do fim do caos nas relações sociais existente nos anos 1990. Essa chegada ao poder foi possível, entre outros fatores, por intermédio do apoio do antigo aparato estatal burocrático soviético, principalmente ex-agentes da KGB e do exército russo. Finalmente o Ocidente teria

pela frente uma Rússia renovada, em todos os contextos, que seria um desafio a ser enfrentado.

Diferentemente disso, a Ucrânia continuou dominada pelas oligarquias dominantes, na medida em que não existia um aparato estatal experiente prévio à independência, porquanto ele se concentrava em Moscou durante o período soviético. Desse modo, desde o início, a luta dos oligarcas pelo poder político e econômico na Ucrânia impossibilitou uma recuperação efetiva desse país, o que proporcionou a primazia dos interesses individuais sobre os estatais. Embora essa recuperação tenha sido profunda e Putin tenha demonstrado, primordialmente a partir de 2008, sua disposição em não mais permitir a expansão Ocidental, o avanço do *heartland* lockeano continuava. A tentativa de institucionalização da Ucrânia pelo Ocidente foi a “gota d’água” para uma atuação ainda mais assertiva.

Consequentemente, buscou-se traçar o embate entre as capacidades materiais, as ideias e hábitos e as institucionalizações de cada um dos dois atores em contenda e suas relações com a Ucrânia. No que concerne às capacidades materiais dinâmicas, primeiramente, buscou-se explicitar as relações intensas da Ucrânia com ambos os atores, o que demonstra que, pragmaticamente, o fim das relações com um deles prejudica esse país como um todo. Especificamente, no que concerne às diferenças domésticas entre as regiões, as relações comerciais, financeiras e de investimentos do leste e sul ucranianos são mais intensas com a Rússia, enquanto as relações do oeste e norte ucranianos são mais profundas com o Ocidente. Com relação às capacidades materiais acumuladas dos dois atores, a comparação entre elas mostra a supremacia do *heartland* lockeano sobre o Estado Hobbesiano russo; no âmbito das capacidades militares, existe uma relativa supremacia ocidental.

Além disso, as ideias e hábitos, da mesma forma que as capacidades materiais dinâmicas, coadunam-se com as diferenças internas ucranianas, uma vez que se demonstra uma maior proximidade do leste e do sul com relação à Rússia, e do oeste e norte com relação ao Ocidente. Porém, as históricas relações entre a Rússia e a Ucrânia (Kiev é o território de nascimento da Rússia, por exemplo) demonstra que o componente psicológico também tem grande importância no atual conflito, já que seria impensável para os russos abrir mão desse território. Por último, explicitaram-se as diferentes estratégias de institucionalização de cada

ator em contenda, o que especifica as alternativas existentes. Porém, as próprias diferenças profundas existentes no contexto doméstico da Ucrânia já demonstram os problemas de uma adesão desse país a qualquer das alternativas institucionais existentes, tanto à OTAN e à UE, como também à UEE.

Por fim, as relações entre as classes transnacionais ocidentais e russas com as oligarquias ucranianas demonstraram que essa classe dominante doméstica burguesa não tem interesse no corte de relações profundas com nenhum dos atores em conflito, em decorrência da complexidade dos seus investimentos. Embora se possam explicitar relações mais intensas de conglomerados com cada um desses atores, a vasta gama de empreendimentos torna a escolha por um deles pouco pragmática.

A adesão da Ucrânia às instituições da UE e da OTAN poderia significar a quebra profunda da hegemonia russa sobre o território ucraniano, que é reconhecido pela Rússia como um espaço geográfico essencialmente vinculado a ela, nos âmbitos culturais e econômicos e, também, à *redline* de segurança da Federação Russa. A partir dessa análise, percebe-se que a Rússia luta pela manutenção da sua hegemonia sobre a Ucrânia, ameaçada por diversos atores domésticos e internacionais.

O novo governo de Poroshenko tem recebido acesso especial a diversos empréstimos das instituições ocidentais – FMI e Banco Mundial -, na medida em que ele aceitou as diversas condicionalidades requeridas, como privatização de serviços públicos (água e energia, por exemplo) e vendas de terras a estrangeiros. Desse modo, além do clã vinculado a Poroshenko, as multinacionais do ocidente são as principais beneficiadas por essas condicionalidades do FMI.

A economia, porém, não é o único problema:

A Ucrânia é um país composto de inúmeras nacionalidades e com uma longa história em comum com a Rússia. Proveniente da sua história no Império russo e na URSS, ela internalizou uma estrutura social incompatível com aquela do Ocidente liberal. Ao forçar a Ucrânia a escolher entre o Leste e o Oeste, como o Acordo de Associação aduz, nada mais é do que um passo em direção à destruição da Ucrânia como uma sociedade funcional (PIJL, 2016, p. 6, tradução nossa²³⁵)

²³⁵ Ukraine is a country composed of several nationalities and with a long history in common with Russia. From its history in the Russian empire and the Soviet Union it inherited a social structure incompatible with

Consequentemente, em decorrência da profunda influência no território ucraniano da Federação Russa e do Ocidente, uma espécie de diplomacia pendular foi historicamente necessária nesse país, a fim de possibilitar que as frações oligárquicas que dominam o Estado ucraniano se beneficiassem amplamente das relações com ambos atores. A derrubada do governo Yanukovich e a ascensão de Poroshenko, contudo, determinou o fim dessa diplomacia dúbia, o que acarretou intensas consequências para a Ucrânia.

O fim do pragmatismo e a aproximação ao Ocidente realizada por Poroshenko cobra seu preço, uma vez que a Ucrânia encontra-se não apenas em uma crise econômica profunda, mas também política e militar. O rechaço de Poroshenko e de seu clã a qualquer aproximação com a Rússia está proporcionando uma crise intensa na Ucrânia, já que a dependência desta com relação àquela sempre foi profunda:

“Em janeiro, o presidente ucraniano, Petro Poroshenko, felicitou o país por sobreviver ao seu primeiro inverno sem comprar gás russo. Ao invés disso, a Ucrânia comprou gás europeu, o qual, como Poroshenko afirmou, foi 30% mais caro. Isso resume o principal problema confrontando a economia ucraniana [...] a escolha por uma mudança ideológica para cortar todos os laços com a Rússia, o país que historicamente tem sido o maior parceiro comercial e principal investidor. Em pouco mais de um ano, os padrões de vida dos ucranianos caíram pela metade, o valor da moeda sofreu uma queda brusca de mais de 2/3, e a inflação aumentou drasticamente para 43%. [...] Ao rasgar contratos com a Rússia em 2014, as indústrias de defesa e aviação ucranianas perderam 80% dos seus lucros. Ao cortar laços bancários com Moscou, Kiev negou a si mesma investimentos e um vital tempo de vida econômico – as remessas enviadas de volta pra casa pelos *zarobitshane*, trabalhadores migrantes ucranianos. Mais de 7 milhões de ucranianos tem trabalhado no exterior, mandando de volta \$9 bilhões em 2014 – três vezes o total de investimentos estrangeiros diretos que a Ucrânia conseguiu em 2015. Ao assinar um tratado de livre comércio com a UE, a Ucrânia perde seu acesso preferencial ao seu maior mercado, a Rússia (PETRO, 2016, tradução nossa)”.²³⁶

that of the liberal West. To force it to choose between East and West as the Association Agreement dictates, is nothing less than a step towards Ukraine’s destruction as a functioning society.

²³⁶ PETRO, Nicolai. Why Ukraine needs Russia more than ever. mar. 2016. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/mar/09/ukraine-needs-russia-nicolai-petro>. Acesso em: 07 set. 2016. In January Ukraine’s president, Petro Poroshenko, congratulated the country on surviving its first winter without buying Russian gas. It had instead bought European gas which, as Poroshenko pointed out proudly, was 30% more expensive. This sums up the core problem facing the Ukrainian economy [...]the ideologically driven choice to sever all ties with Russia, the country that has historically been its major trading partner and chief investor. In little over a year, living standards in Ukraine have fallen by half, the value of the currency has slumped by more than two-thirds, and inflation has skyrocketed to 43%. [...]By tearing up contracts with

As mudanças prometidas por Poroshenko após os protestos de Maidan não se concretizaram, visto que a Ucrânia continua a ser uma República Oligárquica. A maior diferença, porém, é que, em decorrência do enorme grau de dependência e das inúmeras formas pelas quais a Rússia pode colocar pressão na economia e na política de Kiev, todos tendem a perder com o rompimento não pragmático de relações com a Rússia, inclusive aqueles que têm o mercado como prioridade máxima (MATUSZAK, 2012).

No que concerne à região de Donbass, ela sofre mais profundamente as consequências do afastamento, em vista de sua intensa relação econômica e histórica com a Rússia. O fim das relações com o mercado russo significaria um grande prejuízo para o modelo de indústrias pesadas de Donetsk, o que diminuiria profundamente a influência econômica do clã Donetsk em toda a Ucrânia, embora os conglomerados dessa região tenham uma ampla gama de investimentos em outras áreas, como a própria agricultura.

As consequências para os conglomerados são catastróficas:

Desde Março de 2014, os rebeldes da República Popular de Donetsk (RPD) e da República Popular de Lugansk (RPL) roubaram mais de 50 minas estatais, invadiram companhias militares e saquearam empresas estrangeiras e ucranianas. Eles afirmaram que todos os negócios existentes no território ocupado pertencem a eles. No início, os rebeldes queriam nacionalizar as indústrias e as geradoras de energia, trazendo-as para o contexto da República, separando todas as conexões com a Ucrânia e criando um Estado independente. Mas isso não ocorreu [...] Atualmente, pequenos e médios negócios estão destruídos, foram roubados ou foram forçados a se registrar na nova República. Porém, as fábricas gigantes de propriedade dos oligarcas permaneceram em sua maioria. Kiev compra carvão e eletricidade da região separatista, e manda gás e água para o território. Empresas no território rebelde que pagam tributos na Ucrânia podem comercializar entre as fronteiras, mas para operar nas zonas separatistas, as firmas devem pagar tributos aos rebeldes (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015, tradução nossa²³⁷).

Russia in 2014, Ukraine's defence and aviation industries lost 80% of their income. [...]By severing banking ties with Moscow, Kiev has denied itself investment and a vital economic lifeline – the remittances sent back home by *zarobitshane*, Ukraine's migrant workers. Up to 7 million Ukrainians have sought work abroad, sending back \$9bn in 2014 – three times the total foreign direct investment Ukraine got last year. by signing a free trade agreement with the EU, Ukraine lost its preferential access to its largest market, Russia.

²³⁷ BIRD, Michael; VDOVII, Lina; e TKACHENKO, Yana. The Donbass Paradox: Russian-backed separatists have plundered the rebel-held regions in Ukraine's industrial heartland and created an economy stricken with fear, hypocrisy and contradiction. 2015. Acesso em: 10 out. 2016. Disponível em: <http://www.theblacksea.eu/donbass/>

Since March 2014, the rebels of the Donetsk People's Republic (DPR) and Luhansk People's Republic (LPR) have stolen over 50 state-owned mines, raided military-owned companies and looted foreign and Ukrainian-owned businesses. They have claimed that all businesses on the occupied territory belong to them. At first rebels wanted to nationalize industry and power generation, bringing them into the lap of the Republic, severing all

Empresas ligadas à SCM (como a manufatura de metal Metinvest e o grupo minerador e energético DTEK), e à IUD (como gigantes siderúrgicas e de metais na cidade de Alchevsk) foram poupadas de sequestros de seus ativos no território de Donbass²³⁸, o que demonstra a força e influência do clã Donetsk e da própria Rússia no conflito existente atualmente nessa região.

Um analista de negócios nos disse que lideranças das empresas nos territórios ocupados visitam Moscou todos os meses para negociar acordos diretamente com um oficial da administração presidencial, contornando líderes rebeldes locais (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015, tradução nossa)²³⁹.

Entretanto, executivos do grupo SCM tendem a negar essa afirmação de negociar diretamente com o governo russo. Conquanto tenham seus ativos protegidos no território ocupado, o clã Donetsk vem sofrendo grandes perdas com o atual conflito, já que a infraestrutura e o ambiente de negócios da região foram extremamente prejudicados. A partir disso, a SCM, por exemplo, tem vendido produtos ao governo de Kiev, os quais são provenientes do território controlado pelo governo central (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015).

Além disso, ainda que neguem, o governo central e os governos das Repúblicas necessitam cooperar uns com os outros num certo nível, em decorrência da dependência energética da Ucrânia dos fornecimentos de Donetsk e Lugansk e destas repúblicas com relação aos subsídios sempre necessários provenientes do governo central, a fim de manter as empresas pesadas em funcionamento. Portanto, Donetsk e Lugansk necessitam do dinheiro das vendas desses produtos para Kiev para se autofinanciar, enquanto Kiev necessita dos produtos indispensáveis da região de Donbass.

links with Ukraine and creating a self-sufficient state. But this did not happen [...] Today, small and medium businesses are destroyed, stolen or forced to register in the new Republic. But the giant factories owned by oligarchs remain, for the most part, unmolested. Kyiv buys coal and electricity from the separatist region, and supplies the territory with gas and water. Companies on rebel land who pay taxes in Ukraine can trade between the borders, but to operate in the separatist zone, firms must pay taxes to the rebels.

²³⁸ Idem 252

²³⁹ One business analyst tells us leading figures from enterprises in occupied territories visit Moscow each month to negotiate deals directly with an official in the presidential administration, circumventing local rebel leaders

No que concerne à Rússia, percebe-se a enorme influência desse país no território ocupado, já que seus ativos, ainda que estejam sendo prejudicados intensamente com o conflito, tem sido extensivamente protegidos pelos rebeldes.

Aproximadamente todas as companhias estrangeiras fugiram das zonas ocupadas. Muitos dos seus ativos têm desde então sido destruídos, saqueados ou ocupados. Nossas pesquisas demonstram que as únicas companhias operando na zona são ucranianas e russas (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015, tradução nossa)²⁴⁰.

A Rússia parece estar financiando ostensivamente a existência dessas repúblicas, contudo, em decorrência dos baixos preços das commodities energéticas e das sanções ocidentais, os russos não estão mais dispostos a arcar com um grande investimento na região:

O líder do Conselho de Segurança da República Popular de Donetsk (RPD), Alexander Khodakovsky, disse que 70% do orçamento provem da Rússia, o qual é usado para pagar pensões, salários do setor público e pagamentos sociais. [...] Porém, a Rússia parece estar retraindo-se com relação ao seu entusiasmo inicial em inundar a zona com caridade. Moscou parou de providenciar gás sem custos como uma “ajuda humanitária” em junho, e parou de comprar carvão das minas da República ao mesmo tempo. Os militantes apoiados pelos russos pararam de bombardear a infraestrutura e, desde junho, a produção industrial cresceu (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015, tradução nossa)²⁴¹.

As empresas ocidentais têm, além disso, sofrido profundos revezes financeiros nessas regiões, sendo ocupadas, saqueadas e mesmo expulsas do território das repúblicas:

A gigante alemã cash-and-carry Metro fechou três lojas. A quarta, perto do aeroporto de Donetsk, foi destruída no ataque massivo centralizado no ponto mais importante do aeroporto. Uma loja do hipermercado francês Auchan é controlada pela SigmaLend, uma empresa registrada na nova república. Em julho de 2014, a gigante americana de agricultura de esmagamento de planta de girassol Cargill foi abandonada e um grupo de homens armados tomou controle. Um mês depois, no

²⁴⁰ Nearly all foreign companies have fled from the occupied zone. Most of their assets have since been destroyed, looted or occupied. Our research shows that the only companies operating in the zone are Ukrainian and Russian.

²⁴¹ The leader of the DPR’s security council, Alexander Khodakovsky, has said 70 per cent of the budget comes from Russia, which is used to pay pensions, public sector salaries and welfare payments [...] But Russia seems to be retreating from its earlier enthusiasm for flooding the zone with charity. Moscow stopped providing free gas as “humanitarian aid” in June, and ended the purchase of coal from the Republic’s mines at the same time. The Russian-backed militants are no longer bombing infrastructure and, since July, industrial production has increased.

auge do conflito, granadas de artilharia explodiram buracos nas fábricas (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015, tradução nossa)²⁴².

Novamente, assim como em toda a história pós-independência da Ucrânia, existem mais perdedores do que vencedores, ainda mais em decorrência do conflito armado no leste. Em decorrência de todos os argumentos e todas as análises realizadas nesta dissertação, a hipótese foi comprovada, uma vez que existe atualmente um conflito hegemônico entre o Ocidente e a Federação Russa pelo território ucraniano, o que é aprofundamento por causa das intensas diferenças domésticas históricas existentes na Ucrânia. A Federação Russa não aceitará a perda desse território historicamente vinculado a esse país, portanto, esse conflito parece estar longe do fim.

Torna-se complicado analisar, entretanto, se a “cartada final” do Ocidente com relação à Ucrânia foi um erro de estratégia ou uma estratégia bem consolidada. Talvez o Ocidente tenha subestimado a disposição de Vladimir Putin em intervir na Ucrânia, a partir da tentativa de institucionalização desse país pelo *heartland* lockeano.

Porém, parece mais plausível a explicação pela qual, em decorrência de seus objetivos geopolíticos de não permitir a recuperação hegemônica russa sobre sua antiga área de influência, o Ocidente tenha tentado empurrar ao máximo a *redline* russa para o leste, mesmo que isso significasse uma reação mais assertiva da Rússia. Isso seria possível em decorrência da grande assimetria entre as capacidades materiais acumuladas do Ocidente com relação à Rússia, na medida em que aquele poderia manter um conflito armado por mais tempo que esta.

Embora a Federação Russa tenha recuperado intensamente suas capacidades materiais como um todo, a grande dependência da exportação de recursos energéticos é um fator importante que poderia prejudicar os investimentos que um conflito com o Ocidente demanda, primordialmente num período de baixas históricas no preço do petróleo. Outro fator que se

²⁴² German cash-and-carry giant Metro has closed three stores. Its fourth, near Donetsk airport, was destroyed in the heavy fighting that centred on the flashpoint of the airport. French hypermarket Auchan’s one store is now managed by SigmaLend, a company registered in the new republic. In July 2014, American agricultural giant Cargill’s 40 million USD sunflower seed crushing plant in Donetsk was abandoned and a group of armed men took control. A month later, at the height of the conflict, artillery shells blasted holes in the factory.

coaduna com a segunda explicação se refere às ações prévias da Rússia contra tentativas de intervenção do Ocidente na área de influência daquela, como na Guerra russo-georgiana, que culminou na ocupação russa da Abcásia e da Ossétia do Sul. A Federação Russa, apesar desses problemas, conseguiu manter o conflito hegemônico e, atualmente, com a retomada dos preços das commodities energéticas, parece ter se fortalecido, para buscar seus objetivos geopolíticos históricos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ADAM, Gabriel Pessin. A Rússia e os Países da Comunidade dos Estados Independentes no Início do Século XXI. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia** (org). Ipea. Brasília. p. 39-80. 2011.

ADAROV, Amat; ASTROV, Vasily; HAVLIK, Peter; HUNYA, Gábor; LANDESMANN, Michael; e PODKAMINER, Leon. **How to Stabilise the Economy of Ukraine**. The Vienna Institute for International Economic Studies. Final Report, April 2015

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. Internacionalização de Empresas Russas. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia** (org). Ipea. p. 183-240. Brasília. 2011.

ARKHIPOV, Sergei; BATKIBEKOV, Said; DROBYSHEVSKAIA, Tatiana; DROBYSHEVSKY, Sergei; IZRYADNOVA, Olga; SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei; e TROUNIN, Ilya. Financial Policy in 1999. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003c

ARKHIPOV, Sergei; BATKIBEKOV, Said; DROBYSHEVSKY, Sergei; DROBYSHEVSKAIA, Tatiana; MAU, Vladimir; SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei; TROUNIN, Ilya. The Crisis of the Russian Financial System: Key Factors, Economic Policies, and Initial Results. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003b

ARKHIPOV, Sergei; BATKIBEKOV, Said; DROBYSHEVSKY, Sergei; MAU, Vladimir; SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei; ULUYKAEV, Alexei. Macroeconomic Stabilization and Fiscal Crisis. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003a

BALMACEDA, Margarita M. Energy Dependence, Politics and Corruption in the Former Soviet Union: **Russia's power, oligarchs' profits and Ukraine's missing energy policy, 1995-2006**. Oxon and New York. 2008

BURAWOY, M. **“Transition without transformation: Russia’s Involuntary road to capitalismo”**, East European Politics and Societies, 2001

BURAWOY, Michael. For a Sociological Marxism: **The Complementary Convergence of Antonio Gramsci and Karl Polanyi**. *Politics&Society*[S.I.], v. 31, n. 2, p. 193-261, 2003.

CLARKE, Simon. **Management and Industry in Russia: Formal and Informal Relations in the Period of Transition**. Institute for Comparative Labour Relations Research. p. 1-27. Moscow. 1995

COX, R. W. 1986. “**Social forces, States and world order: beyond international relations theory**” In: KEOHANE, R. (org.) *Neorealism and its critics*. Nova York: Columbia University Press.

COX, Robert W. e SCHECHTER, Michael G. **The Political Economy of a Plural World: Critical reflections on Power, morals and civilization**. Routledge/RIPE. Series in Global Political Economy. London and New York. 2002

COX, Robert. **Social forces, states and world orders: beyond International relations theory**. In: *Millennium: journal of international studies*, vol. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.

DABROWSKI, Marek. The Fallout of Russia’s Financial Crisis on Its Neighbours. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003c

DAHL, Robert. A. **A Preface to Democratic Theory**. The University of Chicago Press. Chicago and London. 2006

DUARTE, Paulo. **Central Asia and the Great Games: Different Times, the Same Game?**. Strategic Outlook, 2012

DZARASOV. Ruslan. **The Conundrum of Russian Capitalism: The Post-Soviet Economy in the World System**. Pluto Press. New York. 2014

FROMKIN, David. **Great Game in Asia**. *Foreign Affairs* 58: 936-951. 1980

GIUCCI, Ricardo; KIRCHNER, Robert; WALTER, Woldemar; e KRAVCHUK, Vitaliy. **Economic links between Russia and Ukraine: A fact-based analysis**. German Advisory Group Ukraine. Policy Briefing Series. Berlin/Kyiv. June, 2015

GNEDINA, E e SLAPTSOVA, E. **Eschewing Choice: Ukraine's Strategy on Russia and the EU**. Centre for European Policy Studies. 2012

GRAMSCI, A. 1971. **Selection from prison notebooks of Antonio Gramsci**. Londres: Lawrence & Wishart

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira, 1984

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira, 1982

GUSTAFSON, Thane. **Capitalism Russian-Style**. Cambridge University Press. 2003

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004

HERPEN, Marcel H. Van. **Putin's Wars: The Rise of Russia's New Imperialism**. Rowman & Littlefield. Maryland and Plymouth, 2014

HOPKIRK, Peter. **The Great Game revisited?** Asian Affairs 33: 127-140. <https://themoscowtimes.com/articles/chubais-is-one-of-a-kind-in-russia-47658>. Konstantin Sonin, 2002

IVES, Peter e SHORT, Nicola. **Gramsci's Politics of Language: Engaging The Bakhtin Circle And The Frankfurt School**. University of Toronto Press, 2004

JESSOP, Bob. Gramsci as a spatial theorist. In: BIELER Andreas e MORTON, Adam David. Images of Gramsci: **Connections and contentions in political theory and international relations**. Routledge/RIPE Studies in Global Political Economy. London and New York. 2008.

Kelly, D. End of the Great Game: **British intervention in Russia's Southern Borderlands and the Soviet response**. The Journal of Slavic Military Studies 13(4): 84-100. 2000

KEMPTON, Daniel R. e CLARK, Terry D. **Unity or Separation: Center-Periphery Relations in the Former Soviet Union**. PRAEGER. Westport, Connecticut, London. 2002

KOBRINSKAYA, Irina. **Russia: Facing the Facts**. In: MATTOX, Gale A. E RACHWALD, Arthur R. Enlarging NATO: The National Debates. Lynne Rienner Publishers. London. p. 169-186. 2001

KOLSTOE, P. **Russians in the Former Soviet Republics**. Bloomington and Indianapolis. Indiana University Press, 1995

KOPYLENKO, Maria. **Ukraine: Between NATO and Russia**. In: MATTOX, Gale A. E RACHWALD, Arthur R. Enlarging NATO: The National Debates. Lynne Rienner Publishers. London. p. 187-198, 2001

LIBMAN, Alexander e VINOKUROV, Evgeny. **Post-Soviet integration and the interaction of functional bureaucracies**. Review of International Political Economy. University of Arizona, 2012.

LOSURDO, Domenico. **Democracia ou Bonapartismo: Triunfo e decadência do sufrágio universal**. Editora Unesp. 2004

MARSHALL, Tim. **Prisoners of Geography: Ten Maps That Tell You Everything You Need To Know About Global Politics**. Simon & Schuster. New York, 2016

MARX, Karl. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Hucitec. São Paulo, 1999

MARX, Karl. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política**. Editora Boitempo, São Paulo, 2011.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1974.

MARX, Karl. **O capital: Livro I**. Editora Boitempo. São Paulo, 2013.

MATUSZAK, Slawomir. **The Oligarchic Democracy: The Influence of Business Groups on Ukrainian Politics**. OSW Studies. N. 42. 2012

MAU, Vladimir. Introduction: Economic Reforms and Revolution. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003a

MAU, Vladimir. Macroeconomic Stabilization as a Sociopolitical Problem. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003c

MAU, Vladimir. The Logic and Nature of the Soviet Economic Crisis. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003b

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. A Economia Política da Transição na Rússia. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia** (org). Ipea. p. 13-38. Brasília, 2011

MIELNICZUK, Fabiano. **Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS**. Revista Contexto Internacional. Vol. 28. Número 1. 2006

MOMMEN, André, VALUEV, Vasily, e GOLUNOV, Serghei. The Kremlin and the oligarchs: Clashing economic interests in Russia. In: JILBERTO, Alex E. Fernandez e HOGENBOOM, Barbara. **Big Business and Economic Development: Conglomerates and Economic Groups in Developing Countries and Transition Economies under Globalisation**. Routledge. USA and Canada. 2007.

MORTON, Adam David. **Spaces of Uneven Development and Class Struggle in Bolivia: Transformation or Transformismo?**. Antipode. Vol. 46. 2013

MORTON. Adam David. **Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy**. Pluto Press. London. 2007

MUNCK, Ronaldo. **Karl Polanyi for Latin America: markets, society and development**. Canadian Journal of Development. Routledge. 2015

PIJL, Kees Van Der. **Transnational Classes and International Relations**. London and New York, 2005

PIJL. Kees Van Der. **Ukraine: between East and West. Report for the NO campaign in the Dutch Referendum on the EU-Ukrainian Association Agreement, 6 April 2016**. Centre for Global Political Economy. University of Sussex. 2016

PLANK, Cristina. The agrofuels project in Ukraine: how oligarchs and the EU foster agrarian injustice. In: PICHLER, M. STARITZ, C. KUBLBOC, K. PLANK, C. RAZA, W. & PEYRÉ, F.R. **Fairness and justice in Natural Resources Politics**. Routledge. London and New York. 2016

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus. 2a. Edição. 2000.

ROAF, James; ATOYAN, Ruben; JOSHI, Bikas; KROGULSKI, Krzysztof; e IMF Staff Team. **25 Years of Transition: Post-Communist Europe and the IMF**. Regional Economic Issues Special Report. International Monetary Fund, Washington. 2014

ROAF, James, ATOYAN, Ruben, JOSHI, Bikas. KROGULSKI, Krzysztof. And a IMF Staff Team. **25 Years of Transition: Post-Communist Europe and the IMF**. 2014. IMF. Washington. 2014

ROBINSON, William I. **Promoting polyarchy: Globalization, US intervention, and hegemony**. Cambridge University Press. 1996

RUPERT, Mark. Alienação, capitalismo e o sistema interestados. In: GILL, Stephen. **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2007

RUPERT, Mark. **Ideologies of Globalization: Contending visions of a New World Order**. Routledge/RIPE Studies in Global Political Economy. London and New York. 2000.

SARAIVA, José Flávio De Sombra. **História das Relações Internacionais Contemporâneas: Da sociedade internacional do século XIX à era da globalização**. ed Saraiva. 2012

SILVA, Eduardo. **Exchange Rising? Karl Polanyi and Contentious Politics in Contemporary Latin America**. University of Miami. 2012

SILVER, Beverly J. and ARRIGHI, Giovanni. **Polanyi's "Double Movement": The Belle Époques of British and US Hegemony Compared**. POLITICS & SOCIETY. Vol. 31. No. 2 Sage. 2003

SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei e TROFIMOV, Georgy. General Macroeconomic Problems of the Post socialist Transition in Russia. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003

SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei e ULUYKAEV. Alexei. The Liberal Market Reform Program. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003

SMITH, J. **The NATO-Russia Relationship: Defining moment or Déjà Vu?**. Centre for strategic & International Studies, 2008.

TROTSKY, Leon. **Revolução e Contrarrevolução na Alemanha**. São Paulo: Sundermann, 2011.

UHLIN, Anders. **Post-Soviet Civil Society Democratization in Russia and the Baltic States**. Bases Routledge Series on Russian and East European Studies. 2006

VIGEVANI, Tulio; MARTINS, Aline Regina Alves; MIKLOS, Manoela; RODRIGUES, Priscila. **A Contribuição Marxista para o Estudo das Relações Internacionais**. Lua Nova, N. 83, São Paulo, p. 111-143, 2011

WHITENECK, Daniel J. Germany: Consensus Politics and Changing Security In: MATTOX, Gale A. E RACHWALD, Arthur R. **Enlarging NATO: The National Debates**. Lynne Rienner Publishers. London. p. 35-54. 2001

WORTH, Owen. **Recasting Gramsci in international politics**. Review of International Studies. N. 36. p. 1-20, 2010

ZON, Van Hans. The rise of Conglomerates in Ukraine: The Donetsk Case. In: JILBERTO, Alex E. Fernandez e HOGENBOOM, Barbara. **Big Business and Economic Development: Conglomerates and Economic Groups in Developing Countries and Transition Economies** under Globalisation. Routledge. USA and Canada. 2007.